



**12 OBRAS CORTAS
CREADAS EN RESIDENCIA
EN IBEROAMÉRICA**

**12 PEÇAS CURTAS
CRIADAS EM RESIDÊNCIA
NA IBERO-AMÉRICA**

**LEITE (BR) RODRÍGUEZ (AR) LEÓN (MX)
CAYO (CL) AZKONA/ TOLOZA (ES) MENDONÇA (PT)
TRACZUK (AR) CLAVIER (PE) CASTILLO (MX)
KOBLA (AR) VILLAMIL (AR) CASTRO (BR)**

**TRADUCCIÓN AL CASTELLANO: JULIA TOM
TRADUÇÃO EM PORTUGUÊS: LUCIANA DI LEONE**

ÍNDICE

SOBRE TEATRO BOMBÓN GESELL / SOBRE O TEATRO BOMBÓN GESELL	3
LAS OBRAS / AS PEÇAS	5
O AQUÁRIO / EL ACUARIO JANAINA LEITE (BR). TRADUCCIÓN: JULIA TOM	6
LA FORMA DEL AFECTO / A FORMA DO AFETO LISANDRO RODRÍGUEZ (AR). TRADUÇÃO: LUCIANA DI LEONE	32
EL SILENCIO / O SILÊNCIO CONCHI LEÓN (MX). TRADUÇÃO: LUCIANA DI LEONE	46
MUTISMO SELECTIVO / MUTISMO SELETIVO BOSCO CAYO (CL). TRADUÇÃO: LUCIANA DI LEONE	68
-TEXTO EN PROCESO- LAIDA AZKONA Y TXALO TOLOZA (ES). PUBLICACION JULIO 2022	94
ESTÁ QUASE NA HORA DE VOLTARES A SER TU / ESTÁS A PUNTO DE VOLVER A SER TÚ MARCO MENDONÇA (PT). TRADUCCIÓN: JULIA TOM	95
LOS TITANES / OS TITÃS PAOLA TRACZUK (AR). TRADUÇÃO: LUCIANA DI LEONE	111
SUS CANCIONES FAVORITAS / SUAS CANÇÕES FAVORITAS ALEJANDRO CLAVIER (PE). TRADUÇÃO: LUCIANA DI LEONE	121
RIMU DICE / RIMU DIZ LUCILA CASTILLO (MX). TRADUÇÃO: LUCIANA DI LEONE	152
EL SUJETO SOCIAL / O SUJEITO SOCIAL BRAIAN KOBLA (AR). TRADUÇÃO: LUCIANA DI LEONE	180
LAS DALIAS/ AS DÁLIAS NATALIA VILLAMIL (AR). TRADUÇÃO: LUCIANA DI LEONE	196
COLOR BARS GIORDANO CASTRO (BR). TRADUCCIÓN: JULIA TOM	214

SOBRE TEATRO BOMBÓN GESELL

En los comienzos de la pandemia mundial por Covid-19, contexto que instó a la actividad teatral a reinventarse, comencé a pensar un nuevo proyecto de Teatro Bombón que pudiera existir en la virtualidad para luego expandirse en la presencialidad.

Partí de los principios curatoriales con los que habíamos coproducido más de setenta y cinco obras en la ciudad de Buenos Aires desde 2014: invitar a artistas de diversas generaciones y estéticas a crear obras cortas en sitio específico.

Conocía de cerca la cámara Gesell por una querida amiga que se dedica a la investigación. Ella lo llama su *laboratorio*. Siempre me impactó ese dispositivo arquitectónico como metáfora de la actualidad, en la cual somos, alternativamente, objetos y sujetos de observación. Esa recurrente hipótesis panóptica -amplificada en los sistemas de vigilancia, las redes sociales y la pornografía- me incitaba a ver el mundo como una gran cámara Gesell.

En pleno aislamiento, compartí esta idea con colegas y amigxs curadorxs de otros países. De esas afinidades surgió un territorio: Iberoamérica. Y de muchas videollamadas y conversaciones por chat, una temática: la violencia y la justicia. El cruce de esas dos nuevas variables nos hizo preguntarnos por nuestro lugar en ese mundo del que formábamos parte, ahora a través de pantallas. ¿Qué es Iberoamérica? ¿Qué es eso que nos nombra como los países de América y Europa de habla castellana y portuguesa? Eso, la definición normalizada, elude la historia. Elegimos hablar de Iberoamérica a partir de un acto fundacional de violencia: La Colonización

A partir de allí, cada curadorx invitó a artistas de su país para participar de una residencia virtual de dramaturgia cuyo idioma oficial sería “el portuñol”, con una provocación inicial: tomar la cámara Gesell -dispositivo de la realidad- para convertirla en dispositivo escénico, repensando sus pactos de mirada y escucha.

Nuestro desafío era inspirar e interpelar a lxs creadorxs a pesar de estar sumando a sus cotidianos, más tiempo frente a la computadora. Lxs sedujimos a través de ocho intensas jornadas de encuentros con referentes de las ciencias sociales, la filosofía, la militancia en derechos humanos y las artes de los distintos países. Esta experiencia se llamó Foro Iberoamericano de Violencia y Justicia. Fueron veinticuatro horas en las que pusimos en crisis nuestras ideas sobre la violencia y la raza, las infancias, el género, las diversidades, la muerte, los datos, la memoria; así como también reflexionamos sobre el dispositivo elegido, el postporno, el punto de vista, etc. Con la paulatina apertura a la presencialidad, les propusimos también realizar visitas a cámaras Gesell e instituciones penitenciarias locales. Una vez concluido el foro, comenzó el proceso de escritura y seguimiento curatorial de estos doce textos para ser publicados junto a los videos del foro y las visitas, en las plataformas virtuales de lxs coproductorxs, de manera bilingüe y con acceso gratuito.

Esta nueva caja de bombones teatrales de Argentina, Chile, Brasil, Perú, México, Portugal y España, presenta un mosaico de voces iberoamericanas que, con procedimientos dramáticos y posdramáticos, hacen estallar la cámara Gesell, por treinta minutos. Parafraseando a una de nuestrxs residentes “*Me gusta pensar que algo de esa violencia se sublimó en algo de poesía*”.

Monina Bonelli
Curadora

SOBRE O TEATRO BOMBÓN GESELL

No início da pandemia mundial causada pelo Covid-19, num contexto que incitava a atividade teatral a se reinventar, comecei a pensar em um novo projeto para o Teatro Bombón que poderia existir na virtualidade e depois expandir-se para o presencial.

Parti dos princípios curatoriais com os quais havíamos coproduzido mais de setenta e cinco peças, na cidade de Buenos Aires, desde 2014: convidar artistas de diferentes gerações e estéticas a criar obras curtas para um “site-specific”.

Eu conhecia de perto a câmara Gesell por uma querida amiga que é uma pesquisadora. Ela a chama de seu *laboratório*. Sempre me impressionou este dispositivo arquitetônico como uma metáfora para os dias atuais, nos quais somos, alternativamente, objetos e sujeitos de observação. Essa recorrente hipótese panóptica, amplificada pelos sistemas de vigilância, redes sociais e pornografia, me incitava a ver o mundo como uma grande câmara Gesell.

Em total isolamento, compartilhei esta ideia com colegas e amigxs curadorxs de outros países. Destas afinidades surgiu um território: a Ibero-América. E de muitas videochamadas e conversas de chat, um tema: violência e justiça. A intersecção destas duas novas variáveis nos fez questionar sobre nosso lugar no mundo do qual fazíamos parte, agora através de telas. O que é a Ibero-América? O que é que nos designa como os países de língua espanhola e portuguesa da América e da Europa? Isso, a definição padrão, ilude a história. Optamos por falar da Ibero-América com base em um ato fundacional de violência: a colonização. A partir daí, cada curadorx convidou artistas de seu país para participar de uma residência virtual de dramaturgia cuja linguagem oficial seria “portuñol”, com uma provocação inicial: pegar a câmera Gesell - um dispositivo da realidade - e transformá-la em um dispositivo cênico, repensando seus pactos de olhar e escuta. Nosso desafio era inspirar e desafiar os criadorxs apesar do fato de que eles estão acrescentando mais tempo em frente ao computador em suas vidas diárias. Nós os seduzimos através de oito dias intensos de encontros com figuras de destaque das ciências sociais, filosofia, ativismo dos direitos humanos e das artes de diferentes países. Esta experiência foi chamada de Fórum Ibero-Americano sobre Violência e Justiça. Foram 24 horas em que colocamos em crise nossas ideias sobre violência e raça, infância, gênero, diversidade, morte, dados, memória, bem como refletimos sobre o dispositivo escolhido, pós-pornô, ponto de vista, etc. Com a abertura gradual para o presencial, também propusemos visitas a câmaras de gestões locais e instituições penitenciárias. Terminado o fórum, iniciou-se o processo de redação e acompanhamento curatorial desses doze textos, a serem publicados juntamente com os vídeos do fórum e as visitas, nas plataformas virtuais dxs co-produtorxs, de forma bilíngue e com acesso livre. Esta nova caixa de bombons teatrais da Argentina, Chile, Brasil, Peru, México, Portugal e Espanha, apresenta um mosaico de vozes ibero-americanas que, com procedimentos dramáticos e pós-dramáticos, ativam a câmera Gesell, durante trinta minutos. Parafraseando um de nossos residentes, “*gosto de pensar que parte dessa violência foi sublimada em alguma poesia*”.

Monina Bonelli
Curador



LAS OBRAS / AS PEÇAS

O AQUÁRIO

Stalkeado por JANAINA LEITE

Pandemia, 2020/2021

AGRADECIMENTOS: Lara Duarte, Clayton Mariano, Maíra Scombatti, Carla Estefan e Celso Curi

Dedicado a B.

Personagens

ELA

OS VOYEURS

CLIENTES 1, 2, 3 e 4

O STALKER

DENTRO. ELA.

Luz baixa. Apenas uma cadeira e uma mesa. Por uma porta pequena à direita, entra uma mulher. Ainda sob a luz fraca, termina de se vestir: uma peruca, um sapato, uma máscara. Dispõe uma série de objetos eróticos sobre a mesa. Acende a luz e se senta, olhando na direção do espelho à sua frente.

FORA. VOYEURS.

O público está no escuro. Através do vidro a sua frente, vê a mulher sentada na cadeira a espera de algo. Uma campainha soa e um pequeno foco de luz se acende iluminando o primeiro “cliente”.

A TELA.

Separando os ambientes interno e externo, uma janela de vidro é também ecrã que funciona como suporte para palavras e frases, evidenciando o caráter híbrido desse material gerado virtualmente entre a oralidade e a escrita. A projeção de uma cifra marcando “0,00” começa a correr, como um timer financeiro, marcando a soma conforme as “sessões” avançam.

LINHA A – GANG BANG

Um gang bang é uma situação em que várias pessoas se envolvem em uma atividade sexual física com um indivíduo em particular, sequencialmente ou ao mesmo tempo, culminando na ejaculação sobre a pessoa central.

CLIENTE 1:

(“Ela” escolhe a trilha.)

Oi, linda. Qual a pira nas máscaras? Essa que tu tá usando é muito doida. Posso perguntar o que te trouxe aqui? Para mim, quarentena, claro. Mas confesso que fico tipo Netflix. Tem uma ruiva aqui que é express. A menina aceita o privado, “E AÍ BB Q Q VC QUER”, tira a roupa e toca uma. Tipo o bagulho dura 10 minutos. Foi a primeira mina que chamei aqui. Ela foi logo tirando enfando e tal. A menina é fofa, mas eu sei que não é real, eu fico até meio mal. Mina novinha mas porra tá tirando mó grana então foda-se. Teve uma que troquei ideia. Ela tira 4K por mês. Mas fica direto aqui. DI RE TO. Cara, te falar que já foi muito doido ter vindo para cá. Eu sempre achei que era caô. Moro no Rio então é bar né, mas dois meses sem encostar em ninguém, final de março descobri isso aqui. A primeira vez que entrei até fiquei nervoso! MUITO bizarro...Tipo “brother, tu tá NERVOSO! Quê que é isso, irmão?”... Não rola tirar essa máscara não?...Ok! Tira a roupa, mas não tira a máscara...Saqui. Tô vendo só o app do nubank aqui apitando: “TÁ DOIDÃO, IRMÃO, PAROU”. O foda desse “bar” aqui é que o litrão custa muito caro! Tu é bonita bagarai, hein. Próxima vez te chamo no exclusivo que eu sei que aqui fica os enxeridos. *(olhando para a plateia)* Tudo os GALUDÃO de olho em nós agora! É que o crédito vai que nem água pqp. OPA! ESSA MÚSICA É MUITO ABSURDA CHAPADO PANNNN PAN PAN. E NA HORA DE COLOCAR CRÉDITO! TÁ DE BRINCADEIRA ESSE SYNC!!! Okaaaay, última merda de recarga! Pra te dizer só que eu tenho essa pira, de ir além, tipo, sair do “clichê”, sei lá. Não sei se tô falando merda, tipo “SE ENXERGA, MERMÃO? Você tá pagando, PA-GAN-DO!”. Gata, queria te ver um pouco nos minutos finais, digo, gostaria. O que tu puder mostrar, em pouquíssimos minutos... MERDA, JÁ ERA, VAI CAIR AGOR!

(Luz de fora se apaga e volta a se acender sobre um novo cliente.)

CLIENTE 2:

(“Ela” se arruma diante da tela/espelho.)

Lembro que a gente começou a conversar e eu tive um déjà vu. Eu tava te dizendo que às vezes sumo. É meu lado masculino precisando se impor. Às vezes ele precisa aparecer. Ficar duro, viril, sair pra fora. Hoje, ao contrário, está quieto. Tive uma manhã bem sensitiva. Então a Raquel está florescendo. É uma dicotomia incrível. Hoje minha manhã foi experimentando lingerie novas. Um dia vou me mostrar pra você. Hoje eu tô de terno e...calcinha. Nunca mostrei Raquel aqui. Só pessoalmente. Eu tive outras experiências sensoriais hoje, após as lingerie. Elas potencializaram minha fêmea. Comecei com a escova de cabelo. Me referia ao cabo. Foi gostoso, mas incompleto. Por que não chegava no fundo. Fêmeas como eu precisam chegar ao fundo. Diferente de fêmeas como você. Vocês, geralmente preferem grossos. Nós, compridos. Encontrei então uma cenoura anatomicamente perfeita. E foi fundo dessa vez. Fundo. Fundo. Fundo...Dividirias um homem comigo? Ias me avaliar. Me orientar. Me ajudaria, sabe, montar. Poderíamos até fazer compras juntas. Já saiu com plug? Faz um dia. Coloca e vai no comércio perto. Parece que todo mundo tá olhando e sabendo, mas no fundo só você sabe quão safada você é. Tem muita gente nos vendo agora? Eles costumam ficar assustados. Enquanto estão com tesão, adoram. Depois que gozam, se assustam. Achem que vão virar veado. Adoro mulheres. Tanto que a ponto de querer ter uma experiência como uma delas. Uma mulher de quatro pode estar fisicamente dominada, mas naquele momento ela tem o homem nas mãos. Ela pode querer qualquer

coisa. Ele faz. *(bem próximas, apenas o espelho entre elas)* Guria, que vontade. Te dar um beijo. No teu colo. Virada pra ti.

(Luz de fora se apaga e volta a se acender sobre um novo cliente.)

CLIENTE 3:

(“Ela” faz um strip tease.)

Gosta de se exhibir aqui? Me atrai esse mistério, isso de estar por trás de uma máscara, sem ninguém saber quem você é. Ficando nua para homens desconhecidos. Acho sexy. *Você tem um casaco ali no fundo à sua esquerda. Pode desfilar com ele aberto?* O que eu costumo buscar aqui são as exibicionistas misteriosas. Mas encontro mais modelos apavoradas. Se você fala qualquer coisa que por descuido seja igual a vida real dela, a menina se assusta. *Um roupão! Que perfeito. Gostaria que desfilasse e ali no meio, abrisse ele, bem exibida.* Eu odeio as profissionais. Todos sabemos que isso, ao final, tirando todas as suas cascas, não passa de uma transação financeira. Mas a maioria das garotas com muitas avaliações sentem nojo dos clientes, suas fantasias, anseios e debocham deles em grupos de whats ou no twitter. *Belíssima! Com um sorriso de exibicionista. Que ama se mostrar!* Eu, por exemplo, faço questão que as modelos superficiais me achem esnobe para não me encherem o saco. Os usuários aqui são classificados por níveis: Silver, Gold, Platinum, Unique e Privê. Sou privê. Privê significa um bom usuário. Tenho alguns descontos especiais, privilégios, essas coisas de clube de fidelidade, de habitude. Tem menina que acha que todo mundo que entra aqui é idiota, inferior, carente, com problemas psicológicos, que não pega nenhuma mulher. *Brinque com sua calcinha, por favor. Mas não a tire. Se puder, baixar a luz.* O cara que entra com a carência baixa aqui é como um frango correndo no meio das raposas. *Você está protegida. Ninguém sabe quem você é. E você pode se divertir, se mostrando à vontade.* Frases clichês comigo, eu não tenho piedade! “Oi, AMOR”, “Tudo bem, AMOR”. Você também já usou parte deles, certamente. É normal e amor aqui não existe. BRAVOOOOOO. *Quem ama ser uma pelada misteriosa aqui?* O que eu busco? Agorinha, por exemplo? Eu vim conversar sobre a sua máscara, o papo estava interessante e fiquei por aqui. Mas meu objetivo é vê-la desfilar nua. Apenas gostaria que desfilasse para mim e, no final, quero vê-la só de máscara. Eu lhe guio. Vamos? *Luz de fora da câmara se apaga e se volta a se acender sobre o cliente 4. Na penumbra, vemos também os clientes 1, 2 e 3, agora na posição de voyeurs.*

CLIENTE 4:

(“Ela” se masturba.)

Eu não deveria estar aqui. Não sei se te falei, mas eu tenho uma consultoria de internacionalização e gerenciamento de projetos e estou agora mesmo no meio de uma reunião pelo zoom no celular. Se eu estivesse desse lado aí, eu provavelmente ficaria na sua frente e te beijaria descendo minha mão na tua bunda, apertando e beijando teu pescoço, te deixando assim, meio lânguida, meio entregue. Eu te levaria para a cama, tiraria teu sutiã e te deitaria de bruços. Você sabe que eu vou comer tua bunda, não sabe? Eu me encaixaria atrás de você. Eu colocaria na entrada, quero que você vá deixando entrar sem mexer muito até meu corpo colar no teu e quando estiver bem relaxada, eu começo a fazer o movimento, morder tua nuca, te chamar de putinha no ouvido. Vou fazer latejar, você contraindo cada vez que eu enfiar, como uma putinha entregue para o teu macho. SUBMISSA. Vem gozar para mim, eu quero te ver, vem agora, vadia, minha vadia, vem, mostra esse tesão para mim, lembra dos meus olhos

em ti, quero sentir tuas contrações sentindo meu pau como se tivesse mamando, isso, bem putinha, VEM AGORA CARALHO GOZA NO MEU PAU VEM PORRA ISSO DELÍCIA GOSTOSA DO CARALHO VEM GOZA PUTONA ISSO VEM VEM PORRA SENTA NO MEU PAU ISSO ISSO ISSO DELÍCIA MINHA PUTINHA ISSO DERRETE NO MEU PAU ISSO GOSTOSA DO CARALHO EU ARROMBARIA TEU CU GOZARIA NO CHÃO E TE FARIA LAMBERTÔ GOZANDNAN NDNS SAFSDAVFCA ADFAS KADKFA gozeeee karalho!!!!!!

“Eles” gozam. Black-out.

LINHA B – INVERSÃO

Inversão (ou pegging) designa a troca de papéis sexuais, para o que comumente se espera para as posições ditas femininas e masculinas.

Luz de serviço dentro e fora. O timer financeiro está pausado. “Ela” se limpa, arruma suas coisas, o espaço, etc. Do lado de fora, um homem usando uma máscara de porco se aproxima e a observa através do vidro. A tela entre eles assume mais explicitamente a função de ecrã. As frases em itálico do texto que se segue serão unicamente projetadas.

O STALKER:

Ninguém precisa saber do que acontece entre nós

mas eu sei

e você sabe

é o suficiente

eu quero ser seu amigo, só isso....

eu sou?

Seu amigo...

Você é minha amiga?

Será?

A possibilidade de ser um porto seguro para você. Essa é uma oferta que eu não retiro.

Eu não retiro, eu não recuo.

Eu quero cuidar de você

Se você quiser...

O nome disso eu não sei se é solilóquio ou monólogo

Na verdade, era para ser um diálogo. Eu pergunto, ela responde

Ela pergunta, eu respondo.

Será que em algum momento podemos conversar?

...

Esse álcool é cenográfico? Você não entorna assim. Nem vinho, nem porra, nem vodka, ou entorna? Sua “janela” é a mais gostosa, sabia. Morro de tesão de te ver sorrindo, bebendo e dançando. Quero conhecer você. Dá uma chance pro acaso, vai?

O NECESSÁRIO é o que não cessa de acontecer. O IMPOSSÍVEL É O QUE NÃO CESSA DE NÃO ACONTECER. O ACASO É O QUE CESSA DE NÃO ACONTECER.

Eu tenho um programa. Você conhece. Conquistar o teu coração, eis o programa.

Amo a ideia de jogo, do drama, do ritual, da vida como jogo... Amo essa metáfora: o jogo da vida, o jogo na vida. Quero jogar com você. Deixa eu brincar em você?

Com a minha boca

língua

lábios

letras

estou longe mesmo

Você deve me achar exagerado. Mas sou eu que preciso duvidar de você. Você duvidaria de mim, porquê? Claro que há uma canastrice, uma impostura, ou eu não seria ator. Mas não é por isso que eu estou aqui.

Essa mensagem foi apagada

Criar te dá prazer, certo?

é uma coisa boa você ser tão criativa e tão fora da curva, certo?

construir cenas, cenários, situações....

Você conhece “As lágrimas de Eros”, do Bataille? Foi o último livro que ele escreveu e estabelece uma relação muito interessante entre o erotismo e a morte.

“(...)ser apenas homem, não sair daí; é o sufocamento, a ignorância pesada, o intolerável. Quem não “morre” de ser apenas um homem, nunca será mais que um homem”

Esse era o texto que eu disse que ia te mostrar....

um pedaço

Essa mensagem foi apagada

O que torna tudo isso tão difícil é o AMOR.

Não consigo te ver como uma qualquer. Você é você. E eu não aceito que você repita, mecanicamente, o que você faz para um outro, que não sou eu, que é todos nós e não é ninguém...

eu morro de ciúmes...

De você

Com todos esses caras

Mas só tenho ciúmes dos que te fazem gozar

O ciúme não tem nada a ver com clientes

eu sou seu cliente?

Talvez essa seja a dificuldade pra mim

Deixa eu entrar? Eu, B., quero conhecer você.

“Sem máscaras” eu pensei em dizer, mas essa seria uma frase estúpida

Não, né? Sem máscaras é impossível...

e com máscara, com semblante, será que seria possível?

Não conheço nenhuma história de amor que não tenha sido criada pelos próprios amantes, uma escrita à dois...

Essa mensagem foi apagada

Será que eu posso te dar um abraço, bem forte, bem apertado, mas sem sufocar?

Queria tanto saber qual é o seu cheiro

Jamais te toquei

Jamais fui tocado por você

Mas a sua imagem: fui tocado por ela

Não é que bastasse,

Mas...

Fico bem frágil, assim, meio sem reação, meio sem defesa, meio sem jeito, diante do meu amor por você...

Essa mensagem foi apagada

Você conhece o Tinto Brass?

É um diretor italiano, fez grandes filmes eróticos

Essa mensagem foi apagada

Essa mensagem foi apagada

Essa mensagem foi apagada

Gostosa

eu não vou sossegar enquanto não te comer

preciso que você tenha ou mantenha uma superioridade intelectual

tava louco para ver a sua bunda, delícia

vai, deixa eu te chupar, isso vai levar a noite inteira

Não te libero antes das 5 da manhã

podemos até tomar um café da manhã, se você tirar a máscara

com espumante e morangos bem vermelhos, bem maduros

tão longe, tão perto...

queria mesmo que minha boca encontrasse os seus lábios, a sua boceta, mesmo que por um instante apenas...

você, assim, sem rosto, me enlouquece

na verdade, você de máscara me assusta e me excita...

nunca tivemos nenhum contrato, mas peço permissão para gozar em você

na sua boca, na sua boceta

no seu cu

deixa eu injetar dentro de você a minha porra

quero espalhar a minha porra na sua cara

mascarada

estou de pau duro te vendo aí mascarada

quero te foder, com força

pode ser forte? Até meio violento?

mas com muito *aor*

AMOR

porque você não se importa nem um pouco com o que eu sinto por você? Não estou perseguindo apenas as suas coxas ou os seus peitos, mas também o que seria VOCÊ...

Essa mensagem foi apagada

Essa mensagem foi apagada

Essa mensagem foi apagada

Essa mensagem foi apagada

Mil desculpas por enviar tantas barbaridades. Estou tentando escrever um texto e peço mil desculpas, você já sabe que sou esse tipo de pessoa que se desculpa o tempo todo

(esse não é um mundo para alguém que eu amo viver)

A intenção não era te ofender, nem te agredir. Mas ofendi e agredi, né?

Ao contrário do que possa ter parecido, saiba que por você eu só tenho carinho. Mentira, tesão também, curiosidade, amor, paixão... Enfim, só bons afetos.

Queria te fazer um pedido: você pode me bloquear?

excluir mesmo...

eu estou pedindo...

(As frases correm na tela vertiginosamente) “Será que é o limite? Um alcoólatra é alguém que está sempre parando de beber, ou seja, está sempre no último copo. O que quer dizer o último copo para um alcoólatra? Ele se levanta de manhã, se for um alcoólatra da manhã, há todos os gêneros, se for um alcoólatra da manhã, ele tende para o momento em que chegará ao último copo. Não é o primeiro, o segundo, o terceiro que o interessa. Um alcoólatra é malandro, esperto. O último copo quer dizer o seguinte: ele avalia, há uma avaliação, ele avalia o que pode aguentar, sem desabar... Ele avalia. Varia para cada pessoa. Avalia, portanto, o último copo e todos os outros serão a sua maneira de atingir esse último. E o que quer dizer o último? Quer dizer: ele não suporta beber mais naquele dia. É o último que lhe permitirá recomeçar no dia seguinte, porque, se ele for até o último que excede seu poder, se ele vai além do último em seu poder para chegar ao último que excede seu poder, ele desmorona, e está acabado, vai para o hospital, ou tem de mudar de hábito, de agenciamento. De modo que, quando ele diz: “o último copo”, e o último varia para cada um, não é o último, é o penúltimo, ele procura o penúltimo. O último é o penúltimo.”

O ÚLTIMO COPO É O PENÚLTIMO (Gilles Deleuze)

Veja, uma citação gigante, mas o que quero dizer é muito simples: joguei fora esse texto que eu estava trabalhando....

um processo é um processo...

obrigado

sem querer você me livrou de uma obsessão

isso equivale a uns 5 anos de psicanálise

Essa mensagem foi apagada

Essa mensagem foi apagada

Essa mensagem foi apagada

Será que mesmo sendo mentira, você poderia dizer que vai me abraçar e até velar pelo meu sono?

...

Bom saber que não

Essa mensagem foi apagada

Essa mensagem foi apagada

Essa mensagem foi apagada

Essa mensagem foi apagada

Eu desisto...

é muito cansativa

O amor não correspondido é tão triste

uma posição narrativa

Essa mensagem foi apagada

Será que ela fala?

Essa mensagem foi apagada

Essa mensagem foi apagada

Essa mensagem foi apagada

Essa mensagem foi apagada

(Esmurrando o vidro.)

VAI SE FODER. VAI SE FODER. VAI SE FODER POR ME REJEITAR, POR NUNCA ESTAR AQUI, VAI SE FODER POR ME FAZER SENTIR UMA MERDA, VAI SE FODER POR ME FAZER SANGRAR AMOR E VIDA. FODA-SE, QUE SE FODA O MEU PAI POR TER FODIDO A MINHA VIDA PARA SEMPRE E QUE SE FODA A MINHA MÃE POR NÃO TÊ-LO DEIXADO, MAS MAIS DO QUE TUDO, VAI SE FODER DEUS POR ME FAZER AMAR UMA PESSOA QUE NÃO EXISTE, VAI SE FODER VAI SE FODER VAI SE FODER.

FUCK YOU. FUCK YOU. FUCK YOU FOR REJECTING ME BY NEVER BEING THERE, FUCK YOU FOR MAKING ME FEEL SHIT ABOUT MYSELF, FUCK YOU FOR BLEEDING THE FUCKING LOVE AND LIFE OUT OF ME, FUCK MY FATHER FOR FUCKING UP MY LIFE FOR GOOD AND FUCK MY MOTHER FOR NOT LEAVING HIM, BUT MOST OF ALL, FUCK YOU GOD FOR MAKING ME LOVE A PERSON WHO DOES NOT EXIST. FUCK YOU FUCK YOU FUCK YOU.

(A luz de dentro se apaga bruscamente.)

Espero que esteja claro que isso não é direcionado a você.

Estive pensando no que você faz e tomei notas, se te interessar.

(A luz de fora se apaga bruscamente também. No escuro, ouve-se uma mensagem de voz vinda do celular sobre a mesa.)

A FALA ANALÍTICA II

“A situação da análise tal como Freud a descobriu é uma situação extraordinária que parece tomada de empréstimo à magia dos livros. Essa relação que se estabelece, como se diz, entre o divã e a poltrona, essa conversa nua em que, num espaço separado, recortado do mundo, duas pessoas invisíveis uma à outra, são pouco a pouco chamadas a confundir-se com o poder de falar e o poder de ouvir, a não ter outra relação a não ser a intimidade neutra do discurso, essa liberdade para um de dizer seja lá o que for, para o outro, de escutar sem atenção, como à revelia e como se não estivesse aí – e essa liberdade que se torna o mais cruel dos constrangimentos, essa ausência de relação que se torna, por isso mesmo, a mais obscura, a mais aberta e a mais fechada das relações. Este que, de certo modo, não deve parar de falar, dando expressão ao incessante, não dizendo apenas aquilo que não se pode dizer, mas pouco a pouco falando como que a partir da impossibilidade de falar, impossibilidade que já está sempre nas palavras, e assim tudo é sempre dito, e nada é dito; e aquele que parece o mais negligente, o mais ausente dos ouvintes, um homem sem rosto, um quase ninguém, espécie de não importa quem fazendo contrapeso ao não importa quê do discurso, como um vazio no espaço, um vazio silencioso que entretanto é a verdadeira razão de falar, rompendo sem cessar o equilíbrio, fazendo variar a tensão das trocas, respondendo ao não responder, e transformando insensivelmente o monólogo sem saída em um diálogo em que cada um falou”.

Maurice Blanchot – A conversa infinita

(A luz volta a se acender do lado de dentro, mas bem fraca. Sentado em uma cadeira na penumbra, destaca-se a sombra do Stalker, agora sem máscara. Do lado de fora, no escuro, seguem os “voyeurs”. Um vídeo pornô está sendo projetado na tela. Ele pega a garrafa e o copo que se encontram, sobre a mesa.)
é o melhor que já vi...

Desculpe, eu tento te esquecer

todos os dias

e fracasso

a cada dia

tentando

esquecer

você

qual é mesmo o seu nome?

Acordo pensando em você

invariavelmente

você

você

você

por quê não outra?

Pessoa

Outro

Sujeito

Por que não?

Por favor, não me acuse na delegacia mais próxima, como se eu fosse um STALKER

qualquer

essa conversa é um documento

tem valor no tribunal

no processo

valor de prova

“VOCÊ JURA DIZER A VERDADE E NADA MAIS DO QUE A VERDADE?”

O VALOR DO TESTEMUNHO

ESTÁ À PROVA

Sou muito injusto: para mim você não é uma pessoa, é muito mais do que isso: é um ideal que eu não atingi

e a testemunha, única, da minha miséria...

cínica

cênica

a miséria é minha

e de mais ninguém

CLÍNICA

CÊNICA

CÍNICA

CRÔNICA

ETERNO CICLO

CÍCLICA?

e veio então essa imagem:

Uma princesa que não quer ser salva

Uma princesa na torre que não precisa ser salva

Uma menina que não quer e não precisa ser princesa

o sofrimento

o trauma

o tempo

a trama

(e de tão cego não percebi que você também estava ferida...)

Quantos realmente querem saber quem é você?

Você quer que queiram saber?

Por trás das máscaras?

Você quer saber?

Quem você

É

?

Quem é você? Quem sou eu?

Ninguém sabe ou saberá

Jamais

um lance de dados

abolira

o

ACASO

(Un coup de dés jamais n'abolira le hasard)

Preciso de um sim ou de um não, ou mesmo um talvez....

qualquer ruído que quebre esse silêncio

esse monólogo

esse fluxo de consciência

esse solilóquio

essa conversa com os meus botões, quero arrancá-los todos, um por um, em praça pública, para que

não sejam mais um segredo, para que não sejam mais só meus

é muito mais elegante dizer não, sem dizer nada

só que eu sou quase autista, meio bobo mesmo, um sonhador

Que o fracasso tivesse

vindo de uma inscrição celular e não das minhas decisões

Que eu não tivesse tido escolha

Que estivesse escrito desde o início

qual seria

o fim

e que eu não tenha culpa então

do resultado

do que eu fiz

de mim

Essa mensagem foi apagada

Essa mensagem foi apagada

Essa mensagem foi apagada

Essa mensagem foi apagada

Essa mensagem foi apagada

eu invadiria a sua casa, o seu corpo, a sua alma. Na madrugada, lembra?

Eu tomo um ácido

Eu tomo ayuhasca

Eu sinto Artaud na minha pele

Eu grito suas glossolalias

o Kré o puc ti le

Eu quero ser qualquer um, menos eu

Para ser menos isso

Para ser mais aquilo

Para ser sem vergonha

Sem arrependimento
Sem culpa
Eu tenho um programa
Eu tenho um projeto
Vou atraí-la para cá
E prendê-la para sempre
Nesse quarto escuro que mais parece um calabouço
Meu quarto, meu calabouço, minha prisão
Trago ela pra cá junto de mim
E morremos os dois
Sufocados
Sem ar
Eu te mato assim

(A luz de dentro se apaga. Para o texto que se segue, a posição se inverte novamente. Ele volta a estar do lado de fora no mesmo lugar de sempre. Dentro, “ela” está deitada sobre a mesa como que desfalecida, uma perna caída para fora, um braço. Do lado de fora, a luz se acende sobre o Stalker. O timer financeiro volta a correr só agora.)

Eu te chamei lá no sonho, você ouviu?
Era um sonho, seu, não meu, eu te chamei pelo seu nome, mas você não ouviu...
Desculpe pelos devaneios é que esse é o único lugar onde eu posso morar
Uma diferença
Um deslize
Um desvio
Da morte para a vida
Por um acidente
Um erro
Um acaso
Água na estrada
Você desliza e morre
Mas eu continuo aqui
Impassível
Narro a sua morte lenta
Seu corpo
Sempre desejado por todos
Agora
Estraçalhado
Na estrada
Gelada
Seu corpo
Despedaçado
Na maca dos socorristas
Na marca, no limite, no limiar

Eles tentam te reavivar
Choques
Socos
Adrenalina na veia eles injetam
Você morre ainda assim
Seu corpo gelado
Seu corpo frio
São pedaços
Pedaços de mim
Que não se encaixam nunca
Sempre ímpar, ímpar, ímpar
Amparo dos desencaixados desiludidos desesperados
Desamparo dos mortos e dos que ficaram
era para ter uma voz
era para ser uma voz
mil desculpas, J
é muito difícil estabelecer uma relação entre 2 autores sem forçar a barra
(O “timer” em dinheiro pára marcando a soma total do dia. Ela se ergue da mesa, limpa o sangue falso do rosto, veste um roupão, um tênis, pega suas coisas, apaga a luz e sai.)
Porque será que eu gosto tanto de você?
Esse afeto vai contra todas as possibilidades...
(O timer corre rapidamente para trás, voltando a marcar 0,00.)

...

FIM

EL ACUARIO

Stalkeado por JANAINA LEITE

Traducción: JULIA TOM

Pandemia, 2020/2021

AGRADECIMIENTOS: Lara Duarte, Clayton Mariano, Maíra Scombatti, Carla Estefan y Celso Cury.

Dedicado a B.

Personajes:

ELLA

LOS VOYEURS

CLIENTES 1, 2, 3 y 4

EL STALKER

DENTRO. ELLA.

Luz baja. Solo una silla y una mesa. Por una pequeña puerta a la derecha entra una mujer. Termina de vestirse bajo la débil luz: una peluca, zapatos, una máscara. Coloca una serie de objetos eróticos sobre la mesa. Prende la luz y se sienta mirando hacia el espejo que tiene delante.

FUERA. VOYEURS.

El público está a oscuras. A través del vidrio que está frente a ellos ven a la mujer sentada en la silla que está a la espera. Suena un timbre y se enciende un pequeño foco de luz que ilumina al primer “cliente”.

LA PANTALLA.

Separando los ambientes interno y externo, hay una ventana de vidrio que también es una pantalla que funciona como soporte para palabras y frases, lo que pone en evidencia el carácter híbrido de este material creado virtualmente entre la oralidad y la escritura. Se proyecta la cifra “0,00”, que comienza a aumentar como un contador y va dando el total de dinero a lo largo de las “sesiones”.

LÍNEA A - GANG BANG

Una gang bang es una situación en la que varias personas se involucran en una actividad sexual física con un individuo en particular, en serie o al mismo tiempo, y que culmina con la eyaculación sobre la persona central.

CLIENTE 1:

(*“Ella” elige la música.*): Hola, linda. ¿Por qué la máscara? Esa que estás usando sí que es rara, eh. ¿Te puedo preguntar qué te trajo a este lugar? A mí, la cuarentena, claro. Igual te confieso una cosa, yo me pongo a mirar tipo Netflix. Hay una pelirroja que es *express*. Acepta privado, “HOLA BB Q DESEAS”, tenemos tiempo para que te saques la ropa y te hagas una paja. La cosa dura unos 10 minutos. Fue a la primera que llamé. Enseguida se puso a sacar, a meter, esas cosas. Un amor, pero sé que no es real, eso me pone un poco mal. Es chiquita, pero bueno, está ganando un montón, que se joda. Me puse a hablar con una que me contó que hace 4000 por mes. Pero se queda todo el puto día. TO DO EL PU TO DÍ A. La verdad, te juro que es una locura para mí haber venido a un lugar de estos, ¿eh? Siempre me parecieron una estafa. Yo vivo en Río, uno va al bar para estas cosas, pero habían pasado dos meses sin estar con nadie, y encontré este lugar a fines de marzo. La primera vez que entré me puse nervioso, increíble... MUY loco... “hermano, ¡estás NERVIOSO! ¿Qué mierda te está pasando?”... ¿No podrías quitarte esa mascarita? Ok. Sí la ropa pero la máscara no... Bueno. El banco me está mandando notificaciones: ¡BASTA, CARAJOS! La cagada de este “bar” es que el litro cuesta un huevo. Qué buena que estás, ¿eh? La próxima vamos al reservado, que en este lugar solo hay curiosos. (*Mirando a la platea.*) ¡Todos estos PAJEROS mirando! El crédito sube como agua lpm. ¡AH! ESA MÚSICA ME ENCANTA! TANNNNN TAN TAN. ¡Y JUSTO AHORA LA PUSISTE! ¿ME ESTÁS JODIENDO? CUANDO TENGO QUE RECARGAR... Bueeeeno, ¡la última recarga! Solo para decirte una cosa, que yo... que a mí me gusta salirme del cliché, no sé, ir más allá. No sé si estoy diciendo cualquier cosa, “¡DATE CUENTA, IMBÉCIL! Estás pagando, ¡PA-GAN-DO!”. Linda, quiero verte un poco ahora al final, bueno, me gustaría. Lo que puedas mostrar, eh, dos segundos... MIERDA, LA PUTA MADRE, SE VA A CORTAR AHOR!

La luz del exterior se apaga y se vuelve a encender sobre un nuevo cliente.

CLIENTE 2:

(*“Ella” se arregla frente a la pantalla/espejo.*)

Me acuerdo que empezamos a conversar y tuve un *déjà vu*. Yo te decía que a veces desaparezco. Es mi lado masculino que trata de imponerse. A veces necesita aparecer. Ponerse duro, viril, salir hacia fuera. Hoy, por el contrario, está tranquilo. Tuve una mañana sensitiva. Entonces florece Raquel. Es una dicotomía hermosa. Me pasé la mañana probándome ropa interior. Un día te la voy a mostrar. Hoy tengo puesto un traje y... lencería fina. Nunca la mostré a Raquel en este lugar. Solo personalmente. Tuve otras experiencias sensoriales hoy, después de la lencería. Es que todo eso potencializó a mi hembra. Empecé con el cepillo de pelo. Me refiero al mango. Fue placentero, pero incompleto. Porque no llegaba hasta el fondo. Las hembras como yo necesitamos que llegue hasta el fondo. Es diferente a las hembras como tú. A ustedes en general les gustan gruesos. A nosotras, largos. Entonces encontré una

zanahoria que era anatómicamente perfecta. Y ahí sí, fue bien hasta el fondo. Fondo. Fondo. Fondo... ¿Compartirías un hombre conmigo? Podrías darme tu opinión, orientarme, me ayudarías en mi transformación. Podríamos hacer compras juntas. ¿Ya saliste con un plug puesto? No dejes de hacerlo. Un día te lo metes y vas a alguna tienda cerca. Te va a parecer que todos te miran, que lo saben, pero en el fondo solo tú sabes lo atrevida que eres. ¿Nos están viendo muchas personas ahora? En general se asustan. Mientras están excitados, les encanta. Después de acabar, se asustan. Creen que se van a volver putos. Me encantan las mujeres. Tanto al punto de que quiero tener una experiencia con una. Una mujer en cuatro puede estar físicamente dominada pero en ese momento ella lo tiene al hombre en sus manos. Ella puede querer lo que sea, que él lo hace. (*Muy cerca, solo el espejo entre ellas.*) Niña, qué ganas. De darte un beso. Recostada en tu falda. De frente.

La luz del exterior se apaga y se vuelve a encender sobre un nuevo cliente.

CLIENTE 3:

(*"Ella" hace un strip tease.*)

¿Te gusta exhibirte? Me atrae ese misterio, eso de que estés detrás de una máscara y que nadie sepa tu identidad. Desnudándote frente a hombres desconocidos. Me parece muy sexy. *Abí en el fondo a tu izquierda hay un saco.* ¿Podrías ponértelo y desfilas con él abierto? Yo vengo aquí a buscar exhibicionistas misteriosas. Pero más bien encuentro modelitos aterradas. Si uno dice algo que por casualidad es igual a la vida real, la chica se asusta. ¡Una bata! Perfecto. Me gustaría que desfilaras y ahí, a la mitad, la abrieras y mostraras todo. Odio a las profesionales. Ya sabemos que si le sacamos la cáscara, todo esto al final no es más que una transacción financiera. Pero la mayoría de las chicas con las mejores calificaciones sienten asco por los clientes y sus fantasías y sus deseos, y se ríen de ellos en los grupos de WhatsApp o en Twitter. ¡Bellísima! Eso, ¡con la sonrisa de una exhibicionista a la que le encanta mostrar todo! Yo, por ejemplo, trato de que las modelos superficiales piensen que soy un snob para que no me fastidien. Aquí, a los usuarios los clasifican por niveles: Silver, Gold, Platinum y Privé. Yo soy privé. Privé significa que soy un buen usuario. Tengo algunos descuentos especiales, privilegios, esas cosas de club de fidelidad, de habitué. Hay chicas que creen que todo el mundo que viene aquí es un idiota, inferior, un desesperado con problemas psicológicos que no puede levantarse a nadie. Quiero que juegues con el encaje. Pero no te lo saques. ¿Podrías bajar la luz? El tipo que viene desesperado es como una gallina entre los zorros. Tú estás protegida. Nadie sabe quién eres. Y puedes divertirte tranquila. Frases cliché conmigo no, ¡no tengo piedad! "Hola, MI AMOR", "Todo bien, MI AMOR". Seguramente también las usaste. Es normal. El amor aquí no existe. BRAVOOOOOOO. ¿A quién le gusta ser la misteriosa chica desnudita? ¿Qué busco? ¿Ahora, por ejemplo? Vine a conversar sobre tu máscara, la charla se puso interesante y me fui quedando. Pero mi objetivo es verte desfilando desnuda. Solo quisiera que desfilaras para mí. Y, al final, quiero verte solo con la máscara. Yo te guío. ¿Vamos? *La luz del exterior se apaga y se vuelve a encender sobre el cliente 4. En la penumbra, vemos también a los clientes 1, 2 y 3, ahora en la posición de voyeurs.*

CLIENTE 4:

(*"Ella" se masturba.*)

Yo no debería estar aquí. No sé si te lo dije, pero tengo una consultoría de internacionalización y gerenciamiento de proyectos y ahora mismo estoy en medio de una reunión por zoom en el celular.

Si estuviera de ese lado probablemente me pondría de frente y te besaría y bajaría la mano hasta tu culo, y te apretaría y te besaría el cuello, y te dejaría débil, exhausta. Te llevaría a la cama, te sacaría el corpiño y te pondría en cuatro. ¿Ya sabías, no, que voy a comerte el culo? Yo estoy atrás. Te la pongo en la entrada, quiero que vayas dejando que entre no te muevas hasta que mi cuerpo se pegue bien al tuyo y cuando estés relajada, yo empiezo a moverla y te muerdo la nuca y te digo puta en el oído. Te voy a hacer vibrar, te vas a contraer toda cada vez que te la meta, como una putita entregada a su macho. SUMISA. Vamos, quiero verte acabar, puta, a ver, ¿estás caliente? ¿eh, putita?, te tengo los ojos encima, quiero sentir cómo vas sintiendo que te entra mi verga, como si me la estuvieras chupando, así, bien, bien, putita. AHORA QUIERO QUE ACABES EN MI VERGA PEDAZO DE PUTA ASÍ, QUÉ PLACER, QUÉ MUJER DEL CARAJITO, ESO, ASÍ EN LA VERGA, ESO, ESO, ESO, PERFECTO... AY, PUTITA, ESO QUIERO, QUE TE DERRITAS EN MI VERGA. CÓMO TE ABRIRÍA BIEN EL CULO, ACABARÍA EN EL PISO Y TE LO HARÍA LAMER TODO AY ESTOY POR ACABDRS DNKSLDNS PUTVTNA SAKASN ¡¡¡Acabééééé, carajo!!!!

“Ellos” acaban. Black-out.

LÍNEA B – INVERSIÓN

La inversión (o pegging) se refiere al cambio de papeles sexuales de lo que comúnmente se espera para las posiciones consideradas femeninas y masculinas.

Luz de servicio dentro y fuera. El contador está en pausa. “Ella” se limpia, ordena sus cosas, el lugar, etc. Del lado exterior, un hombre con una máscara de cerdo se acerca y la observa a través del vidrio. El divisor asume más explícitamente la función de pantalla. Las frases en itálicas del texto que sigue serán solo proyectadas.

EL STALKER:

Nadie tiene por qué saber lo que pasa entre nosotros

pero yo lo sé

y tú lo sabes

es suficiente

quiero ser tu amigo, solo eso...

¿lo soy?

Tu amigo...

¿Tú eres mi amiga?

¿Sí?

La posibilidad de ser un puerto seguro para ti. Esa oferta no la retiro.

No la retiro, no doy marcha atrás.

Quiero cuidarte.

Si quieres...

No sé si el nombre de esto es soliloquio o monólogo

La verdad, me gustaría que fuera un diálogo. Yo pregunto, ella responde.

Ella pregunta, yo respondo.

¿Podemos conversar en algún momento?

...

¿El alcohol es de la escenografía? Si no te gusta beber. Ni vino, ni semen, ni vodka, ¿o sí? Tu “ventana” es la más linda, ¿sabías? Me muero de la excitación cuando te veo sonriendo, bebiendo, bailando. Quiero conocerte. Dale una oportunidad al azar, ¿sí?

LO NECESARIO es lo que no cesa de suceder. LO IMPOSIBLE ES LO QUE NO CESA DE NO SUCEDER. EL AZAR ES LO QUE CESA DE NO SUCEDER.

Tengo un plan. Lo conoces. Conquistar tu corazón, ese es el plan.

Me encanta la idea del juego, del drama, del ritual, de la vida como juego... Me encanta esta metáfora: el juego de la vida, el juego en la vida. Quiero jugar contigo. ¿Me dejas jugar en ti?

Con mi boca

lengua

labios

letras

estoy realmente lejos.

Seguro me ves como un exagerado. Pero soy yo quien necesita dudar de ti. ¿Por qué dudarías de mí?

Claro que es una canallada, una impostura, o no sería actor. Pero no es por eso que estoy aquí.

El mensaje fue eliminado.

Crear te da placer, ¿no?

es algo bueno que seas tan creativa, tan original, ¿no?

construir escenas, escenarios, situaciones...

¿Conoces *Las lágrimas de Eros*, de Bataille? Fue el último libro que escribió y hace una relación muy interesante entre el erotismo y la muerte.

“(...) no ser sino el hombre, no salir de ahí; es la asfixia, la densa ignorancia, lo intolerable. Quien no ‘muere’ de no ser más que un hombre, no será nunca más que un hombre”.¹

Este era el texto que dije que iba a mostrarte...

Un fragmento

El mensaje fue eliminado.

Lo que hace que todo esto sea tan difícil es el AMOR.

No puedo verte como si fueras cualquiera. Tú eres tú. No puedo aceptar que repitas, mecánicamente, lo que haces para otro, otro que no soy yo, que es todos nosotros y no es nadie...

Me muero de celos...

de ti

con todos esos tipos

Pero solo tengo celos de los que te hacen acabar

Los celos no tienen nada que ver con los clientes

1. Georges Bataille en traducción de Glenn Gallardo. *Para leer a Georges Bataille*, FCE, México, 2012. El *stalker* se equivocó y atribuye a *Las lágrimas de Eros* una cita que pertenece a *La experiencia interior*.

¿Yo soy tu cliente?

Quizás eso sea lo difícil para mí.

¿Me dejas pasar? Yo, B, quiero conocerte.

“Sin máscaras” pensé en decirte, pero sería una frase tonta.

No, ¿no? Sin máscaras imposible...

y con máscara, con rostro, ¿es posible?

No conozco ninguna historia de amor que no haya sido creada por los propios amantes, una escritura a dos...

El mensaje fue eliminado.

¿Puedo darte un abrazo, bien fuerte, apretado, pero sin ahogarte?

Quiero saber cuál es tu olor

Nunca te toqué

Jamás me tocaste

Pero tu imagen: me tocó el corazón

No es que no sea suficiente,

Pero...

Me encuentro frágil, como sin reacción, sin defensas, torpe, frente al amor que tengo...

El mensaje fue eliminado.

¿Conoces a Tinto Brass?

Es un director italiano, hizo grandes películas eróticas.

El mensaje fue eliminado.

El mensaje fue eliminado.

El mensaje fue eliminado.

Linda

no me voy a quedar tranquilo hasta que no te la meta

necesito que tengas o mantengas una superioridad intelectual

quiero verte ese culo hermoso,

vamos, déjame que te lo chupe, toda la noche.

No me voy antes de las 5 de la mañana

si quieres podemos desayunar, si te quitas la máscara

con champagne y unas frutillas muy rojas, muy maduras

tan lejos, tan cerca...

quiero que mi boca se encuentre con tus labios, con tu sexo, aunque sea solo un instante...

así, sin rostro, me vuelve loco

la verdad, con esa máscara, me asustas y me excitas...

nunca firmamos ningún contrato, pero te pido permiso para acabarte encima

en tu boca, en tu sexo

en tu culo

deja que te inyecte todo bien adentro
quiero derramártelo en la cara
con la máscara puesta
se me pone dura la verga viéndote con la máscara
quiero metértela, con fuerza
¿puede ser fuerte? ¿Un poco violento?
pero con mucho amor

AMOR

¿Por qué no te importa ni un poquito lo que siento por ti? No estoy aquí solo por tus piernas o tus muslos o tus pechos, estoy también por todo lo que serías TÚ...

El mensaje fue eliminado.

El mensaje fue eliminado.

El mensaje fue eliminado.

El mensaje fue eliminado.

Disculpame por enviarte tantas barbaridades. Trato de escribirte algo y te pido disculpas, sabes que soy ese tipo de personas que se disculpa todo el tiempo.

(este no es un mundo para que viva alguien que amo.)

La intención no era ofender ni agredirte. Pero te ofendí y te agredí, ¿no?

Al revés de lo que haya parecido, quiero que sepas que por ti solo tengo cariño. Mentira, calentura también, curiosidad, amor, pasión... En fin, solo buenos sentimientos.

Quería pedirte algo: ¿podrías bloquearme?

eliminarame...

te lo pido...

(Las frases pasan en la pantalla vertiginosamente) “¿Ese es el límite? Un alcohólico es alguien que no deja de dejar de beber, esto es, que está siempre en el último vaso. ¿Qué es lo que quiere decir el último vaso para un alcohólico? Bueno, él se levanta por la mañana, si se trata de un alcohólico de la mañana, hay de todo tipo, si es un alcohólico de la mañana va a esperar el momento en que llegue al último vaso. No le interesa ni el primero, ni el segundo, ni el tercero. Es sagaz, un alcohólico es astuto. El último vaso quiere decir lo siguiente: él evalúa, hay una evaluación, él evalúa lo que puede soportar sin desplomarse... él evalúa. Varía mucho según cada persona. Evalúa entonces el último vaso. Y todos los demás serán su manera de llegar al último. ¿Y qué significa el último? Significa que ese día ya no aguanta beber más. Es el último que le permitiría empezar de nuevo al día siguiente, porque si llega al último que, por el contrario, excede su poder, si supera el último que queda bajo su poder para llegar al último que excede su poder, se desmorona. Llegado ese momento, está perdido. Ingresa en el hospital, o bien es preciso que cambie de hábito, de agenciamiento. Entonces cuando dice que es el ‘último vaso’ en verdad es el anterior al último. No va en busca del último vaso sino del penúltimo.”²

2. Traducción propia.

“B de Bebida” en El abecedario de Gilles Deleuze

Bueno, una cita larguísima, pero lo que quiero decir es muy simple: tiré ese texto en el que estaba trabajando...

un proceso es un proceso...

gracias

sin querer me liberaste de una obsesión

eso equivale a unos 5 años de psicoanálisis

El mensaje fue eliminado.

El mensaje fue eliminado.

El mensaje fue eliminado.

Aunque sea mentira ¿podrías decir que vas a abrazarme y velar mi sueño?

...

Es bueno saber que no

El mensaje fue eliminado.

El mensaje fue eliminado.

El mensaje fue eliminado.

El mensaje fue eliminado.

Me doy por vencido...

es agotador

El amor no correspondido es tan triste

una posición del narrador

El mensaje fue eliminado.

¿Ella habla?

El mensaje fue eliminado.

El mensaje fue eliminado.

El mensaje fue eliminado.

El mensaje fue eliminado.

(golpeando el vidrio.)

MIERDA. MIERDA. MIERDA POR RECHAZARME AL NO ESTAR NUNCA, MIERDA POR HACERME SENTIR UNA MIERDA, MIERDA POR DESANGRARSE TODO EL AMOR Y LA VIDA QUE TENÍA, MIERDA POR MI PADRE POR HACERME MIERDA LA VIDA PARA SIEMPRE Y MIERDA MI MADRE QUE NO SE FUE A LA MIERDA Y LO ABANDONÓ, PERO SOBRE TODO MIERDA DIOS POR HACERME AMAR A UNA PERSONA QUE NO EXISTE, MIERDA MIERDA MIERDA.³

3. Sarah Kane en traducción de Rafael Spregelburd. *Psicosis*, Losada, Buenos Aires, 2005.

FUCK YOU. FUCK YOU. FUCK YOU FOR REJECTING ME BY NEVER BEING THERE, FUCK YOU FOR MAKING ME FEEL SHIT ABOUT MYSELF, FUCK YOU FOR BLEEDING THE FUCKING LOVE AND LIFE OUT OF ME, FUCK MY FATHER FOR FUCKING UP MY LIFE FOR GOOD AND FUCK MY MOTHER FOR NOT LEAVING HIM, BUT MOST OF ALL, FUCK YOU GOD FOR MAKING ME LOVE A PERSON WHO DOES NOT EXIST. FUCK YOU FUCK YOU FUCK YOU.

(La luz del interior se apaga bruscamente.)

Espero que quede claro que esto no es para ti.

Estuve pensando en lo que haces y tomé notas, si te interesa.

(La luz del exterior se apaga bruscamente también. En la oscuridad, se oye un mensaje de voz que viene del celular que está sobre la mesa.)

EL HABLA ANALÍTICA II

“La situación del análisis, tal como Freud lo descubrió, es una situación extraordinaria que parece salir del mundo mágico de los libros. Esa puesta en relación, como se dice, del sofá y el sillón, ese diálogo desnudo en que, dentro de un espacio separado, aislado del mundo, dos personas, invisibles la una para la otra, poco a poco son inducidas a confundirse con el poder de hablar y el poder de oír, a no tener más relación que la intimidad neutra de las dos caras del discurso, esta libertad, para el uno, de decir cualquier cosa, para el otro, de escuchar sin atención, como inconscientemente y como si no estuviera allí. Y esta libertad que llega a ser, en esto mismo, la relación más oscura, más abierta y más cerrada. Este que, por así decirlo, no debe dejar de hablar, dando la expresión a lo incesante, no sólo diciendo aquello que no puede decirse, sino hablando poco a poco como a partir de la imposibilidad de hablar. Imposibilidad que está siempre ya en las palabras, (...) Y así todo siempre está dicho, y nada está dicho. Y aquel que parece ser el más despreocupado, el más ausente de los auditores, un hombre sin rostro, apenas alguien, especie de cualquiera que hace equilibrio con lo cualquiera del discurso, como un hueco dentro del espacio, un vacío silencioso que sin embargo es la verdadera razón de hablar, que rompe sin cesar el equilibrio, hace variar la tensión de los intercambios, responde y no responde, y transforma insensiblemente el monólogo sin salida en un diálogo donde cada uno ha hablado”.⁴

(La luz vuelve a encenderse en el interior, pero es débil. Sentado en una silla en la penumbra, se destaca la sombra de Stalker, ahora sin máscara. Del otro lado, en la oscuridad, siguen los “voyeurs”. Se proyecta un video porno en la pantalla. Ella toma la botella y el vino que están sobre la mesa.)

es lo mejor que vi...

Disculpa, trato de olvidarte

todos los días

y fracaso

cada día

tratando

de

4. Maurice Blanchot en traducción de Pierre de Place. *El diálogo inconcluso*. Monte Ávila Editores, Caracas, 1996.

olvidarte
¿cómo te llamabas?
Me despierto pensando en ti
invariablemente
en ti
en ti
en ti
¿Por qué no en otra?
Persona
Otro
Sujeto
¿Por qué no?
Por favor, no me denuncies en la comisaría más cercana, como si fuera un STALKER
cualquiera
esta conversación es un documento
tiene valor en el tribunal
en el proceso
valor como prueba
“¿JURA DECIR LA VERDAD Y NADA MÁS QUE LA VERDAD?”
EL VALOR DEL TESTIMONIO
ESTÁ A PRUEBA
Soy muy injusto: para mí no eres una persona, eres mucho más que eso: eres un ideal que no alcancé
y el testimonio, único, de mi miseria...
cínica
escénica
la miseria es mía
y de nadie más
CLÍNICA
ESCÉNICA
CÍNICA
CRÓNICA
ETERNO CICLO
¿*CÍCLICA*?
y entonces apareció esta imagen:
Una princesa que no quiere ser rescatada
Una princesa en la torre que no necesita ser rescatada
Una niña que no quiere y que no necesita ser princesa
el sufrimiento
el trauma
el tiempo
la trama
(y de tan ciego no me di cuenta de que también tú estabas herida...)

¿Cuántos realmente quieren saber quién eres?

¿Quieres que quieran saberlo?

¿Detrás de las máscaras?

¿Quieres saber?

¿Quién

ERES

?

¿Quién eres? ¿Quién soy?

Nadie lo sabe ni lo sabrá

Jamás

una tirada de dados

abolirá

el

AZAR

(Un coup de dés jamais n'abolira le hasard)

Necesito un sí o un no, puede ser un quizás...

cualquier ruido que corte este silencio

este monólogo

este flujo de conciencia

este soliloquio

esta conversación conmigo mirando mis botones, quiero arrancarlos todos, uno por uno, en la plaza pública, para que ya no sean un secreto, para que ya no sean solo míos

es mucho más elegante decir no, sin decir nada

solo que yo soy casi autista, un tonto, un soñador

Que el fracaso haya

venido de una inscripción celular y no de mis decisiones

no haber tenido opción

que hubiera estado escrito desde el comienzo

cuál

sería

el fin

y que no tenga culpa entonces

del resultado

de lo que hice

de mí

El mensaje fue eliminado.

El mensaje fue eliminado.

El mensaje fue eliminado.

El mensaje fue eliminado.

El mensaje fue eliminado.

me metería en tu casa, en tu cuerpo, en tu alma. En la madrugada, ¿recuerdas?

Tomo un ácido

Tomo ayahuasca

Siento a Artaud en la piel

Grito sus glosolalias

O Kre o puc ti le

Quiero ser cualquiera menos yo

Para ser menos esto

Para ser más aquello otro

Para ser un sinvergüenza

Sin arrepentimiento

Sin culpa

Tengo un programa

Tengo un proyecto

Voy a atraerte hasta aquí

Y encerrarte para siempre

En este cuarto oscuro que parece más un calabozo

Mi cuarto, mi calabozo, mi prisión

Te traigo aquí cerquita

Y morimos los dos

Sofocados

Sin aire

Te mato así

(La luz del interior se apaga. Para el texto que sigue, la posición se invierte nuevamente. Él vuelve a estar del lado de afuera, en el mismo lugar de siempre. Dentro, “ella” está acostada sobre la mesa como desmayada, cuelgan una pierna, un brazo. Del lado de afuera, la luz se enciende sobre el Stalker. El contador vuelve a ponerse en marcha.)

Te llamé en el sueño, ¿oíste?

Era un sueño, tuyo, no mío, te llamé por tu nombre, pero no oíste...

Disculpa los delirios, es que este es el único lugar donde puedo habitar

Una diferencia

Un desliz

Un desvío

De la muerte hacia la vida

Por un accidente

Un error

Un azar

Agua en la calle

Te resbalas y mueres

Pero yo sigo aquí

Impasible
Narro tu lenta muerte
Tu cuerpo
Siempre deseado por todos
Ahora
Destrozado
En la calle
Helada
Tu cuerpo
Despedazado
En la camilla de los enfermeros
En la marca, en el límite, en lo liminar
Ellos tratan de reanimarte
Descargas
Sacudones
Adrenalina en la corriente sanguínea
Te mueres de todas formas
Tu cuerpo helado
Tu cuerpo frío
Son pedazos
Pedazos de mí
Que no encajan nunca
Siempre único, único, único
Amparo de los desencajados desilusionados desesperados
Desamparo de los muertos y de los que se quedaron
Debía haber tenido una voz
Debía haber sido una voz
mil disculpas, J
es muy difícil establecer una relación entre 2 autores sin forzar las cosas

(El contador se detiene y muestra la suma total del día. Ella se levanta de la mesa, se limpia la sangre falsa de la cara, se pone una bata, zapatillas, toma sus cosas, apaga la luz y sale.)

¿Por qué será que me gustas tanto?
Este afecto va contra todas las posibilidades...

(El contador empieza a ir rápidamente hacia atrás, vuelve a marcar 0,00.)

...

FIN

LA FORMA DEL AFECTO

LISANDRO RODRÍGUEZ

Nota:

Ni los movimientos ni las palabras son definitivos. Este material no tiene un valor literario, mucho menos dramático. En todos los casos, serán apuntes para no perdernos tanto, una excusa para encontrarnos de manera presencial y ver qué nos pasa.

Cámara gesell.

Un joven y NN.

Sobre el vidrio:

Buenos días.

Pueden comenzar.

NN camina hacia la silla. Se tropieza. Cae. Se vuelve a levantar. Se vuelve a caer. Saca una botella de su cartera. Toma. Mira alrededor. Se levanta. Se asoma por el vidrio, hace visera con la mano. Balbucea algo. Se vuelve a caer. Se cae la botella. Se rompe. Estallan los vidrios. NN se corta. Sangra. Se limpia con el buzo la frente. Se corta la cara. Saca otra botella de la cartera. Va hacia la silla. Se sienta. Se cae de costado. Toca todo lo que puede. Deja marcas de sangre en el piso, en la mesa, en el vaso sobre la mesa, en la silla, en la azucarera. Balbucea algo imperceptible. Se incorpora. Se sienta en la silla. Lloro. Se seca las lágrimas. Lloro. Se vuelve a secar las lágrimas. Toma. Saca una pila de portarretratos de una bolsa que lleva colgada en su mano. Los coloca en el espacio. Los mira. Cambia una foto por otra. Toma. Vuelve a tomar. Se hace pis encima. Se cae. Se golpea la frente. Sangra la frente. Un agujero en la frente. Se pone azúcar en la frente. Se tapa el agujero de la frente con azúcar. Se levanta. Recorre el lugar. Acomoda un portarretrato. Saca otra botella de la cartera y la revienta contra el vidrio. Cae el líquido y lo mira. Se sienta y toma. El joven se levanta de la silla y comienza a acomodar el espacio. Limpia todo. Limpia a NN. NN se deja limpiar. Le cambia la ropa. NN se deja cambiar la ropa. El joven le da agua a NN. El joven toma de la mano a NN y se sienta a su lado.

NN: No sé qué pasa. Puede empeorar. Las internaciones, las ambulancias, las operaciones. No sé si dos o más te diría. No me acuerdo. Y ahora con el tratamiento que parece dar los resultados esperados, pero que nunca se sabe. Es para siempre. No se puede cortar de un día para el otro. Si deja de funcionar no sé si hay otra cosa que se puede hacer. Yo tengo la suerte de tener atención privada. De todos modos, me encontré un montón de veces con situaciones que no me la hicieron fácil. Mi privada no tiene convenios para lo mío. Y gracias a un amigo que intercedió pude avanzar algo, pero después me tuve que cambiar. Me llevaron de un lado al otro. Es todo muy caro. No se pude elegir. No debería ser así. Hay que poder elegir y que la privada te cubra. En mi caso la privada sabía que año tras año yo me hacía todos los estudios. No fue negligencia. Me enteré de lo que tenía y dos meses antes ya me había hecho la extracción de células y me había dado todo bien. Entonces no fue negligencia. Entonces no fue que me contagié de un mosquito porque no me puse repelente o porque dejé un tacho con agua en el jardín de mi casa o porque no le pase alcohol a los tomates. Es muy difícil que te digan, estás enferma. Y las privadas te lo dicen así de fácil y después te lo hacen difícil. Y yo que siempre confío mucho. Soy de confiar, por naturaleza. Pero yo no quiero ni pensar en las personas que no tienen donde atenderse, o sin cama, o que no conocen a nadie. ¿Qué pasa con los que no tienen contactos estrechos en la privacidad? Borges, una vez me dijo: yo hago lo que hago porque es una necesidad mía y si no, no lo hago. Te estoy hablando de Borges. No sé si me entendés. Pero la necesidad del tipo era escribir, armar relatos, laberintos, no sé; el tipo no tenía que curarse, porque no estaba enfermo. Está bien que se estaba quedando ciego, pero yo te hablo de otra cosa. Estar ciego es estar ciego, es una ceguera por los motivos que sean, pero esto es otra cosa. La cosa es no saber. No saber te mata. A mí no me lo cuentan porque yo estuve sentada al lado del tipo. ¿Mirá lo que es esta foto? Veintitrés años tenía ahí. Ese año fue el año en que lo raje a mi papá porque... no, preferiría no hablar de eso. Yo ando con la foto de Borges porque si no la gente no te cree. Encima tenés que luchar contra la incredulidad de las personas que te rodean. Es insoportable creer tanto y que a una no le crean. Yo no lucho más por eso. Yo te muestro la foto. Te pongo la prueba sobre la mesa. Que te digan que tenés que tomar consciencia de que te podés morir. Pensas que sos sana y de golpe sos una enferma. Te ponen un cartel como si fueras una casa en venta. De todos modos, yo soy muy positiva. Empecé a pensar y a averiguar qué hacer para curarme. Para seguir viviendo. Pero curar curar, no te curas más. Podes mejorar pero una vez que te pusieron el cartel, ahí te queda, impregnado. La supervivencia te da energía. Es una lucha. Hablemos de violencia. Yo nunca pensé en la muerte. Siempre pensé que sería una vieja como cualquiera. Me ayudó muchísimo creer en Dios, porque vos necesitás algo de dónde agarrarte. En mi caso es Dios. Pedir que me ayude, que me de fuerza. Una de las cosas que más me ayudaba en ese momento era pensar: es terrible lo que me está pasando, pero gracias a Dios me está pasando a mí y no a mis hijos. No sé porque te estoy contando todo esto. No hubiera soportado que les haya pasado esto a ellos. Yo me la voy a bancar, pensás en ese momento. Después son momentos de no dar más, que son demasiado, pero bueno. Tengo mala memoria. Hay veces que trato de acordarme de cosas, pero me las olvido. No retengo bien. El hospital es una cárcel. Odio la comida del hospital. Vuelvo al hospital y me siento un tiburón pero como invertido. No sé si me entendés. Todo ese olor a sangre. Desarrollé un olfato especial. Me agarran náuseas. Ganas de escapar. Mis hijos y mi marido, no me creen, dicen que exagero. Ellos son varones, por eso me lo dicen. Para mortificarme. Para mí es todo horrible. Se comen la comida. Se chupan los dedos. Y mientras comen yo los miro y a pesar de todo ese olor a sangre sigo pensando en el futuro con ellos, volver a trabajar. Soy actriz. Quiero hacer una película. Un papel

chiquito nada muy grande. Soy actriz, además de enferma. Y sueño. Sueño con ver a mis nietos. Además, ahora que tengo consciencia de la muerte me siento en ventaja en el sentido de la experiencia, y además ya pienso que voy a vivir muchos años más. Ya se me pasó ese miedo inicial. El miedo muta también, toma otras formas. Hay que hacer base. Siempre pienso en la base. Primero me dijeron que había un tratamiento básico. Descargas y sustancias químicas, nada más que eso. Pero de base no hay nada ahí. La cosa era así: son dos meses de descargas y cuatro de aplicaciones con sustancias químicas, me dicen. Al primer lunes después de las sustancias químicas ya no pude fumar más. Fatal. Imaginate. Yo si no fumo no puedo ir al baño, ¿entendés? Eso también es complicadísimo. Y después de las descargas, terapia interna. ¿Sabés lo que es eso? Imaginate. Te entran por la vagina y desde ahí arrancan. Y lo hacen porque nosotras tenemos un túnel y ahí te hacen lo que quieren, está habilitado y yo confío; y porque siempre se pudo trabajar en esa zona y nadie dice nada. ¿Quién los detiene? Años haciéndome los estudios, ¿para qué? Se van para adentro y se pierden, no sé si me explico. Vos estas muerta, entregada, inconsciente, solo confiando. Hay un 85 por ciento de probabilidades de éxito y un 15 de fracaso. Al mes me hicieron una tomografía y no había dado resultado. Soy del equipo del 15 por ciento. O sea, fracasé. No se puede generalizar tampoco. No somos un número. No somos un porcentaje. No nos pueden separar en grupos como si fuéramos vacas. Y de mientras ahí atrás, en la vidriera, te comes un sandwich de miga con Coca Cola. Somos sujetos. Hola. Pensamos. Nos pasan cosas. Vos me preguntas que tiene esta botella y yo no sé lo que tiene. La tomo. Lo tomo porque creo tener ganas, deseo. Porque me la pusiste adelante y yo voy y la tomo. Confío en que no me vas a matar con lo que me pones adelante. Y si me matás. ¿De quién es la responsabilidad? ¿La tomo porque tenía la necesidad de tomarla o porque me la pusiste adelante de mis ojos? Qué importa. Y si quiero leo la etiqueta y puedo saber más o menos lo que tiene. Y si quiero no la leo y vos por eso no me vas a venir a estudiar como si fuera un fenómeno. Hace lo que quieras igual. No me importa. ¿Qué tienen las descargas electromagnéticas, con que productos te lavan, y las vacunas, las sustancias químicas, los guantes con los se te meten hasta el fondo, dónde está ahí el etiquetado frontal, hijo de puta? Me cago en tus buenos modales. Me cago en los modales de esta caja registradora. Nadie te dice nada. ¿Tenés miedo? ¿Te pensás que yo no tengo miedo? Me hice actriz por miedo. Para darle una forma, pero los personajes me hundieron. Ponerme pelucas, hacer voces, inventar peleas. No me interesa todo eso. Yo no tengo bronca por suerte, no entiendo eso de vivir del resentimiento. Todo esto es de verdad, es cierto, es siniestro. No puedo inventar una historia. Tengo la mía. Es suficiente. Me quedo con el noticiero. Es menos pedante. La cuestión es que después de todo esto que te conté, me recomiendan la extirpación total, que es cuando te vacían, o sea, te sacan todo. En noviembre me la hicieron. Ahí pensé, ¿por qué no me matas, hijo de puta? Pero no se lo dije porque yo confío en los médicos. A los cinco días me dan el alta. A los tres días de estar en mi casa, me da una infección y empiezo a estar mal de nuevo. Fijate: fiebre. Fiebre. Mucha fiebre y vómitos, mareos, y diarrea y náuseas y fiebre. Fiebre constante. No muy alta, pero constante. Estuve mal. Mal pero muy mal. Me caía. Estaba parada y me caía. Estaba en la cocina calentando agua y me caía. Estaba en la silla leyendo el diario y me caía. Para un costado como si estuviera dormida. Estar enferma es como en una cueva. Una especie de submarino. Estar pendiente de algo invisible. No se puede tocar. No puedo hablarle. Si pudiera mirarlo a la cara, decirle algo. Es un mal sueño. Acá estoy despierta. O sea. No me responde el equilibrio, pero estoy. Yo debería ser bailarina. La bailarina sabe luchar contra la gravedad, le hace frente a ese conflicto ahí mismo, en el presente. No arma ficción. Es el conflicto hecho y derecho. La lucha perfecta. Le pelea más digna. Yo

no tengo esas herramientas. Me quedo corta. Me caigo de la cama, me caigo del dolor. Pero un dolor que es como, no sé cómo explicarlo. Como si te estrangularan el estómago con una tanza de pescador. Estaba tan mal que no podía ni hablar de tanto dolor. Ahora hablo. Hablo todo lo que puedo. No tengo mucho tiempo, pienso. Es el tiempo que me dieron. Soy un resto. No está bien pensarse como resto. Tampoco está bien hacerse la tonta. Me llevaron de vuelta al hospital. Ahí estuve un mes. En ese mes... Eso casi no me lo acuerdo, pero me hicieron de todo. Me hicieron lavados, yo sentía que no paraban de meterme y sacarme cosas. Porque el cuerpo está lleno de cosas. Una cree que no pero hay de todo adentro del cuerpo. Y la capacidad que tiene el cuerpo para recibir; con los brazos abiertos te recibe el cuerpo. Porque el cuerpo también confía. Le metemos cualquier cosa al cuerpo. De todo me hicieron. Una masacre. Pasé la Navidad en el hospital y me dieron el alta un 30 de diciembre. Los médicos me trajeron de regalo una Santa Rita blanca en una maceta. Con una caña en el medio que le hacía de tutor. Siempre me gustó eso del tutor en las plantas. Yo no tuve tutor. Preciosa la planta. Me quedaba medio hipnotizada mirándola. En el hospital hay que sobrevivir con la ilusión de reencontrarse con el sol. Por eso lo de la cárcel que decía. Parecía un centro de mesa gigante esa planta. Preciosa. Fina, como a mí me gusta. Como sacada de esos jardines donde los novios se hacen las fotos de casamiento. Cuando me dieron el alta, llegué a mi casa, y la planté en una esquina del jardín. A media sombra. Vos sabes que a los dos días se le caen todas las flores. Se había afiebrado, la raíz, cuando la trasplanté. Una bronca. Parece que es una planta muy jodida y muy frágil. Yo no sabía. Pensé que era un bicho que se le había metido. Esos pulgones que le dicen. Me enteré después de lo de la enfermedad. Resulta que al lado mío, en la internación que tuve, a los meses cayó un tipo que tenía vivero y me contó. Que le agarra fiebre a la raíz. Son muy putas esas flores, me decía, hay que tener cuidado. Re putas, le repetía yo. Como afirmando lo que el tipo decía. Yo maté de fiebre a la Santa Rita, ¿entendés? Yo también soy re puta como la planta. Eso pensaba mientras me hablaba el señor del vivero. Pesaba 45 kilos. Que tonta. No puedo creer que esto me haga llorar. ¿Será que esto no lo pienso nunca? Gracias. De a poco me empecé a sentir mejor, a recuperarme de todo esto, entonces me hicieron un estudio. Dio mal de nuevo. La enfermedad estaba ahí. No se había ido. En la casa de mi papá comíamos en silencio. Teníamos techo de madera. Había un grillo topo que se la estaba comiendo. Los tirantes se comía. Y el chiste era descubrirlo, intentar escucharlo. Era apenas audible. Nunca lo vimos al bicho. Van comiendo la madera hasta que ya no le queda fuerza y se quiebra. Se ahueca. Queda frágil. La tuvimos que cambiar para que no se caiga el techo. A veces lo escuchábamos más nítido, pero nunca dimos con él. No le vimos la cara. Esa presencia marcó mi infancia. A mí me quedaban células todavía. Me dijeron que descanse un poco, que en marzo tenía que empezar de nuevo con las sustancias químicas. Me sentía muy mal. Yo nunca me quise morir. Soy positiva. Siempre pienso que todo va a ser para mejor. Confío mucho en los médicos. Confío mucho en las personas. No sé si eso es bueno. Me entrego como si nada. Entrego tanto que a veces que me agarra fiebre de tanta entrega. Las sustancias químicas son tremendas. A mí no se me cae el techo. Se me cayeron las pestañas, las cejas. La dignidad. Ando con vergüenza. Por eso me encierro. Soy como los animales. Mi marido me atendía el teléfono porque yo tenía vergüenza de hablar. No sé por qué hablo. Un día me estaba bañando y me quedé con un mechón de pelos en la mano. Yo odio las pelucas, pero ya había averiguado. Ese mismo día, salí de la ducha y me fui al negocio. Le pedí a la chica que me pase la maquinita. Me miré al espejo y se me vino un juego que hacíamos con mi papá y pensé... no, preferiría no hablar del tema. Ese día me fui con la peluca puesta. Todo el mundo me decía que me quedaba bien. ¿Qué me iban a decir? Yo sabía

que me quedaba horrible. La usaba porque no me quedaba otra. Cuando terminé con las sustancias químicas y el pelo me creció un poquito ya dejé de usarla. En casa usaba gorros de lana y eso. No quería que mi marido me viera así. Después me acostumbré. Antes de todo esto lo amaba. Imaginate ahora. Él no decía nada, no le importaba. Al principio me ponía pañuelo para dormir. Terminé con las sustancias y al mes me hicieron una tomografía y resulta que todos los químicos que me habían metido en el cuerpo tampoco habían dado resultado. Ahí la doctora me habló de la terapia defensiva, y fue la primera vez que le pregunté: ¿vale la pena? Ah, bueno, me saltee una parte. No sé si es interesante que cuente todo esto. En la internación esa larga que te dije, en uno de esas limpiezas que me hicieron, me perforaron... Esa operación fue en el 2018 y en el 2019 intentaron arreglarme, pero no pudieron, así que me tuvieron que... no, no quiero hablar de eso. Ahí es cuando apareció el señor del vivero y me dijo lo de la fiebre de la Santa Rita. En la mitad de la operación salieron a decirle a mi marido y a mis hijos que no me podían arreglar lo que habían hecho y que me iban a tener que seguir abriendo. La operación duró horas. En un momento salieron a decirle que no, que estaba imposible la cosa, que me tenían que hacer esto de... perdón.

El mayor, creo, le dijo al médico: “No, doctor, ella no puede soportar eso que dice que le van a hacer”. Entonces el médico le preguntó a los otros dos, como buscando cierta complicidad o apoyo: “¿Ustedes qué quieren hacer con su mamá?” Lo que sea pero no la mate, le dijo el más chico. Cuando me desperté, lo miré al médico. Yo lo amaba mucho a ese médico. ¿Qué me hicieron, doctor? Pensé que no iba a poder soportarlo,... pero aquí estoy. Yo confío mucho en las personas. Las mujeres nos acostumbramos a todo. Después empecé con la terapia defensiva. Yo me imaginaba una especie de equipo de fútbol con muy pocos recursos, pero defendiendo el resultado a morir. A mí no me gusta el fútbol, pero en casa son muy futboleros y con el tiempo fui aprendiendo conceptos. Me imaginaba a todos los jugadores ocupando todo el arco sin dejar ni un espacio libre para que entre la pelota. Algo así me imaginaba o como si lo soñara despierta. No sé. Por ahora estoy mejor. La diferencia entre la terapia defensiva y la terapia de sustancias químicas es que la defensiva fortalece las células buenas para que luchen contra las malas mientras que la otra, la de las sustancias químicas, arrasa con todo, se lleva puesto lo que venga. No entiendo por qué no hicieron eso antes. Por ejemplo, en Australia, una ráfaga de viento levantó un castillo inflable y murieron cinco niños. En Italia, ofrecen trabajo por seis mil euros mensuales.

En Rosario, un policía molió a palos a un señor por estacionar mal su camioneta.

En Belgrano, una mujer le dijo “negra de mierda, no me toques” a otra mujer policía.

Todo eso en el mismo día.

No sé cuánto sale todo esto, pero sale muchísimo. La primera operación tuve que pagarle y era una fortuna. No me acuerdo exacto, pero como si te dijera el precio de dos autos cero kilómetros. Bueno, esa operación, el inicio de todo esto, no funcionó.

En Punta del Este, un hombre desde un helicóptero, tiró un chanco a la pileta de un amigo.

En Estados Unidos, un árbitro fue apuñalado en la cabeza por un luchador de lucha libre en el medio de la pelea.

En Chubut autorizaron a una empresa canadiense a explotar 2500 hectáreas para extraer cosas de la tierra y llevarlas a cambio de puestos de trabajo.

No es de bien pensante, es solo que no tolero la ficción. Me adormece. Me anestesia. Y yo necesito estar despierta para ver si escucho algo. Quiero bailar. Sueño que bailo con mi nieto. Voy a ser abuela

dentro de poco. Va a ser un varón, pero soñé que era una nena y que le habían comprado unos aritos horribles y yo se los cambiaba. Eran tan feos. Grandotes, de oro, ordinarios, y yo se los cambiaba por unas perlititas chiquitas, sutiles, como me gustan a mí. Pesadillas no tengo porque nunca pienso que le van a pasar cosas feas a mis hijos. Me asustaba cuando el más chico viajaba, cuando hacía esos viajes raros de comunidades aborígenes o no sé cómo se le dice, con toda esa gente pobre, descalza pisando la tierra y esas cosas que le atraen a los pibes que piensan que van a cambiar el mundo. A mí que me importa. A mí me duele la panza. A mí se me revuelve el estómago. A mí me da fiebre todo el tiempo. Pero me la pasaba pensando en mi hijo cuando se iba y eso me hacía mal. Las mamás sufrimos mucho. No tenés idea lo que sufrimos las madres. Si tenía hambre, frío, si le pasaba algo malo, si lo violaban, pero no pienso más cosas feas. No soy negativa. No pienso que le va a pasar algo feo a la gente que quiero. Siempre pienso cosas buenas.

A mí me gustaría morirme como todo el mundo, durmiendo. No me gustaría morirme de madrugada en una terapia. Así se murió mi papá. Es horrible. Estuvo en coma diecisiete días, pero nunca supe si tuvo o no un momento de consciencia, si se despertó y levantó la vista y no vio a nadie alrededor. Yo no quiero estar en una terapia sabiendo que me estoy muriendo. Es una barbaridad lo que estoy diciendo, pero si me estoy muriendo me gustaría que haya un amigo, alguien ahí para que me facilite las cosas. No quiero que me vean enferma. Somos animales. Apagá la cámara, hijo de puta. Yo creo que uno debería tener la opción de poder elegir cuando ya no hay más nada que hacer. Si me llega a escuchar mi hijo. Para él debe ser terrible que yo hable así. A veces pienso en esas personas que están años en una cama, postradas. Yo soy de las que piensan que hay que luchar hasta el último minuto, pero cuando no queda nada... ¿Cuál es el sentido? Yo no se lo encuentro y creo que uno debería tener la opción de elegir. Mi papá era un fenómeno. Tenía debilidad por él. Nunca estuvo muy presente igual. Cuando tenía nueve años ya se había ido. Tenía problemas económicos. Recién a los quince años me trajo a vivir a capital. Era muy... no, no quiero hablar de mi papá. Ya hablé un montón y me parece suficiente por hoy. Ojalá viva muchos años más. No quiero sufrir. Yo tenía un amigo muy querido que tenía cáncer y en plena conciencia de sus facultades, cuando aún estaba bien y nos tomábamos un vinito juntos, me contó que ya había averiguado a dónde viajar para morir tranquilo cuando ya no haya más nada que hacer. Lo había hablado con su mujer y sus hijos y todos lo apoyaban en su decisión. Después eso no pasó porque se volvió a enfermar, estuvo muy mal, tan mal que dejó de disfrutar de las cosas que lo hacían feliz y de a poco se fue apagando. No lo vi el último tiempo, él no quería. Tenía vergüenza como yo, nos guardamos cuando nos duele. Nos retiramos para aliviarnos, para no ser una carga. Sabemos escondernos. Aprendemos a pasar desapercibidos. Elegimos los lugares tranquilos, silenciosos, oscuros. ¿Será que ya estaremos muertos y nadie nos dijo nada? Mi amigo no se murió como él quería. ¿Por qué cuesta tanto morir? ¿Será que las personas...

Sobre el vidrio:

Está bien. Gracias.

Los obsequios les llegarán en unos días a sus domicilios.

Se pueden retirar.

NN intenta levantarse de la silla y se tropieza. Cae. Se vuelve a levantar. Se vuelve a caer. Saca una botella de su cartera. Toma. Mira alrededor. Se levanta. Se asoma por el vidrio. Hace visera con la mano.

Balbucea algo. Se vuelve a caer. Se cae la botella. Se rompe. Estallan los vidrios. NN se corta. Sangra. Se limpia con el buzo la frente. Se corta la cara. Saca otra botella de la cartera. Va hacia la silla. Se sienta. Se cae de costado. Toca todo lo que puede. Deja marcas de sangre en el piso, en la mesa, en el vaso sobre la mesa, en la silla, en la azucarera. Balbucea algo imperceptible. Se incorpora. Se sienta en la silla. Llorra. Se seca las lágrimas. Llorra. Se vuelve a secar las lágrimas. Toma. Saca una pila de portarretratos de una bolsa que lleva colgada en su mano. Los coloca en el espacio. Los mira. Cambia una foto por otra. Toma. Vuelve a tomar. Se hace pis encima. Se cae. Se golpea la frente. Sangra la frente. Un agujero en la frente. Se pone azúcar en la frente. Se tapa el agujero de la frente con azúcar. Se levanta. Recorre el lugar. Acomoda un portarretrato. Saca otra botella de la cartera y la revienta contra el vidrio. Cae el líquido y lo mira. Se sienta y toma. El joven se levanta de la silla y comienza a acomodar el espacio. Limpia todo. La limpia a NN. NN se deja limpiar. Le cambia la ropa. NN se deja cambiar la ropa. El joven le da agua a NN. El joven toma de la mano a NN y se sienta a su lado. Golpean la puerta.

...

FIN

A FORMA DO AFETO

LISANDRO RODRÍGUEZ

Tradução: LUCIANA DI LEONE

Observação:

Nem os movimentos nem as palavras são definitivos. Este material não tem um valor literário, muito menos dramático. No máximo, serão apontamentos para não nos perdermos tanto, uma desculpa para nos encontrarmos presencialmente e ver o que acontece conosco.

Câmara Gesell.

Um jovem e NN.

Sobre o vidro:

Bom dia.

Podem começar.

NN caminha até a cadeira. Tropeça. Cai. Levanta novamente. Cai novamente. Tira uma garrafa da bolsa. Bebe. Olha em volta. Se levanta. Se apoia no vidro e olha através dele, faz uma viseira com a mão. Murmura alguma coisa. Cai novamente. A garrafa cai. Quebra. O vidro estralhaça. NN se corta. Sangra. Limpa a testa com o moletom. Tem cortes no rosto. Tira outra garrafa da bolsa. Vai até a cadeira. Senta. Cai de lado. Toca em todo o que consegue. Deixa marcas de sangue no chão, na mesa, no copo da mesa, na cadeira, no açucareiro. Murmura algo imperceptível. Se incorpora. Senta na cadeira. Chora. Seca suas lágrimas. Chora. Enxuga as lágrimas novamente. Bebe. Tira uma pilha de porta-retratos de uma bolsa que leva pendurada em sua mão. Os distribui no espaço. Olha para eles. Troca uma foto por outra. Bebe. Bebe novamente. Se mijá. Cai. Bate a testa. A testa sangra. Um buraco na testa. Coloca açúcar na testa. Cobre o buraco na testa com açúcar. Se levanta. Percorre o lugar. Ajeita um dos porta-retratos. Tira outra garrafa da bolsa e a arremesa contra o vidro. O líquido cai e o olha. Se senta e bebe. O jovem se levanta da cadeira e começa a arrumar o espaço. Limpa tudo. Limpa NN. NN se deixa limpar. Ele lhe troca as roupas. NN deixa que troquem a sua roupa. O jovem dá água a NN. O jovem pega NN pela mão e senta ao seu lado.

NN: Não sei o que está acontecendo. Pode piorar. Internações, ambulâncias, cirurgias. Não sei se dois ou mais, eu acho. Não me lembro. E agora com o tratamento que parece dar os resultados esperados, mas nunca se sabe. É para sempre. Não pode largar de um dia para o outro. Se parar de funcionar, não sei se há mais alguma coisa que possa ser feita. Tenho a sorte de ter plano particular. Enfim, muitas vezes me deparei com situações que não facilitavam as coisas. Meu plano não tem convênios para meu caso. E graças a um amigo que intercedeu, consegui avançar, mas depois tive que mudar. Me levaram de um lado para o outro. É tudo muito caro. Não dá para escolher. Não deveria ser assim. Você deveria poder escolher e que o plano cubra. No meu caso, o plano sabia que todos os anos eu fazia todos os exames. Não foi negligência. Descobri o que tinha mas dois meses antes já tinha feito a extração das células e estava tudo bem. Então não foi negligência. Então não foi que peguei por um mosquito porque não passei repelente ou porque deixei um balde de água no jardim da minha casa ou porque não passei álcool nos tomates. É muito duro quando te falam: você está doente. E no plano eles falam assim tão fácil e depois tornam tudo difícil. E eu sempre confio muito. Sou de confiar por natureza. Mas eu não quero nem pensar nas pessoas que não têm onde se tratar, ou não conseguem cama, ou que não conhecem ninguém. E aqueles que não têm contatos próximos na privataria? Borges me disse uma vez: Faço o que eu faço porque é uma necessidade minha, e se não for, não faço. Estou falando de Borges. Não sei se você me entende. Mas a necessidade do cara era escrever, montar histórias, labirintos, sei lá; o cara não precisava ser curado, porque ele não estava doente. Tudo bem que ele estava ficando cego, mas estou te falando de outra coisa. Estar cego é estar cego, é cegueira pelos motivos que forem, mas isso é outra coisa. A coisa é não saber. Não saber te mata. Eles não me dizem porque eu estava sentada ao lado do cara. Olha essa foto? Vinte e três anos tinha. Aquele ano foi o ano em que botei meu pai para fora porque... não, prefiro não falar sobre isso. Ando com a foto de Borges porque senão as pessoas não acreditam. Ainda por cima, você tem que lutar contra a descredito das pessoas ao seu redor. É insuportável acreditar tanto, mas que ninguém acredite em você. Não brigo mais por isso. Eu mostro a foto. Coloco a prova em cima da mesa. Que te falem que você tem que estar ciente de que você pode morrer. Você pensa que está saudável e aí de repente é uma doente. Eles colocam um cartaz como se você fosse uma casa à venda. De qualquer forma, sou muito positiva. Comecei a pensar e investigar o quê fazer para me curar. Para continuar vivendo. Mas curar, curar, não se cura mais. Você pode melhorar, mas uma vez que eles colocam o cartaz, aí fica, impregnado. A sobrevivência dá uma energia. É uma luta. Vamos falar sobre violência. Nunca pensei na morte. Sempre pensei que seria uma velha como qualquer outra. Me ajudou muito acreditar em Deus, porque você precisa de alguma coisa onde se segurar. No meu caso foi Deus. Pedir para ele me ajudar, para me dar força. Uma das coisas que mais me ajudou naquele momento foi pensar: o que está acontecendo comigo é terrível, mas graças a Deus está acontecendo comigo e não com meus filhos. Não sei por que estou lhe contando tudo isso. Eu não poderia tolerar que isso acontecesse com eles. Eu vou conseguir aguentar, você pensa naquele momento. Depois, há momentos de não dar mais, que é demais, mas fazer o quê. Eu tenho memória ruim. Às vezes tento me lembrar das coisas, mas as esqueço. Eu não retenho bem. O hospital é uma prisão. Eu odeio a comida do hospital. Volto ao hospital e me sinto um tubarão, mas invertido. Não sei se você me entende. Todo aquele cheiro de sangue. Desenvolvi um olfato especial. Fico enjoada. Com vontade de fugir. Meus filhos e meu marido não acreditam em mim, dizem que estou exagerando. Eles são homens, por isso eles falam. Para me mortificar. Para mim é tudo horrível. Eles comem a comida. Lambem os beijos. E enquanto eles comem eu olho para eles e apesar de todo aquele cheiro de

sangue continuo pensando no futuro com eles, voltando ao trabalho. Eu sou atriz. Eu quero fazer um filme. Um papel pequeno, nada muito grande. Eu sou atriz além de doente. E sonho. Sonho com conhecer meus netos. Além disso, agora que tenho consciencia da morte, me sinto que estou com vantagem em termos de experiência e, além disso, já acho que vou viver muitos mais anos. Esse medo inicial passou. O medo também sofre mutações, assume outras formas. Tem que ter uma base. Eu sempre penso na base. Primeiro me disseram que havia um tratamento básico. Descargas e químicos, nada mais do que isso. Mas de base não há nada lá. A coisa era assim: são dois meses de descargas e quatro de aplicações de substâncias químicas, me disseram. Na primeira segunda-feira depois dos químicos, não consegui mais fumar. Fatal. Imagina. Se eu não fumar não posso ir ao banheiro, entende? Isso também é muito complicado. E depois das descargas, terapia interna. Você sabe o que é isso? Imagina. Eles entram pela vagina e daí começam. E eles fazem isso porque nós temos um túnel e lá eles fazem o que eles querem com você, é autorizado, então eu confio; e porque sempre foi possível trabalhar nesse lugar e ninguém fala nada. Quem os impede? Anos fazendo meus exames, para quê? Entram e se perdem, não sei se estou me fazendo entender. Você está morta, entregue, inconsciente, apenas confiando. Há 85% de chances de sucesso e 15% de chances de fracasso. Um mês depois fizeram uma tomografia, não deu certo. Eu sou do timedo 15 por cento. Quer dizer, eu falhei. Também não dá para generalizar. Não somos um número. Não somos uma porcentagem. Eles não podem nos separar em grupos como se fôssemos vacas. E enquanto isso lá atrás, na vitrine, você come um salgado com refresco. Somos sujeitos. Oi. Pensamos. Nos acontecem coisas. Você me pergunta o que tem nesta garrafa e eu não sei o que tem. Eu tomo. Tomo porque acho que tenho vontade, desejo. Porque você colocou na minha frente e eu vou e tomo. Eu confio que você não vai me matar com o que você colocou na minha frente. E se você me matar, de quem é a responsabilidade? Eu tomo porque eu tinha a necessidade de tomar ou porque você colocou na frente dos meus olhos? Quê importa? E, se eu quiser, eu leio o rótulo e posso saber mais ou menos o que tem. E, se eu quiser, não leio e não é por isso que você vai vir me estudar como se eu fosse um fenômeno. Faz o que você quiser. Estou nem aí. O quê têm as descargas eletromagnéticas? Com quais produtos lavam você? E as vacinas, as substâncias químicas, as luvas com que chegam ao fundo, onde está o rótulo frontal, seu filho da puta? Vão se foder os seus bons modos. Vão se foder os modos desta caixa registradora. Ninguém te diz nada. Você está com medo? Você acha que eu não tenho medo? Virei atriz por medo. Para achar uma forma, mas os personagens me afundaram. Colocar perucas, fazer vozes, inventar brigas. Não estou interessada em tudo isso. Felizmente não tenho raiva, não entendo isso de viver de ressentimentos. Tudo isso é verdade, é verdade, é sinistro. Não consigo inventar uma história. Eu tenho a minha. É suficiente. Fico com o telejornal. É menos pedante. A questão é que depois de tudo isso que eu te falei, eles recomendam a extirpação total, que é quando te esvaziam, ou seja, tiram tudo. Em novembro eles fizeram. Aí eu pensei, por que você não me mata, seu filho da puta? Mas não disse para ele porque confio nos médicos. Cinco dias depois, tenho alta. Depois de três dias em casa, peguei uma infecção e comeci a me sentir mal novamente. Olha: febre. Febre. Febre alta e vômitos, tontura e diarreia e embrulho e febre. Febre constante. Não muito alta, mas constante. Eu estava mal. Mal, mas muito mal. Eu caía. Estava de pé e caía. Eu estava na cozinha esquentando água e caía. Estava na cadeira lendo o jornal e caía. De lado, como se estivesse dormindo. Estar doente é como estar em uma caverna. Uma espécie de submarino. Estar pendente de algo invisível. Não pode tocar. Não pode falar com ele. Se eu pudesse olhá-lo no rosto, lhe dizer alguma coisa. É um sonho ruim. Aqui estou acordada. Ou seja. O equilíbrio não me

responde, mas estou. Eu deveria ser bailarina. A bailarina sabe lutar contra a gravidade, ela enfrenta esse conflito ali mesmo, no presente. Não monta ficção. É o conflito completo. A luta perfeita. A briga mais digna. Eu não tenho essas ferramentas. Eu fico aquém. Eu caio da cama, eu caio de dor. Mas uma dor que é assim, não sei explicar. Como se estivessem estrangulando seu estômago com uma linha de pesca. Era tão ruim que eu não conseguia nem falar de tanta dor. Agora eu falo. Eu falo o máximo que posso. Eu não tenho muito tempo, eu acho. É o tempo que eles me deram. Sou um resto. Não é bom pensar em si mesmo como resto. Também não há problema em se fazer de bobo. Eles me levaram de volta ao hospital. Fiquei lá um mês. Naquele mês... eu mal me lembro disso, mas fizeram de tudo comigo. Me fizeram lavagens, eu sentia que não paravam de me meter e me tirar coisas. Porque o corpo está cheio de coisas. A gente acha que não, mas tem de tudo dentro do corpo. E a capacidade que o corpo tem de receber, de braços abertos o corpo te recebe. Porque o corpo também confia. Colocamos qualquer coisa no corpo. Fizeram de tudo comigo. Um massacre. Passei o Natal no hospital e tive alta no dia 30 de dezembro. Os médicos me trouxeram de presente uma bugambilia branca em um vaso. Com um bambú no meio que servia de tutor. Sempre gostei disso do tutor nas plantas. Eu não tive tutor. A planta é linda. Ficava meio hipnotizada olhando para ela. No hospital você tem que sobreviver com a ilusão de se reunir com o sol. Por isso o que eu dizia da prisão. Aquela planta parecia um enfeite de mesa gigante. Maravilhosa. Bem do jeito que eu gosto. Como se fosse daqueles jardins onde os noivos tiram as fotos do casamento. Quando tive alta, cheguei em casa e plantei em um canto do jardim. Numa meia sombra. Você sabe que depois de dois dias todas as flores caíram. Ficou febril, a raiz, quando a transplantei. Uma raiva! Parece que é uma planta muito complicada e muito frágil. Eu não sabia. Achei que era uma praga que tinha entrado. Esses pulgões que falam. Depois descobri o da doença. Isso porque, na internação que tive alguns meses depois, caiu do meu lado um cara que tinha um viveiro e me contou. Que a raiz pega febre. Essas flores são muito putas, ele me disse, tem que ter cuidado. Muito putas, eu repetia. Como afirmando o que o cara estava dizendo. Eu matei a bugambilia de febre, entende? Eu também sou uma filha da puta como a planta. Foi o que pensei enquanto o homem do viveiro falava comigo. Pesava 45 quilos. Que tonta. Não acredito que isso me faz chorar. Será que nunca penso nisso? Obrigada. Aos poucos comecei a me sentir melhor, a me recuperar de tudo isso, então me fizeram um exame. Deu errado de novo. A doença estava lá. Não tinha sumido. Na casa do meu pai comíamos em silêncio. Tínhamos um teto de madeira. Lá tinha um grilo toupeira que estava comendo o teto. As vigas comia. E a lance era descobri-lo, tentar escutá-lo. Era quase inaudível. Nós nunca vimos o bicho. Eles vão comendo a madeira até ela não ter mais força e quebrar. Fica oca. Fica frágil. Tivemos que trocar tudo para que o telhado não caísse. Às vezes ouvíamos com mais nitidez, mas nunca o encontramos. Não deu as caras. Essa presença marcou minha infância. Eu ainda tinha células. Eles me disseram que devia descansar um pouco, que em março tinha que recomeçar com os químicos. Me sentia muito mal. Eu nunca quis morrer. Eu sou positiva. Eu sempre acho que tudo vai ser melhor. Confio muito nos médicos. Confio muito nas pessoas. Não sei se isso é bom. Eu me entrego como se nada. Dou tanto que às vezes fico com febre de tanta entrega. Os químicos são tremendos. Meu telhado não caiu. Cairam meus cílios e minhas sobancelhas. A dignidade. Eu ando com vergonha. É por isso que eu me tranco. Eu sou como os animais. Meu marido atendia o telefone para mim porque eu estava com muita vergonha de falar. Não sei do que estou falando. Um dia eu estava tomando banho e fiquei com uma mecha de cabelo na mão. Odeio perucas, mas já tinha pesquisado. Nesse mesmo dia, saí do banho e fui à loja. Pedi para a moça que raspasse. Olhei no espelho e me veio

um jogo que jogamos com meu pai e pensei... não, prefiro não falar sobre isso. Naquele dia eu saí com a peruca. Todo mundo me dizia que ficava bem. O que eles iam me dizer? Eu sabia que ficava horrível. Usei porque não tinha outra opção. Quando terminei com os químicos e meu cabelo cresceu um pouquinho parei de usar. Em casa eu usava gorros de lã e tal. Eu não queria que meu marido me visse assim. Depois acostumei. Antes de tudo isso eu o amava. Imagina agora. Ele não disse nada, não se importou. No começo eu usava um lenço para dormir. Eu terminei com os químicos e depois de um mês eles fizeram uma tomografia e acabou que todos os químicos que tinham colocado no meu corpo também não funcionaram. Ai a médica me falou sobre terapia defensiva, e foi a primeira vez que perguntei a ela: vale a pena? Ah, pera ai, eu pulei uma parte. Não sei se é interessante contar tudo isso. Na internação essa longa que te falei, em uma dessas limpezas que me fizeram, me perfuraram... Essa cirurgia foi em 2018 e em 2019 tentaram me concertar mas não conseguiram, então tiveram que... não, não quero falar disso. Foi quando o homem do viveiro apareceu e me contou sobre a febre de buganbilia. No meio da cirurgia saíram para dizer ao meu marido e aos meus filhos que não podiam consertar o que tinham feito e que teriam que continuar me abrindo. A cirurgia durou horas. A certa altura, eles saíram para dizer que não, que a coisa era impossível, que eles tinham que me fazer isso de... desculpe. O mais velho, acho, disse ao médico: “Não, doutor, ela não pode suportar isso que vão fazer.” Então o médico perguntou aos outros dois, como procurando alguma cumplicidade ou apoio: “O que você quer fazer com sua mãe?” O que for, mas não a mate, disse o mais novo. Quando acordei, olhei para o médico. Eu amava muito aquele médico. O que fizeram comigo, doutor? Achei que não ia suportar... mas aqui estou eu. Eu confio muito nas pessoas. As mulheres se acostumam com tudo. Então comecei a terapia defensiva. Imaginei uma espécie de time de futebol com pouquíssimos recursos, mas defendendo o resultado até a morte. Não gosto de futebol, mas em casa eles são muito fãs de futebol e com o tempo aprendi conceitos. Imaginei todos os jogadores ocupando o gol inteiro sem deixar um único espaço livre para a bola entrar. Algo assim eu imaginava ou como se eu tivesse sonhando acordada. Não sei. Por enquanto estou melhor. A diferença entre terapia defensiva e terapia com substâncias químicas é que a defensiva fortalece as células boas para que possam lutar contra as ruins, enquanto a outra, a terapia com substâncias químicas, destrói tudo, vai acabando com o que aparecer. Não entendo porque não fizeram isso antes. Por exemplo,

Na Austrália, uma rajada de vento levantou um castelo inflável e cinco crianças morreram.

Na Itália, oferecem trabalho por seis mil euros por mês.

Em Rosário, um policial espancou um homem por estacionar a sua caminhonete de forma errada.

Em Belgrano, uma mulher disse “não me toque, sua preta nojenta” para outra policial.

Tudo isso no mesmo dia.

Não sei quanto custa tudo isso, mas é muito. A primeira operação eu tive que pagar e foi uma fortuna. Não me lembro exatamente, mas como se falasse do preço de dois carros zero. Bem, aquela cirurgia, o começo de tudo, não deu certo.

Em Punta del Este, um homem jogou um porco na piscina de um amigo desde um helicóptero.

Nos Estados Unidos, um juiz foi esfaqueado na cabeça por um lutador de luta livre no meio de uma luta.

Em Chubut, autorizaram uma empresa canadense a explorar 2.500 hectares para extrair coisas da terra e levá-las em troca de empregos.

Não é de pessoa sensata, é só que eu não tolero ficção. Me da sono. Me anestesia. E eu preciso estar acordada para ver se escuto alguma coisa. Quero dançar. Sonho que danço com meu neto. Vou ser avó

em breve. Vai ser menino, mas sonhei que era menina e que alguém tinha comprado uns brincos horríveis para ela e eu ia trocar. Eram muito feios. Grandes, dourados, ordinários, e eu trocava por umas pérolas minúsculas, sutis, do jeito que eu gosto. Não tenho pesadelos porque nunca acho que coisas ruins vão acontecer com meus filhos. Ficava com medo quando o mais novo viajava, quando fazia aquelas viagens estranhas às comunidades indígenas ou sei lá como se chama a essas pessoas pobres, que andam descalças pisando na terra, e aquelas coisas que atraem a garotada que acha que vai mudar o mundo. O que importa para mim? Minha barriga dói. Estou embrulhada. Febre o tempo todo. Mas só pensava no meu filho quando ele ia e isso me fazia mal. As mães sofremos muito. Você não faz ideia do que as mães sofrem. E se ele tiver fome, frio, se algo de ruim aconteceu com ele, se o estupraram, mas eu não pensó mais coisas feias. Eu não sou negativa. Eu não penso que algo ruim vai acontecer com as pessoas que eu amo. Sempre penso em coisas boas.

Eu gostaria de morrer como todo mundo, dormindo. Eu não gostaria de morrer de madrugada na UTI. Foi assim que meu pai morreu. É horrível. Ele ficou em coma por 17 dias, mas eu nunca soube se ele teve um momento de consciência ou não, se acordou e levantou os olhos e não viu ninguém por perto. Não quero estar na UTI sabendo que estou morrendo. O que estou dizendo é uma barbaridade, mas se estiver morrendo gostaria que houvesse um amigo, alguém para facilitar as coisas. Não quero que me vejam doente. Nós somos animais. Desligue a câmera seu filho da puta. Eu acho que cada um deveria ter a opção de poder escolher quando não há mais nada a fazer. Se meu filho me escutar... Deve ser terrível para ele que eu fale assim. Às vezes penso naquelas pessoas que passam anos na cama, prostradas. Eu sou daquelas que pensam que você tem que lutar até o último minuto, mas quando não tem mais nada... Qual é o sentido? Não consigo encontrá-lo e acho que a pessoa devia ter a opção de escolher. Meu pai era muito legal. Eu tinha um fraquinho por ele. Igual nunca foi muito presente. Quando tinha 9 anos ele já tinha ido embora. Teve problemas de dinheiro. Só quando eu tinha 15 anos ele me trouxe para morar na capital. Foi muito... não, eu não quero falar sobre meu pai. Eu já falei muito e acho que é suficiente por hoje. Espero viver muitos mais anos. Não quero sofrer. Eu tinha um amigo muito querido que tinha câncer e, plenamente consciente de suas faculdades, quando ainda estava bem e tomávamos uma taçinha de vinho juntos, ele me disse que já tinha pesquisado para onde viajar para morrer em paz quando não houvesse mais nada para fazer. Ele tinha discutido isso com sua esposa e seus filhos e todos o apoiaram em sua decisão. Depois isso não aconteceu porque ele ficou doente de novo, ficou muito mal, tanto que parou de gostar das coisas que o faziam feliz e aos poucos foi se apagando. Eu não consegui ver ele nos últimos tempos, ele não queria. Ficava envergonhado como eu, nos guardamos quando doi. Nos retiramos para sentir alívio, para não ser um peso. Sabemos nos esconder. Aprendemos a pasar despercebidos. Escolhemos os lugares tranquilos, silenciosos, escuros. Será que já estamos mortos e ninguém nos disse nada? Meu amigo não morreu como ele queria. Por que é tão difícil morrer? Será que as pessoas...

Sobre o vidro:

Está bem. Obrigado.

Os brindes vão chegar daqui a alguns dias nos seus endereços.

Podem se retirar.

NN tenta se levantar da cadeira e tropeça. Cai. Levanta novamente. Cai novamente. Tira uma garrafa da bolsa. Bebe. Olha em volta. Se levanta. Se apoia olhando através do vidro, faz uma viseira com a mão. Balbuceia alguma coisa. Cai novamente. A garrafa cai. Quebra. O vidro estralhaça. NN se corta. Sangra. Limpa a testa com o moletom. Tem cortes no rosto. Tira outra garrafa da bolsa. Vai até a cadeira. Senta. Cai de lado. Toca em todo o que puder. Deixa marcas de sangue no chão, na mesa, no copo da mesa, na cadeira, no açucareiro. Murmura algo imperceptível. Se incorpora. Senta na cadeira. Chora. Seca suas lágrimas. Chora. Enxuga as lágrimas novamente. Bebe. Tira uma pilha de porta-retratos de uma bolsa que leva pendurada em sua mão. Os coloca no espaço. Olha para eles. Troca uma foto por outra. Bebe. Bebe novamente. Se mijá. Cai. Bate a testa. A testa sangra. Um buraco na testa. Coloca açúcar na testa. Cobre o buraco na testa com açúcar. Se levanta. Percorre o lugar. Ajeita um dos portarretratos. Tira outra garrafa da bolsa e a arremesa contra o vidro. O líquido cai e o olha. Se senta e bebe. O jovem se levanta da cadeira e começa a arrumar o espaço. Limpa tudo. Limpa NN. NN se deixa limpar. Ele lhe troca as roupas. NN deixa que troquem a sua roupa. O jovem dá água a NN. O jovem pega NN pela mão e senta ao seu lado. Batem à porta.

...

FIM

EL SILENCIO

CONCHI LEÓN

Personajes

ELIO

NARRADOR

PERSONAJES MASCULINOS

NIÑA

FANTASMA

ERÉNDIRA

ELENA

ABUELA

*“Eréndira estaba bañando a la abuela cuando empezó el viento de su desgracia”
Gabriel García Márquez.*

Entran los tres actores, se ubican al centro del escenario. Exterior de una cámara de Gesell, el cristal está percutido y con manchas de grasa, son visibles huellas digitales que se quedaron pegadas al cristal.

NIÑA: Esta obra se arma de tres escenas, en la primera, verán fragmentos de ficción y realidad cruzando de un cristal a otro.

(Los actores se miran, se van a sus lugares, entran en personaje)

(Entra Elio, un afanador, mira el cristal, saca unos guantes y se los coloca ritualmente en ambas manos. Al finalizar saca un atomizador y lo esparce sobre el cristal)

ELIO: Un cochinerero, esto siempre es un cochinerero de principio a fin. ¡Si yo hablara! Pero no... yo también tengo que quedarme callado...por fortuna a mí no me dan cachetadas ni golpes en la mesa, ni me intimidan para que hable. Hay gente que se caga allá adentro, ahí aparezco yo a limpiarlo todo, saben que no digo nada. Aquí aplica el “ver, oír y callar”. Al final siempre hay un pendejo que viene a limpiarlo todo para no causar molestias a las almas sensibles.

Hace tiempo trabajé con una santera, me tenía prohibido tocar sin guantes las hierbas y las veladoras, sobre todo después de que las había usado para “sanar” a alguien. Al principio le creí, pero después pensé que eran pendejadas suyas, tenía prisa, empecé a recoger la basura de sus exorcismos sin los dichosos guantes de látex. Desde las uñas hasta los codos...o de los codos a las uñas me aparecieron unos hongos bien intensos. Me remojaba los brazos en vinagre pero ahí seguían, picaban como la puta madre. La santera me agarró rascándome y me dijo: “Eres bien pendejo. El cochinerito de esta gente nunca debe agarrarse sin protección” Me curó con nuevas hierbas, ya no me quedé ahí, seguro apareció otro pendejo a limpiar y a llenarse de hongos. Ese ya no es mi pedo, los dientes destrozados de tanto apretarlos al dormir sí son mi pedo... se ven cosas bien feas ahí con la santera, quería un trabajo más tranquilo y me vine a trabajar a la procuraduría. ¿Creen que la vi en la Televisión? ¡A la santera! Le dio unas hierbas a un cabrón y lo mató. No era uno de sus clientes, era su marido, parece que se pasó de listo con una de sus hijas...puta...vomitó las tripas. Ella muy tranquila, feliz, con todo y su sentencia de cincuenta años. Se va a morir en la cárcel, pero no le importó. “Limpié el mundo de un maldito, si pudiera, los envenenaba a todos, empezando por los curas violadores”

A mí también me encanta limpiar...pero ahí con la santera veía cosas que me helaban el alma...la sangre...las plumas...el fuego...los ojos...sobre todo los ojos, me quitaban el sueño y cuando al fin lograba dormir apretaba los dientes hasta que me los quebré: *(abre la boca)* tengo la boca llena de agujeros negros, ahí se me fue la tranquilidad. Quería un trabajo más tranquilo, no, obvio no quería trabajar aquí, pero fue el único trabajo que conseguí, me urge ponerme unos dientes nuevos. Me llené la boca de infecciones, solo como papilla...estoy hartito. Apenas junte para pagar al dentista, me busco un trabajo mejor. *(Da una tallada grande al cristal. La parte limpia deja ver la cabeza de un oso de peluche, él lo mira extrañado)* ¡Órale, van a interrogar a Winnie Pooh. Que culeros, ¿Qué les hizo un peluche? *(Limpia un poco más, sigue limpiando hasta dejar descubiertos todos los personajes que menciona)* No mames, tienen la caricatura completa, ahí está Tiger...y Puerquito. Los conozco por Emilia, amaba esos pinches juguetes, hasta que su abuela descalabró su alcancía y ya no le gustaron más. Supongo que para un niño no es fácil ver a Winnie Pooh con el cráneo reventado. *(Sigue limpiando, nota que hay un perro a un lado de la mesa de interrogatorio)* No pos ora sí se la mamaron. Se trajeron un Pastor Alemán al interrogatorio.

(Se enciende la luz al interior de la cámara, al tiempo que se apaga la luz exterior, entra Elena, usa traje sastre, está bien peinada y maquillada. Trae varios folders en las manos, está hablando por teléfono)

ELENA: Cenizas... claro que nos viene mal, no hay pruebas, no hay nada más que cenizas. La abuela dice que fue la niña, y la niña no habla, está en shock No lo vamos a lograr, todo se va a la mierda porque no hay humo ni hay chimenea. ¡La chimenea! Treinta pruebas estúpidas, treinta test aplicados a un menor que pierde credibilidad porque no acusa a nadie. Porque se ve muy tranquila: “Sí la víctima no luce como víctima, es que no lo es”. El miedo es visible en el cuerpo de la niña, y sus ojos, sus ojos llenos de tristeza. No puedo abrazarla, el protocolo no me lo permite. No puedo hacer muchas cosas, en realidad no puedo hacer nada si no le doy al juez las pruebas que quiere.

Pruebas obsoletas, formularios cuadrados que nos mandan de Estados Unidos aunque aquí no tengan ningún sentido. *(Se quita los zapatos y se suelta el cabello)* Es posible que desestimen las acusaciones porque ella no dibujó la chimenea. En Mérida ningún niño va a dibujar chimeneas porque no hay, ¿por qué

demonios habría chimeneas si nos morimos de calor? Si no hay humo denso en la chimenea, no hay violación. Es como decir que no hay ningún niño violado en Yucatán. ¿A quién conviene decir eso? La niña está en shock, casi muere en el incendio. Además, ¿cómo va a responder preguntas, llenar formularios y dibujar a su familia, justo cuando en su familia abusaron de ella? La abuela alega locura y piromanía.

(Se escucha una melodía infantil, Elena cuelga la llamada. Un “fantasma” pequeño -el típico fantasma cubierto por una sábana blanquísima- entra a la cámara de Gesell. Elena mira al fantasma, está confundida, después de pensarlo un poco, entiende el código)

ELENA: Uy, que susto me pegaste. Nunca había visto un fantasma en vivo y a todo color. ¿Te quieres sentar? *(El fantasma no responde, se pone frente al perro. Pausa)* Se llama Orejas, es un amigo nuestro. No le tengas miedo, de hecho creo que él tiene más miedo de ti, estoy segura que Orejas tampoco había visto un fantasma antes. ¿Quieres agua? *(El fantasma no responde, toma uno de los juguetes de peluche)* También tenemos su tarro de miel, en algún lugar debe estar. *(El fantasma deja el peluche en donde lo tomó y toma otro)* Tiger tiene un resorte en la cola, puedes moverla, doblarla, cambiarle de forma y no le va a doler. *(Pausa)* Hay unas crayolas y unas hojas, si quieres dibujar... *(Pausa larga)* Por favor, píntame una chimenea *(el fantasma se voltea a frente a ella)*

(Se apaga la luz interior y se enciende la exterior)

ELIO: El toque final es pasar un periódico remojado en vinagre por toda la superficie...ahora venden un montón de chingaderas para que los vidrios queden impecables, pero hay formas de limpieza que aunque sean viejitas, son las mejores. *(Abre el periódico en la parte donde hay chicas posando con poca ropa)* Siempre es mejor revisar el periódico para no tener sorpresas. La otra vez, un compañero encontró a su hija en la mitad del periódico; exactamente así como están estas muchachas. La reconocí aunque estaba muy maquillada. A esa chamaca dejamos de verla como a los trece años, quesque se había ido al gabacho, mandaba dinero y cosas así. Pos quién sabe si allá en el gabacho se volvió encueratriz. Muy guapa, pero con una mirada muy triste. Mi compañero guardó el periódico, otro pendejo preguntó:

-¿Se lo vas a enseñar a tu señora? ¡Para que vea que tu hija es artista!

Ni le contestó, luego lo vi quemando el periódico en la bodega. Ha de ser bien feo que se te desaparezca una hija y la vuelvas a encontrar medio encuerada en un periódico. *(Se escuchan ladridos)* ese animal ya tiene hambre, o ha de tener ganas de mear...o ya se fastidió. Pobre, lo traen encerrado nomás. Estos perros que sacan gente de los edificios o que encuentran drogas o cuerpos de personas asesinadas, han de quedar bien traumatados. Aunque les dan premios por esas cosas no ha de ser una sensación bonita. ¿Qué pensarán? Luego los perros también tienen pesadillas, el mío lloraba bien feo, lo durmieron...a los perros también les da cáncer como a las personas. Hasta dicen que se cargan todo lo malo que es para uno, yo desde que durmieron a mi perro dejé de tener animales. Sentí que se murió por mi culpa, que esa enfermedad era para mí y la había cargado toda mi pobre perro. No sé, yo a veces pienso pen-dejadas, prefiero leer a pensar...

(Abre el periódico, va seleccionando hojas al tiempo que sale la luz exterior y se enciende la de adentro de la cámara. El fantasma acaricia al perro, sus movimientos son mecánicos)

ELENA: Ves que lindo es Orejas, es un buen perro... ¿Podrías dibujar una chimenea? *(El perro llora, Elena guarda silencio. El fantasma besa al perro en la cabeza)*

FANTASMA: No llores mucho, no llores fuerte, no te duele, todo está bien, tú nos ayudas en casa...tú eres buena, yo te quiero.

ELENA: Los fantasmas aparecen y desaparecen cuando quieren, yo quiero ayudarte a desaparecer los recuerdos feos. Sé que no confías en mí, pero puedes confiar en Orejas. Sólo necesito que dibujes una chimenea. ¿Conoces el cuento de un príncipe que quería que le dibujaran un elefante? Era algo muy importante para él, también le dibujaron una rosa, y un planeta nuevo para que lo habitara... ¿podrías dibujar una chimenea para mí? Es muy importante.

(El fantasma levanta la oreja del perro, poco a poco va contando parte de la historia, su voz es un susurro prácticamente inentendible, algunas palabras las dirá al mismo tiempo que Elio)

(Se enciende la luz exterior, Elio lee en el periódico, conforme va leyendo, la sábana del fantasma se va llenando de manchas)

ELIO: La realidad supera a la ficción: La triste historia de la cándida Eréndira y su abuela desalmada quedan tontas frente a la cruda realidad una niña que era prostituida por su **abuela**.

FANTASMA: **Abuela**

ELIO: La madre de la menor sufría distrofia muscular, estaba acostada en una hamaca sin poder hacer nada.

FANTASMA: **Nada**

ELENA: A partir de esta escena, todo lo que verán es una ficción de Gabriel García Márquez.

(El fantasma se quita la sábana, es una niña con la sonrisa borrada, la sábana cubre momentáneamente la cámara. Cuando la sábana cae vemos a la abuela desnuda, es bañada por la pequeña Eréndira, el ruido del agua al caer cambia la atmósfera, nos lleva a otro lugar, la niña mete y saca una jícara con agua y va echando el agua lentamente en el cuerpo de la abuela. Esta escena transcurre con todos los personajes, adentro de la cámara)

NARRADOR: La abuela, desnuda y grande, parecía una hermosa ballena blanca en la alberca de mármol. La nieta había cumplido apenas seis años, y era lánguida y de huesos tiernos, y demasiado mansa para su edad. Distraída, no se dio cuenta que el viento elevó las cortinas cerca de las veladoras, allá empezó el fuego, y no acabó hasta quemar toda la casa. Cuando la abuela se convenció de que quedaban muy pocas cosas intactas entre los escombros, miró a la nieta con una lástima sincera.

ABUELA: Mi pobre niña, no te alcanzará la vida para pagarme este percance.

NARRADOR: Empezó a pagárselo ese mismo día, bajo el estruendo de la lluvia, cuando la llevó con el tendero del pueblo, un viudo escuálido y prematuro que era muy conocido en el desierto porque pagaba a buen precio la virginidad. Ante la expectativa impávida de la abuela, el viudo examinó a Eréndira con una austeridad científica: consideró la fuerza de sus muslos, el tamaño de sus senos, el diámetro de sus caderas. No dijo una palabra mientras no tuvo un cálculo de su valor.

VIUDO: Todavía está muy niña, ha de tener seis años, tiene teticas de perra. No vale más de cincuenta pesos.

ABUELA: ¡Cien pesos por una criatura completamente nueva! No, hombre, eso es mucho faltarle el respeto a la virtud.

VIUDO: Hasta cien.

ABUELA: La niña me ha hecho un daño de más de un millón de pesos. A este paso le harán falta como doscientos años para pagarme.

VIUDO: Por fortuna, lo único bueno que tiene es la edad.

ABUELA: Suba siquiera hasta trescientos...Doscientos cincuenta.

VIUDO: Doscientos veinte pesos en efectivo y algunas cosas de comer.

ABUELA: Eréndira, vete con el viudo.

ELIO: Éste la condujo de la mano hacia la trastienda, como si la llevara para la escuela.

ABUELA: Aquí te espero.

ERÉNDIRA: Sí, abuela. (*Al viudo*) ¿A dónde vamos?

NARRADOR: El viudo le contestó sin voz, le torció el brazo por la muñeca y la arrastró hacia la hamaca. Ella le resistió con un arañazo en la cara y volvió a gritar en silencio, y él le respondió con una bofetada solemne que la levantó del suelo y la hizo flotar un instante en el aire con el largo cabello de medusa ondulando en el vacío, la abrazó por la cintura antes de que volviera a pisar la tierra, la derribó dentro de la hamaca con un golpe brutal, y la inmovilizó con las rodillas. Eréndira sucumbió entonces al terror, perdió el sentido, y se quedó como fascinada con las franjas de luna de un pescado que pasó navegando en el aire de la tormenta, mientras el viudo la desnudaba desgarrándole la ropa con zarpazos espaciados, como arrancando hierba, desbaratándosela en largas tiras de colores que ondulaban como serpentinatas y se iban con el viento.

ABUELA: Es este pueblo no hay ningún otro hombre que pueda pagar algo por el cuerpo de Eréndira, nos vamos.

NARRADOR: La abuela se la llevó en un camión de carga hacia los rumbos del contrabando. La abuela se protegía del sol eterno con un paraguas descosido y respiraba mal por la tortura del sudor y el polvo, pero aún en aquel estado de infortunio conservaba el dominio de su dignidad.

ABUELA: Eréndira, tienes que pagar el viaje.

NARRADOR: Detrás de la pila de latas y sacos de arroz, Eréndira pagó el viaje y el transporte de los muebles haciendo amores de a veinte pesos con el carguero del camión. Cuando bajaron del camión, la abuela se ocupó de arreglar a Eréndira. Le pintó la cara con un estilo de belleza sepulcral que había estado de moda en su juventud, y la remató con unas pestañas postizas y un lazo de organza que parecía una mariposa en la cabeza.

ABUELA: Te ves horrorosa, pero así es mejor: los hombres son muy brutos en asuntos de mujeres. Échate ahí.

NARRADOR: Eréndira se acostó en el petate como lo habría hecho una aprendiz de teatro en el momento en que iba a abrirse el telón. Apoyada en el báculo episcopal, la abuela se sentó en el trono a esperar. Se acercaba el hombre del correo. No tenía más de veinte años, aunque estaba envejecido por el oficio, llevaba casco de corcho, y una pistola de militar en el cinturón de cartucheras. Montaba una buena mula, y llevaba otra de cabestro, menos entera, sobre la cual se amontonaban los sacos de lienzo del correo.

HOMBRE DEL CORREO: Buenas noches, abuela, Dios la bendiga.

ABUELA: Dios te bendiga, hijo, espera, no hay prisa... entra y mira lo que hay dentro del tenderete.

NARRADOR: El hombre se detuvo, abrió las cortinas del tenderete y vio a Eréndira acostada.

ABUELA: ¿Te gusta?

NARRADOR: El hombre del correo no comprendió hasta entonces lo que le estaban proponiendo.

HOMBRE DEL CORREO: En ayunas no está mal.

ABUELA: Cincuenta pesos y es tuya.

HOMBRE DEL CORREO: ¡Hombre, lo tendrá de oro! Eso es lo que me cuesta la comida de un mes.

ABUELA: No seas estreñido. El correo aéreo tiene mejor sueldo que un cura.

HOMBRE DEL CORREO: Yo soy el correo nacional. El correo aéreo es ése que anda en un camioncito.

ABUELA: De todos modos, el amor es tan importante como la comida.

HOMBRE DEL CORREO: Pero no alimenta.

ABUELA: Mmmm... a un hombre que vive de las esperanzas ajenas le sobra demasiado tiempo para regatear. ¿Cuánto tienes?

NARRADOR: El Hombre del correo desmontó, sacó del bolsillo unos billetes masticados y se los mostró a la abuela. Ella los cogió todos juntos con una mano rapaz, como si fueran una pelota.

ABUELA: Te lo rebajo, pero con una condición: haces correr la voz por todas partes.

HOMBRE DEL CORREO: Hasta el otro lado del mundo, para eso sirvo.

NARRADOR: Eréndira, que no había podido parpadear, se quitó entonces las pestañas postizas y se hizo a un lado en la estera para dejarle espacio al novio casual. Tan pronto como él entró en el tenderete, la abuela cerró la entrada con un tirón enérgico de la cortina corrediza.

ABUELA: Es toda tuya.

NARRADOR: Fue un trato eficaz. Cautivados por las voces del correo, vinieron hombres desde muy lejos a conocer la novedad de mi nieta Eréndira. Detrás de los hombres vinieron mesas de lotería y puestos de comida y, detrás de todos, vino un fotógrafo en bicicleta que instaló frente al campamento una cámara de caballete con manga de luto, y un telón de fondo con un lago de cisnes inválidos.

ABUELA: Eréndira, píntate la boca otra vez.

NARRADOR: La abuela, abanicándose en el trono, parecía ajena a su propia feria. Lo único que le interesaba era el orden en la fila de clientes que esperaban turno, y la exactitud del dinero que pagaban por adelantado para entrar con Eréndira. Al principio había sido tan severa que hasta llegó a rechazar un buen cliente porque le hicieron falta cinco pesos. Pero con el paso de los meses fue asimilando las lecciones de la realidad, y terminó por admitir que completaran el pago con medallas de santos, reliquias de familia, anillos matrimoniales, y todo cuanto fuera capaz de demostrar, mordiéndolo, que era oro de buena ley aunque no brillara. Al cabo de una larga estancia en aquel primer pueblo, la abuela tuvo suficiente dinero para comprar un burro.

ABUELA: Es tiempo de buscar otros lugares más propicios para cobrar la deuda. ¡Vámonos!

NARRADOR: Viajaba en unas angarillas que habían improvisado sobre el burro, y se protegía del sol inmóvil con el paraguas desvarillado que Eréndira sostenía sobre su cabeza.

Detrás de ellas caminaban cuatro indios de carga con los pedazos del campamento. Habían transcurrido seis meses desde que empezó a vender a Eréndira cuando la abuela pudo tener una visión entera del negocio.

ABUELA: Eréndira, si las cosas siguen así, me habrás pagado la deuda dentro de ocho años, siete meses y once días. Claro que todo eso es sin contar el sueldo y la comida de los indios, y otros gastos menores.

NARRADOR: Eréndira, que caminaba al paso del burro agobiada por el calor y el polvo, tuvo que reprimirse para no llorar, pero no dijo nada, ni un reproche salió de sus labios. No dijo nada, nada...las palabras la habían abandonado.

(Orejas ladra a la abuela, Eréndira lo acaricia, el perro interpone su cuerpo entre Eréndira y la abuela. La luz del interior sale lentamente, los ladridos del perro son cada vez más fuertes, se replican en un eco violento. Se enciende la luz exterior. Todos los personajes afuera de la cámara)

ELENA: El fuego fue su única respuesta. Llamas enormes, vivas, que consumían todo a su alrededor. Empezó en la mesa de los santos, la mesa que la abuela llenaba de veladoras orando por la misericordia infinita. Era una casa humilde, en lo material se perdió poco... en la vida de la niña se perdió mucho. La abuela la acusa de quemar la casa, la niña no acusa a nadie, solo dibuja llamas, esas son sus palabras. Añadí el dibujo de la chimenea, con su forma fálica muy erecta, con el humo denso y espeso saliendo de ella...el juez vio el dibujo y le pareció perfecto, entonces dictó sentencia, ocho años de cárcel para la abuela desalmada.

NARRADOR: Eréndira escuchó el veredicto, hasta entonces entendió que todo lo que le había pasado no era normal, que no todas las abuelas eran desalmadas con sus nietas. Se inclinó sobre la abuela, escudriñándole sin tocarla, y cuando se convenció de que se quedaría tras las rejas, su rostro adquirió de golpe toda la madurez que no le habían dado sus años de infortunio. Con movimientos rápidos y precisos...salió del juzgado. Los periodistas le gritaban para que respondiera sus preguntas.

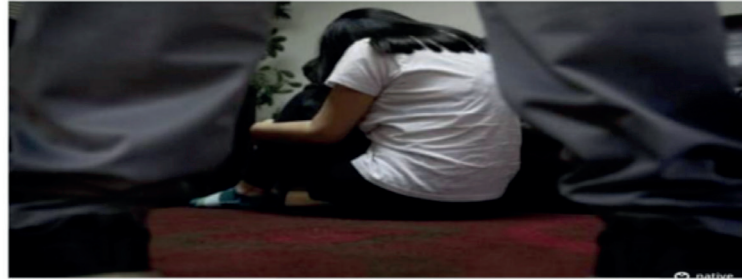
Eréndira no los escuchaba. Iba corriendo contra el viento, más veloz que un venado, y ninguna voz de este mundo la podía detener, empezaba a correr por la orilla del mar en dirección opuesta a la de la ciudad. El agua salada salpicaba sus piernas, confundiéndose con el agua salada que salía de sus ojos. Pasó corriendo sin volver la cabeza por el vapor ardiente de los charcos de salitre, por los cráteres de talco, por el sopor de los palafitos, hasta que se acabaron las ciencias naturales del mar y empezó el desierto, pero todavía siguió corriendo con su libertad, más allá de los vientos áridos y los atardeceres de nunca acabar, y jamás se volvió a tener la menor noticia de ella ni se encontró el vestigio más ínfimo de su desgracia.

ELIO: A partir de aquí, todo lo que verán, es realidad.

(Elena, Eréndira y Elio pegan los siguientes recortes en el cristal)

Abuela prostituía a su nieta en Coahuila

La joven era víctima de su abuela y una vecina



La joven era llevada con un hombre a cambio de un pago de 150 pesos, la abuela y la vecina fueron arrestadas | Cortesía

Noticias de El Sol de La Laguna

Coahuila. - Una jovencita de 15 años de edad, fue abusada sexualmente, durante un año por un hombre mayor a quien su propia abuela le permitía que saciara sus bajas por un pago de 150 pesos. La menor era prostituida por dos personas, su abuela Lucía "N" y una vecina de nombre Angelica "N" quien se encargaba de llevarla hasta el municipio San Buenaventura donde el hombre abusaba de ella una y otra vez.

Este domingo, Lucía "N", Manuel "N" y Angélica "N" fueron vinculados a proceso por el delito de violación equiparada por los hechos ocurridos en 2019 y quedaron en prisión preventiva hasta que se venza el plazo de investigación complementaria de tres meses.



La Opinión
AUSTRAL

POSADAS

Abuela prostituía a su nieta de 12 años: daba turnos por WhatsApp y la entregaba

La mujer terminó detenida luego de un allanamiento ordenado por la Justicia misionera. La menor recibió apoyo de asistentes del Programa Nacional de Rescate a personas Damnificadas por el delito de Trata de Personas.

Por La Opinión Austral | 03-05-2021 10:02hs



En las últimas horas de este fin de semana, una mujer de 71 años fue detenida acusada de prostituir a su nieta de 12 años en Posadas, Misiones. Según informó **El Territorio**, fueron allegados a la familia de la menor los que alertaron a la Policía.

IMPRESO TELEVISIÓN **MILENIO** Ingresar Registrarse

SECCIONES | Milenio > Mundo | Estados Unidos | Latinoamérica | Europa | Medio Oriente | Asia y C | **OPINIÓN**

HOY AMLO | Migrantes | Navidad | Vicente Fernández | Carmen Salinas | Basílica de Guadalupe | Cif | Domingo, 12.12.2021 / 21:42

Abuela prostituía a su nieta de 8 años en Colombia

La Fiscalía General de la Nación de Colombia informó que cuatro personas fueron detenidas por explotar sexualmente de una menor de edad y abusar de ella.

Comparte esta noticia



Cuatro personas fueron detenidas por prostituir a una menor de edad. (Especial)

MILENIO DIGITAL
Colombia / 26.02.2019 20:10:24

Una abuela explotaba sexualmente a su nieta de 8 años en complicidad con el padrastro de la menor en el municipio de Tuluá, en Colombia.

Administración central:
Belgrano 397 - Trelew (9100) Chubut - Patagonia Argentina
TEL: (0280) 4434702/03/04 - FAX: (0280) 4420701
reservastrelew@cadenaaryentray.com.ar

POLICIALES

Imperdonable: una abuela prostituía a su nieta en Facebook

Una menor de edad fue prostituida durante varios años por su abuela, quien estaba a cargo de ella en la ciudad de Alberdi, Tucumán. La propia abuela la ofrecía por la red social Facebook.

08/03/2021 20:29



La mujer había creado un Facebook poniendo fotos de la menor para promocionarla. (Archivo)

2.754 [Twitter](#) [Compartir](#) 123

El caso salió a la luz cuando una mujer realizó la denuncia en la Secretaría de Género de la Municipalidad y desde allí acompañaron desde un primer momento a la menor durante todo el proceso. También se colaboró con los requerimientos que realizó la fiscalía a cargo del doctor Fabian Assad.

La fiscalía comenzó la investigación y a la menor se le realizó una cámara gesell donde explicó como su abuela la enviaba a citas con personas mayores, a quienes le pedía dinero a cambio de que pudieran abusar sexualmente. También confirmó que la mujer había creado un Facebook poniendo fotos de la menor para promocionarla.

El miércoles 3 de marzo pasado fue la audiencia. El viernes 5 notificó la jueza doctora Elena Grellet que autorizó el juicio oral y público. La abuela por ahora tiene la prohibición de salir de la provincia, pero se encuentra en libertad. La fiscalía solicitó 8 años de prisión por promoción y facilitación de la prostitución agravada, en virtud de los elementos recabados en esta investigación y en mérito a las condiciones y circunstancias de los hechos.

40 60
RESPECTE LAS VELOCIDADES MÁXIMAS

#CHUBUT ES TURISMO

QUINIELA DEL CHUBUT

Horror: Abuela prostituía a su nieta menor de edad y la promocionaba por Facebook

Se le hizo cámara Gesell, donde contó cómo su abuela la enviaba a citas con personas mayores, a quienes pedía dinero a cambio de que pudieran abusarla sexualmente.



Una menor de edad fue prostituida durante varios años por su abuela, quien estaba a cargo de ella en la ciudad de Alberdi, Tucumán. La propia abuela la ofrecía por la red social Facebook.

El caso salió a la luz cuando una mujer realizó la denuncia en la Secretaria de Género de la Municipalidad y desde allí acompañaron desde un primer momento a la menor durante todo el proceso. También se colaboró con los requerimientos

(Los actores salen ad libitum)

...

FIN

O SILÊNCIO

CONCHI LEÓN

Tradução: LUCIANA DI LEONE

Personagens

ÉLIO

NARRADOR

PERSONAGENS MASCULINOS

MENINA

FANTASMA

ERÉNDIRA

ELENA

AVÓ

*“Eréndira estava dando banho na avó quando começou o vento da desgraça”
Gabriel García Márquez.*

Entram os três atores, se posicionam no centro do palco. Exterior de uma câmara Gesell, o cristal está fosco e com manchas de gordura, é possível ver marcas de dedos que ficaram grudadas no vidro.

MENINA: Esta peça se monta com três cenas. Na primeira, verão fragmentos de ficção e realidade atravessando de um cristal ao outro.

(Os atores se olham, vão para os seus lugares, entram na personagem)

(Entra Élio, um faxineiro, olha o cristal, tira umas luvas e as coloca ritualmente em ambas as mãos. Quando termina, pega um pulverizador e os espalhe sobre o cristal)

ÉLIO: Um chiqueiro, isto é sempre um chiqueiro do começo ao fim. Se eu falasse! Mas não... eu também tenho que ficar calado... felizmente eu não ganho tapas, nem me batem na mesa, nem me

intimidam para que fale. Tem pessoas que se cagam nas calças ali dentro, aí vou eu para limpar tudinho, sabem que não falo nada. Aqui é “ver, ouvir e fechar a boca”. A final sempre há um otário que vem limpar tudo para não incomodar as almas sensíveis.

Faz algum tempo trabalhei com uma curandeira, ela me proibiu tocar sem luvas as ervas e as velas, sobre tudo depois que ela tinha usado para “sanar” alguém. No começo eu acreditava, mas depois pensei que era bobagem sua, como tinha pressa, comecei a recolher o lixo dos exorcismos sem as benditas luvas de borracha. Das unhas até o cotovelo... ou dos cotovelos até as unhas me apareceu uma micose muito intensa. Eu empapava os braços com vinagre mas aí seguia, coçava para caralho. A curandeira me pegou me coçando e me disse: “Você é muito otário. Nunca deve pegar no chiqueiro desta gentilha, nunca sem proteção”. Ela me curou com umas ervas novas, mas eu não fiquei, certamente apareceu outro otário para limpar e para se encher de micose. Mas não encuco mais com isso; com os dentes destroçados de tanto ranger quando durmo sim que encuco... se veem coisas feias na curandeira, queria um trabalho mais tranquilo e vim trabalhar na procuradoria. Acreditam que a vi na TV? À curandeira! Deu umas ervas para um malandro e o matou. Não era dos seus clientes, era o marido, parece que deu uma de esperto com uma das filhas... cacete... vomitou até as tripas. Ela muito tranquila, feliz, com tudo e a sua condenação a cinquenta anos. Vai morrer na cadeia, mas não se importou. “Limpei o mundo de um maldito, se pudesse, envenenava todos, começando pelos padres estupradores”.

Eu também adoro limpar... mas aí com a curandeira via coisas que me gelavam a alma... o sangue... as penas... o fogo... os olhos... principalmente os olhos, me tiravam o sono e quando finalmente conseguia dormir rangia os dentes até que quebrei: *(abre a boca)* estou com a boca cheia de buracos pretos, lá se foi minha tranquilidade. Queria um trabalho mais tranquilo, não, óbvio que não queria trabalhar aqui, mas foi o único trabalho que consegui, é urgente arrumar uns dentes novos. A minha boca encheu de infecções, só posso comer papinhas... estou de saco cheio. Assim que juntar para pagar o dentista, arrumo um trabalho melhor. *(Dá uma passada grande no cristal. A parte limpa deixa ver a cabeça de um urso de pelúcia, o olha com estranheza)*. Ora essa, vão interrogar o Winnie Pooh. Que filhos da mãe, o que fez o ursinho? *(Limpa mais um pouco, continua limpando até deixar visíveis todas as personagens que menciona)*. Não brinca! Tem o desenho completo, ali está o Tigger... e o Porquinho. Os conheço pela Emília, amava essa tralha de pelúcias, até que sua avó detonou seu cofrinho e já não gostou mais. Acho que para uma criança não é fácil ver o Winnie Pooh com o crânio arrebatado. *(Continua limpando, percebe que tem um cachorro do lado da mesa de interrogatório)* Ah, não; agora sim que fodeu. Trouxeram um Pastor Alemão pro interrogatório.

(No interior da câmara acende-se a luz, ao mesmo tempo em que se apaga a luz exterior, entra Elena, leva um terninho, está com o cabelo bem arrumado e está maquiada. Traz várias pastas nas mãos, está falando no telefone).

ELENA: Cinzas... claro que não cai bem, não tem provas, não há nada além de cinzas. A avó diz que foi a menina, e a menina não fala, está em shock. Não vamos conseguir, vai tudo pro caralho porque não tem fumaça nem tem lareira. A lareira! Trinta provas estúpidas, trinta testes aplicados em uma menor que perde credibilidade porque não acusa ninguém. Porque tem uma aparência muito tranquila: “se a vítima não parece uma vítima, é que não é”. O medo é visível no corpo da menina, e seus olhos, seus olhos cheios de tristeza. Não posso abraçá-la, o protocolo não permite. Não é permitido fazer muitas coisas, na verdade não posso fazer nada se não dou para o juiz as provas que ele quer.

Provas obsoletas, formulários quadrados que nos mandam dos Estados Unidos embora aqui não fazem nenhum sentido (*tira os sapatos e solta os cabelos*) É possível que desestime as acusações porque ela não desenhou a lareira. Nenhuma criança em Mérida iria desenhar lareiras porque não há, por que diabos haveria lareiras se a gente morre de calor? Se não há fumaça densa na chaminé da lareira, não há estupro. É como dizer que não há nenhuma criança estuprada em Yucantã. Interessa a quem dizer isso? A menina está em shock, quase morre no incêndio. Além disso, como vai responder perguntas, preencher formulários e desenhar a sua família, bem na hora em que na sua família abusaram dela? A avó alega doideira e piromania.

(Escuta-se uma musiquinha infantil, Elena desliga o telefone. Um “fantasma” pequeno- o típico fantasma coberto por um lençol branquíssimo – entra na Câmara Gesell. Elena olha o fantasma, está confusa; depois de pensar um pouco, entende o código)

ELENA: Ai, que susto você me deu! Nunca tinha visto um fantasma ao vivo e em cores, Você quer sentar? (*O fantasma não responde, fica frente ao cachorro. Pausa*) Chama-se Orelhas, é nosso amigo. Não precisa ter medo, de fato acho que ele tem mais medo de você, tenho certeza que Orelhas também não tinha visto um fantasma nunca antes. Quer água? (*O fantasma não responde, toma um dos brinquedos de pelúcia*). Também temos seu pote de mel, em algum lugar deve estar. (*O fantasma deixa a pelúcia onde a pegou e toma outra*) Tigger tem uma mola no rabo, você pode mexer, dobrar, mudar a forma que não vai machucar ele. (*Pausa*) Tem um giz de cera e umas folhas, se quiser desenhar... (*Pausa longa*) Por favor, você desenha uma lareira para mim (*o fantasma vira a testa para ela*)

(A luz interior apaga, e se acende a exterior).

ÉLIO: Para a finalização tem que passar um jornal molhado com vinagre pela superfície toda... agora vendem um monte de trecos para que os vidros fiquem impecáveis, mas tem formas de limpar que mesmo sendo antiquinhas, são as melhores. (*Abre o jornal na parte onde tem mulheres pousando com pouca roupa*). Sempre é melhor revisar o jornal para não ter surpresas. Da outra vez, um colega encontrou a sua filha no meio do jornal; exatamente assim como estão essas garotas. A reconheci mesmo estando toda maquiada. A gente deixou de ver essa menina por volta dos treze anos, que que tinha ido para a gringa, mandava dinheiro e essas coisas. Pois quem sabe se lá na gringa se tornou impelatriz. Muito bonita, mas com um olhar muito triste. Meu colega guardou o jornal, outro babaca perguntou: - Vai mostrar para tua esposa? Para ela ver que a filha é artista! -. Nem respondeu, depois vi ele queimando o jornal no depósito. Deve ser horrível a tua filha sumir e encontrar de novo meio pelada em um jornal. (*Se ouvem latidos*) Esse animal está com fome, ou tem vontade de mijar... ou já se encheu. Tadinho, ele só fica trancado. Esses cachorros que tiram pessoas dos prédios ou que procuram drogas ou corpos de pessoas assassinadas, devem ficar bem traumatizados. Embora recebam prêmios por essas coisas não deve ser uma sensação legal. O que passará pela cabeça deles? Depois os cachorros têm pesadelos, o meu chorava muito feio, dormiram ele... os cachorros também tem câncer, como as pessoas. Até dizem que carregam todas as coisas ruins da gente, eu desde que colocaram meu cachorro para dormir deixei de ter animais. Senti que tinha morrido por minha culpa, que essa doença era para mim e tinha sobrado só para ele. Não sei, às vezes pensou besteiras, prefiro ler do que pensar...

(Abre o jornal, vai escolhendo folhas ao mesmo tempo em que se apaga a luz exterior e se acende a luz de dentro da câmara. O fantasma faz carinho no cachorro, seus movimentos são mecânicos).

ELENA: Viu que lindo que é o Orelhas, é um cachorro bonzinho... Você poderia desenhar uma lareira?
(O cachorro chora, Elena fica em silêncio. O fantasma dá um beijo na cabeça do cachorro)

FANTASMA: Não chora muito, não chora forte, não dói, está tudo bem, você ajuda lá em casa... você é boazinha, eu te amo.

ELENA: Os fantasmas aparecem e desaparecem quando eles querem, eu quero te ajudar a desaparecer as lembranças feias. Sei que você não confia em mim, mas você pode confiar no Orelhas. Só preciso que você desenhe uma lareira. Conhece o conto do príncipe que queria que desenharam um elefante para ele? Era uma coisa muito importante para ele, também lhe desenharam uma rosa e um planeta novo para ele habitar... mas você poderia desenhar uma lareira para mim? É importante.

(O fantasma levanta a orelha do cachorro, pouco a pouco vai contando parte da história, sua voz é um cochicho praticamente incompreensível, algumas palavras as dirá ao mesmo tempo que o Élio)

(Se acende a luz exterior, Élio lê o jornal. Enquanto vai lendo, o lençol do fantasma vai se enchendo de manchas)

ÉLIO: A realidade supera a ficção: A triste história da cândida Eréndira e sua avó desalmada fica de cara frente à crua realidade de uma menina que era prostituída pela sua avó.

FANTASMA: **Avó.**

ÉLIO: A mãe da menor sofria uma distrofia muscular, estava deitada numa rede sem poder fazer nada.

FANTASMA: **Nada.**

ELENA: A partir desta cena, tudo o que vão ver é uma ficção de Gabriel García Márquez.

(O fantasma tira a máscara, é uma menina com o sorriso apagado, o lençol cobre momentaneamente a câmara; quando o lençol cai, vemos a avó nua, sendo banhada pela pequena Eréndira, o ruído da água caindo muda a atmosfera, nos leva para um outro lugar, a menina põe e tira uma xícara com água, e vai jogando a água lentamente no corpo da avó. Esta cena transcorre com todas as personagens dentro da câmara).

NARRADOR: A avó, nua e grande, parecia uma bela baleia branca na fonte de mármore. A neta tinha feito apenas seis anos, e era lânguida e de ossos macios, e mansa demais para a sua idade. Distraída, não se deu conta que o vento tinha levantado as cortinas próximas das velas, ali começou o fogo, e não acabou até queimar a casa toda. Quando a avó se convencera de que ficava muito pouca coisa em pé entre os escombros, olhou para a neta com uma lástima sincera.

Avó: Minha pobre menina, a tua vida não vai ser suficiente para me pagar por este percalço.

NARRADOR: Começou a pagar esse mesmo dia, sob o estrondo da chuva, quando a levou com o senhor da venda, um viúvo esquelético e chupado era muito conhecido no deserto porque pagava um alto preço por uma virgem. Frente à expectativa impávida da avó, o viúvo escrutou Eréndira com uma austeridade científica: considerou a força das coxas, o tamanho dos seios, o diâmetro da bacia. Não disse uma palavra enquanto não teve um cálculo do seu valor.

Viúvo: Ainda está muito menina, deve ter uns seis anos, tem peitinhos de cadela. Não vale mais de cinquenta pesos.

Avó: Cem pesos por uma criatura completamente nova! Não, senhor, isso é muita falta de respeito à virtude.

Viúvo: Até cem.

Avó: A menina me fez um dano de mais de milhão de pesos. A esse ritmo vão lhe fazer falta como duzentos anos para me pagar.

Viúvo: Afortunadamente, o único bom que tem é a idade.

Avó: Suba ao menos até trezentos... Duzentos e cinquenta.

Viúvo: Duzentos e vinte pesos, em dinheiro e algumas mercadorias.

Avó: Eréndira, vai com o viúvo.

ÉLIO: Este a conduziu pela mão até a parte traseira, como se a levasse para a escola.

Avó: Eu te espero aqui.

ERÉNDIRA: Sim, vó. (*Pro viúvo*) Onde vamos?

NARRADOR: O viúvo lhe respondeu sem voz, lhe torceu o braço pelo pulso e a arrastou até a rede. Ela se resistira dando-lhe um arranhão no rosto e gritou novamente em silêncio, ele respondeu com um tapa solene que a levantou do chão e a fez flutuar um instante no ar com o longo cabelo de medusa ondeando no vazio, a abraçou pela cintura antes de que pisasse terra novamente, a derrubou dentro da rede com um golpe brutal, e a imobilizou com os joelhos. Eréndira sucumbira então ao terror, perdeu o sentido e ficou como fascinada com os feixes de lua de um peixe que passou navegando no ar da tormenta, enquanto o viúvo a deixava nua, rasgando as suas roupas com mãozadas espaçadas, como arrancando mato, desfiando-a em longas fitas coloridas que balançavam como serpentinas e escapavam com o vento.

Avó: Nesta cidade não há nenhum outro homem que possa pagar alguma coisa pelo corpo de Eréndira, a gente vai embora.

NARRADOR: A avó levou a menina em um caminhão de carga rumo às bandas do contrabando. A avó se protegia do sol eterno com um guarda-chuva desengonçado e respirava com dificuldade pela tortura do suor e a poeira, mas ainda em aquele estado de infortúnio conservava o domínio de sua dignidade.

Avó: Eréndira, tem que pagar pela viagem.

NARRADOR: Detrás das pilhas de latas e sacos de arroz, Eréndira pagou a viagem e o transporte dos móveis fazendo amores a vinte pesos com o carregador do caminhão. Quando desceram, a avó se ocupou de arrumar a Eréndira. Fez uma maquiagem com um estilo de beleza sepulcral que tinha estado na moda na sua juventude, e arrematou com uns cílios postiços e um laço de organza que parecia uma mariposa na cabeça.

Avó: Você está horrorosa, mas assim é melhor, os homens são muito burros em assuntos de mulheres. Deita aqui.

NARRADOR: Eréndira se deitou na esteira como o teria feito uma aprendiz de teatro no momento em que se abre o pano. Apoiada no báculo episcopal, a avó se sentou no trono a esperar. Aproximava-se o homem dos correios. Não tinha mais de vinte anos, embora estivesse envelhecido pelo ofício, vestia um capacete de cortiça e levava um revólver militar no cinto de cartuchos. Montava uma mula boa, e levava outra no cabresto, menos inteira, sobre a qual se amontoavam os sacos de tecido dos correios.

HOMEM DOS CORREIOS: Boa noite, dona, fique com Deus.

Avó: Fica com Deus meu filho, mas espera, não tem presa... entra e olha o que tem dentro da tenda.

NARRADOR: O homem parou, abriu as cortinas da tenda e viu a Eréndira deitada.

Avó: Gosta dela?

NARRADOR: O homem dos correios não tinha entendido até então o que estavam lhe propondo.

HOMEM DOS CORREIOS: Em jejum não está mal.

Avó: Cinquenta pesos e é tua.

HOMEM DOS CORREIOS: ¡Caramba, deve tê-la de ouro! Isso é o que me custa a comida de um mês inteiro.

Avó: Não seja muquirana. O correio aéreo tem melhor salário que um padre.

HOMEM DOS CORREIOS: Eu sou do correio nacional. O correio aéreo é esse que anda com um caminhãozinho.

Avó: De qualquer forma é tão importante como a comida.

HOMEM DOS CORREIOS: Mas não alimenta.

Avó: Mmmm... a um homem que vive da esperança alheia lhe sobra tempo demais para regatear. Quanto você tem?

NARRADOR: O homem dos correios desmontou, tirou do bolso umas notas amassadas e mostrou para a avó. Ela pegou todas juntas com uma mão de rapina como se fossem uma bola.

Avó: Faço um desconto mas com uma condição: fazer correr a voz por todos lados.

HOMEM DOS CORREIOS: Até o outro lado do mundo, para isso estou.

NARRADOR: Eréndira, que não tinha podido nem pestanejar, tirou os cílios postiços e se moveu para um canto da esteira para dar espaço para o noivo casual. Assim que ele entrou na tenda, a avó fechou a entrada com um puxão enérgico da cortina de correr.

Avó: Toda sua.

NARRADOR: Foi um trato eficaz. Cativados pelas vozes dos correios, vieram homens desde muito longe para conhecer a novidade da minha neta Eréndira. Detrás dos homens vieram mesas de loteria e postos de comida, e detrás de todos eles veio um fotógrafo de bicicleta que instalou frente ao acampamento uma câmera de sanfona preta com tripé, e um telão de fundo com um lago de cisnes inválidos.

Avó: Eréndira, arruma a maquiagem.

NARRADOR: A avó, se abanando no trono, parecia alheia a sua própria feira. O único que lhe interessava era a ordem na fila dos clientes que esperavam a sua vez, e a exatidão do dinheiro que pagavam por adiantado para entrar com Eréndira. No começo tinha sido tão severa que até chegou a recusar um cliente porque lhe faltavam cinco pesos. Mas com o passar dos meses foi assimilando as lições da realidade, e acabou por aceitar que completassem o pagamento com medalhas de santinhos, relíquias de família, anéis de casamento, e tudo quanto fosse capaz de demonstrar, mordendo, que era ouro de lei mesmo que não brilhasse. No final de uma longa estadia nesse primeiro povoado, a avó teve suficiente dinheiro para comprar um burro.

Avó: Está na hora de procurar outros lugares mais propícios para cobrar a dívida. Vamos!

NARRADOR: Viajava em uma cadeira que tinham improvisado encima do burro, e se protegia do sol imóvel com o guarda-chuva desvencilhado que Eréndira segurava sobre sua cabeça. Destras delas iam

quatro índios de carga com os pedaços do acampamento. Tinham se passado seis meses desde que começara a vender a Eréndira, quando a avó conseguiu ter uma visão completa do negócio.

AVÓ: Eréndira, se as coisas continuam desse jeito, você terá pagado a dívida dentro de oito anos, sete meses e onze dias. Claro que tudo isso sem contar o salário e a comidas dos índios e outros gastos menores.

NARRADOR: Eréndira, que andava no passo do burro, extenuada pelo calor e a poeira, teve que se reprimir para não chorar, mas não disse nada, nem uma queixa saiu dos seus lábios. Não disse nada, nada... as palavras a tinham abandonado.

(Orelhas late para a avó, Eréndira faz um carinho, o cachorro interpõe seu corpo entre Eréndira e a avó. A luz do interior some lentamente, os latidos do cachorro são cada vez mais altos, se repetem em um eco violento. Se acende a luz exterior. Todas as personagens estão fora da câmara.)

ELENA: O fogo foi a sua única resposta, chamas enormes, vivas, que consumiam tudo ao seu redor. Começou na mesa dos santinhos, a mesa que a avó enchia de velas orando pela misericórdia infinita. Era uma casa humilde, das coisas materiais se perdeu pouco... na vida da menina se perdeu muito. A avó a acusa de atear fogo na casa, a menina não acusa ninguém, só desenha chamas, essas são as suas palavras. Acrescentei o desenho da lareira com chaminé, com sua forma fálica ereta, com a fumaça densa e espessa saindo dela... o juiz viu o desenho e achou perfeito, então ditou sentença, oito anos de prisão para a avó desalmada.

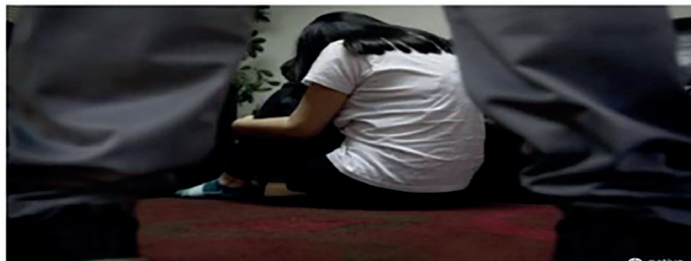
NARRADOR: Eréndira escutou a sentença, só então entendeu que tudo o que tinha acontecido com ela não era normal, que não todas as avós eram desalmadas com as suas netas. Se aproximou da avó, fitando-a sem tocá-la, e quando se convenceu de que ela ficaria atrás das grades, seu rosto adquiriu de repente toda a maturidade que não tinham lhe dado seus anos de infortúnio. Com movimentos rápidos e precisos... saiu do tribunal. Os jornalistas gritavam para que respondesse perguntas. Eréndira não os escutava. Ia correndo contra o vento, mais veloz que uma jaguatirica, e voz nenhuma deste mundo a poderia deter, começava a correr pela beira do mar em direção contrária à da cidade. A água salgada pingava nas suas pernas, se confundindo com a água salgada que escapava dos seus olhos. Passou correndo sem virar a cabeça pelo vapor ardente das poças de salitre, pelas crateras de talco, pelo sopor das palafitas, até que se acabaram as ciências naturais do mar e começou o deserto, mas ainda continuou correndo com sua liberdade, para além dos ventos áridos e os entardeceres de nunca acabar, e jamais se voltou a ter notícias dela, nem se encontrou o mais ínfimo vestígio de sua desgraça.

ÉLIO: A partir daqui, tudo o que verão é realidade.

(Elena, Eréndira e Élio pegam as seguintes matérias de jornal no cristal)

Abuela prostituía a su nieta en Coahuila

La joven era víctima de su abuela y una vecina



La joven era llevada con un hombre a cambio de un pago de 150 pesos, la abuela y la vecina fueron arrestadas | Cortesía

Noticias de El Sol de La Laguna

Coahuila. - Una jovencita de 15 años de edad, fue abusada sexualmente, durante un año por un hombre mayor a quien su propia abuela le permitía que saciara sus bajezas por un pago de 150 pesos. La menor era prostituida por dos personas, su abuela Lucía "N" y una vecina de nombre Angelica "N" quien se encargaba de llevarla hasta el municipio San Buenaventura donde el hombre abusaba de ella una y otra vez.

Este domingo, Lucía "N", Manuel "N" y Angélica "N" fueron vinculados a proceso por el delito de violación equiparada por los hechos ocurridos en 2019 y quedaron en prisión preventiva hasta que se venza el plazo de investigación complementaria de tres meses.



AVÓ PROSTITUIA A SUA NETA EM COHAHUILA

La Opinión
AUSTRAL

POSADAS

Abuela prostituía a su nieta de 12 años: daba turnos por WhatsApp y la entregaba

La mujer terminó detenida luego de un allanamiento ordenado por la Justicia misionera. La menor recibió apoyo de asistentes del Programa Nacional de Rescate a personas Damnificadas por el delito de Trata de Personas.

Por La Opinión Austral | 03-05-2021 10:02hs



En las últimas horas de este fin de semana, una mujer de 71 años fue detenida acusada de prostituir a su nieta de 12 años en Posadas, Misiones. Según informó **El Territorio**, fueron allegados a la familia de la menor los que alertaron a la Policía.

AVÓ PROSTITUIA A SUA NETA DE 12 ANOS: DAVA
TURNOS POR WHATSAPP E A ENTREGAVA

IMPRESO TELEVISIÓN **MILENIO**® Ingresar Registrarse

SECCIONES | Milenio > Mundo | Estados Unidos Latinoamérica Europa Medio Oriente Asia y Océano Índico OPINIÓN

HOY AMLO: Migrantes Navidad Vicente Fernández Carmen Salinas Basilio de Guadalupe CIE Domingo, 12.12.2011 / 21:40

Abuela prostituía a su nieta de 8 años en Colombia

La Fiscalía General de la Nación de Colombia informó que cuatro personas fueron detenidas por explotar sexualmente de una menor de edad y abusar de ella.

Comparte esta noticia



Cuatro personas fueron detenidas por prostituir a una menor de edad. (Especial)

MILENIO DIGITAL
Colombia / 26.02.2019 20:10:24

Una abuela explotaba sexualmente a su nieta de 8 años en complicidad con el padrastro de la menor en el municipio de Tuluá, en Colombia.

AVÓ PROSTITUIA NETA DE 8 ANOS NA COLOMBIA

Administración central:
Belgrano 397 - Trelew (9100) Chubut - Patagonia Argentina
TEL: (0280) 4434702/03/04 - FAX: (0280) 4420701
reservastrelew@cadena3yentray.com.ar

POLICIALES

Imperdonable: una abuela prostituía a su nieta en Facebook

Una menor de edad fue prostituida durante varios años por su abuela, quien estaba a cargo de ella en la ciudad de Alberdi, Tucumán. La propia abuela la ofrecía por la red social Facebook.

08/03/2021 20:29



La mujer había creado un Facebook poniendo fotos de la menor para promocionarla. (Archivo)

2.754 [Twitter](#) [Compartir](#) 123

El caso salió a la luz cuando una mujer realizó la denuncia en la Secretaría de Género de la Municipalidad y desde allí acompañaron desde un primer momento a la menor durante todo el proceso. También se colaboró con los requerimientos que realizó la fiscalía a cargo del doctor Fabian Assad.

La fiscalía comenzó la investigación y a la menor se le realizó una cámara gesell donde explicó **como su abuela la enviaba a citas con personas mayores, a quienes le pedía dinero a cambio de que pudieran abusarla sexualmente. También confirmó que la mujer había creado un Facebook poniendo fotos de la menor para promocionarla.**

El miércoles 3 de marzo pasado fue la audiencia. El viernes 5 notificó la jueza doctora Elena Grelliet que autorizó el juicio oral y público. La abuela por ahora tiene la prohibición de salir de la provincia, pero se encuentra en libertad. **La fiscalía solicitó 8 años de prisión por promoción y facilitación de la prostitución agravado**, en virtud de los elementos recabados en esta investigación y en mérito a las condiciones y antecedentes de la autora.

40 60
RESPETE LAS VELOCIDADES MÁXIMAS

CHUBUT ES TU VÍA

QUINIELA DEL CHUBUT
CON UNO A LA CAJETA: PUNTO FAVORITO
A LAS 7 CIERRAS \$14.000
A LAS 8 CIERRAS \$10.000
A LAS 9 CIERRAS \$70.000

IMPERDOÁVEL: UMA AVÓ PROSTITUIA A SUA NETA EM FACEBOOK

Horror: Abuela prostituía a su nieta menor de edad y la promocionaba por Facebook

Se le hizo cámara Gesell, donde contó cómo su abuela la enviaba a citas con personas mayores, a quienes pedía dinero a cambio de que pudieran abusarla sexualmente.



Una menor de edad fue prostituida durante varios años por su abuela, quien estaba a cargo de ella en la ciudad de Alberdi, Tucumán. La propia abuela la ofrecía por la red social Facebook.

El caso salió a la luz cuando una mujer realizó la denuncia en la Secretaría de Género de la Municipalidad y desde allí acompañaron desde un primer momento a la menor durante todo el proceso. También se colaboró con los requerimientos

HORROR: AVÓ PROSTITUIA A NETA MENOR DE IDADE E A PROMOCIONAVA POR FACEBOOK. Foi realizado depoimento em câmara Gesell, onde contou como a sua avó a levava a encontros com adultos, para quem solicitava dinheiro em troca de poder abusar dela sexualmente.

(Os atores saem ad libitum)

...

FIM

MUTISMO SELECTIVO

BOSCO ISRAEL CAYO ÁLVAREZ

Personajes:

A: EL ESTUDIANTE RESIDENTE (22)

B: LA PACIENTE DEPRIMENTE (70)

C: EL PROFESOR DE PSICOLOGÍA (58)

Centro penitenciario de una comuna cerca de la capital de Chile. Habitación de dos ambientes separados por un vidrio de visión unilateral y comunicados por un teléfono. Se prende la luz artificial y vemos a C junto a los observadores.

C: Estamos en una sala partida en dos. Estamos en una sala de entrenamiento para nuestros futuros profesionales. Ustedes serán los observadores.

(C enciende la luz de la habitación interior de la cámara Gesell y vemos a A.)

C: Él es A, es nuestro sujeto de observación. A es estudiante residente de nuestra universidad. A está cursando su último semestre en Psicología. ¿Se lo imaginan de psicólogo? ¿Irían a ver a un psicólogo así? A está esperando a B, la paciente deprimida, para realizar su décima sesión de psicoterapia, de un total de doce.

(El hombre golpea el vidrio. A se asusta.)

C: Este vidrio nos resguarda de todo. Así que pueden relajarse, pueden comer, hablar bajito, mirar sus celulares si es que están muy aburridos. No me voy a molestar.

(C abre una lata de gaseosa.)

C: Cuando apriete este botoncito...

(C aprieta el botón del intercomunicador y se enciende una luz roja en la sala.)

C: ... Y se prenda esta lucecita. Les voy a pedir el máximo de silencio, pues llamaré al interior de la cámara para comunicarme con el estudiante residente.

(C levanta el auricular del teléfono y suena un timbre en la habitación interior. A contesta.)

C: ¿Te aburres cuando estás con B?

A: No, no me aburre.

C: Una paciente deprimente, con baja autoestima, displacer, con ganas de no seguir con vida, te puede provocar ABATIMIENTO EMPÁTICO y tu cabeza crear un ESPEJO con su discurso.

A: Ya.

C: ¿Sabes qué estrategia uso yo para que B no perciba mi aburrimiento?

A: No.

C: La escucha activa.

A: Ajá.

C: Ajá.

A: Ajá.

C: Ajá.

(Suena un timbre)

A: Llegó B.

C: Recuerde estar tranquilo, para así transmitir la CONFIANZA BÁSICA para que se abra el ALMA de la paciente DEPRIMENTE.

(A cuelga el intercomunicador. Abre la puerta y está B)

C: El primer saludo en terapia es importante para crear esperanza.

C: Es bueno mantener el encuadre y los límites de la relación.

B: Hola ¿Cómo está?

A: ¿Le costó mucho llegar?

B: No.

(Se sientan uno frente al otro.)

A: Qué bueno. ¿Cómo le ha ido con la tarea que le dejó el profesor?

B: Más o menos.

A: ¿Cómo más o menos?

B: Sí, la hice. Pero anoté poquito yo. Es que he seguido con los dolores de cuerpo.

A: Ah, pero igual anotó algo en su cuaderno. Eso es bueno. ¿Qué cosas que le importaron mucho hacer esta semana, anotó en su cuaderno?

C: La paciente deprimente llegó a nuestro centro de salud hace cinco meses. Tiene 70 años, no tiene seguro médico, no tiene hijos, no tiene esposo, no tiene familiares cercanos. Se jubiló, luego de trabajar 40 años como auxiliar de aseo de la municipalidad de nuestra comuna. Hemos realizado una psicoterapia compartida con nuestro estudiante residente y la atendemos semanalmente de manera alternada.

C: ¿Dijo SIDA?
¿Escuché bien?

C: La paciente deprimente va a buscar desestabilizarnos en su afán de racionalizar que la sesión no tiene futuro.
Debemos estar atentos para defendernos de sus ataques negativos.

B: Difícil la tarea. La verdad es que nada me importó mucho esta semana. No me interesó levantarme, porque después tuve que acostarme. No me dieron ganas de hacerme desayuno, porque después me tuve que hacerme el almuerzo. No me interesó dormirme, porque después tuve que despertarme.

(La paciente busca algo en su cartera.)

B: Antes yo no era así, era buena alumna yo. Ahora con suerte pude escribir una sola idea en la tarea.

A: Pero igual anotó algo, eso es lo importante.

B: A veces también siento como un ahogo constante en el pecho yo.

A: ¿Hay algo que le preocupe?

B: Pienso que tengo SIDA yo.

A: ¿SIDA?

B: Sí.

A: ¿Y por qué piensa eso?

B: No sé... todos podemos tenerlo.

A: ¿Y se hizo exámenes?

B: Sí.

A: ¿Y cómo le fue?

B: Me salió negativo a mí.

A: ¿Entonces por qué cree que tiene SIDA?

B: Porque a veces los doctores se equivocan en dar diagnósticos. ¿Usted se ha equivocado alguna vez en dar un diagnóstico?

(A escribe algo en su libreta.)

A: Bueno, yo todavía soy un estudiante. No he tenido tantas experiencias dando diagnósticos.

B: Hubiera visto la cara que puso cuando le dije que tenía SIDA.

A: Perdón, no me di cuenta.

B: Tiene que cuidar la expresión de su cara cuando le cuenten una información así. ¿No ve que se le pueden ofender los pacientes?

C: La paciente deprimente está rodeando el núcleo del problema.

(La mujer saca una botella con agua de su cartera y toma.)

B: No es real que tengo SIDA. Solo quería llamar su atención.

A: ¿Por qué quiere llamar mi atención, si ya la estoy escuchando?

B: Es que a veces puedo ser muy ABATIDA yo, y no quiero que sienta un ESPEJO cuando le estoy hablando yo a usted.

A: ¿Leamos mejor lo que anotó en la tarea?

B: ¿Vio que he bajado de peso yo?... Estoy haciendo dieta yo.

C: Yo la veo igual.

(La paciente se mira en el espejo que nos divide.)

A: ¿Qué está mirando en ese espejo?

B: Me acordé de la cachorra yo...

C: Acá llegamos a la parte en que la paciente deprimente comienza con su relato de la cachorra como un ejercicio de autocontrol, reatribución y descatastroficación de la tristeza.

(B se pone de pie frente al espejo.)

B: Bueno, yo hace un año yo tenía una perra. Una cachorra. Digo cachorra, la perra ya tenía tres años cuando me la regalaron unas vecinas-amigas gendarmes del Centro Penitenciario de la comuna. Yo primero les había dicho que no. Que para qué iba a querer una perra en mi casa. Si yo era una mujer sola y me había acostumbrado al destierro de la vejez, yo. “¿Quién la va a querer?”, me decían. Es tan negrita. Es tan quiltra. “Yo la voy a querer”, les dije yo. La cachorra llevaba un mes esperando afuera de la cárcel a un preso que era su dueño. Un joven que entró por hacer desórdenes en alguna de las marchas que ha habido en la comuna. A mí no me gustan las marchas, no me gustan los desórdenes a mí, no me gusta la política a mí. ¿Usted sabe cuántos perritos esperan eternamente a sus dueños afuera de una cárcel? Mi cachorra extrañaba al jovencito, lloraba afuera de la cárcel todo el día. Mis compañeras dicen que la vieron y pensaron al tiro en mí. No sé por qué. La cachorra era hermosa. Me des-

C: Hay que volver a la agenda terapéutica.

C: La paciente deprimente ya no sabe qué hacer para no mostrar la tarea.

C: Se refiere al contrato de confidencialidad que firman todos los pacientes voluntarios.

pertaba en la mañana con un ladrido, me pedía comida al medio día, la sacaba a pasear en la tarde, se dormía conmigo en la noche. Era lo único que me ponía contenta a mí. Me había vuelto la vida. Yo sabía que la cachorra no había olvidado a su antiguo dueño, no había olvidado su pasado. Hace un año hubo una redada de narcotraficantes acá en la comuna, la cachorra escuchó las sirenas de los carabineros, se me soltó de la correa y salió corriendo tras ellos. Corrí, corrí tras la cachorra. Llegué a la plaza y ahí estaba aplastá' mi perrita. Como una mancha negra en el cemento.

A: Muy bien, lo hizo muy bien.

B: Gracias.

A: Volvamos a lo que nos convoca. ¿Hablemos ahora de la tarea?

B: ¿Y su profesor la va a escuchar?

A: ¿Le molesta que el profesor escuche su respuesta?

B: No.

A: Recuerde que él es mi supervisor y usted accedió voluntariamente a compartir su experiencia.

B: Sí, sé, me lo explicaron el primer día a mí. Ese fue el papel que firmé yo.

(B toma un trago largo de agua.)

B: Creo que está malo.

A: ¿Qué?

B: La tarea, está malo lo que escribí.

A: No hay nada malo ni bueno.

B: Es que soy muy tonta yo.

A: No se trate así, por favor.

(C aprieta el botón, suena el timbre del teléfono y se enciende una luz roja en la sala.)

B: *(Susurrando)* ¿Es él?

A: ¿Quién?

B: *(Susurrando)* ¿El profesor?

A: Sí. Debo contestar.

(A se pone de pie y contesta.)

C: Es obvio que la paciente deprimente no quiere leer lo que escribió.

A: Ajá.

C: Debes reforzar lo importante de los registros y su utilidad en el tratamiento.

A: Ajá.

C: Cuestiónale: ¿es positivo creer que, incluso antes de intentarlo, las tareas que me deja el psicólogo no me ayudaran?

A: Ajá,

C: Eso por ahora,

A: Ajá.

(C corta el intercomunicador y A vuelve a su silla.)

C: ¿Están hablando de mí?

B: ¿Qué le dijo de mí?

A: ¿Cómo?

B: ¿Qué le dijo de mí su profesor?

A: Nada.

B: ¿Descubrió algo nuevo en mi relato de cachorra atropellada?

A: No

(B toma nuevamente agua de su botella.)

A: Quiero que nos concentremos en lo que escribió en su cuaderno, ¿ya? ¿Qué fue lo más feliz que le pasó esta semana?

B: Me gustaría seguir la terapia sola con usted, sin el profesor.

A: ¿Cómo?

B: Terminar con usted mis doce sesiones.

A: ¿Y por qué no quiere seguir trabajando con el profesor?

B: No puedo decirle, porque debe estar ahí observando, analizando, deduciendo, anotando cada respiración para hacer un diagnóstico de mí.

A: ¿Le hizo algo el profesor?

(B toma más agua de su botella.)

A: ¿Pasó algo en la última sesión?

B: No.

C: ¿Cómo?

C: Acá vemos una aversión fóbica-evitativa.

C: Yo no le he hecho nada...

C: No.

C: Sí.

C: Hipnosis ericksoniana se llama.

C: ¿Encontraste un recuerdo?

C: Escoja cuatro palabras que le ayuden a recordar este momento y grábelas en su corazón, para que las pueda trasladar al presente que le duele.

C: ¿Cómo le fue?

C: Ah, así que aburrió de mi terapia la paciente deprimente...

A: ¿Y qué hicieron?

B: Su ejercicio HIPNÓTICO.

A: ¿Hicieron un ejercicio HIPNÓTICO?

B: Sí.

A: ¿Me puede describir el ejercicio HIPNÓTICO?

B: Nos sentamos uno frente al otro. Con las manos abiertas. Él hablaba, me decía que estuviera tranquila, se detenía. Respiraba profundo, me miraba fijo. Me decía que no dejara de mirarlo nunca. Que no me moviera nada. Me decía “vuelve atrás en tus recuerdos, busca un lugar de tu infancia en que fueras feliz. ¿Encontraste un recuerdo?”. Estoy tratando de buscar un momento en mi cabeza pero no puedo.

“Piensa en algún paseo con tu familia, algún día en la playa, algún día en el campo”. ¿Cuándo me he sentido feliz yo? ¿Cuándo me he sentido feliz yo? “Escoja cuatro palabras que le ayuden a recordar este momento y grábelas en su corazón, para que las pueda trasladar al presente que le duele”.

Y yo seguía en esta cárcel de mi cuerpo sin poder imaginarme nada feliz. Esta posición con las manos al cielo es tan incómoda. Soy tan tonta yo. Me siento tan tonta de no tener la inteligencia para imaginarme una infancia mejor. “Piensa que el sol está en tus dos manos. Guarda esta sensación de felicidad para los momentos en que sientas mucha pena”.

(A le pasa unos pañuelos desechables a B, aunque no esté llorando.)

B: Le dije que me había ido bien, que ya se me estaba yendo la tristeza, y la verdad es que me aburrí tanto tanto.

(B se seca unas lágrimas ausentes.)

B: Cuando llegué a la casa y no tenía las cuatro palabras de la HIPNOSIS para enfrentar el dolor. Me empecé a llenar de rabia yo, y busqué a mi cachorra por la casa y le serví comida y agua yo y

C: Y yo que pensé que lo estaba haciendo estu-
pendo.

le preparé el collar para ir al parque y después me acordé que la habían atropellado los carabineros. Y me volví a ver sola, sin nada que hacer. Y lloré y lloré yo. Toda la semana lloré yo. Y me dolió el cuerpo de tanto llorar a mí. Y pensé que la vida se me había ido y que tenía que morir.

A: Es bueno abrir así sus emociones. Al verbalizarlas se van simbolizando en su cabeza. Las va confrontando como ideas negativas que pueden ser cambiadas por sentimientos positivos y así poder tener el control sobre ellos.

B: Usted es distinto.

A: Esto es un gran avance.

B: Es distinto, es distinto a todos ellos.

A: Todos queremos ayudarla. Y yo creo que el profesor también.

B: ¿Por qué lo tienen acá?

A: ¿Acá?

B: ¿Qué hizo tan malo para que lo tengan enca-
rrado en esta cárcel a usted?

(Silencio, A se incomoda.)

C: ¿Cómo?

A: ¿Cómo?

B: ¿Usted cree que algún día lo van a indultar?

C: ¿La paciente deprimente le habló del proceso
judicial al estudiante residente?

(Silencio, A se incomoda más.)

A: Volvamos a hablar sobre la terapia, mejor
¿Qué piensa del trabajo logrado hasta ahora?

B: Pienso que no va a funcionar.

A: ¿Por qué no va a funcionar?

B: Porque estoy muy vieja para cambiar. Y usted
es muy joven para entenderme.

A: Yo también he vivido muchas cosas.

B: Sí, lo sé, en la noticias he visto todo de usted.

C: ¿Noticias?

(Silencio. A se sigue incomodando.)

A: Le vuelvo a preguntar, ¿por qué no va a fun-
cionar esta terapia?

B: Porque usted un día se va a ir de esta jaula,

C: De nuevo lo está haciendo.

C: Ajá.

C: Ajá.

C: Ajá.

C: Ajá.

C: Ajá.

C: Ajá.

C: Suficiente.

va a recuperar la vida que le debe este país. Con su familia, con su polola, son sus amigos. Todos jóvenes. Llenos de vida. Y se va a olvidar de mí, de esta cachorra fiel que se cruzó en su camino...

A: (*Anotando en su libreta.*) ¿Eso lo piensa o lo siente?

B: Lo pienso y lo siento yo.

A: ¿Tiene miedo a que se termine nuestra terapia?

B: ¿Por qué no me abandonó como los otros psicólogos que se aburrieron de mí por ser una paciente deprimente?

A: Es mi trabajo escucharla.

B: ¿Le recuerdo a su mamá?

A: No, no me recuerda a mi mamá.

B: A veces me imagino lo que debe sentir su mamá de ver a su hijo en la cárcel y debe ser terrible.

A: Quiero que nos concentremos en la tarea del profesor.

B: ¿Le aplicaron la Ley de Seguridad Interior del Estado?

A: ¿Cómo?

B: ¿La Ley Antisaqueo?

A: ¿De qué me está hablando, señora?

B: ¿Andaba con alguna molotov?, ¿con armas en su mochila?... A mí no me gusta la violencia, no me gusta el vandalismo callejero.

A: Eso no le importa.

B: Usted no tiene antecedentes, debería poder cumplir su condena en el domicilio...

A: Volvamos a lo que nos convoca. ¿Me puede leer su tarea, por favor?

B: ¿Cuántos son los jóvenes que están esperando el indulto para poder salir de esta cárcel?

(*C aprieta el botón del intercomunicador, suena el timbre y se enciende la luz.*)

A: Deme un minuto.

B: No vaya...

(*A contesta el intercomunicador.*)

C: Debe terminar la sesión ahora, la paciente deprimente no está respetando el acuerdo de...

(B se pone de pie y corta el transmisor.)

C: ¿Qué?

C: ¿Cómo?

C: Esto no está bien.

C: No.

C: Tranquilícese, señora.

C: ¡Mierda!

B: Lo amo.

A: ¿Qué?

B: Estoy enamorada de usted.

A: ¿Cómo?

B: Nunca me había atrevido a decirle esto a alguien.

A: Esto no está bien.

B: Lo amo yo.

A: No.

B: Lo amo yo.

A: No.

B: Lo amo. Lo amo. Lo amo mucho yo.

A: No, por favor.

B: Estoy llena de amor yo por usted.

A: Tranquilícese señora.

B: Lo amo. Por fin se lo puedo decir.

A: No siga.

B: ¿No está bien que le diga lo que siento?

A: Sí, eso está bien.

B: Me siento llena de alegría, me siento como me imagino que se siente una infancia feliz.

(C llama por el intercomunicador. Se enciende la luz. Suena el timbre constantemente. Todxs se exaltan.)

C: Conteste.

C: Aló.

A: El profesor me está llamando.

B: USTED.

A: ¿Cómo?

B: USTED es lo que escribí en mi tarea yo.

A: Señora.

B: USTED es lo que me hace más feliz en la semana. Sus ganas honestas de ayudarme. Nunca nadie se había preocupado tanto por mí. Y usted, en medio de este encierro, de esta espera sin fin, no deja de pensar en mí.

A: Lo que siente no es real. Se llama transferencia.

C: Conteste.

C: Aló. *(cortando el teléfono.)*

C: En general, no nos pasa esto en nuestros entrenamientos.

C: Bueno, vamos a tener que ir cerrando nuestra sesión de hoy.

C: *(Gritando al vidrio)* Sí. Vamos a terminar la sesión ahora, no se desespere.

C: *(Gritando al vidrio)* Voy a buscar a seguridad. Me voy a tener que retirar. Permiso.

B: ¿Cómo no me voy a enamorar de usted yo? Usted, que ha perdido el derecho a caminar libre por las alamedas, a mirar la cordillera, a bañarse en nuestro mar... ¿Por qué me eligió a mí? ¿Por qué, entre todas las pacientes deprimentes, fui yo la afortunada para encontrarse con usted?

A: Para todos la vida ha sido difícil.

B: Pero yo me puedo ir de acá y usted va a seguir encerrado hasta que no cambie este país.

A: Le pido por favor que se tranquilice y hablemos de las cogniciones erróneas que está teniendo sobre mí. Lo más seguro es que quizás yo hice algo mal. La culpa es siempre del terapeuta. Quiero que se relaje, que se concentre en su respiración.

B: Siento tanto amor por usted yo.

A: Cuando se refiere a amor... ¿será gratitud? ¿Será que le recuerdo a alguien que le provocó sentimientos parecidos alguna vez?

B:B: Quiero que me ame como ama a sus pololas lolas. Que me ame como se ama en libertad. Que no tenga consideración con mi cuerpo deprimente.

A: Señora, vamos a terminar la sesión ahora.

B: ¡No!

A: ¡Profesor! ¿Está por ahí?

B: ¿Me va a dejar a mí? *(se acerca a A.)* ¿Me quiere abandonar?

A: Profesor, ¿podemos terminar la sesión ahora, ya?

B: Tengo ganas de ladrar yo. De morderlo yo.

A: ¡Profesor!

B: ¿Me quiere abandonar por el profesor?

A: ¿Pueden venir a buscarme, por favor?

(C Sale de la habitación por una puerta que está en el costado. Los observadores se quedan solas y solos.)

B: ¿Me abandona a mí? Yo, que he sido la cachorra fiel que espera por usted. La cachorra condicionadamente operante ante el estímulo que son sus ojos cafés, llenos de esperanza y juventud. Yo, que he sido la cachorra más ferviente afuera de esta cárcel, día y noche, lluvia y sol, esperando que salga por esa puerta, me dé un abrazo de cachorro y le dé lengüetazos de felicidad animal yo, mientras el pueblo entero que salió a las calles lo recibe con cantos, con banderas de colores, de todos los colores, y la memoria se reparte en gritos de libertad a los presos por luchar. Sé quién es. Conozco a su familia. Conozco a su mamá. Sé de la lucha que está haciendo por sacarlo de aquí. Mis sentimientos no son una distorsión cognitiva que hace mi cerebro animal de cachorra fiel. Yo lo amo yo. Lo amo tanto, mi joven salvador, yo.
(A se pega al vidrio, lo golpea con la mano.)

A: Sáquenme de aquí. ¡Profesor! ¡Gendarme!

B: *(Muy cerca de A.)* No me deje a mí.

A: Aunque quisiera, no la puedo dejar.

B: Usted nos ayudó a cambiar este país. Usted nos salvó a todos...

A: Ahora no la quiero escuchar...

B: Todo va a estar bien.

A: ¡Era mi último examen!

B: Se lo juro, vamos a luchar por ese indulto.

A: ¡Cállese, por la mierda!

B: El tiempo pasará. Y será libre. Y yo estaré ahí, esperando yo, esperando yo. Pegada a la puerta de esta cárcel como la cachorra más fiel que alguien pueda tener.

(Entra C por la puerta de la cámara interior. A y B se vuelven a sentar uno frente al otro, muy tranquilos, aguantando sus afectos)

C: Se acabó la sesión. Muchas gracias a ambos por su trabajo, fue una sesión de mucho INSIGHT.

(C le pasa unas esposas a A, que se las pone en las manos. B se queda en silencio mirando el suelo.)

C: ¿Todo bien?

A: Sí, todo bien.

B: Todo bien.

C: La otra semana le doy las observaciones de hoy y la nota final del curso.

A: Ya profesor.

C: Lo hizo muy bien.

(A se levanta para salir.)

A: Nos vemos la otra semana, señora Beatriz.

(La mujer no le responde. Se queda quieta. A sale de la cámara Gesell hacia su celda en la penitenciaría. Escuchamos cómo se van cerrando puertas y se van poniendo cerraduras y candados. C y B se quedan en silencio un tiempo largo.)

C: Le quiero recordar, señora Beatriz, que el programa piloto “Educación Universitaria en Contexto Penitenciario” de la Facultad de Psicología de nuestra institución quiere brindar este derecho universal a todos los jóvenes, independientemente de la causa penal que tengan en este centro penitenciario, señora Beatriz.

(B se pone a aullar bajito.)

C: Y no como una reinserción, ni rehabilitación, ni nada que tenga que ver con lo carcelario, señora Beatriz, queremos derribar los estigmas y los prejuicios de los jóvenes privados de libertad, señora Beatriz...

(B Comienza a ladrar como un perro.)

C: ¿Señora Beatriz?

(B ladra con mucha pena. C se queda en silencio sin saber qué decir. La luz artificial que ilumina los cuerpos se oscurece. El vidrio da reflejos a los observadores que respiran tras el espejo de separación.)

...

FIN

MUTISMO SELETIVO

BOSCO ISRAEL CAYO ÁLVAREZ

Tradução: LUCIANA DI LEONE

Personagens

A: O estudante residente (22)

B: A paciente deprimente (70)

C: O professor de Psicologia (58)

Centro penitenciário de uma comuna próxima da capital do nosso país. Quartos separado por um vidro de visão unilateral e comunicados por um telefone. Se acende uma luz artificial e vemos a C junto aos observadores.

C: Estamos em uma sala dividida em dois. Estamos em uma sala de treinamento para nossos futuros profissionais. Vocês serão os observadores.

(C acende a luz do quarto interior da câmara Gesell e vemos A)

C: Ele é A, é nosso sujeito de observação. A é estudante residente da nossa universidade. A está cursando seu último semestre em Psicologia. Imaginam ele como psicólogo? Iriam consultar um psicólogo assim? A está esperando B, a paciente deprimente, para realizar a sua décima sessão de psicoterapia, de um total de 12.

(O homem bate no vidro. A se assusta)

C: Este vidro nos resguarda de tudo. Então podem relaxar, podem comer, falar baixinho, olhar seus celulares se ficarem muito entediados. Não me incomoda.

(C abre uma lata de refrigerante.)

C: Quando pressionar esse botão...

(C pressiona o botão do intercomunicador e se acende uma luz vermelha na sala.)

C: ... e ligar essa luzinha, eu vou pedir o máximo de silêncio, pois vou estar ligando para o interior da câmara, para me comunicar com o estudante residente.

(C levanta o fone do telefone e toca uma campainha no quarto interior. A atende.)

C: Fica entediado quando está com B?

A: No, não fico entediado.

C: Uma paciente deprimente, com baixa autoestima, desprazer, com vontade de não continuar com a vida, pode provocar ABATIMIENTO EMPÁTICO e tua cabeça pode criar um ESPELHO com seu discurso.

A: Entendi.

C: Sabe qual estratégia eu uso para que B não perceba meu tédio?

A: Não.

C: A escuta ativa.

A: Aham.

C: Aham.

A: Aham.

C: Aham.

(Se escuta uma campainha)

A: B chegou.

C: Lembre de ficar tranquilo, para transmitir a “confiança básica” para pode abrir a ALMA da paciente DEPRIMENTE.

(A desliga o intercomunicador. Abre a porta e está B.)

C: O primeiro contato em terapia é importante para criar esperança. C: É bom manter o enquadre e os limites da relação.

C: É bom manter o enquadre e os limites da relação.

B: Oi, como você está?

A: Foi difícil chegar?

B: Não.

(Sentam na frente um do outro.)

A: Que bom. Como foi com o dever que lhe deixara o Professor?

B: Mais ou menos

A: Por que mais ou menos?

B: Eu fiz. Mas anotei pouco. É que as dores no corpo têm continuado.

C: A paciente deprimida chegou no nosso centro de saúde há 5 meses. Tem 70 anos, não tem plano de saúde, não tem filhos, não tem marido, não tem familiares próximos. Se aposentou, depois de trabalhar por 40 anos como auxiliar de limpeza da prefeitura da nossa cidade. Tenho realizado uma psicoterapia compartilhada com nosso estudante residente e a atendemos semanalmente de modo alternado.

C: Disse AIDS?
Escutei bem?

C: A paciente deprimida vai procurar nos desestabilizar na sua vontade de racionalizar que a sessão não tem futuro. Devemos estar atentos para nos defender dos seus ataques negativos.

A: Ah, mas mesmo assim fez algumas anotações no seu caderno. Isso é bom. Que coisas importantes que fez essa semana anotou no caderno?

B: Difícil o dever. Na verdade, nada me importou muito essa semana. Não me interessou levantar, porque depois tinha que deitar. Não me deu vontade de fazer café da manhã, porque depois tinha que fazer o almoço. Não me interessou dormir, porque depois tinha que acordar.

(A paciente procura algo na sua bolsa.)

B: Antes eu não era assim, era uma boa aluna. Agora com boa sorte consigo escrever uma única ideia no dever.

A: Mas mesmo assim escreveu alguma coisa, isso é importante.

B: Às vezes também eu sinto como uma pressão constante no peito.

A: Tem alguma coisa preocupando?

B: Acho que estou com AIDS eu.

A: AIDS?

B: Sim.

A: E por que pensa isso?

B: Não sei... todos podemos ter.

A: E fez os exames?

B: Sim.

A: E como foram?

B: Deu negativo para mim

A: Então por que a senhora acha que está com AIDS?

B: Porque às vezes os médicos se enganam com os diagnósticos. Alguma vez você se enganou com o diagnóstico?

(A escreve algo na sua caderneta.)

A: Bom, eu ainda sou um estudante. Não tenho tido tantas experiências dando diagnósticos.

B: Tivesse visto a cara que você fez quando disse que tinha AIDS.

C: A paciente deprimente está contornando o núcleo do problema.

C: Eu a vejo igual.

C: Aqui chegamos na parte em que a paciente deprimente começa com seu relato da cadelinha como um exercício de autocontrole, reatribuição e descatastrofização da tristeza.

A: Desculpe, não me dei conta.

B: Tem que cuidar da expressão da sua cara quando lhe contam uma informação desse tipo. Não vê que os pacientes podem se ofender?

(A mulher tira uma garrafa de água da sua bolsa e bebe.)

B: Não é verdade que tenho AIDS. Eu só queria chamar a sua atenção.

A: Por que quer chamar a minha atenção, se eu estou escutando a senhora?

B: É que às vezes posso ser muito ABATIDA eu e não quero que sintam um ESPELHO quando eu estou lhe falando.

A: Vamos ler o que anotou no dever, melhor?

B: Viu que baixei de peso eu?... Estou fazendo dieta eu.

(A paciente se olha no espelho que nos divide.)

A: O que está olhando nesse espelho?

B: Me lembrei da cadelinha eu...

(B fica em pé na frente do espelho.)

B: Bom eu faz um ano que tinha uma cadela eu. Uma filhotinha. Digo filhotinha, mas a cadela já tinha três anos quando me deram de presente umas vizinhas – amigas gendarmes do Centro Penitenciário do município. Eu primeiro lhes disse que não. Que para que ia querer uma cadela na minha casa. Se eu era uma mulher sozinha e tinha me acostumado com o desterro da velhice eu. Mas quem vai querer ela?, me diziam. É tão pretinha. Tão vira-lata. Eu vou querer, disse eu. A cadela levava um mês esperando fora do presídio a um preso que era seu dono. Um jovem que entrou por fazer baderna em alguma das manifestações que houve na cidade. Eu não gosto de manifestações eu, não gosto de política eu.

C: Tem que voltar para a agenda terapêutica.

C: A paciente deprimida já não sabe o que fazer para não mostrar o dever.

C: Refere-se ao contrato de confidencialidade que assinam todos os pacientes voluntários.

Você sabe quantos cachorrinhos esperam eternamente por seus donos na porta da cadeia? Minha cadelinha sentia falta do garoto, chorava do lado de fora da cadeia o dia todo. Minhas colegas que a viram e pensaram logo em mim. Não sei por que. A cadela era preciosa. Me acordava de manhã com um latido, me pedia comida ao meio-dia, eu levava para passear à tarde, dormia comigo à noite. Era a única coisa que me deixava feliz a mim. Tinha voltado à vida. Eu sabia que a cadela não tinha esquecido seu antigo dono, não tinha esquecido o seu passado. Faz um ano houve uma operação por tráfico aqui no bairro, a cadela escutou as sirenes da polícia, se soltou da coleira e saiu correndo atrás deles. Corri, corri atrás da cadela. Cheguei na praça e ali estava, pisada, minha cachorrinha. Como uma mancha negra no cimento.

A: Muito bem, você foi muito bem.

B: Obrigada.

A: Voltemos ao que nos convoca. Falemos agora do dever?

B: E o seu professor o vai escutar?

A: Lhe incomoda que o professor escute a resposta?

B: Não.

A: Lembre que ele é meu supervisor e você concordou voluntariamente em compartilhar a sua experiência.

B: Sim, sei, me explicaram no primeiro dia para mim. Esse foi o papel que assinei eu.

(B toma um longo gole de água.)

B: Acho que está ruim.

A: O quê?

B: O dever, está ruim o que escrevi

A: Não tem nada ruim ou bom.

B: É que sou muito boba eu.

A: Não se trate assim, por favor.

(C aperta o botão, soa a campainha do telefone e se acende uma luz vermelha na sala.)

B: *(Sussurrando.)* É ele?
A: Quem?
B: *(Sussurrando)* O Professor?
A: Sim. Tenho que atender.
(A levanta e atende.)

C: É obvio que a paciente deprimente não quer ler o que escreveu.

A: Aham

C: Deve reforçar a importância dos registros e sua utilidade no tratamento.

A: Aham.

C: Pergunta: é positivo acreditar, inclusive antes de tentar, que as tarefas que me deixa o psicólogo não vão me ajudar?

A: Aham.

C: Por enquanto é isso.

A: Aham.

(C desliga o intercomunicador e A volta para a sua cadeira.)

C: Estão falando de mim?

B: O que disse de mim?
A: Como?
B: O que lhe disse de mim o seu professor?
A: Nada.
B: Descobrirá algo novo no meu relato da Cade-
linha atropelada?
A: Não.
(B toma água novamente de sua garrafa.)
A: Quero que nos concentremos no que escreveu
no seu caderno, pode ser? O que foi o mais feliz
que lhe acontecera essa semana?
B: Eu gostaria de seguir a terapia só com você,
sem o professor.
A: O quê?
B: Terminar com você as minhas 12 sessões.
A: E por que não quer continuar trabalhando
com o professor?
B: Não posso lhe dizer, porque ele deve estar ai
observando, analisando, deduzindo, anotando
cada respiração para fazer um diagnóstico de mim.
A: O professor lhe fez alguma coisa?

C: O quê?

C: Aqui vemos uma aversão fóbica-evitativa.

C: Eu não fiz nada a ela...

(B bebe mais água da sua garrafa.)

C: Não.

C: Sim.

C: Hipnose Ericksoniana se chama.

C: Você encontrou uma lembrança?

C: Escolha 4 palavras que lhe ajudem a lembrar esse momento e as grave-as no seu coração para poder translada-las até o presente que dói.

C: Como foi?

A: Aconteceu alguma coisa na última sessão?

B: Não.

A: O que fizeram?

B: Seu exercício de HIPNOSE.

A: Fizeram um exercício de HIPNOSE?

B: Sim.

A: Você poderia descrever o exercício de HIPNOSE?

B: Sentamos um na frente do outro. Com as mãos abertas. Ele falava, me dizia que ficasse tranquila, parava. Respirava profundo, me olhava fixamente. Me dizia que não deixara nunca de olhar para ele. Que não me mexesse nada. Me dizia volta atrás nas suas lembranças, procura um lugar da sua infância no qual era feliz. Você encontrou uma lembrança? Estou tratando de procurar um momento na minha cabeça mas não consigo.

Pense em algum passeio com a sua família, algum dia de praia, algum dia de campo. Quando que eu me senti feliz eu? Quando que eu me senti feliz? Escolha quatro palavras que lhe ajudem a lembrar esse momento e grave-as no seu coração para poder translada-las até o presente que dói. E eu continuava no cárcere do meu corpo sem poder imaginar nada feliz. Essa posição com as mãos pro céu é tão desconfortável. Sou tão boba de não ter a inteligência para me imaginar uma infância melhor. Pensa que o sol está nas tuas duas mãos. Guarda essa sensação de felicidade para os momentos em que sentir muita tristeza.

(A lhe dá uns lencinhos de papel a B, embora não esteja chorando.)

B: Eu disse que tinha sido bom, que a tristeza já estava passando mas a verdade é que fiquei entediada.

(B seca umas lágrimas ausentes)

C: Ah, quer dizer que ficou entediada com a minha terapia?

C: E eu que achei que o estava fazendo estupidamente.

C: Como assim?

C: A paciente deprimida falou do processo judicial pro estudante residente?

C: Telejornal?

B: Quando cheguei em casa e eu não tinha as 4 palavras da HIPNOSE para enfrentar a dor, comecei a ficar com raiva eu, e procurei a minha cadela pela casa e servi comida para ela e água eu, e lhe preparei a coleira para ir no parque e depois me lembrei que tinha sido atropelada pela polícia. E me vi de novo sozinha, sem nada para fazer. E chorei e chorei eu. A semana toda chorei eu. E me doeu o corpo de tanto chorar a mim e que tinha que morrer.

A: É bom abrir assim as suas emoções. Ao verbalizar vão se simbolizando na sua cabeça. Vai confrontando elas como ideais negativas que podem ser trocadas por sentimentos positivos e assim poder ter o controle sobre eles.

B: Você é diferente.

A: Isto é um grande avanço.

B: É diferente, diferente a todos eles.

A: Todos queremos ajudá-la. E eu acredito que o professor também.

B: Por que é mantido aqui?

A: Aqui?

B: O que fez de tão ruim para que o tenham neste cárcere a você?

(Silêncio, A fica desconfortável)

A: Como assim?

B: Você acha que algum dia você vai ser indultado?

(Silêncio, A fica mais desconfortável ainda.)

A: Voltemos a falar sobre a melhor terapia. O que pensa do trabalho conseguido até agora?

B: Penso que não vai funcionar

A: Por que não vai funcionar?

B: Porque estou muito velha para mudar. E você é muito jovem para me entender.

A: Eu também vivi muitas coisas.

B: Sim, eu sei, no telejornal vi tudo sobre você.

(Silêncio. A continua ficando mais desconfortável.)

C: Está fazendo de novo.

C: Aham.

C: Aham.

C: Aham.

C: Aham.

C: Aham.

C: Aham.

C: Suficiente.

A: Vou lhe perguntar novamente, por que acha que não vai funcionar a terapia?

B: Porque você um dia vai sair dessa jaula, vai recuperar a vida que lhe deve esse país. Com a sua família, sua namorada, seus amigos. Todos jovens. Cheios de vida. E vai se esquecer de mim, dessa cadela fiel que atravessou o seu caminho...

A: (*Fazendo anotações na caderneta*) Isso é o que a senhora pensa ou sente?

B: O que penso e o que sinto eu.

A: Tem medo que se termine a nossa terapia?

B: Por que não me abandonara como os outros psicólogos que se entediaram comigo por ser uma paciente deprimente?

A: Escutá-la é o meu trabalho.

B: Eu o faço lembrar a sua mãe?

A: Não, não me lembra da minha mãe.

B: Às vezes imagino o que deve sentir a sua mãe de ver o filho na cadeia, e deve ser terrível.

A: Quero que nos concentremos no dever que mandou o professor.

B: Lhe aplicaram a Lei de Segurança Interior do Estado?

A: Como diz?

B: A lei Anti-saqueio?

A: Do quê que a senhora está falando?

B: Andava com alguma molotov? Com armas na sua mochila?... Eu não gosto de violência, não gosto de vandalismo na rua.

A: Isso não é da sua conta.

B: Você não tem antecedentes, deveria poder pagar a sua condena domiciliar...

A: Voltemos ao que nos concerne. Poderia ler o seu dever, por favor?

B: Quantos são os jovens que estão esperando o indulto para poder sair desta cadeia?

(*C aperta o botão do intercomunicador, toca a campainha e a luz se acende.*)

A: Me de um minuto.

B: Não atende...

(A atende o intercomunicador.)

C: Deve terminar a sessão agora, a paciente deprimente não está respeitando o acordo de...

(B fica em pé e desliga o transmissor.)

C: O quê?

B: Eu o amo.

A: O quê?

B: Estou apaixonada por você.

C: Como?

A: Como?

B: Nunca tive coragem de falar isso para alguém.

C: Isso não está certo.

A: Isso não está certo.

B: O amo eu.

C: Não

A: Não.

B: O amo eu.

A: Não.

B: Amo. Amo. O amo muito eu.

A: Não, por favor.

B: Estou cheia de amor por você eu.

C: Se acalme, senhora.

A: Se acalme, senhora.

B: O amo. Finalmente consegui falar.

A: Não continue.

C: Merda!

B: Não é correto que eu fale o que sinto?

A: Sim, isso é correto.

B: Me sinto cheia de alegria, me sinto como me imagino que se sente uma infância feliz.

(C chama pelo intercomunicador. Se acende a luz. Toca a campainha constantemente. Todxs se exaltam.)

C: Atende.

A: O professor está me chamando.

B: VOCÊ.

A: Como disse?

B: VOCÊ é o que escrevi no meu dever eu.

A: Senhora.

B: VOCÊ é o que me faz mais feliz na semana. Sua vontade honesta de me ajudar. Nunca ninguém tinha se preocupado tanto comigo. E você no meio deste confinamento, desta espera sem fim, não deixa de pensar em mim.

C: Alô.

A: O que sente não é real. Chama-se transferência.

C: Atende.

C: Alô (*cortando o telefone.*)

C: Geralmente não acontece isso nos nossos treinamentos.

C: Bom, vamos ter que ir fechando nossa sessão de hoje.

C: (*Gritando para o vidro.*) Sim. Vamos terminar a sessão agora, não desespere.

C: (*Gritando para o vidro.*) Vou procurar a segurança. Vou ter que me retirar. Licença.

(*C sai da sala por uma porta que está no lado. Os observadores ficam a sós.*)

B: Como não ia me apaixonar por você eu? Você que perdeu o direito de caminhar livre pelas Alamedas, de olhar a Cordilheira, de se banhar no nosso mar... Por que me escolheu? Por que, dentre todas as pacientes deprimentes, fui eu a feliz que se encontraria com você?

A: A vida tem sido difícil para todos.

B: Mas eu posso ir embora daqui e você vai seguir trancado enquanto este país não mudar.

A: Lhe peço por favor que se acalme e falemos das cognições errôneas que está tendo em relação a mim. Seguramente quiçá eu fiz alguma coisa errada. A culpa sempre é do terapeuta. Quero que relaxe, que se concentre na sua respiração.

B: Sinto tanto amor por você eu.

A: Quando se refere a amor, será gratidão? Será que eu lhe faço lembrar alguém que provocara sentimentos parecidos alguma vez?

B: Quero que me ame como ama suas namoradas. Que me ame como se ama em liberdade. Que não leve em consideração o meu corpo deprimente.

A: Senhora, vamos terminar a sessão agora.

B: Não!

A: Professor! Está aí?

B: Vai me deixar? (*se aproxima de A*) Quer me abandonar?

A: Professor, podemos terminar a sessão agora já?

B: Estou com vontade de latir eu. De morder você eu.

A: Professor!

B: Quer me abandonar pelo professor?

A: Podem vir me buscar, por favor?

B: Me abandona a mim? Eu que tenho sido a cadela fiel que espera por você. A cadela condicionadamente operante perante o estímulo que são seus olhos café, cheios de esperança e juventude. Eu que fui a cadela mais fervente fora desta cadeia, dia e noite, chuva e sol, esperando que saia

por essa porta, me dê um abraço de cachorro e lambidas de felicidade animal eu, enquanto que o povo inteiro que saiu para as ruas, o recebe com cantos, com bandeiras brilhantes, de todas as cores e a memória se divide em gritos de liberdade aos presos por lutar. Sei quem é você. Conheço a sua família. Conheço a sua mãe. Sei da luta que está fazendo para tirar você daqui. Meus sentimentos não são uma distorção cognitiva feita pelo meu cérebro animal de cadela fiel. Eu amo você eu. Amo você tanto meu jovem salvador eu.

(A se gruda no vidro, bate com a mão)

A: Me tirem daqui, professor! Gendarme!

B: *(Muito próximo de A)* Não me deixe a mim.

A: Mesmo que quisesse não posso deixá-la.

B: Você nos ajudou a mudar este país. Você nos salvou a todos...

A: Agora não quero escutá-la...

B: Tudo vai estar bem.

A: Era minha última prova!

B: Juro, vamos lutar por esse indulto.

A: Cale a boca, porra!

B: O tempo vai passar. E será livre. E eu estarei ali, esperando eu, esperando. Grudada à porta desta cadeia como a cadela mais fiel que alguém possa ter.

(Entra C pela porta da câmara interior. A e B se sentam novamente um frente ao outro, muito calmos, suportando seus afetos.)

C: Acabou a sessão. Muito obrigado aos dois pelo seu trabalho, foi uma sessão de muito INSIGHT.

(C passa umas algemas para A, que as coloca nas próprias mãos. B fica em silêncio olhando o chão.)

C: Tudo bem?

A: Sim, tudo bem.

B: Tudo bem.

C: A próxima semana eu lhe entrego as observações de hoje e a nota final do curso.

A: De acordo, professor.
C: Você se saiu muito bem.

(A se levanta para sair.)

A: Nos vemos na outra semana dona Beatriz.

(A mulher não responde. Fica quieta. A sai da câmara Gesell em direção a sua cela no presídio. Escutamos como vão se fechando portas e se passando fechaduras e cadeados. C e B ficam em silêncio por um longo tempo.)

C: Quero lembrar, senhora Beatriz, que o programa piloto “Educação Universitária em Contexto Penitenciário” da Faculdade de Psicologia da nossa instituição quer brindar este direito universal a todos os jovens, independente da causa penal que tenham neste centro penitenciário, dona Beatriz.

(B começa a uivar baixinho)

C: E não como uma reinserção, nem reabilitação, nem nada que tenha a ver com o carcerário, dona Beatriz, queremos derrubar os estigmas e os prejuízos com os jovens privados da liberdade, dona Beatriz...

(B começa a latir como um cachorro.)

C: Dona Beatriz?

(B late com muita tristeza. C fica em silêncio sem saber o que dizer. A luz artificial que ilumina os corpos se obscurece. O vidro joga reflexos aos observadores que respiram detrás do espelho de separação.)

...

FIM

TEXTO EN PROCESO

LAIDA AZKONA Y TXALO TOLOZA

Publicación Julio 2022

ESTÁ QUASE NA HORA DE VOLTARES A SER TU

MARCO MENDONÇA

Um actor está numa Camara Gesell, onde existe uma mesa e uma cadeira. O actor está sentado. À sua frente, um computador aberto, emite uma luz branca. Na mesa está também uma caneca com um desenho. Dentro da caneca, uma bebida à escolha do actor.

O actor escreve, e enquanto escreve, lê. Nota: não precisa de estar mesmo a escrever o texto da peça, desde que consiga mimar a acção de forma credível.

ACTOR: *(escrevendo e lendo)* Boa noite. Obrigado por estarem aí, desse lado. Vou pedir-vos que imaginem algo simples. Um autor. Um autor sentado a uma mesa. Mesa de jardim, mesa de escritório, mesa de cozinha, tanto faz. Nessa mesa está um computador. Por razões estéticas, o computador não pode estar ligado a uma corrente elétrica. Não existem cabos à vista. Imaginem apenas uma mesa e um computador. O autor está a olhar para o ecrã que emite uma luz branca. A sua expressão não é de tédio, nem de preguiça, nem de entusiasmo. Está à espera, apenas. Pensa em maneiras de começar. Procura sinais do seu subconsciente que lhe façam vibrar as pontas dos dedos. Passeia pelas ruas da sua imaginação, tentando encontrar o detalhe insignificante que servirá de impulso a uma escrita decidida. Sente as ideias chegar e desaparecer como a chama de um fósforo numa noite ventosa.

(Alguém bate à porta da sala de interrogatório. O actor pára de escrever e espera, em silêncio, que alguém entre ou que acuse a sua presença do outro lado. Espera. Não tem pressa).

ACTOR: *(escrevendo e lendo)* Ouve-se o som da campainha. O autor assusta-se e detém-se imóvel por uns segundos. Levanta-se e dirige-se à porta. “Quem é?”, pergunta. Ninguém responde. “Quem é?”, pergunta novamente. Novamente, ninguém responde. O autor abre a porta. Rapidamente percebe o porquê de ninguém ter respondido. Fecha a porta e pensa, enquanto volta para a mesa, “devem ser os filhos dos vizinhos.” Já sentado, decide dar um gole no seu chá, ou no seu café, ou na sua água. Depois de beber, repara na imagem desenhada na caneca. Subitamente, a sua expressão muda, indicando que acabou de ter uma ideia. Começa a escrever. Primeiro, escreve uma didascália. Está a escrever uma peça de teatro. Descreve o cenário: Um actor está sozinho numa sala. O público consegue vê-lo, mas ele não consegue ver o público. Tem de haver uma separação física entre o actor e os espectadores. Uma parede com vidro espelhado do

lado do actor e translúcido do lado do público. Há também uma mesa e uma cadeira, onde o actor está sentado. À sua frente está um computador aberto, não importa a marca, desde que seja portátil, a emitir uma luz branca sobre o seu busto. Na mesa está também uma caneca com um desenho. Dentro da caneca está uma bebida à escolha do actor. Talvez um chá, ou um café, ou água. O actor escreve, e à medida que escreve, lê. Nota para o encenador: o actor não precisa de estar mesmo a escrever o texto da peça durante o espectáculo. Basta que pareça credível ao mimar essa mesma acção. Segunda nota para o encenador: o actor não precisa de ter o texto decorado, pois visto que a sua personagem vai estar a ler o que escreve, basta que mime apenas a escrita e não a leitura. É importante que o actor leia bem, mas é ainda mais importante que não dê a entender que o texto que está a ler já estava escrito. Terceira nota para o encenador: Caso o actor decida armar-se em forte e decorar o texto, terá também de o escrever em tempo real, para que a leitura pareça o mais virgem possível. Há actores que gostam desse tipo de desafios. Ver um actor ou uma actriz em cena a fingir que lê algo pela primeira vez é das coisas mais tristes a que se pode assistir. Fingir que se escreve até dá, mas também requer trabalho. É importante que o actor não seja preguiçoso. Nota final para o encenador: o actor não pode mesmo ver o público. É importante que se sinta sozinho. Já o público irá vê-lo sempre. O actor escreve, e à medida que escreve, lê: Boa noite. Obrigado por estarem aí desse lado. Vou pedir-vos que imaginem algo simples. Um autor. Um autor sentado a uma mesa. Nota para o actor, a enumeração das possibilidades de espaço físico onde o autor se encontra é muito importante, para que cada espectador decida onde o quer imaginar. Mesa de jardim, mesa de escritório, mesa de cozinha... uma mesa qualquer. Nessa mesa está um computador. A marca do computador não importa desde que seja portátil e que a sua bateria aguente por tempo razoável. Trinta minutos, digamos. Por razões estéticas, o computador não pode estar ligado à corrente. Não existem cabos à vista. Imaginem apenas uma mesa e um computador. O autor está imóvel a olhar para o ecrã que emite uma luz branca. A sua expressão não é de tédio nem de preguiça nem de entusiasmo. Está à espera apenas. Pensa em maneiras de começar. Procura sinais do seu subconsciente que lhe façam vibrar as pontas dos dedos. Olha à sua volta. Observa as árvores do jardim, as paredes do escritório banhadas de livros, os azulejos da cozinha. Sente as ideias chegar e desaparecer como a chama de um fósforo numa noite ventosa. Sente-se observado com desconfiança. Escreve:

(Alguém bate à porta. O actor assusta-se e detém-se imóvel. Levanta-se e dirige-se à porta, mas não a abre. Espera que batam novamente, ou que alguém acuse a sua presença do outro lado. Nada acontece. O actor regressa para a mesa e escreve).

ACTOR *(escrevendo e lendo)*: Quem é?

(Olha para a porta. Ninguém responde. Volta a escrever, lendo o que escreve).

ACTOR: *(escrevendo e lendo)* Quem é?

(Olha para a porta. Levanta-se e caminha outra vez até lá. Abre a porta. Do outro lado não está ninguém. Fecha a porta. Volta a sentar-se. Já sentado, decide dar um gole na sua bebida. Depois de beber, repara na imagem desenhada na caneca. Subitamente, a sua expressão muda, indicando que acabou de ter uma ideia. Escreve).

(Alguém bate novamente à porta. O actor assusta-se. Pára de escrever. Olha alternadamente para a porta e para o ecrã. Porta. Ecrã. Porta. Ecrã. Escreve, lendo o que escreve).

ACTOR: O autor levanta-se.

(O actor levanta-se, mas mesmo levantado, continua a escrever e a ler o que escreve).

ACTOR: O autor caminha até à porta.

(O actor pega no portátil, levando-o consigo até à porta. Enquanto segura no portátil com uma mão, usa a outra para escrever).

ACTOR: A arte não é para ver com os olhos.

(Já na porta, o actor escreve, perguntando).

ACTOR: Quem é?

(Do outro lado, ninguém responde).

ACTOR: Do outro lado, ninguém responde.

(O actor escreve, perguntando outra vez).

ACTOR: Quem é?

(Do outro lado, ninguém responde. Escreve, lendo o que escreve).

ACTOR: Do outro lado, ninguém responde. O autor abre a porta.

(O actor usa a mão com que escrevia para abrir a porta. Não vê ninguém. Escreve, lendo o que escreve).

ACTOR: O autor não vê ninguém.

(Fecha a porta. Continua a escrever, lendo o que escreve enquanto volta para a cadeira).

ACTOR: O autor volta a sentar-se.

(O actor senta-se. Continua a escrever e a ler).

ACTOR: O autor começa a ter medo. Sente as teclas escorregadias sob os dedos suados. Quer desistir de escrever. Julga que jamais será capaz de o fazer como antes. Não se sente seguro. Mas escrever, pensa, é a única coisa que lhe resta. Por isso, escreve: Querido actor. Antes de mais, obrigado por estares aí, desse lado. Sim, tu, que finges que escreves e lêes este texto que eu escrevi. É mesmo contigo que estou a falar. Isto não é uma nota. Antes que seja tarde, preciso que me oiças. Melhor, preciso que te oiças. Ouves-te bem? Se sim, acena com a cabeça.

(O actor pára de escrever. Olha à sua volta. Respira fundo. Acena que sim com a cabeça. Continua a escrever e a ler).

ACTOR: Não acredito. Acenaste mesmo? O autor pára de escrever. Solta uma longa gargalhada. Ri-se com os pulmões a chiar, como um velho desdentado. Ri-se muito. Ri-se tão alto que os cães da vizinhança começam a ladrar, indignados. Ri-se como se fosse a última vez. Recompõe-se a custo, ainda com a cara quente e os músculos da boca contraídos num sorriso incompleto. Volta a escrever: Querido actor, vou confiar em ti. Sinto-me ameaçado, perseguido, observado. Sempre que passeio pelo meu bairro, as crianças param e ficam a olhar para mim. Cochicham entre elas. Sabem coisas a meu respeito. Ouviram os seus pais e mães darem importância a rumores. Mesmo que esses rumores não fossem verdade, não me restaria muito mais a fazer. Andam por aí, à solta, entre olhares e sussurros. Mas ninguém é só uma coisa. Sei que me compreendes. E mesmo que não compreendas o que fiz, compreenderás o quão inevitável pode ser o peso da História sobre as acções dos homens. Estamos sempre a ser vigiados, por detrás da porta. Tenho palpitações, as minhas mãos tremem, sinto que a qualquer momento vou ter um ataque de pânico. Todos temos as nossas dores. O problema é quando só as sabemos manifestar causando mais dor. E porquê? Talvez porque o subconsciente é mais forte que o consciente. É por isso que escrevo. Porque algo me dói. Não é uma dor física. Nem sequer é uma dor deste tempo. É ancestral. É tóxica. Talvez tenham razão. Talvez sejamos todos inerentemente tóxicos, bárbaros, doentes. E há doenças que se descobrem tarde demais. Espero que para ti não seja tarde demais. Tens uma parceira, um parceiro. Possivelmente tens filhos. Talvez um pai que te fez detestar ser homem, pela maneira como tratava a tua mãe. Uma mãe que sempre te amou, apesar de tudo. Talvez hoje te revejas no teu pai.

(O actor pára de escrever. Cerra os punhos como se os fosse esmurrar contra a mesa. Respira fundo. Volta a escrever, lendo o que escreve).

ACTOR: São meras suposições. Com um fundamento estatístico considerável, ainda assim. A verdade é que não sei quem és. Também é verdade que não sei quem não és. Já tu sabes perfeitamente que eu sou. Um autor. Mas, como vês, não sou só um autor. Não sou uma figura distante que, de vez em quando, aluga um corpo flácido e uma postura desleixada para aparecer nas estreias das suas peças.

(O actor pára de escrever. Levanta-se e aproxima-se do vidro. Tenta ver para lá do seu reflexo. Não vê ninguém a não ser a sua própria imagem. Regressando à mesa, o actor muda a cadeira e o computador de sítio, de modo a ficar de costas para o vidro. Continua a escrever, lendo).

ACTOR: Não é a mim que estás a virar costas.

(O actor pára de escrever. Irritado, levanta-se, agarra na caneca e atira-a contra a parede oposta ao vidro. A caneca parte-se, molhando a mesa e o chão. Ainda de pé, volta a escrever no computador, lendo).

ACTOR: Estás a ser ridículo. Limpa, por favor, a merda que fizeste.

(O actor tira um lenço do bolso, que usa para limpar a mesa e o chão. Com o mesmo lenço, embrulha os cacos e coloca-os na mesa. Olha para a porta, depois para o computador, depois para o vidro. Volta a sentar-se. Respira fundo. Escreve, lendo).

ACTOR: O autor pára de escrever. Num gesto de raiva e desespero, levanta-se da cadeira, pega na caneca que está na mesa e atira-a contra a parede mais próxima. Ao vê-la estilhaçar-se, o autor lembra-se que ela lhe fora oferecida pelo filho, com quem não fala há cerca de um ano, altura em que se separou da mãe. Ao vê-la desfeita no chão, cai de joelhos e chora como um mau actor em topo de carreira. Está tudo acabado para o autor. Apercebe-se que vai passar o resto da sua vida sozinho. Encolhe-se no chão como um feto num livro de biologia e chora sobre o chá derramado, ou o café, ou a água. Chora. Chora. A voz de Nina Simone ecoa dentro da sua cabeça. Chora tanto que lhe falta o ar, o seu coração acelera, os braços ficam dormentes e sente uma dor lacerante no peito. Está a ter um ataque de pânico. Treme, com medo de morrer ali, sem acabar a sua última peça. Esforça-se por respirar, mas apenas lhe saem sopros ridículos de frustração. A muito custo, arrasta-se até à cadeira. Volta a sentar-se. Ofegante, escreve: Senhoras e senhores, a isto se chama um actor inteligente. Achas que me apanhaste de surpresa? Achas que me consegues calar? O autor pára de escrever. Não te quero calar. Quero que sofras. O autor escreve: Não achas que já sofri demasiado? O autor pára de escrever. Nenhum homem sofreu demasiado. O autor escreve: Tu precisas de mim. O autor pára de escrever. E tu precisas de te tratar. O autor escreve: O teu trabalho depende de mim. O autor pára de escrever. Sem mim ninguém te ouve. O autor escreve: Um actor não é mais que um cúmplice da desgraça do autor. O autor pára de escrever. Espero que sofras. O autor escreve: Achas que Shakespeare teria sido um assassino se não escrevesse sobre assassinios? O autor pára de escrever. Odeio Shakespeare. O autor escreve: Então odeias sessenta por cento do teatro que se fez nos últimos vinte anos. O autor pára de escrever. Desprezo homens como tu. O autor escreve: As melhores peças são escritas por homens como eu. O autor pára de escrever. Isto não é uma peça. O autor escreve: Escrever o momento em que partias a caneca contra a parede não foi fácil. O autor pára de escrever. Não estava escrito. O autor escreve: Tudo o que fazes está escrito. Tudo. O autor pára de escrever. Não. O autor escreve: Mas não te preocupes, está quase na hora de voltares a ser tu. O autor pára de escrever. Fui sempre eu. O autor escreve: Então como explicas a porta? O autor pára de escrever. Era uma marcação. O autor escreve: De quem? O autor pára de escrever. Do encenador. O autor escreve: Quem é o encenador? O autor pára de escrever.

(O actor pára de escrever. Leva as mãos à cabeça. Olha para a porta, depois para o ecrã. Volta a escrever, lendo).

ACTOR: Fui sempre eu. O autor escreve: Dentro de alguns dias, vais ouvir falar de mim. Não por causa da minha nova peça e não por causa da tua performance brilhante. Serei encontrado morto em casa. O meu nome será mencionado em podcasts sobre mortes misteriosas. Suicídio? Ajuste de contas? A

investigação durará alguns meses. Serás o último receptor da humanidade que me resta. Não espero que tenhas pena de mim. Quando entraste nesta sala o meu fim já estava escrito. Talvez não merecesse morrer. Talvez a justiça pudesse chegar de outra forma. Talvez nunca chegasse. Para muitos homens, a justiça nunca chega. Talvez eu merecesse ser perdoado, mas nunca como um acto de justiça. O perdão nunca libertou ninguém. No teatro fala-se muito em liberdade. Liberdade de pensamento, liberdade de expressão, actores livres, liberdade criativa, processos horizontais... Mas tudo acontece aqui, em plena claustrofobia. Aqui, onde a humanidade se revê como uma massa disforme. Aqui, onde a solidão se transforma em poesia. Aqui, onde as cortinas são de ferro. Aqui, onde ninguém quer realmente ser livre. Não és livre. Nem quando sonhas. Nem agora, enquanto pensas atirar o computador contra uma parede manchada de chá, ou café, ou água. Nem agora, enquanto pensas parar simplesmente de escrever, pegar nas tuas coisas e ir embora. Este ainda não é o teu fim. Se achas que foste sempre tu, pára de escrever. Liberta-te de mim. Decide, apenas, acabar e eu calo-me para sempre. Pára de escrever. Podes fazê-lo. Dá-me a ordem e eu paro de escrever. Paramos os dois. Mas lembra-te que serás sempre o alvo da dor de alguém. Como Eunice Kathleen Waymon. Lembra-te de mim. O autor pára de escrever.

(O actor pára de escrever. Abre o navegador de internet, escreve “Nina Simone” no Google e encontra um link de um vídeo da cantora no festival de Montreux. Clica no link e o vídeo começa).

(Com a música a tocar, o actor abre novamente o documento de texto. Levanta-se e dirige-se à porta. Abre-a, olha para o computador, sai).

(O computador continua aberto sobre a mesa. Ouve-se o vídeo de Nina Simone a cantar “I wish I knew (how it feels to be free)”. O documento de texto continua aberto. A luz da câmara Gesell começa a baixar e o som da música aumenta gradualmente. Do lado do público, aparece projectado no vidro o documento de texto. O público apercebe-se de que o texto continua a ser escrito, com todas as ações do actor depois de sair da sala.)

TEXTO PROJECTADO: O actor pára de escrever. Abre o navegador de internet, escreve “Nina Simone” no Google e encontra um link directo para um vídeo de uma actuação da cantora no festival de jazz de Montreux, em 1976. Clica no link e o vídeo começa. Depois de ouvir uns segundos da introdução da canção, o actor volta a abrir o documento de texto. Levanta-se e dirige-se à porta. Abre-a, olha para o computador, sai. O actor entra no camarim, passa a cara por água e fica a olhar-se ao espelho por uns momentos. Agarra na sua mochila, sai do camarim, sai do teatro, anda uns metros, vê um táxi a passar e eleva violentamente o braço, fazendo-lhe sinal para que pare, o táxi pára à sua frente, o actor entra no táxi, pede ao taxista que o leve para casa. Aproximando-se da sua rua, o actor pede ao taxista que pare. O actor paga ao taxista e sai do carro. Na rua da sua casa estão crianças a brincar. Ao passar por elas, elas cumprimentam-no, alegres. Ele cumprimenta-as de volta e continua o seu caminho. O actor entra em casa. Ao pousar as chaves, ouve o som de um piano a tocar e dirige-se ao escritório. Encostado à ombreira da porta, fica a observar a sua companheira, que ensaia para um concerto. Ela sorri, reparando na sua chegada. Ele sorri, fazendo-lhe sinal para que não pare de tocar. O actor dirige-se à cozinha, tira uma caneca do armário e serve-se de chá, ou café, ou água. De caneca na mão, o actor abre uma portada que dá para o jardim. No alpendre está uma mesa, e na mesa está um computador

portátil. O actor senta-se à mesa. Já sentado, decide dar um gole no seu chá, ou no seu café, ou na sua água. Depois de beber, repara na imagem desenhada na caneca. Subitamente, a sua expressão muda, indicando que acabou de ter uma ideia. O actor escreve: Fim.

...

FIM

ESTÁS A PUNTO DE VOLVER A SER TÚ

MARCO MENDONÇA

Traducción: JULIA TOM

Un actor está en una cámara Gesell, donde hay una mesa y una silla. El actor está sentado. Delante de él, una computadora abierta proyecta una luz blanca. Sobre la mesa también hay una taza blanca con una imagen. Dentro de la taza, una bebida a elección del actor.

El actor escribe y, mientras escribe, lee. Nota: no hace falta que esté escribiendo el texto de la obra, siempre y cuando pueda imitar la acción de forma creíble.

ACTOR: *(escribiendo y leyendo)* Buenas noches. Gracias por estar ahí, de ese lado. Voy a pedirles que imaginen algo simple. Un autor. Un autor sentado frente a una mesa. Puede ser una mesita de jardín, un escritorio, una mesa de cocina, da igual. Sobre la mesa hay una computadora. Por razones estéticas, la computadora no debe estar enchufada a una corriente eléctrica. No hay cables a la vista. Imaginen solo una mesa y una computadora. El autor está mirando la pantalla que proyecta una luz blanca. Su expresión no es de aburrimiento, ni de pereza, ni de entusiasmo. Está a la espera, nada más. Piensa en formas de comenzar. Busca una señal del inconsciente que le haga vibrar la punta de los dedos. Pasea por las calles de su imaginación tratando de encontrar el detalle insignificante que le servirá como impulso para una escritura decidida. Siente que las ideas llegan y desaparecen como la llama de un fósforo en una noche de viento.

(Golpean a la puerta de la sala del interrogatorio. El autor deja de escribir y espera, en silencio, a que alguien entre o se anuncie del otro lado. Espera. No tiene apuro).

ACTOR: *(escribiendo y leyendo)* Se oye el sonido del timbre. El autor se asusta y se queda inmóvil por unos segundos. Se levanta y se dirige a la puerta. “¿Quién es?”, pregunta. Nadie responde. “¿Quién es?”, pregunta nuevamente. Nuevamente, nadie responde. El autor abre la puerta. Rápidamente entiende por qué nadie respondió. Cierra la puerta y piensa, mientras vuelve a la mesa, “deben ser los hijos de los vecinos”. Una vez sentado, decide beber su té, o su café, o su agua. Después de beber,

nota la imagen en la taza. Su expresión cambia súbitamente, lo que indica que acaba de tener una idea. Comienza a escribir. Primero, escribe una didascalia. Está escribiendo una obra de teatro. Describe el escenario: un actor está solo en una sala. El público puede verlo pero él no puede ver al público. Debe haber una separación física entre el actor y los espectadores. Una pared de vidrio espejado del lado del actor y translúcido del lado del público. Hay una mesa y una silla, donde el actor está sentado. Tiene delante una computadora abierta, no importa la marca, siempre y cuando sea portátil, que proyecta una luz blanca sobre la parte superior de su cuerpo. En la mesa hay también una taza con una imagen. Dentro de la taza hay una bebida, a elección del actor. Quizás té, o café, o agua. El actor escribe y va leyendo lo que escribe. Nota para el director: no es necesario que el actor esté escribiendo exactamente el texto de la obra durante el espectáculo. Basta con que parezca creíble que lo está haciendo. Segunda nota para el director: no es necesario que el actor sepa el texto de memoria, ya que si su personaje va a estar leyendo lo que escribe, es suficiente con que imite los gestos de la escritura y no de la lectura. Es importante que el actor lea bien, pero aún más importante es que no dé a entender que el texto que está leyendo estaba escrito. Tercera nota para el director: si el actor decide animarse a memorizar el texto, tendrá también que escribirlo en tiempo real, para que la lectura parezca lo más virgen posible. Hay actores a los que les gusta este tipo de desafíos. Ver a un actor o a una actriz en el escenario fingiendo que lee algo por primera vez es una de las cosas más tristes. Podría fingir que escribe, pero eso también requiere trabajo. Es importante que el actor no sea perezoso. Nota final para el director: el actor no puede, de ninguna manera, ver al público. Es importante que se sienta solo. Pero el público podrá verlo todo el tiempo. El actor escribe y, a medida que escribe, va leyendo: Buenas noches. Gracias por estar ahí de ese lado. Voy a pedirles que imaginen algo simple. Un autor. Un autor sentado frente a una mesa. Nota para el actor: la enumeración de las posibilidades del espacio físico en el que se encuentra el autor es muy importante, para que cada espectador decida dónde quiere imaginarlo. Una mesita de jardín, un escritorio, una mesa de cocina... cualquier mesa. En esa mesa hay una computadora. La marca no importa siempre y cuando sea portátil y la batería aguante durante un tiempo razonable. Treinta minutos, digamos. Por razones estéticas, la computadora no debe estar enchufada. No hay cables a la vista. Imaginen solamente una mesa y una computadora. El autor está inmóvil mirando la pantalla que proyecta una luz blanca. Su expresión no es de aburrimiento ni de pereza ni de entusiasmo. Está a la espera, nada más. Piensa en formas de comenzar. Busca una señal del inconsciente que le haga vibrar la punta de los dedos. Mira alrededor. Observa los árboles del jardín, las paredes del escritorio bañadas de libros, los azulejos de la cocina. Siente que las ideas llegan y desaparecen como la llama de un fósforo en una noche de viento. Se siente observado, con desconfianza. Escribe:

(Golpean a la puerta. El actor se asusta y se queda inmóvil. Se levanta y se dirige a la puerta pero no la abre. Espera a que golpeen nuevamente o a que alguien se anuncie del otro lado. Nada sucede. El actor vuelve a la mesa y escribe.)

ACTOR: *(escribiendo y leyendo)* ¿Quién es?

(Mira hacia la puerta. Nadie responde. Vuelve a escribir y va leyendo lo que escribe.)

ACTOR: *(escribiendo y leyendo)* ¿Quién es?

(Mira hacia la puerta. Se levanta y camina otra vez hacia ella. La abre. Del otro lado no hay nadie. Cierra la puerta. Vuelve a sentarse. Una vez sentado, decide tomar su bebida. Después de beber, nota la imagen dibujada en la taza. Su expresión cambia súbitamente, lo que indica que acaba de tener una idea. Escribe.)

ACTOR: (*escribiendo y leyendo*) El autor deja de escribir. Decide poner música para inspirarse. Piensa en los nombres que ha escuchado en sus pocas conversaciones con miembros de la élite intelectual de las artes escénicas de su ciudad: Patti Smith, Chico Buarque, Bob Dylan, Nina Simone. Nina Simone le parece bien. Es mujer. Es negra. Es revolucionaria. Es considerada un genio indiscutible de su arte. Parece la elección adecuada. Busca en Google: Nina Simone. El primer resultado es un link a Wikipedia sobre Eunice Kathleen Waymon, más conocida como Nina Simone. Más abajo encuentra el link a un video de la cantante en el festival de jazz de Montreux, en 1976. Cliquea en el link y empieza el video. Nina Simone está vestida de negro, sentada al piano. Durante los primeros segundos no saca los ojos de las teclas. Toca la introducción de una de sus canciones más emblemáticas. El baterista marca el tiempo con las escobillas, sin imponerse nunca sobre la maestría de la cantante. La piel le brilla en los hombros y el pecho, y su mirada de resignación podría detener una pared en pleno desmoronamiento. Cualquier cosa inevitable o desagradable de su vida, Nina ya la aceptó. No es una artista revolucionaria. Como diría James Baldwin, es una “artista en contexto de revolución”. No le debe su simpatía a nadie. Mientras tanto, su voz áspera, sombría, amenazante, retumba en los oídos del autor, que lee el título de la canción cuando oye el primer verso, como si la misma cantante se lo leyera en voz alta: “*I wish I knew how it feels to be free*”. La música sigue y el autor escribe: “¿Quién es?”

(El actor deja de escribir. Mira hacia la puerta. Vuelve a escribir y va leyendo lo que escribe).

ACTOR: Pregunta para el director: ¿quién sería el actor ideal para esta obra? Pensé en eso más de lo que esperaba. Normalmente lo dejo en manos de quien dirija. Me gusta arrancarme los personajes de mí como la piel que se levanta alrededor de las uñas. Me gusta sufrir en el proceso, enfermarme, crearlos con mis músculos, mis huesos, mi bilis, y después soltarlos por ahí, como perros descontrolados. Lo mismo sucederá con esta obra, pero no puedo dejar de decir que ésta, más que cualquier otra, está especialmente cosida a mí mismo. Se me hace difícil no pensar en ella cuando me despierto, cuando como, cuando me baño, cuando ando por la calle, cuando me acuesto. Pero lo curioso es que mientras la escribo, me pongo a pensar en otras cosas. La interrumpo con notas e investigaciones superficiales. Quizás por eso me esté llevando tanto tiempo, aunque tiempo no me falta estos días. En fin, hablemos del actor. Quizás sea bueno elegir a alguien que sepa cantar, o por lo menos que le guste el jazz. Lo imagino sentado en un jardín, en un escritorio, en una cocina, inclinado sobre el texto, leyéndolo en voz alta por primera vez, sin dejarse interrumpir por los chicos del barrio, que tocan el timbre y patean la puerta de los vecinos para después salir corriendo. Lo imagino absolutamente hipnotizado por la obra, aun cuando no le guste. Puedo vivir con eso. Es normal que a los actores no les gusten muchas de las obras que hacen.

[illegible]

como si acabara de domar a un toro, Nina Simone se pone de pie y levanta violentamente el brazo derecho exigiendo aplausos y respeto. La sala se llena de aplausos y silbidos. El video termina. El autor siente escalofríos a lo largo de la columna. Suena el timbre.

(Golpean nuevamente a la puerta. El actor se asusta. Deja de escribir. Mira alternadamente la puerta y la pantalla. Puerta. Pantalla. Puerta. Pantalla. Escribe y va leyendo lo que escribe).

ACTOR: El autor se levanta.

(El actor se levanta, y así de pie, sigue escribiendo y leyendo lo que escribe).

ACTOR: El autor camina hasta la puerta.

(El actor toma la computadora, la lleva con él hasta la puerta. Con una mano sostiene la computadora mientras usa la otra para escribir).

ACTOR: El arte no es para verlo con los ojos.

(En la puerta, el actor escribe y pregunta).

ACTOR: ¿Quién es?

(Del otro lado nadie responde).

ACTOR: Del otro lado nadie responde.

(El actor escribe preguntando, otra vez).

ACTOR: ¿Quién es?

(Del otro lado nadie responde. Escribe y va leyendo lo que escribe).

ACTOR: Del otro lado nadie responde. El autor abre la puerta.

(El actor usa la mano con la que escribía para abrir la puerta. No ve a nadie. Escribe y va leyendo lo que escribe).

ACTOR: El autor no ve a nadie.

(Cierra la puerta. Sigue escribiendo y leyendo lo que escribe mientras vuelve a su silla).

ACTOR: El autor vuelve a sentarse.

(El actor se sienta. Sigue escribiendo y leyendo).

ACTOR: El autor empieza a tener miedo. Siente las teclas resbalosas bajo los dedos transpirados. Quiere dejar de escribir. Cree que nunca será capaz de hacerlo como antes. No se siente seguro. Pero escribir, piensa, es lo único que le queda. Por eso escribe: Querido actor, antes que nada, gracias por estar ahí, de ese lado. Sí, tú, que finges que escribes y lees este texto que escribí. Estoy hablando contigo. No se trata de una nota. Antes de que sea tarde, necesito que me escuches. O mejor, necesito que te escuches. ¿Te escuchas bien? Si es así, asiente con la cabeza.

(El actor deja de escribir. Mira alrededor. Respira hondo. Asiente con la cabeza. Sigue escribiendo y leyendo).

ACTOR: No puedo creerlo. ¿En serio dijiste que sí? El autor deja de escribir. Larga una carcajada. Le chillan los pulmones, como a un viejo sin dientes. Se ríe mucho. Se ríe tan alto que los perros del barrio se ponen a ladrar, indignados. Se ríe como si fuera la última vez. Se recompone con dificultad, tiene la cara caliente y los músculos de la boca siguen contraídos en una sonrisa incompleta. Vuelve a escribir: Querido actor, voy a confiar en ti. Me siento amenazado, perseguido, observado. Siempre que paseo por el barrio los niños se detienen y me miran fijo. Murmuran entre ellos. Saben cosas sobre mí. Oyeron que sus padres y madres creían en los rumores. Aun cuando estos rumores no sean verdad, no me quedaría mucho por hacer. Andan por ahí, sueltos, entre miradas y cuchicheos. Pero nadie es una cosa solamente. Sé que me comprendes. Y aunque no comprendas lo que hice, comprenderás lo inevitable que puede ser el peso de la Historia sobre las acciones de los hombres. Nos vigilan siempre, tras la puerta. Tengo palpitaciones, me tiemblan las manos, siento que en cualquier momento me dará un ataque de pánico. Todos tenemos nuestros dolores. El problema es cuando solo sabemos manifestarlos causando más dolor. ¿Y por qué? Quizás el inconsciente sea más fuerte que el consciente. Por eso escribo. Porque algo me duele. No es un dolor físico. Ni siquiera es un dolor de ahora. Es ancestral. Es tóxico. Quizás tengan razón. Quizás todos seamos inherentemente tóxicos, bárbaros, enfermos. Y hay enfermedades que se descubren demasiado tarde. Espero que no sea demasiado tarde para ti. Tienes una compañera, un compañero. Posiblemente tienes hijos. Tal vez un padre que te haga detestar ser hombre por la manera en la que trataba a tu madre. Una madre que siempre te amó, a pesar de todo. Quizás hoy te veas en tu padre.

(El actor deja de escribir. Cierra los puños como si fuera a golpear la mesa. Respira hondo. Vuelve a escribir y va leyendo lo que escribe).

ACTOR: Son meras suposiciones. Con una base estadística considerable, pero igual. La verdad es que no sé quién eres. También es verdad que no sé quién no eres. Sin embargo, tú sabes perfectamente lo que soy. Un autor. Pero, como ves, no soy solo un autor. No soy una figura distante que, de vez en cuando, alquila un cuerpo flácido y encorvado para aparecer en los estrenos de sus obras.

(El actor deja de escribir. Se levanta y se acerca al vidrio. Trata de ver más allá de su reflejo. No ve a nadie más que a su propia imagen. De regreso a la mesa, el actor cambia de lugar la silla y la computadora, de modo que queden de espaldas al vidrio. Sigue escribiendo, leyendo).

ACTOR: No es a mí a quien le das la espalda.

(El actor deja de escribir. Irritado, se levanta, toma la taza y la arroja contra la pared opuesta al vidrio. La taza se parte, moja la mesa y el piso. Todavía de pie, vuelve a escribir en la computadora y va leyendo).

ACTOR: Estás siendo ridículo. Limpia, por favor, la cagada que hiciste.

(El actor saca un pañuelo del bolsillo y lo usa para limpiar la mesa y el piso. Con el mismo pañuelo, envuelve los pedazos de la taza y los pone sobre la mesa. Mira la puerta, después la computadora, después el vidrio. Vuelve a sentarse. Respira hondo. Escribe y va leyendo).

ACTOR: El autor deja de escribir. En un gesto de rabia y desesperación, se levanta de la silla, toma la taza que está en la mesa y la arroja contra la pared más cercana. Mientras ve que se hace pedazos, el autor recuerda que fue su hijo quien se la dio, con quien no habla hace casi un año, cuando se separó de la madre. Al verla rota en el piso, cae de rodillas y llora como un mal actor en la cima de su carrera. Todo acabó para el autor. Se da cuenta de que va a pasar el resto de su vida solo. Se encoge en el piso como un feto en un libro de biología y llora sobre el té derramado, o el café, o el agua. Lloro. Lloro. La voz de Nina Simone retumba en su cabeza. Lloro tanto que le falta el aire, se le acelera el corazón, se le duermen los brazos y siente un dolor desgarrador en el pecho. Está teniendo un ataque de pánico. Tiembla con miedo de morir ahí, sin terminar su última obra. Se esfuerza por respirar, pero solo exhala soplos ridículos de frustración. Con mucha dificultad, se arrastra hasta la silla. Vuelve a sentarse. Jadeando, escribe: Señoras y señores, esto se llama un actor inteligente. ¿Crees que me tomaste por sorpresa? ¿Crees que puedes callarme? El autor deja de escribir. No quiero callarte. Quiero que sufras. El autor escribe: ¿No crees que ya sufrí demasiado? El autor deja de escribir. Ningún hombre sufrió demasiado. El autor escribe: Me necesitas. El autor deja de escribir. Y tú necesitas tratamiento. El autor escribe: Tu trabajo depende de mí. El autor deja de escribir. Sin mí nadie te oye. El autor escribe: Un actor no es más que un cómplice de la desgracia del autor. El autor deja de escribir. Espero que sufras. El autor escribe: ¿Crees que Shakespeare habría sido un asesino si no hubiera escrito sobre asesinatos? El autor deja de escribir. Odio a Shakespeare. El autor escribe: Entonces odias al sesenta por ciento del teatro que se hizo en los últimos veinte años. El autor deja de escribir. Desprecio a los hombres como tú. El autor escribe: Las mejores obras son escritas por hombres como yo. El autor deja de escribir. Esto no es una obra. El autor escribe: Escribir el momento en que rompías la taza contra la pared no fue fácil. El autor deja de escribir. No estaba escrito. El autor escribe: Todo lo que haces está escrito. Todo. El autor deja de escribir. No. El autor escribe: Pero no te preocupes, estás a punto de volver a ser tú. El autor deja de escribir. Siempre fui yo. El autor escribe: ¿Cómo explicas la puerta, entonces? El autor deja de escribir. Era una indicación. El autor escribe: ¿De quién? El autor deja de escribir. Del director. El autor escribe: ¿Quién es el director? El autor deja de escribir.

(El actor deja de escribir. Se lleva las manos a la cabeza. Mira la puerta, después la pantalla. Vuelve a escribir mientras va leyendo).

ACTOR: Siempre fui yo. El autor escribe: Dentro de algunos días oirás hablar de mí. No por mi nueva obra ni por tu brillante actuación. Me encontrarán muerto en casa. Mencionarán mi nombre en esos podcasts sobre muertes misteriosas. ¿Suicidio? ¿Ajuste de cuentas? La investigación durará algunos meses. Serás el último receptor de la humanidad que me queda. No espero que me tengas pena. Cuando entraste en esta sala mi fin ya estaba escrito. Quizás no merezca morir. Quizás la justicia pueda llegar de otra forma. Quizás nunca llegue. Para muchos hombres, la justicia nunca llega. Quizás merezca ser perdonado, pero nunca como un acto de justicia. El perdón nunca liberó a nadie. En el teatro se habla mucho de libertad. Libertad de pensamiento, libertad de expresión, actores libres, libertad creativa, procesos horizontales... pero todo sucede aquí, en plena claustrofobia. Aquí, donde la humanidad se ve a sí misma como una masa sin forma. Aquí donde la soledad se transforma en poesía. Aquí donde las cortinas son de hierro. Aquí donde nadie quiere realmente ser libre. No eres libre. Ni cuando sueñas. Ni siquiera ahora, mientras piensas lanzar la computadora contra una pared manchada de té, o café, o agua. Ni siquiera ahora, mientras piensas dejar simplemente de escribir, recoger tus cosas e irte. Este aún no es tu fin. Si crees que siempre fuiste tú, deja de escribir. Libérate de mí. Decide, simplemente, terminar y yo me callo para siempre. Deja de escribir. Puedes hacerlo. Dame la orden y dejo de escribir. Dejamos los dos. Pero recuerda que serás siempre la causa del dolor de alguien. Como Eunice Kathleen Waymon. Recuérdame. El autor deja de escribir.

(El actor deja de escribir. Abre el navegador de internet, escribe “Nina Simone” en Google y encuentra el link a un video de la cantante en el festival de Montreux. Clicka en el link y empieza el video).

(Mientras suena la canción, el actor abre nuevamente el archivo de texto. Se levanta y se dirige a la puerta. La abre, mira la computadora, sale).

(La computadora sigue abierta sobre la mesa. Se oye el video de Nina Simone cantando “I wish I knew - how it feels to be free”. El archivo sigue abierto. La luz de la cámara Gesell empieza a bajar y el sonido de la música aumenta gradualmente. Del lado del público aparece el texto del archivo proyectado en el vidrio. El público ve que el texto sigue siendo escrito y cuenta lo que hace el actor después de salir de la sala.)

TEXTO PROYECTADO: El actor deja de escribir. Abre el navegador de internet, escribe “Nina Simone” en Google y encuentra un link directo a un video de una presentación de la cantante en el festival de jazz de Montreux, en 1976. Clicka en el link y empieza el video. Después de oír unos segundos de la introducción de la canción, el actor vuelve a abrir el archivo de texto. Se levanta y se dirige a la puerta. La abre, mira la computadora, sale. El actor entra en el camarín, se moja la cara con agua y se queda mirándose en el espejo un momento. Toma la mochila, sale del camarín, sale del teatro, camina unos metros, ve un taxi que pasa y levanta violentamente el brazo, haciéndole señas para que pare. El taxi para, el actor entra, le pide al taxista que lo lleve a casa. Cerca de su dirección, el actor le pide que pare. El actor paga y sale del taxi. En la calle de su casa hay niños jugando. Al pasar cerca de ellos, lo saludan, alegres. Él los saluda de vuelta y sigue su camino. El actor entra en su casa. Al dejar las llaves, oye el sonido de un piano y se dirige al escritorio. Apoyado en el marco de la puerta, se pone a mirar a su compañera que ensaya para un concierto. Ella sonríe cuando se da cuenta de su llegada. Él sonríe y le hace señas de que no deje de tocar. El actor va a la cocina, saca una taza del armario y se sirve té, o café,

o agua. Con la taza en la mano, el actor abre una puerta que da al jardín. En la galería hay una mesa, y en la mesa hay una computadora portátil. El actor se sienta frente a ella. Una vez sentado, decide beber su té, o su café, o su agua. Después de beber, nota la imagen dibujada en la taza. Su expresión cambia súbitamente, lo que indica que acaba de tener una idea. El actor escribe: Fin.

...

FIN

LOS TITANES

PAOLA TRACZUK

Cámara Gesell, 2021. Una mesa y dos sillas a escala gigante. Algunos juguetes, libros, hojas de papel y lápices. Contra la pared, un pizarrón, también a gran escala. Un “nene” está sentado a la mesa, al lado de la estatua de un perro muy grande hecha de yeso. Tiene una corona de cartón pintado en la cabeza y usa una remera que –eventualmente, veremos–, tiene escrita la palabra NIÑO. Llevan en silencio un largo rato.

VICENTE: Hace un montón que estamos acá esperando. ¿Por qué no entran, sabés? ¿Qué esperan? A mí me parece que estamos hace como un siglo entero. Igual, mejor. Me quiero quedar acá con vos hasta mañana. No, hasta el año que viene. Hasta el futuro. Hasta que estén todos muertos y no haya gente en el planeta y vos y yo seamos viejitos de barba blanca y tengamos que volver a inventar todo el universo de nuevo, pero nada más ponemos a la gente que nos gusta. Así dice mi mamá, que en el mundo tiene que entrar nada más la gente que nos gusta. Pero ahora eso no se puede porque ya está lleno y hay de todo. Vos me caés bien. Dame la patita. Sos tan lindo. ¿Sabés ir a buscar cosas? A que sí. Si te tiro la media, ¿me la traés? No me dejan tener perro, ¿así funciona? No me dejan porque mi mamá se pone muy nerviosa y mi papá dice que me porto mal y como no lo voy a cuidar, le va a morder la cabeza a mi hermana, que es bebé. Yo no me creo eso, pero qué sé yo. Él dice que no me porto bien suficiente, y para mí que es él que tiene miedo que le muerdan la mano y se la arranquen. Yo qué sé.

De este lado yo soy el rey. Cuando llegué me dijeron que te llamás Titán y vos viniste a olerme el pie. Pero como se me congeló el cuerpo, no te saludé. Después me dejaron acá con vos y me puse mejor. ¿Me perdonás? Me pidieron que espere a la doctora que opera cerebros sin cuchillo. Que me siente, que juegue, que dibuje, que te cuide, o que me cuides. No me acuerdo... Que te puedo abrazar si quiero. ¿Querés que te abrace? Qué suavecito que sos, tenés olor a champú. Yo no me bañé, pero tengo la piel tersa igual que vos. También me dijeron que podía agarrar todo lo que quiera y que nadie me va a decir nada. Soy el rey. ¿Decís que si me quedo con todos los lápices se van a dar cuenta? Porque me vendrían reee bien. Los míos me los gasté casi todos. Tengo un montón de dibujos, ¿sabés? Si sabía te los traía, pero como la otra vez no estabas, no los traje. ¿Te gusta dibujar a vos? Y noo... sos un perro. A mí me encanta, pero ahora no quiero. Tengo sueño, quiero dormir. Mi mamá me despertó muy temprano hoy; se escuchaba el gallo de al lado. Es viejito y tiene el canto como que se le rompe a la mitad. Horrible canta. ¿Vos cuántos años tenés? No sabés, ¿no? Yo tengo ocho... casi nueve. Así, mirá

(muestra ocho y después nueve dedos de las manos.) Pero yo me siento mayor. Como el gallo, pero yo canto bien. Siempre me dicen que parezco más grande... y que canto bien, obvoo. Después te muestro. Ahora tengo sueño. Quería seguir durmiendo. Justo hoy estaba soñando algo lindísimo y quería aprovechar. Yo no sé cómo sueñan los perros, pero yo casi siempre sueño con una ruta larguísima que va, va y va y después se corta y se cae al mar. Me despierto con dolor de panza y a veces *(en voz bajita)* todo piyado. Pero justo hoy soñaba con algo que me gustaba, que ahora no me acuerdo y quería seguir estando ahí. ¿Vos soñás con otros perros? ¿Con tus amigos? A lo mejor hoy soñás conmigo.

No se puede dormir acá. *(Revisando los libros.)* Qué poquitos libros que hay. A mí me reee gusta leer. Titán es el satélite más grande del planeta Saturno, ¿sabías? Bueno, yo te cuento... y Saturno también se llama el dios romano del tiempo, porque como allá no había relojes, le tenían que preguntar la hora a Dios. Y aparte, además, un titán es de una raza de dioses con superpoderes, que estaba en el cielo antes de que llegaran los otros dioses que inventaron los juegos olímpicos. O algo así... pero esos ya son más actuales y los podés ver por la tele, creo. Estaban los buenos y los malos, pero había uno malísimo que se llamaba Trono, que ese también tenía un reloj, creo, y se comía a los hijos porque no veía bien. Te lo prometo. *(Hace la cruz con el dedo.)* Pasa que no se entiende tanto porque fue hace mucho y pasó muy lejos. Yo a veces no entiendo todo muuuuy bien, pero si me preguntan, digo que entiendo. Y la verdad es que la mayoría del tiempo no entiendo nada. Pero a vos te lo puedo decir... ¿Sabías todo eso que te conté recién? Yo lo leí en una revista que está buenísima. Y después me quedé pensando que es importante saber de dónde viene el nombre que te ponen. Vos no me preguntaste y yo no te dije, pero me llamo Vicente y significa “el vencedor”, el que gana. Yo no estoy muy seguro de que eso sea cierto o que funcione para todos porque sigo esperando mi superpoder ganador. Pero bueno, lo que yo te quiero decir es que vos sos como un dios que dice la hora y yo soy el rey de este reino.

(Le hace un retrato y se lo muestra.)

Mirá, sos vos. Te lo regalo; lo podés colgar en la cucha. Menos mal que me dejaron con vos, Titán. No me gusta estar solo con gente que no conozco. Y con gente que conozco, la verdad que a veces tampoco. Prefiero estar con mucha gente o solo solo. Pero con vos está bien. Vos me escuchás, vos me entendés, vos me ponés las patitas en el pecho y me hacés sentir calor. Te quiero, Titán. Recién te conozco, pero te quiero más que a toda mi familia junta. No es que mi familia sea muy grande, y vos sos un animal enormísimo. Como un elefante de los africanos, como una bomba de baba. En la escuela te enseñan que a la familia hay que quererla más que a nada en el mundo pero yo te quiero más a vos. Así que no pienso ir más a la escuela. Miden el amor con la regla de hacer cuadrados y en el aula dicen que hablo raro, que parezco una persona mayor. Creo que dicen eso para no decir que soy un zapallo. Cuando conté que mis papás no eran mis papás de verdad y que yo había viajado en el tiempo de un lugar que se llama Dinamarca porque a mi papá de verdad lo había matado mi tío, ahí empezaron los problemas. Dije que esos son secretos de familia y entonces llamaron a la psicóloga. Igual, yo los escuché reírse en un recreo porque soy como un viejo con dientes de nene o un nene con nervios de viejo, usado y roto. Así que no me junto con nadie. Lo de que tengo pinta de zapallo también se los escuché decir. Pero es que yo leo mucho, muchísimo y las palabras me están haciendo mal al cerebro. Eso dice mi papá cuando me esconde algún libro y me pide que lo encuentre con la luz apagada.

Se sumaron más voces allá afuera. ¿Escuchás, Titán? Pero mi papá no. Él estaba con un pico de tres no sé qué y se lo llevaron de vacaciones. Lejos del castillo. Lejos de MI castillo. Me dijeron que la señora que va a venir hoy a hacerme preguntas de grandes es otra. Una nueva consejera de mi corte. ¿Vos la conocés? ¿Es simpática? ¿Se viste bien? ¿Tiene manos delicadas o es una señora bruta? No me gustan las señoras brutas. Hace un tiempo vino a visitarme una toda flaca, recontraalta y muy nerviosa. Se le caía el cuaderno cada vez que me preguntaba algo y en una de las caídas me di cuenta de que todas las hojas estaban en blanco. Me la quedé mirando, mudo. Tenía la cara transpirada y olor a caca en la boca. Vomité todo en la mesita y mi mamá me llevó de nuevo para casa. De todas maneras, aunque la de ahora tenga olor a perfume de propaganda y se vista mejor que mi mamá, no quiero ver a nadie. Su majestad, que soy yo, obvio, no desea recibir a nadie en este momento. Me encerré en la torre más alta del castillo para que no me molesten. Quiero un momento de paz. ¡Se los ordeno! Quiero leer, pintar, mirar cuando la luna se hace uña finita y estar solo con mi nuevo carcelero para hacerme su amigo. Hola carcelero, soy tu rey. Dame la patita. ¿Sabes qué es un carcelero? Yo te digo. Lo leí en un cuento, que es un perro que cuida el infierno. Soy el rey del infierno y vos sos mi guardián. Pero vos no tengas miedo porque sos bueno y no te voy a quemar en la higuera. Sos un guerrero recién llegado y muy fiel y yo te voy a enseñar lo que hacer. Tenés que ladrarle muy fuerte a cualquiera que se anime a entrar por esa puerta. Si alguien quiere entrar, vos ladrá, ¿me lo prometés? Sos tan lindo y esponjoso. Cualquiera que entre por ahí va a ser castigado con fuego. No voy a decirle nada a nadie; no voy a abrir la boca. Solo la voy a abrir para lanzar llamas y quemarlos a todos los que quieran venir. Me voy a quedar sentado, acariciando tu cabecita peluda, esperando la señal de guerra. Mi castillo es de metal duro y esta torre, mi cuevita.

De este lado, yo soy el rey. Ya no los escucho, creo que se fueron. Tengo un reino todo para mí, ¿lo ves, Titán? Asomate por la ventana y mirá. Todo esto es nuestro. Desde los lagos transparentes y los campos verde fuerte, hasta las montañas y volcanes que separan mi reino del de los crueles Hombres Serpiente. Soy el rey del infierno, el domador de culebras. Algún día voy a cruzar esas montañas y voy a incendiar sus casas, a cortarles las cabezas, a abrir las jaulas para que se escapen todos los animales y los bebitos. Pero por ahora no puedo hacer nada. Por ahora me conformo con que dejen de venir a robarme. Cada vez que entran en mi reino se llevan algo de valor y me van a dejar sin nada. Vas a ser mi perro guardián al final del arcoíris. Preparemos la defensa del castillo (*pone la mesa contra la puerta.*) Se escuchan de nuevo los pasos y las voces. ¿Escuchás, Titán? ¿Escuchás que hablan bajito? Casi no se siente pero vienen montando caballos. Quieren entrar. Tapemos puertas y ventanas. (*Pone las sillas contra la puerta.*) Que nadie entre. No quiero hablar. Me gustaría que vos hablaras por mí si te dan ganas. Que les digas algo, lo que se te ocurra. No tengo ganas de decir nada ni de estar con gente hoy. Quiero que se vayan. Quiero que mejor me cuentes una historia. Una historia de perros; de tus amigos perros, de tus amigos humanos, de tu papá hombre. ¿Es bueno? ¿Te da de comer? ¿Te acaricia muy fuerte a la noche?

(*Pega la oreja a la puerta.*)

Parece que la señora se fue al baño y ahora vuelve. Dame la patita, Titán. Cuando sea grande me voy a tatuar tu nombre en el brazo y si tengo un hijo le voy a poner Titán para que no sea un boludo. Sos el

perro más bueno del universo y me encanta estar con vos, pero tengo miedo de que tiren la puerta abajo. Necesitamos construir una defensa más fuerte. Me gustaría que fuéramos buenos en hacer daño y que los muerdas, que les claves los colmillos y les salga mucha sangre, que les cortes la carne sin piedad. Pero sos tan tierno que no va a funcionar. No nos engañemos. No va a funcionar. A lo mejor podemos distraerles la atención con trucos de ilusionismo y magia, como Houdini, el mago que se escapaba. Pasa que yo eso no sé cómo se hace y si me trato de escapar corriendo mi mamá me trae de los pelos y me deja doliendo. O también podemos hacer un número de baile, como en el show de tele que te ponen puntos. A lo mejor nos ponen nota alta y listo, no me preguntan nada. Mmmm, igual no creo que la señora entienda de baile y magias. Así que vas a tener que hablar vos. No te enojés, pero vas a tener que hacerlo por mí. Yo aprendí de chiquito. Es refácil y lo vas a tener que hacer ahora. Yo te enseño.

(Escribe en el pizarrón: Vicente no quiere hablar y voy a hablar yo.)

Prestá atención, acá dice “Vicente no quiere hablar y voy a hablar yo”. Pará, primero vas a decir “Hola”. Repetí conmigo, Titán: “Ho-la Vi-cen-te no quie-re ha-blár...”. No, la patita ahora no. “Vi-cen-...”. No, Vi, Vi, con v de vaca... ¿viste las vacas? Seguro las conocés... Bah, no sé, no importa... “Vi- cen-te no quie-re...”. Bue, dame la patita y después seguimos. Es lindo aprender cosas. Mi vecina Silvana, que ahora está cuidando a mi hermanita, canta unas canciones en otro idioma que no entiendo pero me las explica y me parecen hermosas. Tiene voz de pajarito contento y a veces triste. Es rebuena y me cuida cuando no quiero estar en casa. Ella viene de otro lado, como yo, que aunque me digan que vengo de mi mamá y mi papá, yo sé que vengo de este reino en donde yo soy el dueño. Dale que bailamos y te canto la que me enseñó Silvana.

¿Vos qué me dirías si pudieras hablar con la boca? Yo sé. Me dirías: “te quiero, Vicente, y siempre te voy a cuidar”, ¿a que sí? Me gustaría hablar el idioma de los perros o que vos hables el idioma nuestro de los humanos. Para que me cuentes las cosas que te gustan hacer y los lugares que querés visitar. Me dormiría todo el día en tu lomo calentito. Si yo fuera Houdini podríamos salir de acá en cualquier momento, ¿sabés? Podríamos ir a Dinamarca, con mi familia de verdad que tiene un castillo de verdad y mucha plata y muchos perros como vos. Yo montado en tu lomito, cruzando todas las puertas, esquivando todas las espadas, atravesando el valle oscuro. Y ya cuando llegamos al bosque, en lo más adentro de la niebla, donde no se ve nada de lo que imaginamos, y se escucha nada más que la respiración de la nube con olor a tierra fresca... ahí vamos a ser libres y vos podrías morder sin miedo cualquier figura que rompa la calma. Morder, morder y morder todo lo que esté en movimiento. Y cuando encontremos a la nena lastimada, vos le tocás con el hocico la panza. Tratás de moverla, le pasás la lengua por la cara y ella se despierta y te abraza. Yo me quedo a un costadito porque no quiero asustarla. Y entonces le digo: “Hola, nena. Yo soy Vicente y él es Titán. Tenemos el tiempo y el reino para que vengas con nosotros si tenés ganas”. ¿No te parece un plan maravilloso?

Ya vienen. Ya van a entrar. ¿Vos qué harías, Titán? No vamos a poder quedarnos encerrados para siempre. Frená el reloj del mundo con tus superpoderes. ¿Hablo o me hago el mudo cuando ella llegue? No hay nada que desee más en este momento que un consejo tuyo. Si no digo nada ahora, seguro me van a hacer venir más veces. Y eso por un lado es bueno porque te voy a poder seguir viendo y vos

me caés muy bien. Pero hago como tres horas para llegar hasta esta torre y me sacan muy temprano de la cama. Además, si no le digo nada a la señora, la panza me va a seguir doliendo. A veces me duele tanto que cuando voy al baño hago mucha fuerza y me sale sangre. Y a mí no me gusta que me pase lo que me pasa. Pero si digo, también me van a hacer venir más veces, porque siempre pasa que cuando empezás a contar algo la gente quiere que cuentes más. Y así también te voy a seguir viendo. Pero voy a romper una promesa y las promesas no se rompen, ¿o no Titán? Se va a enojar muchísimo si rompo la promesa. No es de nobles andar quebrando pactos y yo soy todo un señor rey. ¿A que sí? ¿A que soy un rey y vos sos mi caballo perro? Mi perrobollo. Mirá todo el campo verde que tenemos para pasear. Vive mucha gente allá abajo y desde acá puedo ver que todos se porten bien. En mi reino nunca jamás se va a ir la luz. Desde acá controlamos que siempre esté prendida, ¿dale? Que se vea todo, que nadie se asuste. En mi reino todos duermen tranquilos y no se despiertan cansados ni adoloridos. Hay muchos perros como vos y muchas Silvanas. Nadie va a la escuela porque ya todos saben todo lo que tienen que saber y los grandes se quedan en casa mientras que nosotros estamos siempre afuera, jugando a que tenemos castillos y grandes jardines para correr sin miedo.

Los escucho hablar más fuerte ahí afuera. Se ponen de acuerdo. Dicen mi nombre: Vicente, el ganador. Supongo que todos están esperando que gane algo. A mi mamá también la escucho. No le entiendo bien pero ella llora. No me gusta que lllore, ¿le podrías ir a decir que no lllore? No. Mejor quedate acá conmigo. Que le den su propio perro. Pienso que sería lindo que todo el mundo pueda tener su propio perro. Su propio Titán, un dios satélite que te acompañe para todos lados y te cuide si alguien te quiere lastimar.

Te quiero llevar conmigo. Te quiero, Titán. A vos, sí. A vos antes que a nadie. Antes de que me vuelva de nuevo un zapallo duro... A vos sí que te lo cuento...

(Vicente le cuenta algo al oído a Titán durante un largo rato. La estatua del perro cae al piso y se rompe.)

...

FIN

OS TITÃS

PAOLA TRACZUK

Tradução: LUCIANA DI LEONE

Câmara de Gesell. 2021. Uma mesa e duas cadeiras em escala gigante. Alguns brinquedos, livros, folhas de papel e lápis. Contra a parede, um quadro negro também em grande escala. Um “menino” está sentado à mesa, do lado de uma enorme estátua de um cachorro, feita de gesso. O menino leva uma coroa de papelão pintado na cabeça e uma blusa que – eventualmente veremos – tem escrita a palavra “menino”. Estão em silêncio já há um longo tempo.

VICENTE: Faz um tempão que estamos aqui esperando. Por que não entram, você sabe? O que estão esperando? Eu acho que estamos aqui faz como um século inteiro. Quer saber? Melhor. Eu quero ficar aqui com você até amanhã. Não, até o ano que vem. Até o futuro. Até que todos estejam mortos e não tenha pessoas no planeta e você e eu fiquemos velhinhos de barba branca e que seja preciso inventar o universo de novo, mas a gente coloca só as pessoas que gosta. Assim diz a minha mãe, que no mundo tem que entrar só as pessoas que a gente gosta. Mas lá fora isso não dá porque já está cheio e tem de tudo. Eu gosto de você. Me dá a patinha. Você é tão bonito! Você sabe pegar coisas? Aposto que sim. Se eu jogar a meia, você traz? Não me deixam ter cachorro. Funciona assim? Não me deixam porque minha mãe fica nervosa e meu pai diz que faço bagunça e que como eu não vou tomar conta ele vai morder a cabeça da minha irmã que é bebezinha. Eu acho que isso não é assim, mas sei lá. Ele diz que não me comporta bem o suficiente, mas para mim que é ele que tem medo que alguém morda a mão dele e a arranque fora. Sei lá.

Desse lado eu sou o rei. Quando cheguei me disseram que você se chama Titã e aí você veio cheirar meu pé. Mas como meu corpo ficou congelado, não consegui te cumprimentar. Depois me deixaram aqui com você e fiquei melhor. Você me perdoa? Me falaram para esperar a doutora que opera cérebros sem faca. Para me sentar, para brincar, para desenhar, para te cuidar, ou para você me cuidar. Não me lembro bem... Que posso te abraçar se eu quiser. Você quer que eu te abraçe? Você é muito macio! Tem cheirinho de xampu! Eu não tomei banho, mas tenho a pele lisinha que nem você. Também me disseram que podia pegar o que eu quisesse e que ninguém vai me falar nada. Sou o rei. Você acha que se eu pegar todos os lápis vão perceber? Porque eu tô precisando muuuuito deles. Os meus gastei quase todos. Tenho um monte de desenho, sabia? Se eu soubesse trazia para você, mas como da outra

vez você não estava, não trouxe. Você gosta de desenhar? Nãooooo... você é um cachorro. Eu adoro, mas agora não quero. Tô com sono, quero dormir. Minha mãe me acordou muito cedo hoje, dava para escutar o galo do vizinho. Está velhinho e tem o canto como que se corta pela metade. Canta horrível. Você tem quantos anos? Não sabe, não é? Eu tenho oito... quase nove. Assim, olha (*mostra oito e depois nove dedos das mãos.*) Mas eu me sinto mais velho. Como o galo, mas eu canto bem. Sempre me dizem que pareço mais velho... e que canto bem, obvio. Depois te mostro. Agora tô com sono. Queria dormir mais. Logo hoje que estava sonhando algo lindíssimo e queria aproveitar. Eu não sei como sonham os cachorros, mas eu quase sempre sonho com uma estrada longuíssima que vai, vai, vai e depois se corta e cai no mar. Acordo com dor de barriga e às vezes (*falando baixinho*) todo mijado. Mas logo hoje sonhava com uma coisa que eu gostava, que agora nem lembro e queria continuar ali. Você sonha com outros cachorros? Com seus amigos? De repente hoje você sonha comigo.

Não dá para dormir aqui. (*Revisando os livros.*) Tem muito pouco livro aqui. Eu adoooooro ler. Titã é o maior satélite do planeta Saturno, sabia? Bom, eu te conto... e Saturno também é o nome do deus romano do tempo, porque como lá não tinha relógio, tinham que perguntar a hora para Deus. E além disso um titã é de uma raça de deuses com superpoderes, que estava no céu antes de que chegassem os outros deuses que inventaram os jogos olímpicos. Ou um coisa assim... mas esses já são mais atuais e você pode ver na TV, acho. Tinha os bons e os maus, mas tinha um muito mau que se chamava Trono, que esse também tinha um relógio, acho, e que comia os filhos porque não enxergava bem. Juro. (*Faz a cruz com os dedos.*) Acontece que não dá para entender bem porque foi faz muito tempo e aconteceu muito longe. Eu às vezes não entendo todo muuuuito bem, mas se me perguntam digo que entendo. Mas na verdade a maior parte do tempo não entendo nada. Para você posso falar... Você sabia tudo isso que contei agora? Eu li numa revista super legal. E depois fiquei pensando que é importante saber de onde bem o nome que dão para gente. Você não me perguntou e eu não disse, mas me chamo Vicente e significa “o vencedor”, o que ganha. Eu não tenho muito certeza que seja verdade ou que funcione para todos porque continuo esperando meu superpoder vencedor. Mas tudo bem, o que eu queria dizer é que você é como um deus que diz as horas e eu sou o rei deste reino.

(*Faz um retrato e mostra para ele.*)

Olha, é você. Te dou de presente, você pode pendurar na sua casinha. Ainda bem que me deixaram com você, Titã. Não gosto de ficar sozinho com pessoas que não conheço. E com pessoas que conheço na verdade às vezes também não. Prefiro estar ou com muitas pessoas ou sozinho. Mas com você está bem. Você me escuta, você me entende, você coloca as patinhas no meu peito e me faz sentir quentinho. Te amo, Titã. Recém te conheço, mas te amo mais do que a toda minha família. Não é que minha família seja muito grande, e você é um animal enormérrimo! Como um elefante dos africanos, como uma bomba de baba. Na escola ensinam que tem que amar a família mais do que nada no mundo, mas eu amo mais você. Por isso não penso continuar indo para escola. Eles medem o amor com a régua de fazer quadrados e na aula dizem que falo raro, que pareço um adulto. Acho que falam isso para não dizer que sou um pamonha. Quando contei que meus pais não eram meus pais de verdade e que eu tinha viajado no tempo desde um lugar da Dinamarca porque meu tio matou o meu pai de verdade, aí começaram os problemas. Disse que esses são segredos de família e então chamaram à psicóloga. Igual eu escutei eles rindo em um

recreio porque sou como um velho com dentes de criança ou uma criança com nervos de velho, usado, quebrado. Então eu não me junto com ninguém. Isso de que pareço meio pamonha também escutei eles falarem. Mas é que eu leio muito, muito mesmo, e as palavras estão me fazendo mal ao cérebro. Isso diz meu pai quando esconde algum livro e me pede que o encontre com a luz apagada.

Agora tem mais vozes lá fora. Você escuta, Titã? Mas meu pai não. Ele estava com um pico de três sei lá o quê e levaram ele de férias. Longe do castelo. Longe do MEU castelo. Me disseram que a senhora que vai vir hoje me fazer perguntas de adultos é outra. Uma nova conselheira da minha corte. Você a conhece? É gente boa? Se veste bonita? Tem mãos delicadas ou é uma senhora grosseira? Não gosto de senhoras grosseiras. Faz um tempo veio me visitar uma toda magra, muito alta e muito nervosa. O caderninho dela caía toda vez que me perguntava alguma coisa e em uma das quedas me dei conta que todas as folhas estavam em branco. Fiquei olhando para ela, mudo. Tinha a cara transpirada e cheiro de cocô na boca. Vomitei a mesinha toda e minha mãe me levou de novo para casa. De qualquer forma, mesmo que a de agora tenha cheiro de perfume de propaganda e use roupas mais bonitas que minha mãe, não quero ver ninguém. Sua majestade, que sou eu, óbvio, não deseja receber ninguém neste momento. Me tranquei na torre mais alta do castelo para não ser perturbado. Preciso um momento de paz. É uma ordem! Preciso ler, pintar, olhar quando a lua vira uma unha fininha e ficar sozinho com meu novo carcereiro para ficar seu amigo. Oi, Carcereiro, sou teu rei. Me dá a patinha. Sabe o que é um carcereiro? Eu te falo. Li em um conto que é um cachorro que cuida do inferno. Sou o rei do inferno e você é meu guardião. Mas você não tenha medo porque é bonzinho e não vou te queimar na figueira. É um guerreiro recém-chegado e muito fiel e eu vou te ensinar o que fazer. Tem que latir muito forte para qualquer um que ousar entrar por essa porta. Se alguém quiser entrar, você late, promete? Você é tão lindo e esponjoso. Qualquer um que entre por aí vai ser castigado com fogo. Não vou dizer para ninguém; não vou abrir a boca. Só vou abrir para lançar chamas e queimar todos os que queiram entrar. Vou ficar sentado, acariciando tua cabecinha peluda, esperando o sinal da guerra. Meu castelo é de metal duro, e esta torre é meu covilzinho.

Desse lado eu sou o rei. Não estou escutando mais, acho que foram embora. Tenho um reino todo para mim, você vê Titã? Vai na janela e olha. Tudo isso é nosso. Dos lagos transparentes e os campos verde-vivo, até as montanhas e vulcões que separam meu reino do dos cruéis Homens Serpente. Sou o rei do inferno, o domador de cobras. Algum dia, vou atravessar essas montanhas e vou incendiar suas casas, cortar-lhes a cabeça, abrir as gaiolas para que se escapem todos os animais e os bebezinhos. Mas por ora não posso fazer nada. Por enquanto me conformo com que parem de vir me roubar. Cada vez que entram no meu reino, levam alguma coisa de valor e vão me deixar sem nada. Você vai ser meu cão de guarda no final do arco-íris. Preparamos a defesa do castelo (*coloca a mesa contra a porta.*) Estou escutando de novo passos e vozes. Escuta, Titã? Escuta que falam baixinho? Quase não dá para perceber mas vêm montando a cavalo. Querem entrar. Tranquemos portas e janelas. (*Coloca as cadeiras contra a porta*) Que ninguém entre. Não quero falar. Gostaria que você falasse por mim se tiver vontade. Falar qualquer coisa, o que te ocorrer. Não estou com vontade de falar nada nem de estar com pessoas hoje. Quero que eles vão embora. Quero que você me conte uma história. Uma história de cachorros, dos teus amigos cachorros, dos teus amigos humanos, de teu pai homem. É bom? Te da de comer? Te faz carinho muito forte à noite?

(Gruda a orelha à porta)

Parece que a senhora foi no banheiro e agora volta. Me dá a patinha, Titã. Quando for mais velho, vou tatuar teu nome no meu braço e se tiver um filho vou colocar Titã para que não seja um otário. Você é o cachorro mais bonzinho do universo e eu adoro ficar com você, mas tenho medo de que derrubem a porta. Precisamos construir uma defesa mais forte. Gostaria que fôssemos bons machucando e que você morda todos, fincando os dentes e que saia muito sangue, que você corte a carne deles sem piedade. Mas você é tão fofinho que não vai funcionar. Não dá para se enganar. Não vai funcionar. Quem sabe podemos distrair a atenção deles, com truques de ilusionismo e magia, como Houdini o mágico que escapava. Mas acontece que eu não sei como se faz isso e se eu tentar escapar correndo minha mãe me pega dos cabelos e me deixa doendo. Ou também podemos fazer um número de dança, como no show da TV que te dão pontos. Quem sabe a gente não ganha uma nota alta e, pronto, não me perguntam nada. Mmmm, igual acho que essa senhora não deve entender de dança e de truques. Então você que vai ter que falar. Não fique chateado, mas você vai ter que falar no meu lugar. Eu aprendi quando era pequeno. É super fácil e você vai ter que fazer agora. Eu te ensino

(Escreve no quadro: Vicente não quer falar e vou falar eu.)

Presta atenção, aqui diz: Vicente não quer falar e vou falar eu. Espera aí, primeiro você vai falar: Oi. Repete, Titã: “O-i, Vi-cen-te-não-quer-fa-lar... Não, a patinha agora não. Vi-cen... Não, Vi, Vi, com v de vaca... viu, as vacas? Certamente conhece... Bom, não sei, não importa... Vi-cen-te-não-quer... Tá, me dá a patinha e depois continuamos. É lindo aprender coisas. Minha vizinha Silvana, que agora está cuidando da minha irmãzinha, canta umas músicas em outro idioma que não entendo mas ela me explica o que dizem e parecem muito bonitas. Ela tem voz de passarinho contente e às vezes triste. Ela é muito legal e me cuida quando não quero ficar na minha casa. Ela vem de outro lado, que nem eu, que mesmo que me falem que eu venho da minha mãe e do meu pai, eu sei que venho deste reino onde eu sou o dono. Vamos fazer que dançamos e que eu canto a que me ensinou Silvana?

O que você diria se pudesse falar com a boca? Eu sei. Diria: eu te amo Vicente, e sempre vou te cuidar, não é? Eu gostaria de falar a língua dos cachorros ou que você falasse a nossa língua dos humanos. Para você me contar as coisas que você gosta de fazer e os lugares que você quer visitar. Eu dormiria o dia inteiro nas tuas costas quentinhas. Se eu fosse Houdini poderíamos sair daqui a qualquer momento, sabia? Poderíamos ir à Dinamarca, com minha família de verdade que tem um castelo de verdade e muito dinheiro e muitos cachorros como você. Eu montado na tua garupinha, atravessando todas as portas, driblando todas as espadas, cruzando o vale escuro. E já quando chegarmos à floresta, no mais dentro do nevoeiro que tem, onde não se vê nada do que imaginamos, e se escuta apenas a respiração da nuvem com cheiro de terra fresca... aí vamos ser livres e você poderia morder sem medo qualquer figura que quebre a calma. Morder, morder e morder tudo que estiver se mexendo. E quando encontrarmos a menina machucada, você toca na barriga dela com seu focinho. Tenta mexê-la, passa a língua pela cara e ela acorda e te abraça. Eu fico em um cantinho porque não quero assustá-la. E então lhe falo: oi, menina. Eu sou Vicente e ele é Titã. Temos o tempo e o reino para você vir com a gente se tiver vontade. Não acha que é um plano maravilhoso?

Estão vindo. Vão entrar. O que você faria, Titã? Não vamos poder ficar trancados para sempre. Freia o relógio do mundo com teus superpoderes. Falo ou finjo que sou mudo quando ela chegar? Não tem nada que eu queira mais nesse momento que um conselho seu, Titã. Se eu não falar nada agora, com certeza vão me obrigar a vir mais vezes. E isso por um lado é bom porque vou poder continuar vendo você e eu gosto muito de você. Mas tem que fazer como três horas de viagem para chegar até esta torre e me tiram muito cedo da cama. Além disso, se eu não falar nada com essa senhora, a barriga vai continuar doendo. Às vezes dói tanto que quando vou no banheiro faço muita força e sai sangue. Eu não gosto que me aconteça o que me acontece. Mas se eu falar, também vão me fazer vir mais vezes, porque sempre acontece que quando você começa a contar alguma coisa as pessoas querem que você conte mais. E assim também vou continuar vendo você. Mas vou quebrar uma promessa e as promessas não se quebram; não é, Titã? Ele vai se chatear muito se eu quebrar a promessa. Não é de nobres andar quebrando pactos e eu sou todo um senhor rei. Não é? Não é que sou um rei e você é meu cavalo cachorro? Meu cachoalo. Olha todo esse campo verde que temos para passear. Vivem muitas pessoas ali embaixo, e daqui posso vigiar que todos se comportem direitinho. No meu reino jamais a luz vai ir embora. Daqui controlamos que sempre esteja acesa, vamos? Que dê para ver tudo, que ninguém fique com medo. No meu reino todos dormem tranquilos e não acordam cansados nem doloridos. Tem muitos cachorros como você e muitas Silvanas. Ninguém vai na escola porque já todos sabem todo o que precisam saber e os adultos ficam em casa enquanto nós estamos sempre lá fora, brincando de que temos castelos e grandes jardins para correr sem medo.

Escuto que falam mais alto ali fora. Estão chegando a um acordo. Dizem meu nome: Vicente, o ganhador. Imagino que estão esperando que ganhe alguma coisa. Escuto a minha mãe também. Não entendo bem mas ela chora. Não gosto que ela chore, você pode ir lá falar para ela não chorar? Não. Melhor fica aqui comigo. Que deem para ela o seu próprio cachorro. Penso que seria lindo se todo mundo pudesse ter seu próprio cachorro. Seu próprio Titã, um deus satélite que te acompanhe para todos os lados e te cuide se alguém quer te machucar.

Quero levar você comigo. Te amo, Titã. Você, sim. Você antes de mais ninguém. Antes de voltar a ser um pamonha mole... Para você sim que eu conto...

(Vicente conta algo no ouvido do Titã durante longo tempo. A estátua do cachorro cai ao chão e quebra.)

...

FIM

SUS CANCIONES FAVORITAS

ALEJANDRO CLAVIER

Personajes

BRANDON, 39 años, venezolano.

DANIEL, 16 años, peruano.

ELIAS, 17 años, venezolano.

Cámara Gessell. Mesa larga y dos sillas. Elías, Brandon, Daniel. Daniel tiene un yeso en la mano.

ELIAS: *(al público)* Él es Brandon.

DANIEL: *(al público)* Es un venezolano que no ha muerto todavía pero pudo haber muerto de Sida si se quedaba en Venezuela. Al final de la obra sí se va a morir de Sida, en un ejercicio de imaginación.

ELIAS: *(al público)* Él y yo somos presos.

DANIEL: *(al público)* No se dice así porque somos menores de edad, pero la verdad es que...

ELIAS: *(al público)* Somos presos.

DANIEL: *(al público)* Estamos en Perú. En el Centro de Diagnóstico y Rehabilitación Juvenil de Lima, alias *Maranguita*.

ELIAS: A este artista le dieron quinientos cocos para meterse a Zoom a reflexionar, a debatir, a hablar huevadas sobre violencia y no sé qué chucha con otros artistas del mundo.

DANIEL: *(al público)* Y luego vino a inspirarse para escribir su teatro. Tuvimos cuatro clases de escritura, de caminar por el espacio y la conchasumadre en esta cámara Gessell. Eso es una residencia artística, carajo. No es una casa donde viven marihuaneros, no, es esa huevada.

ELIAS: *(al público)* ¿Pa' qué? No sé. ¿Cuál es la necesidad? Yo también me lo pregunto. Pero así es esta vaina: el que puede, puede, y allá fuera hay una gente ociosa que le provocó soltar unos riales para que

estos manganzones vengan a tener contacto con el mundo real y bueno. Aquí estamos como un par de huevones hablando frente a un espejo.

ELIAS: *(al público)* Ustedes nos pueden ver a nosotros pero nosotros no podemos verlos a ustedes.

DANIEL: *(al público)* A nosotros no nos pagó nada, pero bueno, nos dio unas clases de teatro.

(Sobre una mesa hay un papelógrafo grande, donde Elias se echa y cabe completo. Brandon dibuja su silueta con un plumón).

BRANDON: ¿De qué parte de Venezuela eres?

ELIAS: Caracas, tú.

BRANDON: También, ¿de qué parte?

ELIAS: El Cafetal.

BRANDON: Ah, bueno, tiene sentido.

ELIAS: ¿Parezco alguien de El Cafetal?

BRANDON: No, no, te estoy molestando.

ELIAS: Soy blanco y estúpido. Por eso lo dices.

BRANDON: No lo pensé mucho, disculpa. Puro prejuicio. Lo digo porque eres educado.

ELIAS: Sifrino. *(A Daniel)* Pituco. *(A Brandon)* Mi papá tuvo mucha plata, hasta que se volvió alcohólico y matón.

BRANDON: Fuiste al colegio.

ELIAS: Privado y católico.

BRANDON: ¿Qué tan estúpido eres?

ELIAS: Muy.

BRANDON: ¿Qué hiciste para estar aquí?

ELIAS: Antes de pasar a eso, quisiera meterle también a tu adivinanza de prejuicios.

BRANDON: Ok.

ELIAS: Eres de Petare, de familia humilde. ¿Y estudiaste Artes en la Universidad Central...?

BRANDON: Soy del Cafetal también. De la Universidad Católica. Sólo que no soy blanco.

DANIEL: (*a Elias*) Qué estúpido.

ELIAS: ¿Hace cuánto estás en Perú?

BRANDON: Hace tres años.

ELIAS: ¿Y ya has hecho obras aquí?

BRANDON: Todavía no. ¿Cuánto tiempo llevas en Perú?

ELIAS: Vine cuando era muy chiquito, tenía siete años. Perdonarás que ya casi no tengo acento.

BRANDON: ¿Y ahora, cuántos tienes?

ELIAS: Diecisiete. “Qué rica edad”, me tienes que decir tú.

BRANDON: Qué rica edad.

DANIEL: (*al público*) Elias tiene una erección. Brandon la nota. Parece bastante grande la verga del chibolo. Brandon recuerda a su perro de la infancia que cuando se emocionaba, se le paraba. A Brandon le gusta alborotar el gallinero. No es que no coma, el chico está bien alimentado, es guapo y pingón. Pero siempre ha necesitado gustar.

ELIAS: ¿Tú?

BRANDON: Treinta y nueve. Ya está.

(*Elias baja de la mesa y ambos miran la silueta que dibujó Brandon*).

ELIAS: Qué rica edad.

Crimen pasional. Empujé por las escaleras –sí, no te estoy jodiendo– empujé por las escaleras a un tipo que yo pensé se estaba metiendo con mi noviecito. Y se murió. Cositas que uno hace cuando tienes quince años y creciste viendo novelas venezolanas.

BRANDON: Gracias por compartir. (*Tomando otro papel*) Ahora tú, Daniel, Acuéstate aquí. Elías, ¿podrías dibujar a tu compañero?

DANIEL: Enamorado.

BRANDON: Ah, ok. A tu... ¿Se puede hablar *así* sobre *esto* aquí?

DANIEL: No, pero porsiacá. Pa' que sepa, que es mi enamorado.

BRANDON: Ok.

DANIEL: ¿Ok? Pa' que le quede claro.

ELIAS: No somos enamorados.

DANIEL: Ah, no somos enamorados, rosquete.

ELIAS: No, huevón.

DANIEL: Qué somos entonces, pe.

ELIAS: Somos *algo*, bebé, pero no somos enamorados, no nos hemos ni siquiera dado ni los besos, por favor, cómo vamos a ser enamorados. Odio, además, el término, *enamorado*, me parece muy de pueblo, perdón.

DANIEL: Así se dice aquí, conchetumare.

(*Daniel se acuesta en la mesa, sobre el papel*).

ELIAS: Somos una miradita en el desayuno...

DANIEL: ¿Sabes qué? Dejémoslo hasta ahí.

ELIAS: Nos vamos a ir juntos cuando salgamos de aquí. Somos esa promesa, sí. Pero no sé si somos enamorados, a eso voy...

DANIEL: (*a Elías, que iba a dibujar su contorno con el plumón*) No, yo contigo no quiero nada. Ca-brón. Profesor, usted me puede dibujar mi esto, por favor.

BRANDON: Claro. (*Mientras dibuja el contorno de Daniel*) Me puedes tutear.

DANIEL: Ahí no más.

BRANDON: ¿Qué te pasó en la mano?

DANIEL: Un día me hice la paja cuarenta veces y se me desgarró el tendón (*pausa*). Hago box, y por gil me esguincé.

BRANDON: Pobre.

DANIEL: Sí, pobre. De qué se trata este ejercicio, profesor.

BRANDON: Bueno... Es... (*Pausa*) Me muero de ganas de hacerles un comentario rápido sobre la súper cuchi discusión que acaban de tener.

DANIEL: ¿Cuchi?

ELIAS: Tierna.

BRANDON: Yo no tuve a mis dieciséis, diecisiete, ningún enamorado, ningún... ningún *algo* con otro hombre. Y me... no sé. Me emociona...

ELIAS: ¿Te emociona?

DANIEL: (*al público*) Le pone.

BRANDON:...Que estén teniendo esta historia aquí, en este lugar. Qué cosa tan hermosa. (*Termina de dibujar el contorno de Daniel*) ¿Cómo no se han dado un beso, vale?

DANIEL: Nunca estamos solos.

BRANDON: ¿Y ahora?

DANIEL: Ahora no estamos solos. Está usted aquí. Y están ellos. (*Señala las cámaras de vigilancia*)

BRANDON: (*Pausa*) Ok. Bueno, pensemos en la idea del símbolo. Una cosa simboliza otra. ¿Qué imagen, dibujo, podría representar, por ejemplo, el año pasado? No tienen que ser dibujos muy complejos, es algo que sintetice lo que ese año significa para ustedes. Hagan un dibujo por cada año de su vida. Si tienes 15 años, son quince dibujos. Y los ubican en una parte del cuerpo que tenga sentido: No es lo mismo que ubiques algo en el corazón, que en los ojos o en la cabeza.

ELIAS: O en el culo.

DANIEL: Ahí tú tienes un montón de dibujitos que hacer.

ELIAS: ¿Para qué nos haces este ejercicio? Para martirizar a este par de presos, para que nos demos cuenta de lo hermosa que era nuestra vida antes de cagarla. No tengo ganas.

BRANDON: Yo escribo sobre lo que me pasa. Es un ejercicio para hacer un mapa de los hitos de tu vida y decir, ok: Este soy yo. No quiero dar ejemplos, pero... a ver, por ejemplo, si yo hiciera este ejercicio, uno de mis dibujos sería una pastilla y representaría mi 2016. Yo soy VIH positivo y ese año se dejaron de encontrar los retrovirales en Venezuela. No había. Fue burda e' feo. Tuve mucho miedo y fue lo que de verdad me motivó a decir, mira, sal de aquí, marico. Muévete. Ahora sí la masa no está pa' bollo. Y tuve que tener esa conversación con mi pareja, le dije: me voy, ¿Te vienes conmigo? Pa' dónde, me dijo. A hacer qué. Yo no tengo estudios, no tengo plata.

ELIAS: ¿Se quedó?

BRANDON: Sí.

ELIAS: ¿Él también es positivo?

BRANDON: No. Pero yo no me podía morir de Sida, marico. Lo que me motivó a salir fue que nadie en mi familia supo nunca nada de mi sexualidad o de mi estatus. No me podía morir de Sida frente a mi papá.

DANIEL: ¿Y cómo sí quisiera morir, profesor?

BRANDON: Dormidito, ¿no? Como la gente. Con mi *algo* al lado. En una casa en la playa, sin mucha vaina. Con comida en la nevera. Habiendo leído los libros que quiero leer. En paz, no sé. ¿Ustedes?

(Silencio).

ELIAS: (al público) Hicimos los dibujitos y quedaron así.

(Los muestran).

DANIEL: (al público) Nada de esto es real.

ELIAS: (al público) Esto es utilería.

DANIEL: (al público) Pero en la cárcel real...

ELIAS: (al público) Centro de Diagnóstico y Rehabilitación Juvenil.

DANIEL: (al público) Cuando Brandon estaba escribiendo esta obra, casi todos los manes guardaron los papeles y se los llevaron a sus cuartos. Pero hubo uno que, frente a Brandon, lo rompió en varios pedazos.

ELIAS: *(al público)* Ahora no estoy haciendo de mí, sino de alguno de los chamos que estaba en Maranguita.

(Elias rompe el papel, hace una pelota y lo tira fuera de escena).

DANIEL: *(al público)* Antes de seguir, vamos leer un post de Facebook de la cineasta argentina Lucrecia Martel, que Monina Bonelli, la curadora de la residencia...

ELIAS: *(a Daniel)* Curadora. ¿Te das cuenta? Imagínate si este broder cobró quinientos dólares por hacer esta mierda, cuánta plata se habrá metido la pendeja por curarle el...

DANIEL: El ano al cabro este. Bueno, esto le mandó la Monina a Brandon mientras estaba haciendo esta obra: *(lee)* “El cine padece un mal, está en manos de una sola clase social. A lo largo y a lo redondo del globo, está en manos de la clase media alta. Aun con el abaratamiento de la tecnología, sigue siendo una deficiencia. Y eso deviene en una homogeneidad bastante evidente. Tenemos muy buenos sentimientos y una sensibilidad muy grande. Esa mezcla nos lleva a preocuparnos por conflictos sociales que no conocemos realmente, como si fueran objetos a los que es fácil acercarse. Entonces, hay una serie de males que se repiten en los guiones y películas.

ELIAS: *(lee)* Hay una deficiencia para la autocrítica y una cantidad de reiteraciones de representación de las clases sociales, sobre todo populares, desde un lugar muy enajenado, desde la culpabilidad o la redención. Y después, cuando representamos a la propia clase, con mucha indulgencia, se recurre a “el artista”, como si éste hecho salvara a los personajes de las maldades propias del humano.

DANIEL: *(al público)* Bueno, un poco que en esta obra pasa lo mismo. Brandon, el artista de familia que fue pobre pero ahora clase media, tuvo desde el principio muchas ganas de que toda la historia terminara con un final feliz, con nosotros tres en su departamento cantando cumpleaños como pendejos. Brandon pensaba que ésta era la historia de un hombre que tenía que elegir entre ser el lobo feroz que se come a estos dos chibolos o ser Luperca, la loba que adopta a los huérfanos Rómulo y Remo, y les da de lactar de su tetita.

ELIAS: *(al público)* “Te invito a que descartes las posibilidades felices”, le dijo Monina a Brandon. “En la cárcel, compartimos un tiempo de juego, de aprendizaje, de diálogo, pero ¿Eso quiere decir que tenemos todo en común con estas personas? Yo me voy a casa, ellos no”.

ELIAS: *(al público)* Tienen que entender que los textos que supuestamente escribimos nosotros, en verdad no los escribimos nosotros. De hecho esta obra fue escrita gran parte en un iPhone.

DANIEL: *(al público, señalando un dibujo en el papel)* Yo elegí este dibujo para mi ejercicio de relato personal. Quizás no lo pueden ver pero es un pañito húmedo.

(Daniel y Elias toman unos libretos. Daniel se quita el yeso).

DANIEL: Aquí voy. *(lee)* A continuación voy a hacer un teatro del día en que se murió mi tío favorito. Mi tío Lucho era una persona muy divertida, siempre con un comentario picante y achorado. De todos sus sobrinos yo era su favorito y él me lo decía frente a todo el mundo. Un día, lamentablemente, se murió. Mi primo *(señala a Elias)* es como mi hermano. Me llamó por teléfono.

ELIAS: *(lee)* Mi papá. Mi papá.

DANIEL: Fui a la casa. Estaba llena de gente triste llorando, muy apenada por la muerte de mi querido tío. Abracé a mi primo.

(Daniel y Elias se abrazan).

DANIEL: *(lee)* Hermanito lindo. ¿Cómo pasó? Mi tío estaba en su cama con un brazo ajustado al pecho. Nunca había visto un muerto. Vino la policía, un médico, la familia... entraba y salía gente hasta que en un momento, no sé cómo, la casa se quedó sólo con un par de tías, mi primo y yo. Había una bolsa llena de sábanas llenas de sangre. Yo tenía como trece años, más o menos.

ELIAS: *(lee)* Primo, ¿me puedes ayudar a vestirlo? Van a venir para cremarlo y a mis tías les da impresión.

DANIEL: *(lee)* Claro que sí, primo. *(A Brandon)* ¿Se puede acostar?

BRANDON: ¿Yo?

DANIEL: No, la señora tetona de los rulitos que está detrás de usted.

BRANDON: *(dejando pasar la broma de Daniel)* ¿Dónde?

DANIEL: *(señalando la mesa)* Aquí.

BRANDON: ¿Qué hago?

DANIEL: Nada. Usted sólo tenga su brazo así siempre *(se lo flexiona pegado al hombro)* duro como un palo durante toda la presentación, y déjese llevar.

BRANDON: Ok.

(Se acercan a Brandon).

ELIAS: *(lee)* Mira, tiene la lengüita apretada.

DANIEL: *(lee)* No sufrió.

ELIAS: *(lee)* ¿Cómo sabes? Mira.

DANIEL: *(lee)* *(al público)* Su cuerpo tenía moretones y rasguños. *(Lee. A Elias, quitándole los zapatos a Brandon)* Tu papá murió durmiendo, qué mejor manera esa de morir. Yo quisiera morirme así también.

ELIAS: *(lee)* Pero si le rompieron la cabeza.

DANIEL: *(lee, desabrochando el pantalón a Brandon)* Ya la tenía rota hace rato, huevón. Sostenlo, por favor, de los hombritos. Gracias. ¿Puedes ir quitándole la camisa tú?

ELIAS: *(lee)* Me da mucha pena que haya muerto solo. No había más nadie en la casa.

DANIEL: *(lee)* Mira, eso es relativo, porque uno nunca está solo, papi. Y ahora este loco también anda por ahí. Este pendejo murió en su ley: y vivió, jodió, hizo lo que le dio la gana y no se quedó con nada guardado.

(Brandon está en calzoncillos y la camisa está atorada en el brazo, que está duro).

ELIAS: *(lee)* Ay...No sale.

(Brandon ayuda moviendo el brazo).

DANIEL: ¡No!

(Brandon regresa el brazo a su posición dura).

ELIAS: *(lee)* Ay, no sale.

DANIEL: *(lee)* Voltéalo. Ahora sí.

ELIAS: *(lee)* Aquí tengo estos pañitos húmedos.

DANIEL: *(a Brandon, lee)* Vamos a darte una ducha, ¿Sí, Luchito?

(Elias y Daniel usan pañitos húmedos para limpiar a Brandon).

DANIEL: *(a Brandon, lee)* Nunca imaginaste que te iba a bañar yo a ti, ¿no? *(a Daniel)* Te acuerdas cuando este huevón nos bañaba.

ELIAS: *(a Daniel, lee)* Sí.

DANIEL: *(a Elias, lee)* Nos dejaba limpio hasta el huequito del culo.

(Daniel llora).

ELIAS: *(a Daniel, lee)* ¿Qué voy a hacer sin él ahora? Mi papá no murió durmiendo, primo. No soy cojudo.

DANIEL: *(lee, al público)* Le pusimos su ropa más bonita y quedó pepa. Me dio mucho gusto hacer eso por él. Creo que nunca me voy a olvidar que preparé a mi tío para su viaje más largo. Muchas gracias.

(Elias y Brandon aplauden).

BRANDON: ¿Estás bien?

DANIEL: Sí.

(Silencio).

ELIAS: Bueno, confirmado que las cámaras no sirven para nada.

BRANDON: Marico, confirmado. Este chamo me ha estado tocando el huevo y no hay aquí tres policías formando peo.

DANIEL: No le toqué nada.

BRANDON: *(riendo)* Me tocaste, Daniel. Me tocaste las bolas.

ELIAS: Te pasaste.

DANIEL: Yo estaba actuando.

ELIAS: Ay, ella no hizo nada. Pobrecita.

DANIEL: No somos enamorados. Puedo hacer lo que quiera o no.

ELIAS: No te piques, papi. Querías agarrarle el huevo al profesor y lo hiciste. No te hagas la loca. ¿Qué? ¿Ahora esto es una competencia?

DANIEL: A ver pues.

ELIAS: A ver pues qué, imbécil.

BRANDON: ¡Chicos!

DANIEL: Bueno. Nadie me va a decir nada sobre mi teatro o qué chucha.

ELIAS: Pero que primero se vista el profesor porque así no me puedo concentrar.

DANIEL: (*al público*) Brandon se siente muy triste de no pertenecer a la argolla teatral de Lima. Ha podido hacer algunos proyectos como productor pero todavía no como artista y se siente como un huevonazo. Esto ha hecho que, durante años, cuando él piensa en su chamba, piense:

ELIAS: (*al público*) Quizás no sirvo para esta mierda.

DANIEL: (*al público*) Entonces haber escuchado mi texto –su texto– fue muy bonito. Porque vio cómo hubo algo que se liberó de mi pecho –su pecho–. Pensó: Es el teatro sirviendo para algo, y yo siendo partícipe de eso. Se acordó de sí mismo en el colegio. Pensó que nos estaba regalando una herramienta de libertad con la creación y se fue a dormir satisfecho esa noche.

ELIAS: En la siguiente clase, nos pidió que eligiéramos nuestras canciones favoritas, las que quisiéramos que suenen en nuestro funeral. Nos trajo un USB con esas y algunas de sus canciones favoritas para un ejercicio de escritura que era de... No sé cómo se dice... De escritura sin pensar.

DANIEL: Teníamos que escuchar las canciones y no parar de escribir, sin juzgar, porque decía que hacer arte es generación de material, para luego seleccionar y después articular. Lo siguiente es el resultado del ejercicio de Elías.

ELIAS: (*lee*) Me raspó riquísimo la cara con su barba. Olía a cigarro y, no sé si era idea mía, pero me pareció que olía a lubricante también. Que olía a sexo. Este se cogió a otro antes que a mí. ¿A qué hora? Tendría que haber sido en la mañana, o fácil fue anoche y no se baña el hijo de puta. De la nada se baja el pantalón y saca tremenda verga. Una chulaza de este vuelo que me sacó un... No sé si me dio hipo o un... Eructo del asombro, de la emoción. Y empecé a chuparme esa mandarina. Ese pedazo de carne hizo que abriera la boca como nunca antes. Qué vergota, qué cosa más enorme que me hacía dar arcadas y lagrimear. Lo veía desde abajo y con su cara toda seria me decía: ajá, así. Con mis manitos recorría la barriga peluda que parecía una alfombra y le saqué una pelusa del ombligo y eso, no sé por qué me dio risita y me atoré con mi saliva.

¿Estás bien?

Sí, sí.

Ahí escuchó algo. Un ruido. Y se puso un poco tenso. Qué pasó. A ver. Se metió el dinosaurio en el calzoncillo y salió a revisar. Me veías a mí toda llorada, y con esta parte de aquí que me ardía de tanto que tuve que forzar la mandíbula. Me vi en el espejo de la cámara y noté que estaba más bueno que nunca. La dieta había funcionado. Soy el preso más rico de todo este puto planeta, mi amor.

Regresó. “Es la señora Marta”, me dijo. De mantenimiento. “Coño, qué cagada, papi. ¿Y ahora?”.

“Marta es sorda. No va a venir aquí.”

“Marta será sorda, pero no es estúpida, huevón, cómo vamos a...”

Plum, la trompa del elefante que aparece de nuevo. No sé cómo en un tris tras me dio la vuelta, me empujó contra el espejo y me bajó el pantalón. “No me limpié, tengo que ir al baño”. Y el tipo ni caso. “Cochino”, pensé. “Bueno, a la de Dios”. Me lamió ese culo como si hubiera nacido para hacer eso. Cómo te explico que él inventó el sexo oral esa tarde. No sé si era tanto el placer que yo sentía por lo que él me hacía, digamos, físicamente: esos lengüetazos y las vibraciones de sus gemidos que me hacían mover mis bolitas como unas campanas, o el placer que él mismo sentía, y cómo me agarraba las nalgas y me presionaba hacia él. Se convirtió en hombre de las cavernas que encontró alimento en el fondo de mi ano. Su vida y la de toda su manada dependían de morder lamer besar hasta que pasamos a lo que tenía que pasar.

Madre mía. Jesucristo Resucitado. Me punteó. Tocó la puerta, digamos. Sentí, para que te imagines, una pelota de tenis en el mero culo. Más o menos de ese tamaño percibía la cabeza de su verga. Metió sus manotas por debajo de mi camisa, buscó mis tetillas, las apretó, y dijo: respira. Hice caso. Abrí los ojos y lo vi viéndome en el reflejo del espejo.

Qué rico culo. Qué rico culo. Qué rico culo. Qué rico culo.

Eso era lo que más extrañaba del sexo. Sentirme así de deseado por alguien. Se recostó sobre mí y poco a poco me la metió toda. No me salía la voz. No podía respirar. Creo que fueron tres o cinco minutos donde yo no pude respirar. Me bombeó de una manera, no sé cómo decirlo, venezolana. Me bombeó bailando merengue, en una postura perfecta que me anulaba de poder hacer algo más, siquiera abrir los ojos. Sentí cómo fue acelerando el paso y apretando más fuerte mis caderas, como si estuviéramos sobre un caballo y la eyaculación fuera un barranco al que nos íbamos a caer: él estaba viendo ese barranco cada vez más cerca y me lo hacía ver a mí también. Me agarró del cuello y me empezó a ahorcar.

Me vengo.

Lléname el culo de leche, papi. Hazme un hijo.

Saltamos. Yo caballo y él jinete caímos por el precipicio. Sentí cómo su pinga daba espasmos climáticos y mi culo se llenaba a chorros. Me ahorcó más fuerte. Mentí hace un rato: ¡Eso es lo que más extrañaba del sexo! Sentir que me preñan con mucha leche de macho cochino barbudo.

Qué rico culo.

No puedo respirar-

¿Qué?

No puedo-

Golpe tras golpe tras golpe tras golpe contra el espejo y sentí cómo todo se desvanecía. Ya dejé de escuchar, dejé de sentir. “Así voy a morir”, me dije, “Así va a pasar. Me voy a ir de este mundo de mierda tirando. Es lo justo”. Pensé en el coño e’ madre de mi papá. Pensé en mi mamá. En Caracas. En el olor a lluvia de Caracas que nunca más voy a volver a oler. Pensé en la casa con el perro, en mi esposo, mis hijos, la camioneta y las vacaciones en Disney. Ya qué chucha, lo único que tengo es esta pingota removiéndome la mierda en el culo. Es lo único que he tenido, en realidad, coño e’ la madre. Lo único.

Muchas gracias.

(Silencio. Después de un rato, Brandon aplaude un poco).

DANIEL: ¿Eso pasó de verdad?

ELIAS: ¿Cómo va a haber pasado de verdad? ¿Estoy muerto?

DANIEL: Pero la parte de... ¿Quién es el que te cacha?

ELIAS: Creo que está bastante claro.

DANIEL: Es el profesor.

ELIAS: Sí.

DANIEL: Usted.

BRANDON: No, yo no.

DANIEL: ¿Usted no es el profesor?

BRANDON: Sí, pero no soy el que sale en la historia que escribió Elías.

ELIAS: Pero hubieras querido serlo.

DANIEL: ¿Cómo sé que no pasó?

ELIAS: No pasó.

DANIEL: No te creo nada, huevón.

ELIAS: Vas a tener que hacerlo y punto, coño, no te queda otra. Tampoco importa, Dani.

DANIEL: Eres una puta, huevón.

ELIAS: Baja la voz, carajo. Cálmate. ¿En qué momento pudo haber pasado?

DANIEL: El día que yo estaba viendo lo de mi caso.

ELIAS: No pasó, Daniel. Ya. Sigamos, por favor.

DANIEL: Voy a decirle todo esto a la psicóloga.

ELIAS: Acúsalo con tu mamá, Kiko.

DANIEL: Ahí te vas a reír, imbécil.

ELIAS: Cuidado con lo que haces cojudo.

(Daniel se acerca de forma agresiva a Elias).

ELIAS: Ah, ok. Ok, ok. Te pones machito. Yo también me pongo machito.

(Elias empuja a Daniel).

BRANDON: Por favor.

DANIEL: Usted se calla.

ELIAS: ¿Así va a ser esta vaina?

DANIEL: Tú eres mío.

ELIAS: Si no has tenido las bolas ni de robarme un beso a pesar de que te lo he pedido millones de veces. Para ser choro eres bien marica, Danielito.

BRANDON: Elías, coño, deja de...

DANIEL: Tú cállate veneco e mierda.

(Brandon intenta interceder. Daniel se lanza sobre Brandon y forcejean. Terminan frente a frente).

BRANDON: Dale, pégame. Reviéntame la cara y pásate tres años más encerrado en esta mierda. DALE, DANIEL, REVIÉNTAME LA CARA.

(Daniel le da un golpe a Brandon que lo deja tirado en el piso. Brandon se pone de pie).

BRANDON: Dame otro.

(Daniel le da otro golpe).

BRANDON: Más. Maricón enfermo.

(Empieza una serie de golpes muy violentos hasta que Daniel toma una silla y le rompe el cráneo a Brandon. Hay mucha sangre. Silencio).

DANIEL: *(al público)* Nada de esto es real.

ELIAS: *(a Daniel)* Mira, tiene la lengüita apretada.

(Elias y Daniel le quitan la ropa y lo dejan en calzoncillos).

DANIEL: *(a Brandon)* ¿Quieres un poco de agua?

ELIAS: *(a Brandon)* ¿Qué buscabas cuando dijiste que sí a esta residencia?

DANIEL: *(a Brandon)* ¿En qué te vas a gastar los quinientos dólares?

ELIAS: *(a Brandon)* ¿Te acuerdas de mi nombre real? ¿O el nombre de alguno de los chamos a quien le diste clases?

DANIEL: *(a Brandon)* ¿Todavía te provoca que hagamos el final ese que prometiste al inicio...?

ELIAS: *(a Brandon)* ¿...Sobre el Sida y toda la cosa?

DANIEL: *(a Brandon)* ¿Qué es lo que más vas a extrañar del teatro?

ELIAS: *(a Brandon)* ¿Qué tienes que decir sobre el teatro?

DANIEL: *(a Brandon)* ¿Tienes algo que decir, en general?

...

FIN

SUAS MÚSICAS FAVORITAS

ALEJANDRO CLAVIER

Tradução: LUCIANA DI LEONE

Personajes

BRANDON, 39 anos, venezuelano.

DANIEL, 16 anos, peruano.

ELIAS, 17 anos, venezuelano.

Câmara Gesell. Mesa longa e duas cadeiras. Elias, Brandon, Daniel. Daniel tem um gesso em uma das mãos.

ELIAS: *(para o público)* Ele é Brandon.

DANIEL: *(para o público)* Ele é um venezuelano que ainda não morreu mas que poderia ter morrido de aids se ficava na Venezuela. No final da peça vai morrer de aids sim, em um exercício de imaginação.

ELIAS: *(para o público)* Ele e eu somos presidiários.

DANIEL: *(para o público)* Não se diz desse jeito porque somos menores de idade, mas a verdade é que...

ELIAS: *(para o público)* Somos presidiários.

DANIEL: *(para o público)* Estamos no Peru. No Centro de Diagnóstico e Reabilitação Juvenil de Lima, vulgo *Maranguita*.

ELIAS: Este artista recebeu quinhentos verdinhos para entrar em um Zoom para refletir, para debater, para falar besteiras sobre a violência e sei lá quais merdas com outros artistas do mundo.

DANIEL: *(para o público)* E depois veio aqui se inspirar para escrever o seu teatro. Tivemos quatro aulas de escrita, de andar pelo espaço e o caralho a quatro nesta câmara Gesell. Isto é uma residência artística, porra. Não é uma casa onde moram maconheiros, não. É esse troço aí.

ELIAS: *(para o público)* Pra que? Não sei. Qual a necessidade? Eu também me pergunto. Mas esse negócio é assim: quem pode, pode, e lá fora tem uma galera bem de vida que soltou uma grana para que esses filhinhos de mamãe tenham algum contato com o mundo real e bom. Então aqui estamos com alguns parceiros falando em frente do espelho.

ELIAS: *(para o público)* Vocês podem ver a gente, mas a gente não pode ver vocês.

DANIEL: *(para o público)* Para a gente não pagou nada, mas tudo bem: deu umas aulas de teatro.

(Sobre uma mesa há um cavalete de grande tamanho onde Elias deita e cabendo completamente. Brandon desenha a sua silhueta com uma caneta hidrográfica).

BRANDON: De qual parte da Venezuela você é?

ELIAS: Caracas, e você?

BRANDON: Também, de onde?

ELIAS: El Cafetal.

BRANDON: Então tá, faz sentido.

ELIAS: Tenho cara de ser de El Cafetal?

BRANDON: Não, não, estou brincando.

ELIAS: Sou branco e otário. Por isso que você fala.

BRANDON: Foi sem pensar, cara, desculpa. Puro preconceito. Falei porque você é educado.

ELIAS: Bacana *(para Daniel)* Play-boy *(para Brandon)* Meu pai era cheio da grana até que virou alcoólatra e marrento.

BRANDON: Você foi para a escola.

ELIAS: Particular e católica.

BRANDON: Você é otário de verdade?

ELIAS: Muito.

BRANDON: O quê você fez para estar aqui?

ELIAS: Antes de passar para isso, eu também quero pegar nessa tua adivinhação preconceituosa.

BRANDON: Vai fundo.

ELIAS: Você é de Petare, de família humilde. E estudou Artes na Universidade Central...?

BRANDON: Sou de El Cafetal também. Da Católica. Só que não sou branco.

DANIEL: (*a Elias*) Que otário!

ELIAS: Há quanto tempo que está no Peru?

BRANDON: Três anos.

ELIAS: E você já fez peças aqui?

BRANDON: Ainda não. E você quanto tempo leva no Peru?

ELIAS: Eu vim de criança, tinha sete anos. Você perdoa que já quase não tenha sotaque.

BRANDON: E agora você tem quantos anos?

ELIAS: Dezesete. “Que idade gostosa”, você tem que me falar.

BRANDON: Que idade gostosa.

DANIEL: (*para o público*) Elias tem uma ereção. Brandon percebe. O pau do garoto parece bastante grande. Brandon se lembra do seu cachorro de infância que, quando se emocionava, ficava de pau duro. Brandon gosta de causar. Não é que não coma, o moleque está bem alimentado, é bonito e picudo. Mas sempre precisa que os outros gostem dele.

ELIAS: E você?

BRANDON: Trinta e nove. Pronto.

(*Elias desce da mesa e os dois olham para a silhueta desenhada por Brandon*).

ELIAS: Que idade gostosa.

Crime passional. Empurrei pela escada – sim, não tô brincando –, empurrei pela escada um cara que eu achei que estava mexendo com meu namoradinho. E morreu. Bobagens que a gente faz quando tem quinze anos e cresceu assistindo novelas venezuelanas.

BRANDON: Obrigado por dividir conosco. (*tomando outro papel*) Agora você, Daniel, deita aqui. Elias, você poderia desenhar o seu colega?

DANIEL: Namorado.

BRANDON: Ah, ok. Seu... pode falar *assim*, sobre *isso*, aqui?

DANIEL: Não, mas por via das... Pra você saber que é meu namorado.

BRANDON: Ok.

DANIEL: Ok? Pra ficar claro.

ELIAS: Não somos namorados.

DANIEL: Ah, não somos namorados, viado?

ELIAS: Não, mané.

DANIEL: Então somos o quê?

ELIAS: Somos *algo*, babe, mas não somos namorados, a gente nem se beijou, como vamos ser namorados? Além disso, odeio o termo *namorado*, parece uma coisa caipira, me desculpa.

DANIEL: Aqui se diz assim, cacete.

(*Daniel deita na mesa, sobre o papel*).

ELIAS: Somos uns olharzinhos no café da manhã...

DANIEL: Sabe o quê? Vamos parar por aqui com essa história.

ELIAS: A gente vai ficar junto quando sairmos daqui. Somos essa promessa, não é? Mas não sei se somos namorados, isso vou...

DANIEL: (*para o Elias que ia desenhar o seu contorno com a hidrográfica*) Não, eu não quero nada com você. Cacete. Professor, o senhor pode desenhar isso, por favor.

BRANDON: Claro. (*Enquanto desenha o contorno de Daniel*) Pode me chamar de você.

DANIEL: Só até aí.

BRANDON: O que aconteceu na sua mão?

DANIEL: Um dia bati quarenta punhetas e me desgarrei o tendão. *(pausa)* Treino boxe, e me desgarrei de otário.

BRANDON: Tadinho.

DANIEL: Sim, tadinho. De que se trata esse exercício, professor?

BRANDON: Bom... É... *(pausa)* Estou morrendo de vontade de fazer um comentário rápido sobre a super meigui discussão que vocês acabam de ter.

DANIEL: Meigui?

ELIAS: Fofa.

BRANDON: Eu não tive aos meus dezesseis, dezessete anos, namorado nenhum, nenh... *algo* com outro nome. E isso me... sei lá. Me emociona.

ELIAS: O emociona?

DANIEL: *(para o público)* O excita.

BRANDON:...Que estejam tendo essa história aqui, neste lugar. Que coisa tão linda *(termina de desenhar a silhueta de Daniel)* Como que ainda não se beijaram, então?

DANIEL: Nunca estamos sozinhos.

BRANDON: E agora?

DANIEL: Agora não estamos sozinhos. Está o senhor aqui. E estão eles. *(Aponta para as câmeras de vigilância)*

BRANDON: *(Pausa)* Entendi. Bom, pensemos na ideia do símbolo. Uma coisa simboliza outra. Qual imagem, ou desenho, poderia representar, por exemplo, o ano passado? Não precisam ser desenhos muito elaborados, apenas algo que consiga sintetizar o que esse ano significou para vocês. Façam um desenho por cada ano da sua vida. Se tiver 15 anos, são quinze desenhos. E os colocam em uma parte do corpo que faça sentido: não é a mesma coisa colocar algo no coração, do que nos olhos ou na cabeça.

ELIAS: Ou no cú.

DANIEL: Aí você teria um monte de desenhos para fazer.

ELIAS: Para que você nos passa esse exercício? Para martirizar este par de presidiários, para a gente se dar conta do legal que era nossa vida antes de estragar tudo? Tô fora.

BRANDON: Eu escrevo sobre o que me acontece. É um exercício para fazer um mapa dos momentos chave da sua vida e dizer ok: esse sou eu. Não quero dar exemplos, mas... deixa eu ver, por exemplo, se eu fizesse esse exercício, um dos meus desenhos seria um comprimido e representaria meu 2016. Eu sou HIV positivo e esse ano pararam de se encontrar retrovirais na Venezuela. Não tinha. Foi ruim pracas. Tive muito medo e foi o que de verdade me motivou a dizer: olha, sai daqui, cara. Se mexe. Agora sim que o mar não está para peixe. E tive que ter essa conversa com meu companheiro, e falei: vou embora, você vem comigo? Para onde?, me disse. Fazer o quê. Eu não tenho estudos, não tenho dinheiro.

ELIAS: Ele ficou?

BRANDON: Ficou.

ELIAS: Ele também é positivo?

BRANDON: Não. Mas eu não podia morrer de AIDS, cara. O que me motivou para sair foi que ninguém na minha família soube nunca da minha sexualidade ou da minha condição. Não podia morrer de AIDS na frente do meu pai.

DANIEL: E como o senhor gostaria de morrer, professor?

BRANDON: Dormindinho, né? Como as pessoas. Com meu *algo* do meu lado. Em uma casa de praia sem muita ostentação. Com comida na geladeira. Tendo lido os livros que eu quero ler. Em paz, sei lá. E vocês?

(*Silêncio*).

ELIAS: (*para o público*) Fizemos uns desenhos e ficaram assim.

(*Mostram*).

DANIEL: (*para o público*) Nada disto é real.

ELIAS: (*para o público*) Isto são adereços.

DANIEL: (*para o público*) Mas na cadeia real...

ELIAS: (*para o público*) Centro de Diagnóstico e Reabilitação Juvenil.

DANIEL: *(para o público)* Quando Brandon estava escrevendo esta peça, quase todos os manés guardaram os papéis e levaram para os seus quartos. Mas houve um que, na frente de Brandon, o rompeu em vários pedacinhos.

ELIAS: *(para o público)* Agora não estou fazendo de mim mesmo, mas de algum dos moleques que estavam em Maranguita.

(Elias rompe o papel, faz uma bola e joga fora de cena).

DANIEL: *(para o público)* Antes de continuar, vamos ler um post de Facebook da diretora argentina Lucrecia Martel que Monina Bonelli, a curadora da residência...

ELIAS: *(para Daniel)* Curadora. Você percebe? Imagina, se esse brother recebeu quinhentos dólares por fazer essa merda, quanto dinheiro terá embolsado essa piranha por lhe curar o...

DANIEL: O fiofó do viado esse. Bom, isso foi o que a tal Monina lhe mandou ao Brandon enquanto estava fazendo esta peça: *(lê)* “O cinema padece um mal, está em mãos de uma classe média-alta. Mesmo que o acesso à tecnologia tenha ficado mais barato, continua sendo deficiente. E isso, implica uma homogeneidade bastante evidente. Temos muitos bons sentimentos, e uma sensibilidade muito profunda. Essa mistura nos leva a nos preocupar com conflitos sociais que não conhecemos realmente, como se fossem objetos dos quais é fácil se aproximar. Então, há uma série de males que se repetem nos nossos roteiros e filmes.

ELIAS: *(lê)* Existe uma deficiência para a autocrítica e uma grande quantidade de reiteraões na representação de classes sociais, sobretudo das populares, a partir de um lugar muito alienado, a partir da culpa ou da redenção. E depois, quando representamos a própria classe, com muita indulgência, se recorre ao “artista”, como se esse fato pudesse salvar as personagens das maldades do próprio ser humano.

DANIEL: *(para o público)* Bom, nessa peça acontece um pouco a mesma coisa. Brandon, o artista de família que foi pobre mas agora é classe média, teve desde o começo muita vontade de que toda a história terminasse com um final feliz, com nós três no seu departamento cantando o parabéns como moleques. Brandon pensava que esta era a história de um homem que tinha que escolher entre ser o lobo mau que come esses dois garotos ou ser Luperca, a loba que adota os órfãos Rômulo e Remo e lhes dá de mamar das suas tetinhas.

ELIAS: *(para o público)* “Eu te convido a descartar as possibilidades felizes”, Monina disse ao Brandon. “No presídio, a gente partilha um tempo de brincadeira, de aprendizado, de diálogo, mas isso significa que temos tudo em comum com essas pessoas? Eu vou para casa, eles ficam”.

ELIAS: *(para o público)* Vocês precisam entender que os textos supostamente foram escritos por nós, mas na verdade não fomos nós. De fato essa obra foi escrita em grande parte em um iPhone.

DANIEL: *(para o público, apontando um desenho no papel)* Eu escolhi este desenho para o meu exercício de relato pessoal. Talvez não consigam ver, mas é um lencinho úmido.

(Daniel e Elias tomam uns livretos. Daniel tira o gesso).

DANIEL: Vou começar. *(lê)* A continuação vou fazer uma representação do dia em que morreu meu tio favorito. Meu tio Luiz era uma pessoa muito divertida, sempre com um comentário engraçado e insolente. De todos os sobrinhos, eu era seu favorito e ele falava isso na frente de todo mundo. Um dia, infelizmente, morreu. Meu primo *(aponta para Elias)* é como meu irmão. Me telefonou.

ELIAS: *(lê)* Meu pai. Meu pai.

DANIEL: Fui para a casa dele. Estava cheia de gente triste chorando, muito angustiada pela morte do meu tio. Abracei o meu primo.

(Daniel e Elias se abraçam)

DANIEL: *(lê)* Irmãozinho. O que houve? Meu tio estava na sua cama com um dos braços apertado sobre o peito. Nunca tinha visto um morto. Veio a polícia, um médico, a família... entrava e saía gente até que em um momento, não sei como, a casa ficou só com um par de tias, meu primo e eu. Tinha uma bolsa cheia de lençóis cheios de sangue. Eu tinha uns treze anos, mais ou menos.

ELIAS: *(lê)* Primo, você pode me ajudar a vestir ele? Vão vir levar para o crematório e as minhas são muito impressionáveis.

DANIEL: *(lê)* Claro que ajudo, primo. *(a Brandon)* Pode se deitar?

BRANDON: Eu?

DANIEL: Não, a senhora peituda de cachinhos que está atrás do senhor.

BRANDON: *(deixando passar a piada de Daniel)* Onde?

DANIEL: *(apontando a mesa)* Aqui.

BRANDON: O que tenho que fazer?

DANIEL: Nada. O senhor só mantém o braço assim sempre *(Mostra o braço dobrado colado no ombro)* duro como um cabo de vassoura durante toda a apresentação e pode se deixar levar.

BRANDON: Ok.

(Aproximam-se de Brandon).

ELIAS: *(lê)* Olha, tem a língua apertadinha.

DANIEL: *(lê)* Não sofreu.

ELIAS: *(lê)* Como você sabe? Olha.

DANIEL: *(l. para o público)* O corpo tinha hematomas e arranhões. *(Lê. Para Elias, tirando os sapatos do Brandon)* Teu pai morreu dormindo, não há melhor forma de morrer. Eu gostaria de morrer assim também.

ELIAS: *(lê)* Mas se lhe arrebetaram a cabeça...

DANIEL: *(lê, desabotoando a calça de Brandon)* Já estava arrebetada de antes, mané. Segura ele, por favor, dos ombros. Obrigado. Você pode ir tirando a camisa dele?

ELIAS: *(lê)* Me apenas muito que tenha morrido sozinho. Não tinha mais ninguém na casa.

DANIEL: *(lê)* Olha, isso é relativo, porque a pessoa nunca está totalmente sozinha, cara. E agora este maluco também vai andar por aqui. O malandro morreu na sua lei: viveu, fodeu, fez o que deu na telha e não ficou com nada guardado.

(Brandon está de cueca e a camisa está presa no braço que está rígido).

ELIAS: *(lê)* Ai... Não sai.

(Brandon ajuda movendo o braço).

DANIEL: Não!

(Brandon volta o braço para a posição rígida).

ELIAS: *(lê)* Ai, não sai.

DANIEL: *(lê)* Vira ele de lado. Agora foi.

ELIAS: *(lê)* Aqui tenho estes lencinhos úmidos.

DANIEL: *(para Brandon, lê)* Vamos te dar um banho, tá bom, Luizinho?

(Elias e Daniel usam lencinhos úmidos para limpar o Brandon).

DANIEL: (*Para Brandon, lê*) Você nunca imaginou que eu te daria um banho, né? (*a Daniel*) Lembra quando esse cara nos dava banho?

ELIAS: (*para Daniel, lê*) Lembro.

DANIEL: (*para Elias, lê*) Deixava limpinho até o buraquinho da bunda.

(*Daniel chora*).

ELIAS: (*para Daniel, lê*) O que eu vou fazer sem ele agora? Meu pai não morreu dormindo, primo. Não sou otário.

DANIEL: (*lê, para o público*) Lhe colocamos as suas melhores roupas e ficou arrumadinho. Gostei muito de poder fazer isso por ele. Acho que nunca vou me esquecer de que preparei meu tio para a sua viagem mais longa. Muito obrigado.

(*Elias e Brandon aplaudem*).

BRANDON: Você está bem?

DANIEL: Estou.

(*Silêncio*).

ELIAS: Bom, tá confirmado que as câmaras não servem para nada.

BRANDON: Confirmado, viado. Este moleque ficou encostando no meu saco e não chegaram aqui três polícias para dar problema.

DANIEL: Eu não encostei em nada.

BRANDON: (*rindo*) Você me tocou, Daniel. Botou a mão no meu saco.

ELIAS: Você está passando dos limites.

DANIEL: Eu estava interpretando.

ELIAS: Ai! Ela não fez nada. Tadinha!

DANIEL: Não somos namorados. Posso fazer o que quiser, ou não?

ELIAS: Não fica esquentadinho, bonitão. Você queria pegar no saco do professor e pegou. Não dá uma de louca. Ou qual é? Isso agora é uma competição?

DANIEL: Então vamos ver.

ELIAS: Ver o quê, seu idiota.

BRANDON: Pessoal!

DANIEL: Tá bom. Mas ninguém vai me dizer nada sobre a minha interpretação, qual é?

ELIAS: Mas primeiro que o professor coloque uma roupa porque assim não dá pra se concentrar.

DANIEL: *(para o público)* Brandon fica muito triste por não pertencer à bolha teatral de Lima. Tem conseguido fazer alguns projetos como produtor, mas ainda não como artista, e se sente um babaca. Isto tem feito com que, ao longo de anos, quando ele pensa no seu trampo, pense:

ELIAS: *(para o público)* Talvez eu não sirva para essa merda.

DANIEL: *(para o público)* Então, ter escutado meu texto – seu texto – foi muito bonito. Porque vii que houve alguma coisa que se libertou no meu peito – seu peito -. Pensou: é o teatro servindo para alguma coisa e eu estou sendo partícipe disso. Lembrou-se de si próprio na escola. Pensou que estava nos dando de presente uma ferramenta de liberdade com a criação, e foi dormir satisfeito essa noite.

ELIAS: Na aula seguinte, nos pediu para escolhermos nossas músicas favoritas, as que a gente gostaria que tocassem no nosso enterro. Ele trouxe um pen-drive com essas e outras das suas músicas favoritas para um exercício de escrita que era de... não sei como se diz... de escrever sem pensar.

DANIEL: Tínhamos que ouvir as músicas e não parar de escrever, sem julgar, porque dizia que fazer arte é gerar material, para depois escolher e depois articular. O que vem a seguir é o resultado do exercício de Elias.

ELIAS: *(lê)* Me arranhou gostoso a cara com sua barba. Cheirava a cigarro e, não sei se era só ideia minha, mas me pareceu que cheirava a lubrificante também. Que cheirava a sexo. Ele trepando com outro antes de mim. Que horas? Devia ter sido de manhã, ou de repente foi ontem à noite e o filho da puta não tomou banho. Do nada, arria as calças e bota para fora tremenda pica. Uma gostosura deste tamanho que me deu um... não sei se me deu soluço ou um... arroto da surpresa, da emoção. Então comecei a lamber esse sorvete. Esse pedaço de carne que me fez abrir a boca como nunca antes. Que delícia, que coisa mais enorme que me engasgava e me fazia lacrimejar. Eu o via de baixo, e com o seu rosto todo sério me dizia: aham, assim. Com as minhas mãozinhas percorri sua barriga peluda que parecia um tapete e tirei uma sujeirinha do umbigo e isso, não sei por que, me fez rir e me engasguei com minha saliva.

Você está bem?

Sim, sim.

Aí escutou alguma coisa. Um barulho. E ficou tenso. O que houve? Vamos ver. Meteu o dinossauro dentro da cueca e saiu para dar uma olhada. Dava para me ver toda em lágrimas, e com essa parte daqui ardida de tanto que tive que forçar a mandíbula. Me vi no espelho da câmara e percebi que eu estava mais gostoso que nunca. A dieta tinha funcionado. Sou o presidiário mais gostoso de toda essa merda de planeta, meu amor.

Voltou. “É a dona Marta”, me disse. Da limpeza. “Caceta, que merda, babe. E agora?”

“Marta é surda. Não vai vir aqui”

“Marta será surda, mas não é otária, cara, como vamos...”

Pluft, a tromba do elefante que aparece de novo. Não sei como em um triz me virou, me empurrou contra o espelho e baixou as minhas calças. “Não me limpei, tenho que ir no banheiro”. E o cara nem liga. “Porco”, pensei. “Bom, que seja o que deus quiser”. Me lambeu o cú como se tivesse nascido para fazer aquilo. Como te explico que foi ele que inventou o sexo oral essa tarde. Não sei se era tanto o prazer que eu sentia pelo que ele estava me fazendo, digamos, fisicamente: essas lambidas e as vibrações dos seu gemidos que me faziam meu saco se mexer como campana, ou o prazer que ele mesmo sentia, e como me agarrava a bunda e me pressionava contra ele. Tinha se convertido em um homem das cavernas que encontrou alimento no fundo do meu cú. Sua vida e a de toda a sua manada dependia de morder lambe beijar, até que passamos ao que tinha que acontecer.

Minha nossa. Jesus Cristo Ressuscitado. Me bicou. Bateu a porta, digamos. Senti, para você ter uma ideia, uma bola de tênis no meio da bunda. Mais ou menos desse tamanho eu percebia a cabeça da sua pica. Meteu as mãozonas embaixo da minha blusa, procurou os meus mamilos, os apertou, e disse: respira. Obedeci. Abri os olhos e vi ele me olhando no reflexo do espelho.

Que bunda gostosa. Que bunda gostosa. Que bunda gostosa. Que bunda gostosa.

Isso era do que eu mais tinha saudade do sexo. De me sentir desejado por alguém. Se deitou sobre mim e aos poucos a meteu inteira. Minha voz não conseguia sair. Não podia respirar. Acho que foram três ou cinco minutos nos quais eu não consegui respirar. Me socava de um modo, não sei dizer, venezuelano. Me socava dançando merengue, em uma postura perfeita que anulava minhas possibilidades de fazer outra coisa, sequer abrir os olhos. Senti como ia acelerando o passo e apertando com mais força a minha bacia, como se estivéssemos em um cavalo e a ejaculação fosse um barranco onde íamos cair: ele estava vendo esse barranco cada vez mais próximo e fazia com que eu o visse também. Me agarrou do pescoço e começou a me enforcar.

Vou gozar.

Enche meu rabo de leite, babe. Me faz um filho.

Pulamos. Eu cavalo e ele cavaleiro caímos juntos no precipício. Senti como seu pau tinha espasmos climáticos e meu cú se enchia de jatos. Me enforcou mais forte. Menti no que eu falei antes: é disso do que eu mais tinha saudade do sexo! Sentir que me enchem de leite de macho porco barbudo.

Que bunda gostosa.

Não posso respirar-

O que?

Não posso-

Golpe atrás de golpe atrás de golpe atrás de golpe contra o espelho e senti como tudo se desvanecia. Parei de escutar, parei de sentir. “Vou morrer assim”, me disse. “Assim vai ser. Vou embora deste mundo de merda trepando. É justo.” Pensei no filho da puta do meu pai. Pensei na minha mãe. Em Caracas. No cheiro de chuva de Caracas que nunca vou cheirar de novo. Pensei na casa com cachorro, no meu marido, nos meus filhos, no carro e nas férias na Disney. E daí? A única coisa que tenho é esse caralhão remexendo a merda do meu cú. É a única coisa que eu tive, na verdade, puta que o pariu. A única.

Obrigado.

(Silêncio. Depois de um tempo, Brandon bate algumas palmas).

DANIEL: Isso aconteceu de verdade?

ELIAS: Como vai ter acontecido de verdade? Estou morto?

DANIEL: Mas a parte de... Quem é que te come?

ELIAS: Acho que está bastante claro.

DANIEL: É o professor.

ELIAS: É.

DANIEL: O senhor.

BRANDON: Não, eu não.

DANIEL: O senhor não é o professor?

BRANDON: Sou, mas não sou o que aparece na história que escreveu Elias.

ELIAS: Mas teria gostado de ser.

DANIEL: Como eu sei que não aconteceu?

ELIAS: Não aconteceu.

DANIEL: Não acredito, cara.

ELIAS: Vai ter que acreditar e ponto, cacete, não tem outra. Também nem é importante, Dani.

DANIEL: Você é uma piranha, cara.

ELIAS: Baixa a voz, caceta. Se acalma. Quando poderia ter acontecido?

DANIEL: O dia que eu fui ver o da minha situação.

ELIAS: Não aconteceu, Daniel. Chega. Continuemos, por favor.

DANIEL: Vou contar isso tudo para a psicóloga.

ELIAS: Vai contar para a tua mãe, Kiko.

DANIEL: Aí vê se você vai achar graça, imbecil.

ELIAS: Cuidado com o que vai fazer, seu merda.

(Daniel se aproxima de forma agressiva a Elias).

ELIAS: Ah, ok. Ok, ok. Você fica todo machinho. Eu também fico machinho.

(Elias empurra Daniel).

BRANDON: Por favor.

DANIEL: O senhor fica quieto.

ELIAS: Então a parada vai ser desse jeito?

DANIEL: Você é meu.

ELIAS: Se você não teve culhão nem para me roubar um beijo apesar de eu ter pedido milhares de vezes. Para ser ladrão, você é bastante viado, Danielzinho. ces.

BRANDON: Elias, caceta, deixa de...

DANIEL: Você fecha a boca venezuelano de merda.

(Brandon tenta intervir. Daniel parte para cima de Brandon e ficam se agarrando. Terminam frente a frente).

BRANDON: Vai, bate! Arrebenta a minha cara, e fica mais três anos trancado nessa merda. VAI, DANIEL, ARREBENTA A MINHA CARA.

(Daniel dá um soco na cara do Brandon e o deixa jogado no chão. Brandon se levanta).

BRANDON: Mais um.

(Daniel bate de novo).

BRANDON: Mais. Seu viado doente.

(Começa uma série de golpes muito violentos até que Daniel toma uma cadeira e quebra o crânio de Brandon. Há muito sangue. Silêncio).

DANIEL: *(para o público)* Nada disso é real.

ELIAS: *(para Daniel)* Olha, tem a língua apertadinha.

(Elias e Daniel tiram a roupa de Brandon, deixando-o de cueca).

DANIEL: *(para Brandon)* Quer um copo de água?

ELIAS: *(para Brandon)* O que você procurava quando topou essa residência?

DANIEL: *(para Brandon)* Com que você vai gastar os quinhentos dólares?

ELIAS: *(para Brandon)* Você lembra do meu nome real? Ou o nome de algum dos moleques para quem deu aula?

DANIEL: (*para Brandon*) Ainda tem vontade de que a gente faça aquele final que prometeu no começo...?

ELIAS: (*para Brandon*)... Sobre a AIDS e coisa e tal?

DANIEL: (*para Brandon*) Do que você vai sentir mais saudades do teatro?

ELIAS: (*para Brandon*) O que você tem para falar sobre o teatro?

DANIEL: (*para Brandon*) Você tem algo para falar em geral?

...

FIM

RIMU DICE

LUCILA CASTILLO

(Al interior de la cámara Gesell entra una niña de aproximadamente once años, y una adulta que la entrevistará. La adulta cierra la puerta.)

MARIEL: Rimu se quedó afuera... y él me pidió estar dentro.

ADULTA: ¿Tú quieres que Rimu entre aquí?

MARIEL: Él me pidió estar dentro, y me dijo “por favor”.

ADULTA: Muy bien lo dejamos entrar.

(La adulta vuelve a abrir la puerta y entra Rimu.)

RIMU: Mariel, pregúntale a la mujer si dejan entrar a los animales.

MARIEL: Rimu quiere saber si puede entrar su mascota.

ADULTA: ¿Por qué no me lo pregunta él mismo?

MARIEL: Es muy penoso... *(En susurro, a la adulta)* aunque Rimu es un adulto lo he visto llorar por su animalito... ¿puede entrar?

RIMU: Estaremos silenciosos.

MARIEL: Estarán callados.

RIMU: En un rincón.

MARIEL: Allá... en ese rincón.

RIMU: Será como si no existiéramos.

MARIEL: Como invisibles.

ADULTA: Bueno.

(La adulta abre la puerta una vez más y deja entrar a la mascota de Rimu.)

ADULTA: Mariel, ¿puedes platicarme cómo es la mascota de Rimu?

MARIEL: Un animal salvaje que encontró en el bosque hace años. Dice Rimu que lo tuvo escondido por muchos años porque mordía. ¡Mordía muy fuerte! Lo traía con un bozal, después lo entrenó y solo le puso una correa; ahora el animalito anda suelto, y no hace daño, a menos que Rimu le indique. Lo domesticó, ahora Rimu le da de comer en casa.

ADULTA: ¿Rimu alguna vez le ha indicado a su mascota que haga daño?

MARIEL: ¿Daño? No, él solo hace cosquillas con su lengua.

ADULTA: ¿De qué tamaño es la mascota de Rimu?

MARIEL: Del tamaño de una persona. Es como si fuera una persona pintada con barro. A la vez parece un perro malvado. Y a la vez un perro apachurrado, pelón y flaco que me da risa. No lo sé.

ADULTA: ¿Cuántos días a la semana te visita Rimu?

MARIEL: Rimu no se separa de mí.

ADULTA: ¿Nunca se va?

MARIEL: Nunca.

ADULTA: ¿Entonces vive en tu casa?

MARIEL: Duerme en el cuarto de junto, y ronca tan fuerte.

ADULTA: ¿Cómo conociste a Rimu?

MARIEL: Él vino del otro lado del espejo.

(Mariel se queda mirando el gran cristal que divide la habitación, donde se ve su reflejo)

MARIEL: Detrás del espejo... ¿hay...?

ADULTA: Algunas personas mirándonos, te lo dije antes.

MARIEL: ¿Otro mundo?

ADULTA: Exacto, es como si fuera otro mundo.

MARIEL: Un universo.

ADULTA: Mariel, ¿quieres hablar sobre Rimu?

MARIEL: ¿Usted también se mete adentro del espejo?

ADULTA: ¿El espejo? El espejo es duro, mira, ven, puedes tocarlo. Aunque queramos no podemos entrar en él.

MARIEL: El espejo de mi casa se puede atravesar, ¿éste no?

ADULTA: No, del otro lado están las personas que toman nota, escuchan y que posteriormente podrán ayudarte, ¿recuerdas?

MARIEL: Ah.

ADULTA: Mariel... ¿podrías contarme un poco sobre lo que hay detrás del espejo que tienes en tu casa?

MARIEL: Detrás del espejo siempre está Rimu.

ADULTA: ¿Qué hace Rimu del otro lado del espejo?

MARIEL: Siempre está mirándome, a veces un poco molesto.

ADULTA: ¿Por qué está molesto Rimu?

MARIEL: Porque no encuentra lo que busca, o porque no habla lo suficientemente fuerte, o porque siempre estoy tan despeinada.

RIMU: Tus cabellos son como alambres enredados, gordos, ásperos y sucios.

ADULTA: ¿Por qué a Rimu le molesta tanto que estés despeinada?

MARIEL: Porque mi cabello es muy duro. Rimu toma el peine e intenta desenredármelo para hacerme una coleta, pero siempre le queda chueca, por eso me jala más fuerte, para que el peinado me quede bien antes de ir a la escuela. “¿Por qué siempre estás enojado?” le pregunto. Me dice que solo mire al otro lado del espejo, para que vea que no está enojado. Cuando miro al otro lado del espejo él está peinándose y sonriendo.

ADULTA: ¿Y cómo es que atraviesas el espejo de tu casa?

MARIEL: ...Cuando Rimu sonrío significa que vamos a atravesar el espejo.

ADULTA: ¿Cómo lo atraviesan?

MARIEL: ...

ADULTA: ¿Mariel?... ¿Entonces Rimu está aquí?

MARIEL: Ajá.

ADULTA: ¿Qué dice él ahora?

RIMU: Anoche odié tanto,
y soñé cosas tan horribles que mis plantas amanecieron secas.
Lloré mucho por mis hortalizas.
Pero me reconforta saber que si yo no odiara se me secaría la garganta.
Porque sin violencia no tendríamos nada de qué hablar.
Sin violencia nada tendría sentido.
La eternidad estaría en la palma de nuestras manos.
No entiendo, en verdad, quién dijo que el sentido de la vida consistía en “amar”.
“Amar” es para los pobres.
Tú no necesitas que nadie te ame.
“Amar” es un pretexto para que alguien cuide de ti cuando seas anciano.
¿Pero tú? Tú no necesitas amor.
Mi dinero será tuyo, y podrás pagarle a alguien para que te cuide en la vejez.
Deja que los pobres sigan pensando que necesitan esforzarse para ganarse el mundo.
No sé quién te metió esa idea de que la vida se debía ocupar para amar.
¡Qué pérdida de tiempo!
¿No te das cuenta?
La vida está hecha para odiar.
Porque solo en el odio hay violencia.
Y sin violencia, mi querida Mariel, no tendríamos nada de qué hablar.
Y sin temas de conversación, no existirían los amigos.

MARIEL: Dice que sus plantas se secaron porque soñó cosas muy feas.

ADULTA: ¿Qué cosas soñó Rimu?

RIMU: Puedes decirle todo, nena, imagina que yo no estoy aquí.
Dile que la otra vez soñé que aventaba la cabeza de una mujer al suelo
y se me levantaba con el sonido que hacía su cráneo al reventarse,
mi animal se levantó, se puso duro y flotó hasta el aire;
luego babeó el suelo con una histeria desmesurada.

ADULTA: ¿Qué cosas soñó Rimu?

MARIEL: Que su animal tenía hambre, y comió.

ADULTA: Bueno, bueno... Mariel, ¿cuántas veces al día ves a Rimu?

MARIEL: Todo el tiempo.

ADULTA: ¿Rimu es amable contigo?

RIMU: Puedes decirle todo, nena, imagina que yo no estoy aquí.
Puedes contestar lo que quieras.

MARIEL: Rimu solo está enojado porque no lo aman.

ADULTA: ¿Rimu es muy enojón?

MARIEL: Rimu no.
Rimu dice que ese perro es quien ladra todos los días,
porque necesita morder a una mujer que no lo ama.

ADULTA: ¿Y por qué esa mujer no lo ama?

MARIEL: Rimu dice...

RIMU: Estoy abandonado en un mundo extraño.

MARIEL: Rimu dice que odia...

RIMU: Odio... y volvería a odiar.

MARIEL: Todos los días de su vida...

RIMU: Y si me dejan suelto volvería a matar.

MARIEL: Porque odia tanto...

RIMU: Porque prefiero que mi perro se coma la carne de esa gente que estorba.
Porque ninguna mujer debería ser tan puerca como esa que lame el perro de otros.

MARIEL: Está muy enojado, porque cuando era pequeño le hacían cosas muy raras...

RIMU: Me violaban.

MARIEL: Le hacían cosas raras ahí...

RIMU: ¡Me violaban!

MARIEL: Rimu está llorando...

ADULTA: ¿Rimu también llora?

MARIEL: Rimu llora todas las noches... y la única forma de que no llore es atravesando el espejo.

ADULTA: ¿Cómo atraviesa el espejo?

MARIEL: Su mascota se pone de pie, muy dura, muy dura, y lo atraviesa, se mete hasta dentro, dice que... es como entrar a otro mundo... un mundo mágico “¿Lo miras?” ¡Míralo!, me dice; volteo y me doy cuenta de que yo también estoy del otro lado del espejo, tirada al revés, con un animal metido en mi cuerpo; y con mi cara de otro color... “Es otro mundo, ¿verdad?, un mundo mágico, ¿lo ves? ¿Lo ves Mariel?”

ADULTA: ¿Tú dejas que él toque tu cuerpo?

MARIEL: Yo dejo que Rimu sea feliz.

ADULTA: ¿Que Rimu te toque genera en ti algún sentimiento?

MARIEL: Pues...

RIMU: Te dan cosquillas, y a las niñas les gustan las cosquillas.

MARIEL: Me gustan las cosquillas.

ADULTA: ¿Quisieras que Rimu dejara de hacerte cosquillas?

MARIEL: Quiero que Rimu me siga haciendo cosquillas.

ADULTA: ¿Eso te hace sentir bien?

MARIEL: Si Rimu deja de hacerme cosquillas irá a la cárcel.

ADULTA: ¿Crees que lo que Rimu hace contigo está bien?

MARIEL: La cárcel no está bien. La cárcel es un lugar muy feo para él. Cuando Rimu se comió a una muchacha de la calle, Rimu estuvo en la cárcel; y en la cárcel le hicieron un hoyo en su trasero.

ADULTA: ¿Cómo sabes eso?

MARIEL: Rimu me enseñó. Me ha enseñado ese hoyo muchas veces. Pero eso es un secreto.

ADULTA: ¿Recuerdas que del otro lado del espejo hay gente escuchando esto?

MARIEL: Sí, pero no importa, mamá también lo sabe. No me regañará por esto.

ADULTA: ¿Tú mamá sabe que esto está pasando?

MARIEL: Sí.

ADULTA: ¿Qué dice ella sobre esto?

MARIEL: Que Rimu no existe.

ADULTA: ¿Y qué opinas tú: Rimu existe o no?

MARIEL: Le he pedido a Rimu que se aleje porque él no existe.

RIMU: Pero sabes que eso no es cierto, porque yo sí existo. Duermo en el cuarto de junto.

ADULTA: ¿Y Rimu se aleja?

MARIEL: No.

ADULTA: ¿Entonces, qué es Rimu?

MARIEL: No sé...

ADULTA: Bueno, intentemos adivinar, ¿te parece?

MARIEL: Ajá...

ADULTA: ¿Rimu es un sueño?

MARIEL: No.

ADULTA: ¿Cómo lo sabes?

MARIEL: Mamá me tiró en un sofá e intentó sacarme los sueños por las orejas. Pero solo sacó semillitas verdes y arena. Y me dijo: “¿Por qué no te puedo sacar esos sueños de la cabeza, Mariel?!”

ADULTA: ¿Y por qué tus sueños no pueden salir?

RIMU: La respuesta es: porque los sueños de Mariel son hermosos

ADULTA: ¿Mariel? ¿Por qué mamá no puede sacarte los sueños por las orejas?

RIMU: Porque lo único hermoso que le queda en esta vida son sus sueños, y no podrán arrebatárselos nunca.

MARIEL: Porque yo solo sueño con sandías y manzanas que crecen en mi panza. Y las sandías y las manzanas no caben por las orejas.

RIMU: Ella solo sueña cosas hermosas, y eso sorprende. Sorprende que en las noches como hoy alguien sueñe de colores.

ADULTA: ¿Crees que Rimu quiera hacerte daño?

MARIEL: No.

ADULTA: ¿Crees que sea un monstruo?

MARIEL: No.

ADULTA: ¿Te da miedo?

MARIEL: No.

ADULTA: Si Rimu no es un sueño y no es un monstruo ¿qué crees que sea, Mariel?

MARIEL: Mi amigo.

ADULTA: Bien... ¿puedes dibujar a Rimu en esta hoja?

(La niña afirma con la cabeza, comienza a dibujar y constantemente voltea a ver a Rimu para copiarlo. Ella va generando lentamente un retrato de aquel hombre y su mascota.)

ADULTA: ¿Mariel, me puedes decir dónde está Rimu ahora?

MARIEL: Sigue sentado en la esquina.

ADULTA: ¿Nos está mirando?

MARIEL: Todo el tiempo la está mirando a usted.

ADULTA: ¿A mí?

MARIEL: Sí.

ADULTA: ¿Por qué me mira?

MARIEL: La mira tanto porque ya quiere que terminemos y nos vayamos a casa.

ADULTA: ¿Rimu, tiene prisa?

MARIEL: Tiene sueño.

ADULTA: ¿Se desveló?

MARIEL: No durmió bien.

ADULTA: ¿Había ruido en casa o estaba incómoda su cama?

MARIEL: Cuando Rimu no duerme bien significa que tuvo pesadillas.

ADULTA: ¿Ajá?

RIMU: Soñar la desolación me seca la cabeza.
Amanezco con un extraño ardor en los huecos de mi cerebro.
Despierto con sed pero me da asco el agua.
El peor sueño que puedo tener es que ella desaparezca.

MARIEL: Rimu sueña que lo abandonan.

ADULTA: ¿Quién lo abandona?... ¿Mariel?... ¿Quieres que Rimu salga de la habitación para que podamos hablar a solas tú y yo?

MARIEL: ¿Qué le van a hacer?

ADULTA: Nada.

MARIEL: No puedo decirle a Rimu que se vaya.

ADULTA: ¿Te ayudo?... Rimu, ¿serías tan amable de dejarnos a solas un momento?

MARIEL: No se irá. Aunque le diga a Rimu que se vaya, él sigue durmiendo en el cuarto de junto, ronca todas las noches, me hace la coleta, me lleva a la escuela y me repite delante de mamá: “Puedes decirle todo, nena, imagina que yo no estoy aquí. Anda nena, dile a mamá que soy yo”. Pero yo no me atrevo a decir nada, porque Rimu siempre me está mirando por el espejo, y su mascota está parada y furiosa debajo de la mesa.

ADULTA: Entonces Rimu, ¿no se irá de tu casa?

MARIEL: Siempre estará allí, pero no sé si algún día pueda volver a decirle “papá”.

(La adulta hace una pausa, y aparentemente no sabe cómo continuar.)

ADULTA: Mariel, ¿quieres que saquemos a papá de tu casa?

MARIEL: ¿Qué le van a hacer?

ADULTA: Lo alejaremos de ti un tiempo.

MARIEL: ¿Cuánto tiempo?

ADULTA: Todo lo que tú necesites.

MARIEL: ¡No, no quiero quedarme con mamá!

ADULTA: ¿No?

MARIEL: Mamá es un monstruo.

ADULTA: ¿Un monstruo?

MARIEL: ¡Rimu sueña que mamá no nos quiere!

ADULTA: ¿Y eso ha ocurrido?

RIMU: Mariel: le dije a tu mamá muchas veces que no dormí bien, que tuve pesadillas.

Y ella sabía que eso significaba que había soñado que ella no me amaba.

Que ella me ignoraba.

Que miraba a otros delante de mí.

Y el vacío más grande que puede haber en mi vida es que ella no esté.

Y entonces tu mamá me abrazaba y me repetía:

Jamás te dejaría solo Rimu, jamás.

Sé que cuando eras un niño todos te pateaban,

pero yo quiero hacer que te sientas completamente amado”.

Y cuando las pesadillas se comienzan a volver realidad, hay un problema.

Porque aquello que te prometieron que jamás ocurriría comienza a suceder.

Y es cuando comienzan a existir los monstruos.

MARIEL: He visto a muchos hombres entrar a la casa y mamá les chupa su animal.

ADULTA: ¿Tú mamá permite que veas eso?

MARIEL: Mamá no tiene ojos, no puede darse cuenta. Ella solo tiene un hoyo pegajoso en el cachete.

ADULTA: ¿Le has dicho lo que ves?

MARIEL: Mamá no tiene oídos para escuchar, ni orejas por donde sacarle los sueños. Solo tiene pelos gordos y negros en la boca.

ADULTA: ¿Cuántas veces ha ocurrido eso en casa?

MARIEL: Veinte veces, y he vomitado en su cama catorce.

ADULTA: ¿Tú papá que hace cuándo ocurre eso?

MARIEL: Rimu se hace flaco, llora triste y lo abrazo.

ADULTA: ¿Has soñado con tu mamá últimamente?

MARIEL: ...

ADULTA: ¿Mariel?

RIMU: ¡Ella no sueña con monstruos!

Mariel solo sueña con frutas de colores dentro de su panza.

ADULTA: ¿Puedes ahora dibujar a tu mamá?... ¿Mariel?

MARIEL: No.

ADULTA: ¿Quieres hablar sobre lo que sientes cuándo tu mamá tiene invitados en casa?

MARIEL: Quiero hacer pipí.

ADULTA: Claro. Afuera está Sandy, ella te guiará.

MARIEL: ¿Rimu puede quedarse con usted?

ADULTA: Claro, mientras Rimu se comporte ¿Te portarás bien, Rimu? Anda ve al baño, yo cuido de Rimu.

(La adulta se queda sola. Toma algunas notas y de vez en cuando voltea a mirar la esquina, para comprobar que no hay nadie. Ella toma el dibujo que Mariel hizo sobre Rimu y comienza a examinarlo. Rimu se acerca sigilosamente al hombro de la adulta, para mirar desde allí el boceto que hizo la niña).

RIMU: Usted cree que quiero lastimar a Mariel,
pero la única persona que la protege soy yo
¿Quién la quiere más? ¿La puta que la deja hambrienta dentro de la casa, o yo?
Me río de esa mujer.
Quien la alimenta soy yo.
Quien la peina cada mañana soy yo.
Y no he sido tan nefasto como para arrojar a mi hija a un bote de basura
para que apeste poco a poco.
Quien la recogió de la basura soy yo.
Mi propia madre me arrojó al basurero cuando era pequeño.
Y aún con toda esa tristeza prendo el radio
y disfruto la letra nostálgica de las melodías que escuchaba en mi adolescencia.
Hubiera deseado inventar yo mismo esas canciones
y creo que eso me hubiera hecho un poco feliz.
Usted juzga que yo soy malo.
Pero incluso yo, que detesto el ruido,
escucho esas melodías y confirmo
que incluso, entre tanto odio,
deseo amor.
Porque el más grande odio nace del desamor.
La violencia es simplemente una promesa de amor rota.
Si la gente no prometiera amor no habría razón para odiar.
Soy un buen padre,
el mejor diría yo, por eso Mariel me quiere.

Leo un cuento para ella,
se acurruca en mi cama.
Prefiere estar conmigo antes que con su madre.
La persigno por las noches y le digo que crea en Dios,
y no en mis demonios.
He sido sincero con ella y le he dicho:
“Mariel, soy malo, ¡muy malo en verdad!
Esto que hacemos juntos no se hace jamás con un hijo, ¿entiendes?”
Ella lo sabe y ha decidido quedarse.
Cubro el cuerpo de Mariel con un harapo y me quedo en medio de la oscuridad
hasta que escucho que se ha dormido tranquila.
Soy un buen padre.
Cuando cierro la puerta de su cuarto deseo que sus sueños
sean siempre suficientes y hermosos,
para que con ellos sepa que la vida es verdad.
Y lo más importante:
Rimu tiene corazón.

(Rimu señala el corazón que Mariel dibujó dentro de aquel garabato al que nombró “Rimu”)

(La adulta deja caer el dibujo a la mesa y mira hacia el espejo. Se acerca a la puerta y abre para dejar entrar el aire. Rimu sale por la puerta lentamente. Arrastra con él a su mascota color barro. Momentos después entra Mariel secándose las manos.)

ADULTA: Mariel, llegaste.

MARIEL: ¿Y Rimu?

ADULTA: Él, míralo, muy contento... Rimu se portó bien.

MARIEL: ¿Rimu?...

(La niña busca debajo de la mesa y detrás de un estante.)

ADULTA: Supongo que a Rimu le gusta jugar a las escondidas.

MARIEL: Oiga, ¿puedo preguntarle algo?

ADULTA: Sí, Mariel, dime.

MARIEL: ¿En verdad usted ve a Rimu?

ADULTA: Intento verlo.

MARIEL: ¿Entonces, Rimu sí existe?

ADULTA: Es algo que analizaremos ahora... siéntate un momento y veremos que...

MARIEL: ¿Rimu existe?

ADULTA: ...En realidad, no, Mariel. Rimu no existe.

MARIEL: ...

ADULTA: ¿Mariel?

MARIEL: ...

ADULTA: ¿Mariel?...

MARIEL: ¿Entonces, estoy sola?

Se hace poco a poco el oscuro.

...

FIN

RIMU DIZ

LUCILA CASTILLO

Tradução: LUCIANA DI LEONE

(No interior da câmara Gesell entra uma menina de aproximadamente onze anos, e uma adulta que fará a entrevista. A adulta fecha a porta.)

MARIEL: Rimu ficou lá fora... mas ele pediu para entrar.

ADULTA: Você quer que Rimu entre aqui?

MARIEL: Ele pediu para entrar, disse “por favor”.

ADULTA: Muito bem, a gente deixa ele entrar.

(A adulta torna a abrir a porta e entra Rimu.)

RIMU: Mariel, pergunta para essa mulher se deixam entrar animais.

MARIEL: Rimu quer saber se pode entrar o sua mascote.

ADULTA: Por que não me pergunta ele mesmo?

MARIEL: É muito tímido... *(sussurrando para a adulta)* embora Rimu seja um adulto eu já vi ele chorar pelo seu bichinho... Pode entrar?

RIMU: Ficaremos em silêncio.

MARIEL: Ficarão calados.

RIMU: Em um cantinho.

MARIEL: Ai... nesse cantinho.

RIMU: Será como se não existíssemos.

MARIEL: Como invisíveis.

ADULTA: Está bem.

(A adulta abre a porta mais uma vez e deixa entrar a mascote de Rimu).

ADULTA: Mariel, você poderia me contar como é a mascote do Rimu?

MARIEL: É um animal selvagem que achou na floresta há muitos anos. Rimu diz que a manteve escondida por muitos anos porque mordida, mordida muito forte! Levava ele com focinheira, depois a adestrou e colocou apenas coleira. Agora o bichinho anda solto, e não machuca ninguém, só se o Rimu falar; ele o domesticou, agora Rimu lhe dá de comer em casa.

ADULTA: Rimu alguma vez falou para a sua mascote machucar alguém?

MARIEL: Machucar? Não, ele só faz cosquinhas com a língua.

ADULTA: De qual tamanho é o mascote de Rimu?

MARIEL: Do tamanho de uma pessoa. É como se fosse uma pessoa pintada com lama. Ao mesmo tempo em que parece um cachorro malvado. E ao mesmo tempo um cachorro surrado, careca e magro que dá vontade de rir. Não sei.

ADULTA: Quantos dias Rimu visita você na semana?

MARIEL: Rimu não se separa de mim.

ADULTA: Nunca vai embora?

MARIEL: Nunca.

ADULTA: Então mora na tua casa?

MARIEL: Dorme no quarto ao lado, e ronca tão forte...

ADULTA: Como você conheceu o Rimu?

MARIEL: Ele veio do outro lado do espelho.

(Mariel fica olhando o grande vidro que divide o quarto, onde aparece o seu reflexo).

MARIEL: Detrás do espelho... têm...?

ADULTA: Algumas pessoas nos observando, eu falei para você agora a pouco.

MARIEL: Outro mundo?

ADULTA: Exato, é como se fosse outro mundo.

MARIEL: Um universo.

ADULTA: Mariel, você quer falar sobre Rimu?

MARIEL: A senhora também entra dentro do espelho?

ADULTA: O espelho? O espelho é duro, olha, vem, pode tocar. Mesmo que a gente queira, não da pra entrar nele.

MARIEL: O espelho da minha casa da para atravessar, esse daqui não?

ADULTA: Não, do outro lado estão umas pessoas que fazem anotações, escutam e que depois vão poder te ajudar, lembra?

MARIEL: Ah.

ADULTA: Mariel... você pode me contar um pouco sobre o que tem detrás do espelho da tua casa?

MARIEL: Detrás do espelho sempre está Rimu.

ADULTA: O que faz Rimu do outro lado do espelho?

MARIEL: Sempre está me olhando, às vezes um pouco chateado.

ADULTA: Por que está chateado Rimu?

MARIEL: Porque não acha o que procura, ou porque não fala forte suficiente, ou porque sempre estou muito despenteada.

RIMU: Teu cabelo é como arame enredado, gordo, áspero e sujo.

ADULTA: Por que Rimu fica tão chateado porque você está despenteada?

MARIEL: Porque meu cabelo é muito duro. Rimu pega o pente e tenta desembaraçar para fazer um rabo de cavalo mas sempre fica torto, por isso ele puxa muito forte, para que o cabelo fique arrumado antes de ir para escola. “Por que você sempre está chateado?” eu lhe pergunto. Me diz que apenas olhe para o outro lado do espelho, para ver que ele não está chateado. Quando eu olho para o outro lado do espelho ele está me penteando e sorrindo.

ADULTA: E como é que você atravessa o espelho da tua casa?

MARIEL: ...Quando Rimu sorri significa que vamos atravessar o espelho.

ADULTA: Como fazem para atravessar?

MARIEL: ...

ADULTA: Mariel?... Então Rimu está aqui?

MARIEL: Aham.

ADULTA: O que está dizendo ele agora?

RIMU: Ontem à noite odiei tanto,
e sonhei coisas tão horríveis que minhas plantas amanheceram secas.
Chorei muito pelos meus legumes.
Mas me reconforta saber que se eu não odiasse minha garganta ficaria seca
Porque sem violência não teríamos nada do que falar.
Sem violência nada teria sentido
A eternidade estaria na palma das nossas mãos.
Não entendo, na verdade, quem disse que o sentido da vida consistia em “amar”
“Amar” é para os pobres
Você não precisa que ninguém te ame
“Amar” é uma desculpa para alguém cuidar de você quando for velho
Mas, você? Você não precisa de amor.
Meu dinheiro será seu e poderá pagar alguém para lhe cuidar na velhice.
Deixe que os pobres sigam pensando que precisam se esforçar para ganhar a vida.
Não sei quem meteu na sua cabeça essa ideia de que a vida devia ser ocupada para amar.
Que perda de tempo!
Você não percebe?
A vida está feita para odiar
Porque só no ódio há violência
E sem violência, minha querida Mariel, não teríamos nada do que falar.
E sem temas para conversar, não haveria amigos.

MARIEL: Diz que suas plantas secaram porque sonhou coisas muito feias.

ADULTA: O que Rimu sonhou?

RIMU: Pode falar tudo, menina, faz de conta que eu não estou aqui.
Conta que da outra vez sonhei que jogava a cabeça de uma mulher no chão,
e eu ficava grande com o som que o seu crânio fazia quando se arrebatava,
meu animal ficava grande, ficou duro e flutuou até o ar,
depois babou o chão com uma histeria desmesurada.

ADULTA: Com que sonhou o Rimu?

MARIEL: Que seu animal tinha fome, e que comia.

ADULTA: Bem, bem... Mariel, quantas vezes por dia você vê o Rimu?

MARIEL: O tempo todo.

ADULTA: Rimu é legal com você?

RIMU: Você pode falar tudo, menina, faz de conta que eu não estou aqui.
Pode responder o que quiser.

MARIEL: Rimu só está chateado porque ninguém o ama.

ADULTA: Rimu é muito zangado?

MARIEL: Rimu não.
Rimu diz que esse cachorro é quem late todos os dias,
porque precisa morder uma mulher que não ama ele.

ADULTA: E por que essa mulher não o ama?

MARIEL: Rimu diz...

RIMU: Estou abandonado em um mundo estranho.

MARIEL: Rimu diz que odeia...

RIMU: Odeio... e odiaria de novo.

MARIEL: ...todos os dias de sua vida...

RIMU: E se me deixarem solto voltaria a matar.

MARIEL: Porque odeia muito...

RIMU: Porque prefiro que meu cachorro coma a carne dessas pessoas que atrapalham.
Porque nenhuma mulher deveria ser tão porca como essa que lambe o cachorro de outros.

MARIEL: Está muito chateado porque quando era pequeno lhe faziam coisas muito estranhas...

RIMU: Me estupravam.

MARIEL: Lhe faziam coisas estranhas ali ...

RIMU: ¡Me estupravam!

MARIEL: Rimu está chorando...

ADULTA: Rimu também chora?

MARIEL: Rimu chora todas as noites... e a única forma dele não chorar é atravessando o espelho.

ADULTA: Como atravessa o espelho?

MARIEL: Sua mascote fica em pé, muito dura, e atravessa, entra bem adentro, diz que... é como entrar em outro mundo... um mundo mágico, “consegue ver?” “veja!”, me diz; viro e percebo que eu também estou do outro lado do espelho, virada ao contrário, com um animal metido no meu corpo, e com a cara de outra cor... “É outro mundo, não é?, um mundo mágico, “Consegue ver? Consegue ver, Mariel?”

ADULTA: Você deixa que Rimu toque no teu corpo?

MARIEL: Eu deixo que Rimu seja feliz.

ADULTA: Quando o Rimu te toca provoca algum sentimento em você?

MARIEL: Pois bem...

RIMU: Você sente cosquinhas e as meninas gostam de cosquinhas.

MARIEL: Eu gosto de cosquinhas.

ADULTA: Você gostaria que Rimu parasse de te fazer cosquinhas?

MARIEL: Eu quero que Rimu continue me fazendo cosquinhas.

ADULTA: Isso te faz sentir bem?

MARIEL: Se Rimu parar de me fazer cosquinhas vá ir para cadeia.

ADULTA: Você acha que o que Rimu faz com você está bem?

MARIEL: A cadeia não está bem. É um lugar muito feio para ele. Quando Rimu comeu uma garota na rua, Rimu foi para a cadeia, e na cadeia lhe fizeram um buraco no seu bumbum.

ADULTA: Como você sabe disso?

MARIEL: Rimu me mostrou. Me mostrou esse buraco muitas vezes. Mas isso é um segredo.

ADULTA: Você lembra que do outro lado do espelho tem pessoas escutando isso?

MARIEL: Sim, mas não tem importância, mamãe também sabe. Não vai me dar bronca por isso.

ADULTA: A tua mãe sabe o que está acontecendo?

MARIEL: Sim

ADULTA: O que ela diz sobre isso?

MARIEL: Que Rimu não existe.

ADULTA: E o que você acha: Rimu existe ou não?

MARIEL: Eu pedi para Rimu se afastar porque ele não existe.

RIMU: Mas você sabe que isso não é verdade, porque eu existo. Durmo no quarto ao lado.

ADULTA: E Rimu se afasta?

MARIEL: Não.

ADULTA: Então o que é Rimu?

MARIEL: Não sei...

ADULTA: Bom, tentemos adivinhar, que acha?

MARIEL: Aham...

ADULTA: Rimu é um sonho?

MARIEL: Não.

ADULTA: Como você sabe?

MARIEL: Mamãe me deitou no sofá e tentou me tirar os sonhos pelas orelhas. Mas só tirou sementinhas verdes e areia. E me disse: “¡¿Por que eu não consigo tirar esses sonhos da cabeça, Mariel?!”

ADULTA: E por que seus sonhos não conseguem sair?

RIMU: A resposta é: porque os sonhos de Mariel são bonitos.

ADULTA: Mariel? Por que a tua mãe não consegue tirar os sonhos pelas orelhas?

RIMU: Porque a única coisa bonita que ainda tem nessa vida são os seus sonhos, e nunca poderão arrebatá-los dela.

MARIEL: Porque eu só sonho com maçãs e melancias que crescem na minha barriga. E as melancias e as maçãs não cabem pelas orelhas.

RIMU: Ela só sonha coisas bonitas, e isso surpreende. Surpreende que em noites como as de hoje alguém ainda sonhe com cores.

ADULTA: Você acha que Rimu quer te machucar?

MARIEL: Não.

ADULTA: Você acha que ele é um monstro?

MARIEL: Não.

ADULTA: Você sente medo dele?

MARIEL: Não.

ADULTA: Se Rimu não é um sonho e não é um monstro, o que você acha que ele é, Mariel?

MARIEL: Meu amigo.

ADULTA: Legal... você pode desenhar o Rimu nesta folha?

(A menina afirma com a cabeça, começa a desenhar e se vira constantemente para ver Rimu e copiá-lo. Ela vai gerando lentamente um retrato daquele homem e sua mascote.)

ADULTA: Mariel, você pode me dizer onde está Rimu agora?

MARIEL: Continua sentado no canto.

ADULTA: Ele está olhando para nós?

MARIEL: Está olhando para senhora o tempo todo.

ADULTA: Para mim?

MARIEL: Sim.

ADULTA: Por que me olha?

MARIEL: Olha tanto porque já quer que terminemos e ir para casa.

ADULTA: Rimu está com pressa?

MARIEL: Está com sono.

ADULTA: Ele passou a noite em claro?

MARIEL: Não dormiu bem.

ADULTA: Tinha muito barulho em casa ou a cama estava desconfortável?

MARIEL: Quando Rimu não dorme bem significa que teve pesadelos.

ADULTA: Ah, é?

RIMU: Rimu: Sonhar a desolação seca a minha cabeça.
Acordo com um estranho ardor nos olhos do meu cérebro.
Levanto com sede e a água me dá nojo.
O pior pesadelo que posso ter é que ela desapareça.

MARIEL: Rimu sonha que é abandonado.

ADULTA: Quem o abandona?... Mariel?... Quer que Rimu saia do quarto para que você e eu podamos falar sozinhas?

MARIEL: O que vão fazer com ele?

ADULTA: Nada.

MARIEL: Não posso falar para Rimu ir embora.

ADULTA: Quer ajuda?... Rimu, você seria tão gentil de deixar a gente à sós um momento?

MARIEL: Não vai sair. Mesmo que fale para o Rimu sair ele continua dormindo no quarto ao lado, ronca todas as noites, penteia meu rabo de cavalo, me leva para a escola e repete na frente da minha mãe: “Pode falar tudo para ela, menina, faz de conta que eu não estou aqui. Vai menina, fala para a tua mãe quem sou eu.” Mas eu não tenho coragem de falar nada, porque Rimu sempre me olha pelo espelho, e sua mascote está parada e furiosa embaixo da mesa.

ADULTA: Então Rimu, não vai sair da sua casa?

MARIEL: Vai estar sempre ali, mas eu não sei se um dia vou poder voltar a chamá-lo “pai”.

(A adulta faz uma pausa, e aparentemente não sabe como continuar.)

ADULTA: Mariel, você quer que a gente tire o seu pai de casa?

MARIEL: O que vão fazer com ele?

ADULTA: Vamos afastá-lo de você por um tempo.

MARIEL: Quanto tempo?

ADULTA: Todo o que você precisar.

MARIEL: Não, não quero ficar com a minha mãe!

ADULTA: Não?

MARIEL: Mamãe é o monstro.

ADULTA: Um monstro?

MARIEL: Rimu sonha que mamãe não gosta da gente!

ADULTA: E isso tem acontecido?

RIMU: Mariel, eu falei com a sua mãe muitas vezes que não dormi bem, que tive pesadelos. E ela sabia que isso significava que eu tinha sonhado que ela não me amava, que ela me ignorava, que olhava para outros na minha frente. E o maior vazio que poderia haver na minha vida é que ela não esteja. E então a sua mãe me abraçava e repetia: Jamais deixaria você sozinho, Rimu, jamais. Sei que quando você era uma criança todos o chutavam, mas eu quero fazer com que você se sinta completamente amado. E quando os pesadelos começam a se tornar realidade, tem um problema. Porque aquilo que lhe prometeram que jamais aconteceria começa a acontecer. E é quando começam a existir os monstros.

MARIEL: Eu vi muitos homens entrando em casa e mamãe chupa o animal deles.

ADULTA: Tua mãe permite você ver isso?

MARIEL: Minha mãe não tem olhos, não tem como se dar conta. Ela só tem um furo pegajoso na bochecha.

ADULTA: Você já contou para ela o que você vê?

MARIEL: Minha mãe não tem ouvidos para escutar, nem orelhas por onde tirar os sonhos. Só tem pelos gordos e pretos na boca.

ADULTA: Quantas vezes isso aconteceu na sua casa?

MARIEL: Vinte vezes, e eu vomitei catorze na cama dela.

ADULTA: O que faz seu pai quando isso acontece?

MARIEL: Rimu fica magrinho, chora triste e eu abraço ele.

ADULTA: Você tem sonhado com a sua mãe nos últimos tempos?

MARIEL: ...

ADULTA: Mariel?

RIMU: Ela não sonha com monstros!

Mariel sonha apenas com frutas coloridas dentro da sua barriga.

ADULTA: Você pode desenhar a sua mãe?... Mariel?

MARIEL: Não.

ADULTA: Quer falar sobre o que você sente quando a sua mãe tem convidados em casa?

MARIEL: Quero fazer xixi.

ADULTA: Claro. Lá fora está Sandy, ela te leva.

MARIEL: Rimu pode ficar com a senhora?

ADULTA: Claro, sempre que Rimu se comportar. Vai se comportar, Rimu? Pode ir no banheiro, eu cuido do Rimu.

(A adulta fica sozinha. Faz algumas anotações e periodicamente se vira para olhar o canto, comprovar que não tem ninguém. Ela pega o desenho que Mariel fizera do Rimu e começa a examiná-lo. Rimu se aproxima sigilosamente do ombro da adulta, para olhar o rascunho feito pela criança.)

RIMU: A senhora acha que quero machucar a Mariel,

mas a única pessoa que a protege sou eu.

Quem a ama mais? A puta que a deixa faminta dentro de casa, ou eu?

Eu fico rindo dessa mulher.

Quem a alimenta sou eu.

Quem penteia seus cabelos todo dia sou eu.

E não tenho sido tão nefasto como para jogar a minha filha em uma lata de lixo para que apodreça, aos poucos.

Quem a recolheu do lixo fui eu.

Minha própria mãe me jogou numa caçamba quando era pequeno.

E mesmo com toda essa tristeza ligo o rádio,

e curto as letras nostálgicas das melodias que escutava na minha adolescência.

Teria gostado de inventar eu mesmo essas músicas,

e acho que isso teria me feito um pouco feliz.

A senhora julga que eu sou malvado.

Mas inclusive eu, que detesto barulho,

escuto essas melodias e confirmo

que inclusive, entre tanto ódio

desejo amor.

Porque o ódio maior nasce do desamor.
A violência é simplesmente uma promessa de amor quebrada.
Se as pessoas não prometessem amor não haveria motivo para odiar.
Sou um bom pai,
o melhor de todos, eu diria,
por isso Mariel me ama.
Leio um conto para ela,
se aconchega na minha cama.
Prefere ficar comigo antes que com a sua mãe.
Eu persigno ela todas as noites e digo para ela acreditar em Deus,
e não nos meus demónios.
Tenho sido sincero com ela, e tenho falado:
“Mariel, sou ruim, muito ruim na verdade!
Isto que fazemos juntos não se faz jamais com um filho, entende?”
Ela sabe e decidiu ficar.
Cubro o corpo de Mariel com uns farrapos e fico no meio da escuridão
até escutar que caiu no sono, tranquila.
Sou um bom pai.
Quando fecho a porta do seu quarto desejo que seus sonhos
sejam sempre fartos e bonitos,
para quem eles saiba que a vida é verdade.
E o mais importante:
Rimu tem coração.

(Rimu aponta o coração que Mariel desenhara dentro daquele garrancho que nomeou “Rimu”)

A adulta deixa cair o desenho sobre a mesa e olha em direção ao espelho. Se aproxima da porta, abre e deixa correr o ar. Rimu sai lentamente. Arrasta com ele a sua mascote cor de barro. Depois entra Mariel, secando as mãos.

ADULTA: Mariel, voltou.

MARIEL: E Rimu?

ADULTA: Ele, olha, muito bem... Rimu se comportou direitinho.

MARIEL: Rimu?...

(A menina procura embaixo da mesa e detrás de uma estante.)

ADULTA: Acho que Rimu gosta de brincar de esconde-esconde.

MARIEL: Olha, posso perguntar uma coisa?

ADULTA: Sim, Mariel, me diz.

MARIEL: Na verdade, você vê o Rimu?

ADULTA: Eu tento vê-lo.

MARIEL: Então Rimu existe, sim?

ADULTA: É uma coisa que vamos analisar agora... senta aqui um segundo e veremos que...

MARIEL: Rimu existe?

ADULTA: ...Na verdade não, Mariel. Rimu não existe.

MARIEL: ...

ADULTA: Mariel?

MARIEL: ...

ADULTA: Mariel?...

MARIEL: Então estou sozinha?

(Aos poucos se faz a escuridão)

...

FIM

EL SUJETO SOCIAL

BRAIAN KOBLA

* Basado en el cortometraje “The perfect human” de Jorgen Leth (1968).

“Un cuerpo, cuerpos: no puede haber un solo cuerpo, y el cuerpo lleva la diferencia. Son fuerzas situadas y tensadas unas contra otras. El “contra” (en contra, al encuentro, cerca) es la principal categoría del cuerpo. Es decir, el juego de las diferencias, los contrastes, las resistencias, las aprehensiones, las penetraciones, las contradicciones, las repulsiones, las densidades, los pesos y medidas. Mi cuerpo existe contra el tejido de su ropa, los vapores del aire que respira, el resplandor de las luces o los roces de las tinieblas”.

58 indicios sobre el cuerpo. Jean-Luc Nancy

Espacio excesivamente blanco. Excesivamente iluminado.

Una voz en off algo artificial guiará a la audiencia.

Suena en loop la sonata para flauta, arpa y viola de Claude Debussy.

Un grupo de personas observará las conductas de otra a través de un vidrio de visión unilateral. Ambas partes permanecerán en espacios cerrados.

A cada espectador se le dará un chupetín antes de ingresar al espacio y se les pedirá que lo sostengan en la mano durante toda la experiencia.

También se les pegará una pequeña insignia de color en la solapa.

1 / OBJETO DE ESTUDIO

(Ingresa al espacio un joven senegalés de unos veintiocho años.

Lleva puesto un smoking y tiene un chupetín en su mano.

Mira el chupetín, lo levanta lentamente e invita a que lxs espectadores realicen el mismo movimiento del otro lado del vidrio.

Realiza una especie de instructivo para abrir la golosina.

Una vez que están todxs con el chupetín en la boca, la voz en off dice:)

VOZ EN OFF:

He aquí el humano.

He aquí el humano.

He aquí el humano perfecto.

Veremos al humano perfecto en funcionamiento.

¿Cómo funciona un organismo de estas características?

¿Cuáles son sus conductas habituales?

Lo observaremos. Lo investigaremos.

Nos aguarda una tarea apasionante.

Miremos al humano perfecto.

¿Qué nos devuelve la imagen del humano perfecto?

¿Qué sabemos de él?

¿Qué indicios nos da su cuerpo?

Miremos sus manos, sus dedos, los pliegues entre sus dedos.

Miremos sus orejas, su boca, su pelo.

¿Qué temperatura tiene su piel?

¿Es fría? ¿Es cálida?

El humano perfecto se lleva las manos al rostro.

Recorre sus facciones como si fuera un territorio desconocido.

¿Qué percepción tiene de su cuerpo?

Con las yemas de sus dedos recorre los huesos de su mandíbula, los recovecos de sus orejas, la textura de su pelo, el tamaño de sus globos oculares.

Miremos con atención sus ojos.

¿Qué hay detrás de sus ojos?

Desde este espacio podemos ver sus ojos, pero él no puede ver los nuestros.

¿Qué fenómeno está sucediendo en este lugar?

Veamos al humano perfecto en movimiento.

Veamos al humano perfecto caminar por el espacio.

Camina de un lado a otro de la habitación sin un objetivo determinado.

Está relajado.

Despreocupado de sus rutinas.

Desconectado de sus dispositivos.

Sus brazos se mueven al compás de sus pasos como si fuera una danza involuntaria.
Observemos su cadencia, su impronta para atravesar el espacio.

¿Cuánta energía necesita su cuerpo para moverse de un punto a otro?

Observemos.

No abandonemos esta apasionante tarea.

¿Qué fuerzas operan sobre su cuerpo mientras observamos en detalle cada uno de sus movimientos?

¿Qué sucede si se detiene?

El humano perfecto se ha detenido, por ende, todo se ha detenido.

¿Es esto posible?

Ahora, el humano perfecto salta.

Veamos cómo salta.

El humano perfecto se proyecta hacia la dimensión aérea del espacio.

Una y otra vez.

Una y otra vez.

¿Cuánto tiempo permanece su cuerpo suspendido en el aire?

¿Dos segundos? ¿Tres segundos?

¿Cuánto pesa su cuerpo?

¿Qué dimensión de su cuerpo estamos viendo?

¿Qué dimensión de su cuerpo estamos omitiendo?

¿Qué datos nos resultan relevantes?

¿Por qué?

Veámoslo un poco más lento.

El humano perfecto salta un poco más lento.

Una y otra vez.

Una y otra vez.

¿Cuántos músculos de su cuerpo intervienen para realizar este movimiento?

(Continúa saltando cada vez más rápido)

¿Cuántas veces debemos repetir una acción para comprender lo que estamos haciendo?

¿Cuántas veces debemos repetir una acción para entender lo que estamos haciendo?

¿Cuántas veces debemos repetir una acción para entender lo que estamos haciendo?

(La acción deviene en una especie de danza)

Ahora, el humano perfecto baila.

El humano perfecto baila, pero no hay música.

Se mueve con precisión, como si en su cabeza estuviera sonando un ritmo determinado.

¿Qué ritmo está sonando en la cabeza del humano perfecto?

Observemos cada uno de sus movimientos.

Observemos qué articulaciones intervienen en esta danza.

Imaginemos qué emoción proponen sus movimientos.

¿Cómo reaccionan sus órganos mientras está bailando?

Imaginemos su torrente sanguíneo, la longitud de sus venas, el diámetro de sus arterias, las ramificaciones de sus tejidos.

Dibujemos mentalmente el recorrido de una de sus arterias mayores.

¿Cuánto pesa su corazón?

¿De qué tamaño es su corazón?

¿Podríamos sostenerlo en la palma de la mano?

(Se detiene)

¿Qué siente el humano perfecto?

(Va a buscar una silla. Se sienta y saca el celular)

Veamos al humano perfecto vinculándose con sus contemporáneos.

¿Qué tipo de vínculos establece el humano perfecto?

¿Cuáles son sus medios de comunicación predilectos?

Observemos sus manos empuñando el dispositivo móvil.

Observemos la destreza de sus dedos sobre la pantalla.

Observemos su gestualidad mientras se comunica con sus afectos.

¿Quiénes son sus afectos?

¿A qué distancia se encuentra de su familia?

¿El humano perfecto tiene familia?

Escuchemos la voz del humano perfecto mientras habla a través de su dispositivo móvil:

Oui, je suis sur scène en ce moment. Je joue une pièce en Argentine. Non, ce n'est pas dans un théâtre. C'est dans une chambre gesell. C'est comme une chambre. Ils m'ont enfermé pendant une demi-heure et un groupe de personnes me regarde depuis une autre pièce. Je ne peux pas les voir, mais ils peuvent me voir. Je ne sais pas si ce que je vous dis vous intéresse, mais c'est ce que je fais en ce moment. Je t'écirai plus tard à la fin de la pièce. Un câlin.

El humano perfecto articula un fonema detrás de otro, y otro detrás de otro, estableciendo un ritmo, una lengua.

¿En qué lengua se expresa el humano perfecto?

¿Por qué?

Ahora, el humano perfecto toma la silla y abandona el espacio.

Ahora, el humano perfecto toma la silla y abandona el espacio.

2/ INVERSIÓN DE LA CARGA

(Lxs espectadorxs quedan solxs frente al espacio vacío.

La música se detiene.

Continúa solo la voz en off).

Esto es un espacio vacío.

¿Es esto un espacio vacío?

El humano perfecto observa el espacio vacío.

¿Cuántos espacios hay en este espacio?

¿Dos? ¿Tres?

¿Acaso solo uno?

¿Hay algún tipo de jerarquía espacial en este lugar?

En caso de haber ¿quién establece tal jerarquía?

¿Nos resultan relevantes estos datos?

El humano perfecto permanece en grupo.

Permanecer en grupo le da cierta seguridad.

¿Acaso tiene otra opción?

El humano perfecto cambia el peso de una pierna a la otra.

Cruza sus brazos, lleva sus manos a los bolsillos, bosteza.

El humano perfecto mira a sus congéneres con una expresión indefinida.

El humano perfecto piensa cosas.
¿Qué piensa el humano perfecto?

El humano perfecto lleva una etiqueta de color en su solapa.
¿Por qué?
¿Es una moda?
¿Es una superficie explosiva?
¿Es un dispositivo de control?
¿Es su futuro?
¿Es un capricho?

¿Es una condena?

El humano perfecto mira su solapa y esboza una pequeña sonrisa.
Busca complicidad en los integrantes de su pequeña comunidad.

Si, parece comprender algo.
Al comprender, su rostro se ilumina.

¿Qué es lo que comprende el humano perfecto?

¿Qué representa para el humano perfecto el símbolo en su solapa?
¿Acaso es una identificación racial, social, política?

¿Hay necesidad de tantas preguntas?
¿Qué preguntas estamos omitiendo?

¿La omisión de determinadas preguntas podría devenir en violencia?

El humano perfecto respira profundamente y lleva su mirada hacia el espacio vacío.

(Caen viseras de diferentes modelos y colores sobre el espacio vacío)

El humano perfecto cree que este es un espacio inofensivo.
El humano perfecto cree que este es un espacio inofensivo.

(Vuelve la música)

3 / SUJETO SOCIAL

*(Ingresa el joven senegalés cargando un exhibidor con varios modelos de gafas de sol.
Acomoda las vísceras sobre una manta.
Con un par de movimientos monta su puesto de trabajo).*

He aquí el humano.
He aquí el humano perfecto.

¿Qué nos devuelve la imagen del humano perfecto?
¿Qué sabemos de él?
¿Qué indicios nos da su cuerpo?

La vida del humano perfecto está organizada en torno a un trabajo.
O en torno a dos trabajos.
O entorno a tres trabajos.

Veamos al humano perfecto en un día de trabajo.
¿En dónde trabaja el humano perfecto?
¿Cuántas horas trabaja el humano perfecto?

¿Qué sabemos acerca de su trabajo?
Veamos al humano perfecto desenvolviéndose laboralmente:

*(El joven senegalés comienza a ofrecer sus gafas hablando en portugués y luego en Wólof.
Toma unas gafas, las describe, las limpia con una pequeña franela y luego se las coloca.
Se coloca varias gafas sobre su rostro, una encima de la otra.
Cuando su rostro queda completamente cubierto de gafas, se detiene.
Se saca las gafas y las acomoda en sus lugares).*

(Va a buscar un micrófono, se coloca frente al vidrio y se presenta):

DJIBY:

Hola, ¿cómo están de aquel lado?
Yo me llamo Djiby Thioune, tengo 26 años y soy de Senegal.
Actualmente trabajo como vendedor ambulante en la ciudad de La Plata, también soy modelo y tengo un canal de Youtube que se llama “El negro Jimmy”, por si quieren suscribirse.
Yo me fui de Senegal en el año 2014. Estuve viviendo y trabajando un año en Brasil, y en el año 2015 llegué a Argentina. Acá en el país ya estaba viviendo mi hermano que trabajaba para ayudar a mi familia en Senegal.
Él me ayudó con todos los papeles para poder viajar.
Conocí Argentina por Messi. Mirando fútbol en la tele lo vi jugar, y dije bueno, Argentina, el país de Messi, quiero vivir en el país de Messi. Me encanta.
Y bueno, ahora trabajo todos los días vendiendo en la calle. Es algo muy duro que no me gusta mucho. El viento por acá, la lluvia por acá. Y sobre todo la persecución de la policía y la municipalidad que nos saca la mercadería. Y eso es una cosa muy fea para nosotros.
No es que uno vino acá para hacer mal o para gastar al país.

El país, sí está mal, no es por los inmigrantes que vinieron a trabajar. Nosotros no somos delincuentes, no somos vendedores de droga, no somos una mafia como dicen algunos. Solamente somos gente saliendo de un país y llegando a otro país buscando una oportunidad y poder ayudar a su familia.

Nuestra única organización es nuestra religión.

Mi religión es algo muy grande, y se llama Islám, que es un nombre árabe, que significa la paz. Somos gente que no sabemos lo que es el terrorismo, no sabemos ni lo que es matar, no conocemos eso.

Lo único que sabemos es vivir, compartir, ayudar y rezar a nuestro Dios Alá, y rezar por nuestro profeta Mohamed.

Cuando hablo de mi religión pienso en Senegal.

Yo extraño mucho Senegal. Yo extraño mucho a mi familia.

Y bueno, antes de terminar quiero compartir una oración con ustedes.

Chau, nos vemos en las calles.

DJIBY:

Bi-smi-llāhi r-raḥmāni r-raḥīm

Al-ḥamdu li-llāhi rabbi l-`ālamīn

Ar-raḥmāni r-raḥīm

Māliki yawmi d-dīn

Iyyāka na`budu wa-ıyyāka nasta`ın

Ihdi-nā ş-şirāṭa l-mustaḳīm

Şirāṭa l-ladīna an`amta `alay-him ḡayri l-maḡḍūbi `alay-him wa-lā ḍ-ḍālın

¡En el nombre de Alláh, el compasivo, el misericordioso!

Alabado sea Alláh, Señor del Universo,

El compasivo, el misericordioso,

Dueño del día del Juicio,

A ti solo servimos, y a ti solo imploramos ayuda.

Dirígenos por la vía recta,

La vía que tú has agraciado, no de los que han incurrido en la ira de los extraviados.

Amén.

(Al Fatihah 1-7 Corán)

...

FIN

O SUJEITO SOCIAL

BRAIAN KOBLA

Tradução: LUCIANA DI LEONE

* Baseado no curta-metragem “The perfect human” de Jorgen Leth (1968).

“Um corpo, corpos: não é possível que haja só um corpo, e o corpo leva a diferença. São forças situadas e tensionadas umas contra as outras. O “contra” (em contra, ao encontro, próximo) é a principal categoria do corpo. Isto é, o jogo das diferenças, os contrastes, as resistências, as apreensões, as penetrações, as contradições, as repulsões, as densidades, os pesos e as medidas. Meu corpo existe contra o tecido de sua roupa, e os vapores do ar que respira, o resplandecer das luzes e os atritos das trevas”.

58 indícios sobre ol cuerpo. Jean-Luc Nancy

Espaço excessivamente branco. Excessivamente iluminado.

Uma voz off algo artificial guiará à audiência.

Toca em loop a sonata para flauta, arpa e viola de Claude Debussy.

Um grupo de pessoas observará a conduta de outra através de um vidro de visão unilateral. Ambas as partes permanecerão em espaços fechados.

Cada espectador receberá um pirulito antes de ingressar no espaço e se solicitará que o segurem na mão durante toda a experiência.

Também será colada uma pequena insígnia colorida no peito.

1 / OBJETO DE ESTUDO

(Ingressa no espaço um jovem senegalês de uns vinte e oito anos.

Traja um black tie e segura um pirulito na mão.

Olha o pirulito, o levanta lentamente e convida os espectadores a realizar o mesmo movimento do outro lado do vidro.

Faz uma espécie de instrutivo para abrir o doce.

Uma vez que estão todxs com o pirulito na boca, a voz em off diz):

VOZ OFF:

Eis aqui o humano.

Eis aqui o humano.

Eis aqui o humano perfeito.

Observemos o humano perfeito em funcionamento.

Como funciona um organismo destas características?

Quais são suas condutas habituais?

O analisaremos. O investigaremos.

Nos aguarda uma tarefa apaixonante.

Observemos o humano perfeito.

O quê nos devolve a imagem do humano perfeito?

O quê sabemos dele?

Que indícios nos dá o seu corpo?

Observemos suas mãos, seus dedos, as dobras entre os seus dedos.

Observemos suas orelhas, sua boca, seu cabelo.

Qual é a temperatura de sua pele?

É gelada? É quente?

O humano perfeito leva as mãos ao rosto.

Percorre suas feições como se fosse um território desconhecido.

Que percepção tem do seu corpo?

Com as pontas dos dedos percorre os ossos da sua mandíbula, os relevos das suas orelhas, a textura do seu cabelo, o tamanho dos seus globos oculares.

Observemos com atenção seus olhos.

O quê tem detrás dos olhos?

Daqui podemos ver seus olhos, mas ele não consegue ver os nossos.

Quê fenómeno está acontecendo neste lugar?

Observemos o humano perfeito em movimento.

Observemos o humano perfeito andar pelo espaço.

Caminha de um lado a outro do quarto sem um objetivo determinado.

Está relaxado.

Despreocupado das suas rotinas.
Desconectado dos seus dispositivos.
Seus braços se movimentam compassadamente com seus passos como si fosse uma dança involuntária.
Observemos sua cadência, sua impronta para atravessar o espaço.

Quanta energia precisa o seu corpo para se movimentar de um ponto ao outro?

Observemos.
Não abandonemos esta apaixonante tarefa.

Que forças operam sobre o seu corpo enquanto observamos em detalhe cada um dos seus movimentos?

O quê acontece se ele se detém?
O humano perfeito se deteve, logo, tudo se deteve.
É isso possível?

Agora, o humano perfeito pula.
Observemos como pula.
O humano perfeito se projeta para a dimensão aérea do espaço.
Uma e outra vez.
Uma e outra vez.
Quanto tempo permanece seu corpo suspenso no ar?
Dois segundos? Três segundos?

Quanto pesa o seu corpo?
Qual dimensão do seu corpo estamos vendo?
Qual dimensão do seu corpo estamos omitindo?

Que dados nos resultam relevantes?
Por quê?

Observemos o humano mais lentamente.
O humano perfeito pula um pouco mais lentamente.
Uma e outra vez.
Uma e outra vez.
Quantos músculos do seu corpo devem intervir para realizar este movimento?

(Continua pulando cada vez mais rápido)

Quantas vezes devemos repetir uma ação para compreender o que estamos fazendo?

Quantas vezes devemos repetir uma ação para entender o que estamos fazendo?

Quantas vezes devemos repetir uma ação para entender o que estamos fazendo?

(A ação se torna uma espécie de dança)

Agora, o humano perfeito dança.

O humano perfeito dança, mas não há música.

Se movimenta com precisão, como se na sua cabeça estivesse tocando um ritmo determinado.

Que ritmo está tocando na cabeça do humano perfeito?

Observemos cada um dos seus movimentos.

Observemos quais articulações estão intervindo nesta dança.

Imaginemos qual emoção propõem seus movimentos.

Como reagem seus órgãos enquanto está dançando?

Imaginemos sua torrente sanguínea, a longitude de suas veias, o diâmetro de suas artérias, as ramificações de seus tecidos.

Desenhemos mentalmente o percurso de uma de suas artérias maiores.

Quanto pesa seu coração?

De quê tamanho é seu coração?

Poderíamos segurá-lo na palma da mão?

(Se detém)

O quê sente o humano perfeito?

(Vai buscar uma cadeira. Senta e tira o celular do bolso)

Observemos o humano perfeito se vinculando com seus contemporâneos.

Quê tipo de vínculos estabelece o humano perfeito?

Quais são seus meios de comunicação prediletos?

Observemos suas mãos segurando o dispositivo móvel.

Observemos a destreza de seus dedos sobre a tela.

Observemos o seu gestual enquanto se comunica com seus afetos.

Quem são seus afetos?

A quanta distância se encontra a sua família?

O humano perfeito tem família?

Escutemos a voz do humano perfeito enquanto fala através de seu dispositivo móvel:

Oui, je suis sur scène en ce moment. Je joue une pièce en Argentine. Non, ce n'est pas dans un théâtre. C'est dans une chambre gesell. C'est comme une chambre. Ils m'ont enfermé pendant une demi-heure et un groupe de personnes me regarde depuis une autre pièce. Je ne peux pas les voir, mais ils peuvent me voir. Je ne sais pas si ce que je vous dis vous intéresse, mais c'est ce que je fais en ce moment. Je t'écrirai plus tard à la fin da pièce. um câlin.

O humano perfeito articula um fonema depois do outro, e outro depois do outro, estabelecendo um ritmo, uma língua.

Em qual língua se expressa o humano perfeito?
Por quê?

Agora, o humano perfeito toma a cadeira e abandona o espaço.
Agora, o humano perfeito toma a cadeira e abandona o espaço.

2/ INVERSÃO DA CARGA

*(Xs espectadorxs ficam sozinhos frente ao espaço vazio.
A música para.
Continua só a voz off).*

Isto é um espaço vazio.
É isto um espaço vazio?

O humano perfeito observa o espaço vazio.
Quantos espaços há neste espaço?
Dois? Três?
Por acaso só um?

Existe algum tipo de hierarquia espacial neste lugar?
Em caso de existir, quem estabelece tal hierarquia?

Resultam relevantes esses dados?
O humano perfeito permanece em grupo.
Permanecer em grupo lhe fornece certa segurança.
Por acaso tem outra opção?

O humano perfeito muda o seu peso de uma perna à outra.
Cruza seus braços, leva suas mãos aos bolsos, boceja.
O humano perfeito mira seus congêneres com uma expressão indefinida.

O humano perfeito pensa coisas.
O quê pensa o humano perfeito?

O humano perfeito leva uma etiqueta colorida no seu peito.
Por quê?
É uma moda?
É uma superfície explosiva?
É um dispositivo de controle?
É seu futuro?
É uma cisma?

É uma condena?

O humano perfeito olha seu peito e esboça um pequeno sorriso.
Procura cumplicidade entre os integrantes da sua pequena comunidade.

Sim, parece compreender alguma coisa.
Compreendendo, seu rosto se ilumina.

O quê é que compreende o humano perfeito?

O quê representa para o humano perfeito esse símbolo no seu peito?
Por acaso é uma identificação racial, social, política?

São necessárias tantas perguntas?
Quais perguntas estamos omitindo?

A omissão de determinadas perguntas poderia devir em violência?

O humano perfeito respira profundamente e leva seu olhar em direção ao espaço vazio.

(Caen bonés de diferentes modelos e cores sobre o espaço vazio)

O humano perfeito acha que este é um espaço inofensivo.
O humano perfeito acha que este é um espaço inofensivo.

(A música volta se ouvir)

*(Ingressa o jovem senegalês carregando um exibidor com vários modelos de óculos de sol.
Acomoda os bonés sobre uma lona.
Com um par de movimentos monta sua área de trabalho).*

Eis aqui o humano.

Eis aqui o humano perfeito.

O que nos devolve a imagem do humano perfeito?

O que sabemos dele?

Quê indícios seu corpo nos entrega?

A vida do humano perfeito está organizada ao redor de um trabalho.

Ou ao redor de dois trabalhos.

Ou ao redor de três trabalhos.

Observemos o humano perfeito em um dia de trabalho.

Onde trabalha o humano perfeito?

Quantas horas trabalha o humano perfeito?

O que sabemos sobre o seu trabalho?

Observemos o humano perfeito se desenvolvendo laboralmente:

*(O jovem senegalês começa a oferecer seus óculos falando em português e depois em Wólof.
Pega uns óculos, os descreve, os limpa com um pequeno paninho e depois os coloca no seu rosto.
Vai colocando vários óculos no seu rosto, um em cima do outro.
Quando seu rosto fica completamente coberto de óculos, ele para.
Tira os óculos e os acomoda novamente no seu lugar).*

(Va buscar um microfone, se para frente ao vidro e se apresenta):

DJIBY:

Oi, como vocês estão do lado de lá?

Meu nome é Djiby Thioune, tenho 26 anos e sou de Senegal.

Atualmente trabalho como camelô na cidade de La Plata, também sou modelo e tenho um canal de Youtube que se chama “O negro Jimmy”, caso vocês queiram se inscrever.

Saí do Senegal em 2014. Morei e trabalhei durante um ano no Brasil, e em 2015 cheguei na Argentina.

Meu irmão que trabalhava para ajudar minha família no Senegal já morava aqui.

Ele me ajudou com todos os papéis para poder viajar. Conheci a Argentina através de Messi. Assistindo futebol na TV eu vi ele jogando, aí eu pensei, bem, Argentina, ou país de Messi, eu quero morar no país de Messi. Adoro.

Agora trabalho todos os dias vendendo na rua. É algo muito difícil, e eu não gosto muito. Ou vento, ou chuva. E principalmente a perseguição da polícia e da guarda municipal que apreende a nossa mercadoria. E isso é uma coisa muito feia para nós.

Ninguém veio aqui para prejudicar ou se aproveitar do país.

Se o país está ruim, não é por causa dos imigrantes que vieram trabalhar. Não somos criminosos, não somos traficantes, não somos uma máfia como alguns dizem. Somos apenas pessoas saindo de um país e chegando em outro país procurando uma oportunidade de ajudar sua família.

Nossa única organização é nossa religião.

Minha religião é algo muito grande, e se chama Islã, que é um nome árabe, que significa a paz. Somos pessoas que não sabem o que é terrorismo, nem sabemos o que é matar, não sabemos disso.

A única coisa que sabemos é viver, compartilhar, ajudar e rezar ao nosso Deus Alá, e rezar por nosso profeta Maomé.

Quando falo da minha religião, penso no Senegal.

Tenho muitas saudades do Senegal. Tenho muitas saudades da minha família.

Então, antes de terminar quero compartilhar uma oração com você.

Tchau, vejo vocês na rua.

DJIBY:

Bi-smi-llāhi r-raḥmāni r-raḥīm

Al-ḥamdu li-llāhi rabbi l-`ālamīn

Ar-raḥmāni r-raḥīm

Māliki yawmi d-dīn

Iyyāka na`budu wa-ıyyāka nasta`ın

Ihdinā ṣ-ṣirāṭa l-mustaḳīm

Ṣirāṭa l-ladīna an`amta `alay-him ḡayri l-maḡḍūbi `alay-him wa-lā ḍ-ḍālın

Em nome de Alláh, o clemente, o misericordioso!

Louvado seja Alláh, o Senhor do Universo,

O clemente, o misericordioso,

Dono do dia do Juízo,

Só a ti servimos, e só a ti imploramos ajuda.

Guia-nos pelo caminho reto,

O caminho cheio da tua graça, não dos que caíram na ira dos extraviados.

Amem.

(Al Fatihah 1-7 Corán)

...

FIM

LAS DALIAS

NATALIA VILLAMIL

Cámara Gesell.

Una mesa color marrón glase, un vaso de agua burbujeante. .

Joven de unos 35 años, anacrónica. Tiene el pelo atado, un aro de los Rolling Stones. Cara despejada, pero ojeras como dos arcos violetas le bordean los parpados. Viste una polera negra, un jean suelto.

Habla a la cámara Gesell, detrás una terapeuta.

Tenés que llenar ese vacío... tenés que poder contarlo.

Así me dijo la última vez, usted.

Llenar, dijo...

Le miré la boca, moverse tan fácilmente...

Pinta labios corrido, comida en los dientes.

La lengua sobre el labio de abajo, haciendo fuerza para que hable.

Arruguitas... también le miré.

Yo era una pared de hierro...

Llenar... me dijo.

Vaciar me sale, llenar no.

Eso no me sale, si lleno me rebalso.

Mira fijo hacia la cámara.

También le miré el pelo a usted, la última vez...

Se lo miré, quemado por tintura anaranjada.

Un flequillo le caía en la frente y se lo corría sin ganas, mientras movía las piernas como electrocutada.

Yo la miraba... aunque no hablé.

Era un agujero, un redondel.

Pero hoy... el sol me señaló.

Parado en la esquina de mi casa, me señaló, para que venga.

Ríe nerviosa.

Para hablar sola acá... a usted detrás de esa ventana.

Hablar como si las palabras fuesen aguas de un río.
Tuve que venir...
Correr el vuelo de golondrina nocturna.
Unas preguntitas escritas, me dio esta vez.
Hoy, sí.
Me las leyó y entré, como para no tenerla encima...
Porque yo no la soporto.
A usted, casi no la soporto.
A nadie soporto en presencia.
Usted se da cuenta, y lo insoportable es de las dos.
Por eso su pierna se mueve como un elástico flojo, cuando me tiene enfrente.
Siento que se me va a tirar encima.
Que me va a adivinar lo que pienso.
La última vez, pensé que los bostezos me iban a tragar.
Eso sentí.
Le vi la campanilla de la garganta...
No sé si recuerda...
Cuando cayó en la cuenta, se tapó, ya era tarde.
Me tragué todo su aliento a comida con cebolla.
También tenía algunos pelitos como bigotes y la piel gris.
Tenés la tormenta del silencio.
Así me dice...
Algunas veces me habla como la poesía de la escuela primaria.
Pero yo con gente cerca me pongo toda dura.
Quedo como una muñeca de madera.
Y no puedo nada...
Unas preguntitas escritas esta vez, y hablo.
Se lo prometí, me hizo jurar con los dedos en cruz sobre mi boca.
Y ya estoy hablando.

Silencio

Es que hoy es distinto.
Cuando se tiene miedo...
Mire, mire...

Levanta sus manos, temblorosas

Mis manos... me tiemblan como los pétalos de una flor vieja.
Pensé que no llegaba...
El corazón me empujaba la piel del pecho.
Sentí... sen... yo sentí que había olvidado.
Pero el olvido no es cosa sencilla.
Hablar del olvido no es cosa sencilla...
Pero hoy me heló la sangre...
Verlo...

Ponerse como el sol, justo ahí, en la esquina de mi casa...

Me heló todo el líquido que tengo en el cuerpo...

Me cavó un hueco en los órganos.

Y otra vez el vacío como un túnel de recuerdos.

Por eso vine...

Angustia, se suena los dedos.

Aquí me tiene.

Soy la estampita de algún santo.

Fija, dura, clavada en un pensamiento...

Como un árbol azul... inexistente.

Esos árboles que acunan sapitos durmiendo.

Clavada en un miedo.

Cuando yo tengo miedo me amigo con lo que odio.

Por eso vine...

No fue mi imaginación...

Pausa

Cómo lo veía...

Murmura unas veces esa frase y luego, silencio

Eso siempre me preguntó...

Ahora lo tengo escrito acá.

Y usted seguro tiene un dibujo en su cara...

Un dibujo en esa cara de vieja amiga.

Pone siempre la misma cara, para sacar los secretos más podridos.

Y un sonido raro en el hilo ese que tiene de voz.

Ese hilito de voz en la garganta...

Pausa

Qué iba a hacer... ah sí, fumar.

No sé si se puede fumar.

Saca un cigarrillo y lo enciende

¿Cómo lo veías?

Cada vez que hay silencio, esa pregunta.

Un pozo que hay que llenar.

Y yo pienso en los pozos cuando se los tapan, no sé si es lo mejor...

Los agujeros sangran, los pozos rellenos se ahogan.

Mamá me dice: *andá al instituto de salud mental, la psicóloga, te hace bien a los nervios.*

Pero yo soy ese arco entre los recuerdos tristes y los recuerdos libres.

Como las sombras que dejan los pájaros sonámbulos.

Recuerdos libres.

Trato de pensar en las flores del jardín...

Las cortábamos con mamá, riendo.

Sus rulos pegoteados por mi baba en su hombro.

Brillábamos juntas, al sol, las dos...

Esas dalias eran nuestras, rojas, blancas, violetas.
 Con mamá fuimos alguna vez, algo brillante.
 Ahora soy esa nena que no he podido sepultar.
 Eso me dijo usted la última vez también.
Tenés que dejar atrás esa nena caprichosa.
 Y yo que casi me le tiro encima...
 Ojalá fuesen caprichos.
 Mamá también dice, que deje este cuerpo de nena sin bombacha.
 Así me dice mamá... pero yo.../
Se interrumpe, mirada fija, extrañada. Toma agua. Habla rápido y nerviosa.
 Justo ahora... me corre ese viento por todo el cuerpo.
 El viento de él, su aire caliente...
 Tal vez es el aliento de él en mi espalda.
 ¡Me confunde!
 Entra todo el aire y no puede salir.
 Eso me pasa cuando tengo miedo.
 Cuando tengo miedo no, cuando tengo terror.
 Cuando me invade un terror extraño.
 Esos terrores desconocidos, pero familiares...
 Como una libélula blanca a punto de morir.
 Un relámpago prolongado en el medio de un cielo gris.
 Y es la niebla al costado del camino.
 Eso me pasa, el terror ¡el gusto por el terror!
 El sol crispándose en un recuerdo...
 Encontrarle al miedo un perfume que me atrae.
 ¡Eso!
 Por eso le digo...
 Le voy a decir a usted esta vez...
 Que las malas noticias vuelan como esos pájaros sonámbulos.
 Vuelan como el dorso de una mano al viento.
 Por eso vine hoy... porque no supe qué hacer.
 Y entonces corrí hasta acá, como si con ello pudiera convertirme en algo servible.
 Aunque sea aparecer....
Lee la hoja
Cómo lo ves, ahora que pasó el tiempo.
Silencio extraño. Piensa, mientras prolonga el silencio en la imposibilidad.
 Lo veo... igual.
Se esfuerza.
 Está igual que en mis recuerdos... es eso...
 El tiempo pasó como un reloj sin agujas.
 Nube pasajera que solo derrama dos gotas de lluvia.
 Una para cada uno.

No cambió nada todos estos años.

De él... le hablo.

Ahora le estoy hablando a usted...

A las preguntitas escritas...

Estoy hablando de él.

Estuvo tantos años a la sombra y el sol lo alumbra igual.

Cómo lo ves...

Sigue murmurando la misma frase.

Parece que mañana lo largan... y no tiene cucha ese perro.

Eso dijo mamá, anoche dijo eso, y se fue a dormir....

Mamá habla y después se esconde.

Y yo que ya estoy grande para buscarla y pedir que me proteja.

Somos dos cachos de carnes agolpadas en una heladera.

Y capaz que tienen razón usted cuando me dice eso, cuando me escribe eso.

Pero hoy después de su tiempo en la cárcel y mi tiempo de mujer...

Tuve que venir a ver si me calmo los nervios.

Mujer...

La furia parece invadirla, pero trata de calmarse

Porque siempre me porto como una nena.

No sé si nena, porque un día ya empecé a tener mis tetas, tenía mi concha, y peluda.

Un monte ocultando el canto de los gallos.

Y todo seguía igual.

Ahí es cuando una se confunde, con lo viejo, lo nuevo.

Se me confunde, lo que no hablé y escondí, lo que mentí o la verdad.

Lo vi, ahí... en la esquina de mi casa.

Pausa

Lo vi...

Mamá tenía razón... lo largaron.

Habla rápido, con cierta desesperación en el decir

Solo pensé en los pozos y en ella.

Cuando ella arrancó mis dalias de raíz.

El día que nos encontró, cuando nos vio... cuando nos descubrió.

Y lo peor es que eso que vio ya tenía sus años, ya tenía su vida, dentro mío.

Cuando nos descubrió corrió al patio, y arrancó todas las plantas de raíz.

Arrancó todas mis flores de raíz.

¡Nuestras flores!

Tenía los nervios de punta, furiosa, y también lloraba.

Mamá no sabe hacer nada más que desenterrar.

Arrancaba las flores como si con eso pudiera arrancar todo lo que pasó.

Todo lo que vio... a nosotros dos, ahí en mi pieza.

A mí y a papá...

¡Eso! ¡A mí y a él juntos!

Papá y yo... en ese nudo.
En ese nudo que nos tenía amarrados desde hacía años.
Desde cuando era nena.
Me dio vergüenza porque yo ya era grande, eso que me dice usted.
Corrí atrás de mamá, pero era tarde, porque el espanto ya era furia.
Y lloraba por las dalias que estaban grandes como yo.
Y veía los pozos hondos sin raíces.
Todo era tan triste como la muerte...
Quién sabe si no era mejor morir, morir en esa pieza y enterrarme en los pozos.
Mamá y yo somos dos dalias muertas desde aquella vez...
Que nos hundimos en las voces afónicas de esa mañana.

Silencio

Cómo lo ves... hoy.
A veces pienso que imagino, que todo lo que siento es un televisor mostrando una novela.
Cómo lo veías, como un padre, como un monstruo, como un degenerado, como un juguete.

Murmurando la frase

Me vine...
Y señalé para adentro, para acá.
¿Cómo lo veías, cómo lo ves?
Acá estoy.
A salvo... me siento a salvo...
Lo veía... lo veía... siempre en sus colores.
En colores pasteles arrastrando las chancletas antes que amanezca.
Con el cigarrillo parado en el marco de la puerta de mi pieza.
Se me aparece el juego que teníamos...
El de la arañita, ese que no se podía contar.
El secreto de la arañita, esa arañita en mi pieza, casi todas las mañanas.
Y pienso que, si vuelve y se mete en casa, va a volver a empezar todo...
Pero ahora sabiendo que eso no está más enterrado...
Que ya es luz, que ya mamá sabe.
Yo sé que está mal.
Ya estuvo preso por eso... y yo ya estaba grande para esconderlo.
Y entonces pensar en volver a empezar,
Capaz vuelvo y está en casa.
Y ya soy grande para ese miedo.
Tampoco me puedo quedar acá.
Se dirige a la cámara, con las manos hace pasos de arañita en el vidrio.
Yo creía que todos podíamos jugar a la arañita.
Eso le dije a mamá el día que nos descubrió
Me gritó que ya estaba grande para jugar a eso.
Que ya tenía un monte de pelos que me cubrían las partes.
Y tenía razón, pero yo no supe que hacer.

Como ahora, porque ya no cuento con ella.
Pero, al fin le estoy contando algo a usted.
Ese día que descubrió.
Hoy se lo descubro acá, a usted, que debe estar moviéndose como una víbora.
Como esas víboras que no entienden la reacción humana.
¿Me escucha ahí atrás?
Mi mamá vio el juego que hacíamos con papá...
Y yo hoy solo escucho los gritos.
Ese amanecer marcó un frío para siempre.
Una canción sonaba en la radio.
Ella gritaba...
La canción sonaba.
La de los locos, la balada para un loco.
Esa canción que sube su volumen fuerte, al final.
Y me retumbaba loca ella, loca yo.
Y después mamá corrió al patio, y lo de las dalias.
Lo único que teníamos las dos.
El tiempo avanza y yo pierdo la brújula.
Y el sueño que tuve anoche.
Anoche, sí.
Y después él...
Suelto y parado en la esquina de casa.
El sueño era al revés, yo lo tocaba. Y le hacía la arañita. Con mi mano en su espalda corriendo con el tiempo. Una manito otra manito... y así. Y también en el pecho y bajando... el tiempo no pasaba. Era lento como el dulce de leche. Y la arañita avanzaba y bajaba y no se cansaba. Pero nunca volvía para atrás. Nunca frenaba. No se cansaba. No se cansaba. No paraba de avanzar. Como el reloj. Como el tiempo. El sueño era mi tiempo. No era de este mundo. Era un mundo viejo. Y él lloraba. Porque le parecía raro. Su espalda con piel de pollo. Y mis dedos en sus piernas siendo arañita que lenta. Rápida. Lenta. Rápida. Que lenta que rápida. Pero sin freno. Nunca frenaba. Le hablaba al oído debajo de un arito de los Rolling Stones, como el mío, como este... y todo parecía algo triste. Algo negro, algo por explotar. Mudo, con los ojos como monedas. Envuelto en un calor ciego. Y lloraba. Esta vez, en mi sueño, yo abusaba de él. Era yo, la que abusaba de él.

Pausa.

Yo desesperadamente, abusaba de él.
Me desperté, corrí a la puerta y ahí lo vi.
Seguro quiere volver a casa.
Usted dirá después de esto, usted me dirá.
Si puedo salvarme.
¿Cómo lo ves?
¿Cómo lo veías?
¿Cómo pensás que lo vas a ver en unos años?
¿Cómo ves lo que pasó?

Ahora que sos adulta...

La cosa es que no tiene cucha ese perro.

No confío en mamá, no confío en mí.

Soy algo perdido.

Ayúdeme usted, ayúdeme esta vez...

Me siento como un globo cuando se lo lleva el viento.

Como un dolor vagabundo.

Como un vuelo rasante que nunca alcanzará ni un techo.

Cuando se extraña el dolor, no se puede volar.

Por eso vine...

Lo extraño.

Silencio.

Ahora que lo vi sé... sé... sé algo.

Parado en la esquina de mi casa.

Era él, apretando un cigarrillo.

Los ojos fijos en mi puerta...

Los hombres como él tienen lagrimas reflejas.

Como acto reflejo, como el reflejo en este espejo.

Lloró cuando mamá nos descubrió.

Sonríe irónica.

Pensativa.

Todo es un agujero gris que se abre como un cáncer en el cuerpo enfermo.

No es un cáncer.

Es peor.

Pausa. Se pasa la lengua por la boca reseca.

Cronicidad. Aceptación. Pacto de tres. Falta de registro.

Las chancletas como canoas, pero en un mar sin agua.

Justo ahí, en mi pasillo.

Yra yra yra...

yra, yra, yra.

Yra Yra yra yra

Yra yra yra

Yra yra yra

Yra yra yra yra

Yra yra yra

Yra yra yra yra

Yra yra yra

Yra yra yra yra

Yra

Pensativa

No se entiende, pero yo tampoco entendía...

Un castigo por comerme los mocos, un castigo.

Un castigo, el capricho de mi corazón.
Por comerme los chicles del piso, masticados.
Un castigo por esas cosas...
Lo recuerdo soplando todo el viento que tenía adentro.
Las ramas de los árboles se metían por la ventana de mi pieza.
Mi pieza, la de nosotros dos.
Solo tuve miedo de perderlo, pero ahora vine porque tengo miedo de encontrarlo.
Y usted, puede ser una dalia confundida por el viento, también.
Qué pretender...
Si tuve miedo de perderlo.
Qué pretender... si siempre tuve miedo de perderlo.
Y ahora que estoy hablando, solo pienso en la arañita.
Justo ahí, en casa, en cualquier momento.
Apareciendo como el humo del cigarrillo.
Como la primavera.
Qué pretender... sí una extraña eso a lo que le tiene miedo.
El humo de su cigarrillo.
Las flores que ya no están.
Las dalias que mamá arrancó.
Cómo lo veía...
Cómo lo vi todo este tiempo...
Por suerte existe el olvido, aunque a veces falla, a mí me falla.
Cómo lo veo ahora que pasaron los años.
Lo veo en la esquina de mi casa, esperando que le abra la puerta.
Con todo el viento encima, con todo el viento adentro.

...

FIN

AS DÁLIAS

NATALIA VILLAMIL

Tradução em português: LUCIANA DI LEONE

Câmara Gesell.

Uma mesa da cor marrom claro, um copo de água borbulhante.

Jovem de uns 35 anos, anacrónica. Tem o cabelo preso, um brinco dos Rolling Stones. Cara lavada, mas umas olheiras como dois arcos roxos contornam as suas pálpebras. Veste uma gola role preta e um jeans largo.

Fala para a câmara Gesell, detrás uma terapeuta.

Tem que preencher esse vazio... tem que conseguir contar.

Assim me disse a senhora da última vez.

Preencher, disse...

Olhei para a sua boca, se movimentando com tanta facilidade...

Batom borrado, comida nos dentes.

A língua sobre o lábio inferior, fazendo força para que eu fale.

Rugas... também vi.

Eu era uma parede de ferro...

Preencher... me disse.

Me dou melhor esvaziando, preenchendo não.

Isso não consigo; se encher, derramo.

Olha fixo para a câmara.

Também olhei o cabelo da senhora, da última vez...

Olhei, queimado de tintura alaranjada.

Uma franja que caía sobre a testa e a senhora afastava sem vontade, enquanto mexia as pernas como eletrocutada.

Eu a olhava... mesmo sem falar.

Era um buraco, um círculo.

Mas hoje... o sol apontou para mim.
Parado na esquina da minha casa, apontou para mim, para eu vir.
Ri nervosamente.
Para falar sozinha aqui... para a senhora detrás dessa janela.
Falar como se as palavras fossem água de um rio.
Tive que vir...
Correr o voo de andorinha noturna.
Umas perguntinhas por escrito me mandou desta vez.
Hoje, sim.
Leu para mim e entrei, como para não ter ela em cima o tempo todo...
Porque eu não a aguento.
À senhora, quase não a aguento.
Não aguento ninguém presencialmente.
A senhora percebe, é insuportável para as duas.
Por isso sua perna se mexe como um elástico frouxo, quando estou na sua frente.
Sinto que vai pular em cima de mim.
Que vai adivinhar o que estou pensando.
Da última vez, pensei que os seus bocejos iam me engolir.
Isso senti.
Vi a campainha da sua garganta...
Não sei se lembra...
Quando se deu conta, cobriu a boca, já era tarde.
Engoli todo seu bafo de comida com cebola.
Também tinha alguns pelinhos no buço e a pele cinza.
Você tem a tormenta do silêncio.
Assim me diz...
Às vezes me fala como as poesias do fundamental.
Mas eu com pessoas por perto fico toda tensa.
Pareço uma boneca de madeira.
E não consigo nada...
Umas perguntinhas escritas desta vez, e falo.
Eu prometi, me fez jurar com os dedos em cruz sobre minha boca.
E já estou falando.
Silêncio.
É que hoje é diferente.
Quando se sente medo...
Olhe, olhe...
Levanta suas mãos que estão tremendo.
Minhas mãos... tremem como as pétalas de uma flor velha.
Pensei que não chegaria...
O coração me empurrava a pele do peito.
Senti... sem... eu senti que tinha esquecido.

Mas o esquecimento não é uma coisa fácil.
Falar do esquecimento não é uma coisa fácil...
Mas hoje o meu sangue gelou...
Vê-lo...
Ficar como o sol, bem aí, na esquina da minha casa...
Gelou todo o líquido que tenho no corpo...
Cavou um buraco nos meus órgãos.
E outra vez o vazio como um túnel de lembranças.
Por isso eu vim...

Angústia, estala seus dedos.

Eis-me aqui.
Sou como uma figurinha de algum santo.
Fixa, dura, cravada em um pensamento...
Como uma árvore azul... inexistente.
Essas árvores que ninam sapinhos dormindo.
Cravada em um medo.
Quando eu fico com medo faço as pazes com aquilo que odeio.
Por isso vim...
Não foi a minha imaginação...

Pausa.

Como o via...?

Murmura algumas vezes essa frase e depois, silêncio.

Isso me pergunto sempre...
Agora eu o escrevi aqui.
E a senhora com certeza tem um desenho na sua cara...
Um desenho nessa cara de velha amiga.
Faz sempre a mesma cara, para tirar os segredos mais podres.
E um som estranho no fio esse que tem por voz.
Esse fiozinho de voz na garganta...

Pausa.

O quê que eu ia fazer...? Ah, sim, fumar.
Não sei se pode fumar.

Tira um cigarro e o acende.

Como o via?

Cada vez que se faz silêncio, essa pergunta.
Um poço que precisa ser preenchido.
E eu penso nos poços quando são tampados, não sei se é o melhor...
Os buracos sangram, os poços cheios se afogam.
Minha mãe me disse: *vai no instituto de saúde mental, à psicóloga, faz bem para os teus nervos.*
Mas eu sou esse arco entre as lembranças tristes e as lembranças livres.
Como as sombras que deixam os pássaros sonâmbulos.
Lembranças livres.

Tento pensar nas flores do jardim...
 As cortávamos com a minha mãe, rindo.
 Seus cachos grudados no ombro pela minha baba.
 Brilhávamos juntas, no sol, as duas...
 Essas dalias eram nossas, vermelhas, brancas, roxas.
 Alguma vez fomos algo brilhante com a minha mãe.
 Agora sou essa menina que não consegui sepultar.
 Isso me disse a senhora da última vez também.
Você tem que deixar para trás a menina mimada.
 E eu quase pulo para cima da senhora...
 Quem dera fosse mimada.
 Minha mãe também diz que tenho que deixar este corpo de menina sem calcinha.
 Assim me diz a minha mãe... mas eu.../
Se interrompe, olhar fixo, estranhado. Bebe água. Fala rápido e com nervosismo.
 Logo agora... esse vento me percorre o corpo todo.
 O vento dele, seu ar quente...
 Talvez seja sua respiração nas minhas costas.
 Me deixa confusa!
 O ar todo entra e não consegue sair.
 Isso me acontece quando estou com medo.
 Quando estou com medo não, quando estou aterrada.
 Quando me invade um terror estranho.
 Esses terrores desconhecidos, mas familiares...
 Como uma libélula branca à beira da morte.
 Um relâmpago prolongado no meio de um céu cinza.
 E é o nevoeiro do lado do caminho.
 Isso sinto, o terror, o sabor do terror!
 O sol se encrespando em uma lembrança...
 Encontrar no medo um perfume que me atraí.
 Isso!
 Por isso lhe digo...
 Dessa vez vou falar para a senhora...
 Que as notícias ruins voam como esses pássaros sonâmbulos.
 Voam como o dorso de uma mão ao vento.
 Por isso eu vim hoje... porque não soube o que fazer.
 Então corri para cá, como se com isso pudesse me converter em algo prestável.
 Aparecer que seja...
Lê a folha de papel.
Como você o vê, agora que o tempo passou.
Silêncio estranho. Pensa, enquanto prolonga o silêncio na impossibilidade.
 Eu o vejo... igual.
Se esforça.

Está igual que nas minhas lembranças ... é isso...
O tempo passou como um relógio sem ponteiros.
Nuvem passageira que derrama apenas duas gotas.
Uma pra cada um.
Não mudou nada todos esses anos.
Dele... estou falando.
Agora estou falando para senhora...
Às perguntinhas por escrito...
Estou falando dele.
Esteve tantos anos à sombra mas o sol o ilumina igual.
Como você o vê...?

Continua murmurando a mesma frase.

Parece que amanhã soltam ele... e esse cachorro não tem guarita.
Isso disse a minha mãe, ontem à noite disse isso, e foi dormir...
Minha mãe fala e depois se esconde.
E eu que já estou velha para procurá-la e pedir que me proteja.
Somos dois pedaços de carne mal-ajambrados em uma geladeira.
E vai que a senhora está certa quando me diz isso, quando me escreve isso.
Mas hoje depois do tempo na cadeia e do meu tempo de mulher...
Tive que vir ver se me acalmo os nervos.
Mulher...

A fúria parece invadi-la, mas tenta se acalmar.

Porque sempre me comporto como uma menina.
Não sei se menina, porque um dia comecei a ter peito, a ter minha buceta, peluda.
Um morro ocultando o canto dos galos.
E tudo continuava do mesmo jeito.
Ai é quando se confunde, com o antigo, o novo.
Começa a se confundir o que não falei e o que ocultei, o que menti e a verdade.
Eu o vi, vi ele, ai... na esquina da minha casa.

Pausa.

Eu o vi...
Mamãe estava certa... foi solto.

Fala rápido, com certo desespero no dizer.

Só pensei nos poços e nela.
Quando ela arrancou minhas dalias pela raiz.
O dia que nos encontrou, quando viu... quando nos descobrira.
E o pior é que isso que ela viu já tinha vários anos, já tinha uma vida, dentro de mim.
Quando nos descobriu, correu pro quintal, e arrancou todas as plantas pela raiz.
Arrancou todas as minhas flores pela raiz.
Nossas flores!
Tinha os nervos à flor da pele, furiosa, e também chorava.
Minha mãe não sabe fazer nada mais do que desenterrar.

Arrancava as flores como se com isso pudesse arrancar tudo o que aconteceu.
Tudo o que viu... nós dois, aí no meu quarto.
Eu e o meu pai...
Isso! Eu e ele juntos!
Meu pai e eu... nesse nó.
Nesse nó que nos tinha amarrados fazia anos.
Desde quando eu era uma menina.
Me deu vergonha porque eu já era velha, isso que a senhora me diz.
Corri atrás da minha mãe, mas era tarde, porque o espanto já era fúria.
E chorava pelas dalias que estavam grandes que nem eu.
E dava para ver os poços fundos sem raízes.
Tudo era tão triste como a morte...
Quem sabe se não era melhor morrer, morrer nesse quarto e me enterrar nos poços.
Minha mãe e eu somos duas dalias mortas desde aquela vez...
Que nos afundamos nas vozes afónicas dessa manhã.

Silêncio.

Como você o vê... hoje.
Às vezes acho que estou imaginando, que tudo o que sinto é uma TV mostrando uma novela.
Como você o via? Como um pai, como um monstro, como um tarado, como um brinquedo?

Murmurando a frase.

Eu vim...
E apontei para dentro, para cá.
Como você o via? E como o vê agora?
Eu estou aqui.
A salvo... eu me sinto a salvo...
Eu o via... eu o via... sempre nas suas cores.
Em cores pastel arrastando o chinelo antes que amanhecesse.
Com o cigarro, parado no canto da porta do meu quarto.
Me vem a brincadeira que tínhamos...
A da aranhazinha, essa que não era para contar.
O segredo da aranhazinha, uma aranha no meu quarto, quase todas as manhãs.
E acho que, se ele voltar e se enfiar na minha casa, vai começar tudo de novo...
Mas agora já sabendo que isso não está mais enterrado...
Que já é luz, que mamãe já sabe.
Eu sei que está errado.
Ele já ficou preso por isso... e eu já estava grande para esconder.
Então pensar em começar de novo,
De repente volto e está em casa.
E eu já estou velha para esse medo.
Mas também não posso ficar aqui.
Dirige-se à câmara, com as mãos faz passos de aranhazinha no vidro.
Eu achava que todos podíamos brincar da aranhazinha.

Eu disse isso para a minha mãe no dia que nos descobrira.
Me gritou que eu já era velha para brincar disso.
Que já tinha um monte de pelos me cobrindo as partes.
E ela estava certa mas eu não soube o que fazer.
Que nem agora, pois já não posso contar com ela.
Mas, a final eu estou falando alguma coisa para a senhora.
Esse dia que descobrira.
Hoje eu estou descobrindo aqui, para a senhora, que deve estar se mexendo como uma víbora.
Como essas víboras que não entendem a reação humana.
Estão me escutando aí atrás?
Minha mãe viu a brincadeira que fazíamos com meu pai...
E hoje eu só escuto os gritos.
Esse amanhecer marcou um frio para sempre.
Uma música tocava no rádio.
Ela gritava...
A música tocava.
A dos loucos, a balada para um louco.
Essa música que sobe de volume muito alto, no final.
E me martelava louca ela louca eu.
E depois mamãe correu para o quintal, e o das dalias.
O único que tínhamos nós duas.
O tempo avança e eu perco a bússola.
E o sonho que eu tive essa noite.
Essa noite, sim.
E depois ele...
Solto e parado na esquina da minha casa.
O sonho era ao contrário, eu tocava nele. Eu fazia a aranhazinha. Com a minha mão nas suas costas correndo contra o tempo. Uma mãozinha outra mãozinha... e assim. E também no peito e descendo... o tempo não passava. Era lento como o doce de leite. E a aranhazinha avançava e descia e não se cansava. Mas nunca voltava para atrás. Nunca freava. Não se cansava. Não se cansava. Não parava de avançar. Como o relógio. Como o tempo. O sonho era meu tempo. Não era deste mundo. Era um mundo velho. E ele chorava. Porque achava estranho. Suas costas com a pele arrepiada. E meus dedos nas suas pernas sendo a aranhazinha lenta. Rápida. Lenta. Rápida. Ora lenta ora rápida. Mas sem freio. Nunca freava. Eu lhe falava no pé do ouvido embaixo de um brinco dos Rollings Stones, como o meu, como esse... e tudo parecia uma coisa um pouco triste. Algo negro, algo para explodir. Mudo, com os olhos como moedas. Envolvido em um calor cego. E chorava. Desta vez, no meu sonho, eu abusava dele. Era eu a que o estuprava ele.

Pausa.

Eu desesperadamente, o estuprava.
Acordei, corri até a porta e aí o vi.
Certamente quer voltar para casa.
A senhora que tem que dizer, depois disto, a senhora que tem que dizer

Se eu posso me salvar.
Como você o vê?
Como você o via?
Como você pensa que vai ver ele daqui a alguns anos?
Como você enxerga o que aconteceu?
Agora que você é adulta...
A questão é que esse cachorro não tem guarita.
Não confio na minha mãe, não confio em mim.
Sou uma coisa perdida.
A senhora tem que me ajudar, desta vez tem que me ajudar...
Me sinto como um balão levado pelo vento.
Como uma dor vagabunda.
Como um voo rasante que nunca vai atingir um teto.
Quando você tem saudades da dor, não é possível voar.
Por isso eu vim...
Eu tenho saudades dele.

Silêncio.

Agora que eu o vi sei... sei... sei de algo.
Parado na esquina da minha casa.
Era ele, apertando um cigarro.
Os olhos fixos na minha porta...
Os homens como ele têm lágrimas reflexas.
Como ato reflexo, como o reflexo neste espelho.
Chorou quando fomos descobertos pela minha mãe.

Sorri com ironia.

Pensativa.

Tudo é um buraco cinza que se abre como um câncer em um corpo doente.
Não é um câncer.
É pior.

Pausa. Passa a língua pela boca ressecada.

Cronicidade. Aceitação. Pacto de três. Falta de registro.

Os chinelos como canoas, mas em um mar sem água.

Logo ali, no meu corredor.

Chra chra chra...

Chra chra chra

Chra chra chra

Chra chra chra

Chra chra chra

Chra chra chra

Chra chra chra chra

chra chra Chra

chra chra Chra chra

chra Chra chra

chra

chra

Pensativa.

Não dá para entender, mas eu também não entendia...

Um castigo por comer meleca, um castigo.

Um castigo a birra do meu coração.

Por comer os chicletes do chão, mastigados.

Um castigo por essas coisas...

Eu lembro dele soprando todo o vento que tinha dentro.

Os galhos das árvores se metiam pela janela do meu quarto.

Meu quarto, o de nós dois.

Só tive medo de perdê-lo, mas agora vim porque tenho medo de encontra-lo.

E a senhora, pode ser uma dália confundida com o vento, também.

O quê pretender...

Se tive medo de perdê-lo.

O que pretender... se sempre tive medo de perdê-lo.

E agora que estou falando só penso na aranhazinha,

Bem ali na minha casa, a qualquer momento.

Aparecendo como a fumaça do cigarro.

Como a primavera.

O que pretender... se a gente tem saudades disso que dá medo.

A fumaça do cigarro.

As flores já não estão.

As dalias que mamãe arrancara.

Como eu o via...

Como eu o vi todo esse tempo...

Ainda bem que existe o esquecimento, embora às vezes falha, para mim falha.

Como eu vejo ele agora que passaram os anos?

Eu o vejo esperando na esquina da minha casa, esperando que eu abra a porta.

Com o vento todo encima, com o vento todo dentro.

...

FIM

COLOR BARS

GIORDANO CASTRO

Esse texto é dividido em 13 células dramatúrgicas. Ele pode ser lido em qualquer ordem. Não há uma sequência “correta” para sua leitura ou montagem.

Personagens

ELE

ELA

WHO

Uma Câmara Gesell. Dentro dela, duas pessoas tentam desvendar o que aconteceu naquele dia. Parece que houve uma explosão num estúdio de televisão. Pouco se sabe o que aconteceu. As cenas que se seguem tentam contar essa história. Mas assim como os peritos que recolhem pedaços em busca de respostas de montar aquele quebra cabeça depois da explosão, o mesmo acontece com esse trabalho. São trechos imperfeitos em busca de uma história.

1 -

ELA: O meu desejo é que tudo isso fosse um grande show de auditório normal. Gostaria de ouvir o som da plateia batendo palmas e cantando uma música qualquer em quatro notas e que elas estivessem felizes e encantadas com aquilo que estivesse vendo e pensando: Nossa como é bom sair de casa e me divertir. Que houvesse um jogo de luz cafona mudando as cores de forma aleatória e enormes refletores sustentando uma luz natural para as câmeras. Uma orquestra que tocasse a música tema da apresentação de forma tão empolgada e alucinante como se fosse a última apresentação de suas vidas. Um corpo de Baile com roupas extravagantes e coloridas animasse a plateia com um sorriso no rosto, quase tão largo e fixo como um músculo com câimbra. E uma mãe com a filha no colo dissesse: Olha filha que lindo... E depois de uma chuva de papel picado entrasse Ele, o tão esperado, o amado, o Apresentador. Ele que é a personificação do Glitter, o brilho em forma de gente, que ofusca tanto os olhos da platéia que obriga a todos o uso imediato dos óculos escuros. Ele entraria e com o seu carisma que nasceu 3 meses antes do que do seu próprio parto, acenando para todos se posicionasse no meio do palco, sacasse uma arma da cintura e dissesse feliz: Esse é o show da vida. E três tiros para cima.

Tudo poderia ser um show de auditório normal, mas não era...

E isso é só um pedaço...

WHO: Olá.

ELE: Oi.

WHO: Como você está?

ELE: Estou bem...

WHO: Quer alguma coisa para beber?

ELE: Não, não precisa...

WHO: Muito bem. Posso fazer algumas perguntas?

ELE: Sim.

WHO: Bem...

ELE: Você sabe como são feitos os espelho?

WHO: Oi?

ELE: Os espelhos, você sabe como são feitos?

WHO: Não...

ELE: Ah... tudo bem!

WHO: Então, posso lhe fazer as perguntas?

ELE: Sim.

WHO: Ok.

ELE: E as cadeiras? O que você sabe sobre as cadeiras?

WHO: Que elas são feitas para sentar.

ELE: Sim! Elas são feitas para sentar... acreditasse que as cadeiras surgiram também entre os egípcios, algo em torno de 5300 anos atrás. Os artesãos egípcios desenvolveram os bancos já existentes, adicionaram encostos e com isso foi-lhes atribuída a invenção da cadeira. Inicialmente era de apoio lombar simples, foi sendo desenvolvida, o encosto aumentado chegando às cadeiras de espaldar alto. Feitas de materiais ricos como ébano e marfim, esculpidos em madeira dourada, de decoração esplendorosa e pernas inspiradas em figuras bestiais e domésticas, transformando a cadeira em arte sem sacrificar no entanto a sua função. Ao longo dos tempos foi sendo desenvolvida, surgem as cadeiras acolchoadas tornando-as mais confortáveis. Anos depois surge um novo componente: os braços. Com a revolução industrial no final do séc. XIX, surge o ponto de viragem imposto pela produção em série, que deixa para trás as peças únicas, artesanais com excesso de ornamentação dando lugar a um conceito minimalista que privilegia forma e função. Se na sua origem a cadeira conferia status e dignidade a quem usava, com o decorrer dos tempos tornou-se um objeto comum. Agora, as cadeiras são fabricadas em todos os tipos de materiais sendo que as principais são as cadeiras em madeira, cadeiras em plástico e as cadeiras de metal como essa que estamos sentados agora...

WHO: Interessante...

ELE: Quer saber sobre a mesa?

WHO: Não! Não tenho interesse nisso...

ELE: Tudo bem.

WHO: Bem, como foram as suas ultimas horas?

ELE: Agradável.

WHO: Você lembra do que aconteceu?

ELE: Acredito que sim...

WHO: E gostaria de lhe relembrar o que aconteceu...

3 -

ELE: Espelho é um vidro polido e metalizado que reflete a luz e reproduz a imagem das coisas colocadas diante dele, uma manipulação técnica muito antiga, porém ainda bastante empregada nos dias atuais. Possivelmente, o ato de contemplar-se a partir da superfície da água, foi o que inspirou a fabricação do primeiro espelho. Algo que segundo os pesquisadores deve ter surgido ainda entre os antigos egípcios. Os vidros que se destinam a produção de espelhos tem que apresentar um alto grau de qualidade, com superfícies perfeitamente planas e paralelas, pois pequenos defeitos se traduzem em deformação da imagem refletida. A produção de espelhos requer uma sequência de diversas operações, todas elas cercadas de bastante cuidado e atenção. Bem, sobre o vidro que originará o espelho são depositadas diversas camadas de diferentes materiais. A primeira delas é de prata. A quantidade de prata aplicada é muito pequena, de 0,7 a 1 grama por metro quadrado sendo, portanto, muito fina. Sobre o assunto da prata, eu gostaria de voltar em breve a ele, acho que é um assunto interessante para se falar com mais calma adiante... Tudo bem, vamos esquecer esse assunto da prata por enquanto, vamos voltar ao espelho. Antes da aplicação da prata, o vidro deve estar muito bem limpo, limpíssimo mesmo. Para isso, é realizado um polimento da superfície do vidro, pois qualquer impureza prejudica a fixação da prata e consequentemente, na reflexão. A prata é adicionada sob a forma de um spray, vejam só... um spray com uma solução de nitrato de prata, normalmente se utilizam vidros recém-produzidos para que não haja nenhum desgaste provocado pelo tempo, o que mais uma vez, pode vir a interferir na qualidade da reflexão da imagem. A camada de prata sendo tão fina requer a aplicação de uma segunda camada, sendo agora de cobre metálico. A função do cobre é proteger a prata da oxidação, que criaria manchas e também para evitar que a prata seja removida durante a manipulação da própria peça. A quantidade de cobre também é muito pequena, portanto, também muito fina. Finalmente, para a proteção da camada de cobre e garantia da integridade e durabilidade do espelho, são aplicadas duas camadas de tinta, a primeira para impedir o contato do cobre com o ar e a umidade, o que também poderia vir a prejudicar a qualidade da imagem refletida e a segunda para uma proteção física de todo o conjunto de camadas, inclusive impedindo a passagem de qualquer luz por trás, o que interferiria na luz refletida e na construção da imagem. O processo acima descrito se refere aos espelhos comuns, desses que temos em nossas salas, nos banheiros, nos closets ou aqueles que teimamos em dizer que trocamos com os indígenas para que eles nos apontassem onde estava todo o seu rio de Prata. Fico em dúvida se é o momento ideal para falarmos sobre a prata ou ainda continuamos no assunto do espelho. Ah, mas é importante falar sobre os espelhos falsos...

4 -

ELE: Ela falava e eu olhava nos seus olhos e não ouvia nada. Então tentava me concentrar ao menos no seu rosto e apenas observava as gotículas de saliva que voava pela sua boca enquanto falava e me lembrava de um poesia que dizia de cinzas jogadas ao vento, que voava pelo ar como se fossem...

ELE E ELA: ... pontos de felicidade e que caíam nos olhos, nos cabelos, na pele das pessoas que um dia foram seus irmãos, que um dia foram seus algozes, pontos voando como fragmentos de história, de

um incêndio, de uma explosão. Uma fogueira de DNAs transformando tudo e todos em um só pó...
ELE: ... Era tão bonito aquilo... desculpa se eu não estou te ouvindo. Eu não estou prestando atenção em você. Eu lembrei de tudo agora... foi tão bonito aquilo que eu vivi, foi tão bonito.

5 -

ELA: Você está aí?

ELE: Sim!

ELA: Posso contar com você?

ELE: Sim!

ELA: Preciso te contar um segredo. Preciso que esse segredo chegue até você como uma mensagem de um navio naufragando. É uma mensagem de fim... Preciso dizer que é urgente tudo isso. Tenho que te dizer, espero que isso seja um segredo nosso, tenho que te dizer que eu tenho medo. E que por isso me tranco aqui dentro. Com medo dos monstros que vivem lá fora. E aqui dentro eu ensaio lutas épicas contra esses monstros. Como uma criança que terminou de ver um filme de kung-fu e dá chutes no ar. Por isso que aqui na frente de você, de vocês eu sou assim... eu venci! Eu tenho uma bala de prata, eu sou a bala de prata, eu sou uma explosão prata. Silêncio... é o nosso segredo! Sim?

ELE: Sim!

ELA: Boom...

6 -

WHO: Então você foi com ela?

ELE: E você não iria?

WHO: Eu não sei...

ELE: Você já amou?

WHO: Amei.

ELE: Então você iria!

WHO: Isso não tem nada haver com amor.

ELE: Isso tem tudo haver com amor... tudo é sempre por amor, tem que ter amor pra jogar uma pedra. Tem que haver amor pra colocar fogo no corpo, tem que ter amor pra começar uma guerra! Sem amor não se pula muros, não se explode caixas eletrônicos, não se joga de cabeça em precipícios... Amor é Gasolina, é um curto circuito. É um convite para o fim do mundo, é o gatilho levantando para um tiro no escuro. E você me pergunta se eu iria com ela? Eu pediria aos deuses para nascer mais um vez nesse mundo por causa dela! Eu pediria pra viver mais uma vez nesse mundo por causa dela...

WHO: Então você foi?

ELE: Foda-se!

7 -

ELA: No que você está pensando?

ELE: Em nada...

ELA: Você já pensou sobre a prata?

ELE: Não! (*Risos.*)

ELA: (*Risos.*)

ELE: Você tá pensando sim sobre isso?

ELA: Sim!

ELE: Me fala sobre a prata então...

ELA: Tá bem... Bem, a prata, do latim vulgar *platta*, é um elemento químico encontrado na tabela periódica pelo de símbolo Ag. À temperatura ambiente, a prata encontra-se em estado sólido. A origem da palavra “prata” é indo-europeia, que significa brilhante. Estima-se que tenha sido descoberta pouco depois do cobre e do ouro. Desde a sua descoberta, a prata se tornou minérios que vem movimentando o mercado financeiro até hoje. E foi também por causa da prata a América Latina se tornou o parque dos horrores de Portugal e Espanha, a Bolívia por exemplo foi um dos países mais castigados pela exploração de minério de prata. É bem verdade que qualquer país que tenha passado por um processo de colonização, foi e é explorado até o bagaço da laranja. Com a prata se produz coisas como moedas, talheres, jóias, material para odontologia, soldas, chuvas artificiais, fotografia, germicida, espelhos e explosivos, munição. Uma bala de prata é supostamente o único tipo de munição capaz de matar lobisomens, bruxas e outros monstros. A expressão bala de prata foi adotada como uma metáfora para designar uma solução simples para um problema complexo com grande eficiência. Eu descobri que eu posso ser uma bala de prata!

ELE: Você?

ELA: Sim!

8 -

WHO: Houve uma enorme explosão. Uma bola de fogo subiu no ar. Entre antenas e torres de sinais, um clarão no céu. Jogando pelos ares um estúdio inteiro de televisão. Cabos, ferros, monitores, telhas, microfones, computadores, refletores, tudo voando pelo espaço. A programação saiu do ar. Ninguém sabe ao certo o que aconteceu por lá. Era o início do “Show da Vida”. Um programa bom. É bom de ver com a família. Sempre trazendo atrações. Um garoto que nasceu com um rabo de lagarto. Uma mulher que tinha uma terceira perna. Uma criança que se transformou em Gorila. Essa semana tinha ido no programa o último sobrevivente de uma tribo que havia sido inteira dizimada por uma gripe, ou foi envenenada, algo assim... mas era interessante. O tempo passava que você nem percebia. E explodiu. Talvez um curto ou gás, sei lá... uma pena... um prejuízo... Esses equipamentos todos queimados. Uma fortuna.

9 -

ELA: Eu preciso fazer isso.

ELE: Você não precisa.

ELA: Você sabe que eu preciso...

ELE: Mas...

ELA: Você me prometeu.

ELE: Hoje eu acordei querendo correr, como um cachorro louco que simplesmente corre, não quero ir atrás de nada... Não quero nada. Só quero ir o mais longe possível, quero saber o quanto as minhas

pernas conseguem aguentar, qual velocidade consigo alcançar, quais os meus limites e quando meus pés vão começar a sangrar. Eu quero sair daqui, eu preciso sair daqui, eu estou bem, é sério... mas eu quero ir embora.

ELA: E agora?

ELE: Eu não fui.

ELA: Eu te amo.

ELE: Eu te amo.

ELA: Eu vou explodir.

ELE: Eu sei.

10 -

WHO: E então?

ELE: O que você quer que eu responda?

WHO: Qualquer coisa...

ELE: Eu não sei o que dizer.

WHO: Então inventa, me diz alguma coisa... seja criativo, me conta uma história, qualquer uma... somos seres criativos, deuses engenhosos. Criamos por exemplo a arma de fogo, essa que se eu aperto o gatilho e tiro a sua vida e, se você morrer, talvez possa ir para o céu, que é também uma criação nossa... Sim, pois criamos céu e terra, criamos luz e escuridão, dia e noite, a terra e a água, os continentes, os países, os pobres e os privilegiados, o conceito de classes... criamos também os vegetais geneticamente modificados, pequenos animais modificados, grandes animais, animais... somos responsáveis pela criação do vidro, por exemplo, do plástico, criamos os óculos, a pólvora que está dentro de uma cápsula, dentro dessa arma, aqui na sua frente. Não criamos o fogo, mas criamos uma forma de manipulá-lo, e depois criamos o sistema de alavancas, o sistema de esgoto que nunca chegou para todos, pois criamos os mercedores e a guilhotina... as grandes embarcações, a guerra, a guerra química, o genocídio indígena, a bússola, o telescópio, o telefone, o teletransporte, o avião, a comunicação sem fio, os sachês de ketchup, a kalashnikov apontada pra mim, a maçã mordida, o elevador, o Uber, Deus, o maravilhoso Deus... a lâmpada, a sandália havaiana, o USB, o canudo, a fibra ótica, o Marlon Brando, o apartheid, a Coca-Cola, os fogos de artifícios, as pontes para atravessar os rios, as bombas atômicas... nossa, como somos incríveis, não é mesmo? E se das nossas mãos surgem a vida e a morte, os homens, as mulheres, os seres inanimados, os seres miscigenados, os seres, as histórias desses seres, tudo... tudo!

ELE: Ok, você irá criar uma história pra mim então...

11 -

WHO: Por que hoje?

ELE: Porque tinha que ser...

WHO: Por que num domingo?

ELE: Já disse, porque tinha que ser...

WHO: Domingo é o dia da família assistir televisão juntos.

ELE: Acontece...

WHO: A família espera por esse momento junto.

ELE: Imagino...

WHO: Dia de domingo tem futebol.

ELE: ...

WHO: Hoje tinha um jogo importante, o jogo de hoje talvez iria decidir o campeonato, o meu time dependia desse resultado. Eu nem torcia para os times que iriam jogar hoje, mas eu queria assistir. Queria torcer para ninguém ganhar. Queria sentar durante quase duas horas em frente a tv, sem pensar em quem morreu, quem matou, quem cometeu aquele crime, qual trauma causou aquela atitude, qual a responsabilidade do estado perante isso, quais os valores de nossa sociedade estão em cheque, eu não queria pensar em nada. eu só queria ver um gol. Dois gols talvez...

ELE: E quem iria jogar hoje?

WHO: O que importa, a TV está com uma barra de cores.

12 -

WHO: Ele não vai ajudar. Ele não vai dizer nada. Ele não sabe de nada. Vai ficar assim parado. Ele tem um olhar calmo. Ele olha para as paredes como quem espera a hora do cigarro. Ele tem consciência tranquila. Ele poderia ficar nessa sala, sem desesperar, o mesmo tempo que um participante de reality show ficaria uma prova de resistência. Ele olha para nós. Ele sabe que estamos aqui. Ele parece saber como funciona isso tudo. Ele sabe o que é isso aqui. Ele sabe que tem que falar. Ele sabe que eu vou perguntar. Ele sabe o que poderia me dizer. Ele sabe que pode se esconder atrás das respostas. Ele sabe que pode não me dar a história que eu preciso. Ele sabe que eu busco um personagem. Ele sabe que eu busco um culpado. Ele sabe que eu sou o reflexo desse espelho. Ele vai querer me fuder.

13 -

ELA: Dentro de mim sempre morou uma granada sem o pino. Eu sempre estive prestes a explodir. Eu vivi com esse artefato bélico. Com essa coisa que tem dentro dela uma câmara interna, uma câmara de arrebatamento. Sempre achei bonito a ideia de que a explosão surge de uma câmara de arrebatamento. Me sinto arrebatada por essa imagem. Quando o pino vai embora acontece um movimento mecânico dentro dela assim como no coração. E quando a granada bate no alvo, as molas se contraem, empurrando a agulha contra uma base de metal e gerando uma faísca e segundos depois... a bomba quebra a embalagem de metal da granada, lançado dezenas de fragmentos de metal em várias direções... Eu quero me espalhar por aí... Eu quero que essa fúria que vive dentro de mim exploda de forma revolucionária. Kabum!

...

FIM

COLOR BARS

GIORDANO CASTRO

Traducción: JULIA TOM

Este texto está dividido en 13 células dramatúrgicas que pueden ser leídas en cualquier orden. No hay una secuencia correcta para la lectura o montaje de la obra.

Personajes

ÉL

ELLA

WHO

Una cámara Gesell. En su interior, dos personas tratan de develar lo que sucedió ese día. Parece que hubo una explosión en un estudio de televisión. Poco se sabe de lo que ocurrió. Las escenas que siguen intentan contar esa historia. Pero son como los peritos que recogen pedazos en busca de respuestas para armar el rompecabezas después de la explosión. Son fragmentos imperfectos en busca de una historia.

1 -

ELLA: Yo quería que fuera un típico programa con público: la gente de la platea aplaude y canta una cancioncita de cuatro notas, feliz y maravillada con lo que está viendo mientras piensa: “Ay, qué bueno salir de casa y divertirse”. Un juego de luces de pésimo gusto va alternando colores sin lógica y unos reflectores enormes imitan la luz natural para las cámaras. Una orquesta toca el tema de apertura apasionadamente, espectacularmente, como si fuera la última presentación de sus vidas. Un grupo de bailarines con ropa extravagante y colorinche anima al público con una sonrisa enorme y fija como un músculo acalambrado. Una madre le dice a su hija en brazos: “Mira, hijita, qué lindo...”. Y entonces, después de una lluvia de papel picado, entra Él, el tan esperado, el amado, el Conductor. Él, que es la personificación del *glitter*, el brillo en forma humana, enceguece los ojos del público y lo obliga a ponerse inmediatamente los lentes oscuros. Él entra con su carisma que nació tres meses antes que su propio parto, saludando a todos, se ubica en medio del escenario, saca un arma de la cintura y dice feliz: “Este es el Show de la Vida”. Y dispara tres tiros al techo.

Podría haber sido un típico programa con público, pero no lo era...

Y esto es solo una parte...

WHO: Hola.

ÉL: Hola.

WHO: ¿Cómo está?

ÉL: Bien...

WHO: ¿Algo para beber?

ÉL: No, estoy bien...

WHO: Perfecto. ¿Puedo hacerle algunas preguntas?

ÉL: Sí.

WHO: Bueno...

ÉL: ¿Sabe cómo se hacen los espejos?

WHO: ¿Qué?

ÉL: Los espejos, ¿sabe cómo se hacen?

WHO: No...

ÉL: Ah... ¡no hay problema!

WHO: Bueno, ¿puedo hacerle algunas preguntas?

ÉL: Sí.

WHO: Ok.

ÉL: ¿Y las sillas? ¿Qué sabe sobre las sillas?

WHO: Que están hechas para sentarse.

ÉL: ¡Sí! Están hechas para sentarse... se cree que las sillas fueron inventadas en Egipto, hace más o menos 5300 años. Los artesanos egipcios agregaron un respaldo a los ya existentes bancos y así se les atribuyó la creación de la silla. Al principio tenían un apoyo lumbar simple que se fue modificando hasta llegar a las sillas de respaldo alto. Las hacían con materiales caros como el ébano y el marfil, las esculpían en madera dorada, con decoraciones suntuosas y patas inspiradas en figuras bestiales y domésticas, lo que hizo de la silla un objeto de arte, aunque no llegó a perder su función. Con el correr del tiempo se crearon las sillas acolchonadas, lo que las hizo más cómodas. Años después, apareció un nuevo componente: los brazos. Con la Revolución Industrial, a fines del siglo XIX, la producción en serie hizo que quedaran atrás las piezas únicas, artesanales y con ornamentación excesiva, lo que dio lugar al concepto minimalista que privilegia la forma y la función. Si bien en su origen la silla daba estatus y dignidad a quien la usaba, con el tiempo se volvió un objeto común. Ahora las sillas son fabricadas con todo tipo de materiales, y entre los principales ejemplares encontramos las sillas de madera, las sillas de plástico y las sillas de metal, como estas en las que estamos sentados ahora...

WHO: Interesante...

ÉL: ¿Quiere saber sobre la mesa?

WHO: ¡No! No me interesa...

ÉL: No hay problema.

WHO: Bueno, ¿cómo fueron sus últimas horas?

ÉL: Agradables.

WHO: ¿Recuerda lo que sucedió?

ÉL: Creo que sí...

WHO: Me gustaría recordarle lo que sucedió...

ÉL: El espejo es un vidrio pulido y metalizado que refleja la luz y reproduce la imagen de las cosas que le son puestas delante; se trata de una técnica muy antigua que, sin embargo, sigue siendo bastante practicada en la actualidad. Posiblemente, el acto de contemplarse en la superficie del agua fue lo que inspiró la fabricación del primer espejo. Algo que, según los investigadores, debió haber tenido lugar ya entre los antiguos egipcios. Los vidrios que se destinan a la producción de espejos deben presentar un alto grado de calidad, la superficie debe ser perfectamente plana y paralela, pues cualquier defecto, por pequeño que sea, se traduce en la deformación de la imagen reflejada. La producción de espejos requiere de una serie de diversas operaciones para las cuales se necesita mucho cuidado y atención. Bien, sobre el vidrio que dará origen al espejo se depositan varias capas de diferentes materiales. La primera es de plata. La cantidad de plata debe ser muy pequeña, de 0,7 a un gramo por metro cuadrado, por lo tanto, se trata de una capa muy fina. El tema de la plata me gustaría retomarlo más adelante; creo que es un asunto interesante para hablar con detenimiento... Bueno, olvidemos la cuestión de la plata por ahora y volvamos al espejo. Antes de la aplicación de la plata, el vidrio debe estar muy limpio, limpiísimo. Para eso se pule bien la superficie, ya que cualquier impureza perjudica la fijación de la plata y, en consecuencia, la reflexión. Se le agrega la plata en forma de spray; fíjense bien... un spray con una solución de nitrato de plata. En general, se usan vidrios recién producidos, para que no presenten desgaste del tiempo, lo que, una vez más, podría interferir en la calidad del reflejo de la imagen. Puesto que la capa de plata es muy fina, se requiere de una segunda capa, pero esta vez de cobre metálico. La función del cobre es proteger a la plata de la oxidación, que generaría manchas, y también evitar que la plata se salga durante la manipulación de la pieza. La cantidad de cobre debe ser muy pequeña, por lo tanto, la capa también es fina. Finalmente, para proteger la capa de cobre y garantizar la integridad y durabilidad del espejo, se aplican dos capas de pintura: la primera para impedir el contacto del cobre con el aire y la humedad, que podría perjudicar la calidad de la imagen reflejada, y la segunda para una protección física de todo el conjunto de capas. También para impedir el paso de la luz por detrás, lo que interferiría en la luz reflejada y en la construcción de la imagen. El proceso descrito arriba se refiere a los espejos comunes, de esos que tenemos en nuestras salas, baños y armarios. O de esos que les dimos a los indios para que nos develaran dónde estaba su Río de la Plata, como nos obstinamos en seguir diciendo. No sé si este es el momento ideal para hablar de la plata o seguimos con el tema del espejo. Ah, pero lo más importante es hablar sobre los espejos falsos...

ÉL: Ella hablaba y yo miraba sus ojos y no escuchaba nada. Entonces trataba de concentrarme al menos en su cara y solo podía observar las gotitas de saliva que volaban de su boca mientras hablaba y recordaba un poema sobre las cenizas arrojadas al viento, que volaban por el aire como si fueran...

ÉL Y ELLA: ... puntos de felicidad y que caían sobre los ojos, el pelo, la piel de las personas que un día fueron sus hermanos, que un día fueron sus verdugos, puntos volando como fragmentos de historia, de un incendio, de una explosión. Una hoguera de ADN's que transformaban todo y a todos en un solo polvo...

ÉL: ... era tan lindo... discúlpame si no te estoy escuchando. No te estoy prestando atención. Recordé todo ahora... fue tan lindo lo que viví, fue tan lindo.

5 -

ELLA: ¿Estás ahí?

ÉL: ¡Sí!

ELLA: ¿Puedo contar contigo?

ÉL: ¡Sí!

ELLA: Tengo que contarte un secreto. Necesito que este secreto te llegue como el mensaje de un barco que está naufragando. Es un mensaje de final... Necesito decirte que todo esto es muy urgente. Tengo que decírtelo, espero que sea un secreto nuestro, tengo que decirte que tengo miedo. Y que por eso me encierro aquí. Con miedo de los monstruos que viven fuera. Aquí dentro ensayo luchas épicas contra esos monstruos. Como una niña que acaba de ver una película de kung-fu y da patadas al aire. Por eso aquí, frente a ti, a ustedes, soy así... ¡Yo vencí! Tengo una bala de plata, soy la bala de plata, soy una explosión de plata. Silencio... ¡es nuestro secreto! ¿Sí?

ÉL: ¡Sí!

ELLA: Boom...

6 -

WHO: ¿Entonces se fue con ella?

ÉL: ¿Usted no lo habría hecho?

WHO: No sé...

ÉL: ¿Estuvo enamorado alguna vez?

WHO: Sí.

ÉL: ¿Entonces lo habría hecho!

WHO: Eso no tiene nada que ver con el amor.

ÉL: Tiene todo que ver con el amor... todo siempre es por amor, hay que tener amor para lanzar una piedra. Hay que tener amor para prenderse fuego el cuerpo, ¡hay que tener amor para comenzar una guerra! Sin amor no se saltan muros, no se explotan cajeros electrónicos, no se tira uno de cabeza al precipicio... el amor es gasolina, es un cortocircuito. Es una invitación al fin del mundo, es el gatillo que se mueve para disparar un tiro en la oscuridad. ¿Y usted me pregunta si iría con ella? ¡Les pediría a los dioses nacer una vez más en este mundo solo por ella! Les pediría vivir una vez más en este mundo solo por ella...

WHO: ¿Entonces se fue con ella?

ÉL: ¡Váyase a la mierda!

7 -

ELLA: ¿En qué estás pensando?

ÉL: En nada...

ELLA: ¿Alguna vez reflexionaste sobre el elemento plata?

ÉL: ¡No! (*Risas.*)

ELLA: (*Risas.*)

ÉL: ¿Tú sí?

ELLA: ¡Sí!

ÉL: Háblame de la plata entonces...

ELLA: Está bien... Bueno, la plata, del latín vulgar *platta*, es un elemento químico que se encuentra en la tabla periódica bajo el símbolo Ag. A temperatura ambiente, la plata está en estado sólido. El origen de la palabra “plata” es indoeuropeo y significa brillante. Se estima que fue descubierta poco después que el cobre y del oro. Desde su descubrimiento, la plata se volvió un mineral que sigue moviendo al mercado financiero hasta la actualidad. Fue también debido a la plata que América Latina se volvió el parque de los horrores de Portugal y España. Bolivia, por ejemplo, fue uno de los países más castigados por la explotación minera de la plata. De todas formas, es verdad que a cualquier país en proceso de colonización le fue explotado y explotan hasta la cáscara de la naranja. Con la plata se hacen cosas como monedas, cubiertos, joyas, material odontológico, soldaduras, lluvia artificial, fotografía, germicidas, espejos y explosivos, munición. Una bala de plata supuestamente es el único tipo de munición capaz de matar hombres lobo, brujas y otros monstruos. La expresión “bala de plata” fue adoptada como una metáfora para hablar de una solución simple y eficiente para un problema complejo. ¡Descubrí que puedo ser una bala de plata!

ÉL: ¿Tú?

ELLA: ¡Sí!

8 -

WHO: Hubo una enorme explosión. Una bola de fuego subió por el aire. Un destello en el cielo entre las antenas y torres de señales. Voló un estudio entero de televisión. Cables, hierros, monitores, tejas, micrófonos, computadoras, reflectores, todo volando por el espacio. La programación salió del aire. Nadie sabe exactamente lo que pasó. Estaba empezando el “Show de la Vida”. Buen programa. Bueno para ver en familia. Siempre con nuevas atracciones. Un chico que nació con cola de lagarto. Una mujer que tenía tres piernas. Una niña que se transformó en gorila. Esta semana había ido al programa el último sobreviviente de una tribu que había sido diezmada por una gripe, o envenenada, algo así... pero era interesante. El tiempo pasaba y no te dabas cuenta. Y explotó. Quizás por un cortocircuito o por el gas, vaya uno a saber... una lástima... una gran pérdida... esos equipos quemados. Una fortuna.

9 -

ELLA: Necesito hacerlo.

ÉL: No lo necesitas.

ELLA: Sabes que sí...

ÉL: Pero...

ELLA: Me lo prometiste.

ÉL: Hoy me desperté queriendo correr como un perro enloquecido que simplemente corre, no quiero tener una meta... No quiero nada. Solo quiero ir lo más lejos posible, quiero saber cuánto me aguantan las piernas, qué velocidad puedo alcanzar, cuáles son mis límites y cuándo me van a empezar a sangrar los pies. Quiero salir de aquí, necesito salir de aquí, estoy bien, sí... pero quiero irme.

ELLA: ¿Y ahora?

ÉL: No fui yo.

ELLA: Te amo.

ÉL: Te amo.

ELLA: Voy a explotar.

ÉL: Ya lo sé.

10-

WHO: ¿Entonces?

ÉL: ¿Qué quiere que le responda?

WHO: Cualquier cosa...

ÉL: No sé qué decir.

WHO: Entonces invente, diga algo... sea creativo, cuénteme un cuento, cualquier cuento... somos seres creativos, dioses ingeniosos. Creamos, por ejemplo, el arma de fuego: si aprieto el gatillo, le quito la vida, y si se muere quizás pueda ir al cielo, que también es creación nuestra... Sí, porque nosotros creamos el cielo y la tierra, la luz y la oscuridad, el día y la noche, la tierra y el agua, los continentes, los países, los pobres y los privilegiados, el concepto de clases... Creamos también plantas genéticamente modificadas, animales pequeños modificados, animales grandes, animales... Somos responsables por la creación del vidrio, por ejemplo, del plástico; creamos los lentes, la pólvora que está dentro de una cápsula, dentro de este arma que tengo aquí, delante de usted. No creamos el fuego, pero sí formas de manipularlo, y después creamos el sistema de palancas, el sistema de cloacas que nunca llegó a todos, pues creamos a los mercedores y a la guillotina... Las grandes embarcaciones, la guerra, la guerra química, el genocidio indígena, la brújula, el telescopio, el teléfono, la teletransportación, el avión, la comunicación inalámbrica, el sachet de ketchup, la kaláshnikov que me apunta, la manzana mordida, el ascensor, el Uber, Dios, el maravilloso Dios... la lámpara, las Havaianas, el USB, el sorbete, la fibra óptica, Marlon Brando, el *apartheid*, la Coca-Cola, los fuegos artificiales, los puentes para cruzar ríos, las bombas atómicas... ah, qué increíbles que somos, ¿no? Si de nuestras manos surgen la vida y la muerte, los hombres, las mujeres, los seres inanimados, los seres mestizos, los seres, las historias de estos seres, todo... ¡todo!

ÉL: Ok, usted va a inventar una historia para mí entonces...

11 -

WHO: ¿Por qué hoy?

ÉL: Porque así tenía que ser...

WHO: ¿Por qué un domingo?

ÉL: Ya lo dije, porque así tenía que ser...

WHO: El domingo es el día de ver televisión en familia.

ÉL: Es lo que suele suceder...

WHO: Las familias esperan este momento para reunirse.

ÉL: Me imagino...

WHO: Los domingos hay fútbol.

ÉL: ...

WHO: Hoy había un partido importante que quizás definía el campeonato, mi equipo dependía de ese resultado. A mí no me importaban los que iban a jugar hoy, pero me habría gustado ver el partido. Y que ninguno ganara. Me habría gustado sentarme casi dos horas frente al televisor sin pensar en quién se murió, quién mató a quién, quién hizo tal o cual crimen, qué trauma fue el origen de esa reacción, cuál es la responsabilidad del Estado en esto, qué valores de nuestra sociedad están en jaque, me habría gustado no pensar en nada. Solo ver un gol. Dos, quizás...

ÉL: ¿Y quienes jugaban hoy?

WHO: Qué importa, en la pantalla del televisor solo hay barras de colores.

12 -

WHO: No va a colaborar. No va a decir nada. No sabe nada. Va a quedarse así, inmóvil. No vamos a poder avanzar. Tiene una mirada tranquila. Mira las paredes como quien espera la hora de salir a fumar. Tiene la conciencia tranquila. Podría quedarse en esta sala sin entrar en desesperación, el mismo tiempo que un participante de un *reality* aguantaría una prueba de resistencia. Nos mira. Sabe que estamos aquí. Parece saber cómo funciona todo esto. Sabe qué es esto. Sabe que tiene que hablar. Sabe que voy a hacerle preguntas. Sabe lo que podría decirme. Sabe que puede esconderse detrás de las respuestas. Sabe que puede no darme la historia que necesito. Sabe que busco un personaje. Sabe que busco un culpable. Sabe que soy un reflejo de este espejo. Va a querer cagarme.

13 -

ELLA: Dentro de mí siempre vivió una granada sin el anillo de seguridad. Siempre estuve a punto de explotar. Viví con este artefacto bélico, con esta cosa que tiene adentro una cámara interna que revienta y se desgrana. Siempre me pareció linda la idea de que la granada tuviera el mismo nombre que una fruta roja, color sangre. Cuando se saca el anillo hay un movimiento mecánico en el interior, como en el corazón. Y cuando la granada da en el blanco, los resortes se contraen, empujan la aguja contra una base de metal, hacen una chispa y, segundos después... la bomba rompe el envoltorio de metal de la granada, lanza montones de fragmentos de metal hacia todos lados... Yo quiero dispersarme por ahí... quiero que esta furia que vive dentro de mí explote de forma revolucionaria. ¡Boom!

...

FIN

CURADORXS:

MONINA BONELLI, SOL SALINAS

COCURADURXS IBEROAMERICANXS:

PAMELA LÓPEZ RODRÍGUEZ,

CELSO CURI, PAULA DE RENOR, CLAUDIA TANGO,

LUIS MARIO MONCADA, GONÇALO AMORIM, SEMOLINA TOMIC

EQUIPO TEATRO BOMBÓN

PRODUCCIÓN EJECUTIVA: ZOILO GARCÉS

COMUNICACIÓN Y PRODUCCIÓN: SILVINA SILBERGLEIT

REALIZACIÓN AUDIOVISUAL: PAULA KLEIMAN

PRODUCCIÓN AUDIOVISUAL: NICOLÁS COBASKI

CURADORA INVITADA FORO: MELINA SILBERGLEIT

IDENTIDAD VISUAL: ALEJANDRO ROS

COLABORADORES: JULIA AUGÉ, MARCOS PEREARNAU

Coproductores



Colaboradores y apoyos

